UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

Aquém e Além-mar: as relações artísticas entre Brasil e Portugal vistas através da imprensa da época nos Primeiros Regimes Republicanos (1889 a 1930)

Mari Ferreira Abossamra

Tese orientada pelo/a Prof./ª Doutor/a Maria João Quintas Lopes Baptista Neto, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte e Património

2018

MARI FERREIRA ABOSSAMRA

Aquém e Além-mar: as relações artísticas entre Brasil e Portugal vistas através da imprensa da época nos Primeiros Regimes Republicanos (1889 a 1930)

Dissertação de Mestrado elaborada sob a orientação da Professora Doutora Maria João Quintas Lopes Baptista Neto como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História da Arte e Património.

Lisboa
2018

Para Jorge (*in memorian*), Elias (*in memorian*), Dulce, Vandré, Taô, Enrico e Frodo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser meu tudo e por me permitir seguir adiante na jornada chamada vida.

À minha mãe, aos meus irmãos Vandré e Taô, meu *pai* José Elias Abossamra *(in memorian)* e meu *avô* Jorge Elias Abossamra *(in memorian)* por todo suporte, apoio e amor incondicionais. Minha família, meu bem maior.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria João Neto. À ela minha eterna gratidão por ter sido a primeira pessoa com que eu tive contato quando ainda estava no Brasil, antes de iniciar essa caminhada, e feliz por ter concluído essa etapa juntamente com ela, além de ter sido a norteadora da escolha do tema e das ricas conversas académicas que tivemos.

Ao querido Professor Doutor Miguel Moncada Cabral, por toda disposição e boa vontade em ajudar-me, além da minha grande admiração por ser um grande professor e profissional da Arte e sobretudo por ser humano extraordinário que ele é.

À Doutora Sónia Gomes Pereira e ao Doutor Arthur Valle, pela troca de informações relevantes para a presente pesquisa.

Ao Doutor Bruno Monarca, por ter disponibilizado generosamente o acesso ao arquivo da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa para a consulta dos catálogos.

À Doutora Maria de Aires do Museu do Chiado, por ter ajudado com informações relevantes para a pesquisa, em especial o envio da ficha do inventário do património móvel da obra *A vela vermelha* do artista brasileiro Mário Costa Navarro.

Às amigas que Lisboa me deu, de forma especial Raquel Maia, Michelle Macedo, Lilia Vidal e Jordana Pina, por tornarem a jornada além-mar mais leve e divertida.

Ao grande amigo Paulo Diogo Rodrigues e sua querida família, pela grande amizade e por ter tornado também essa caminhada mais tranquila e feliz.

RESUMO

A presente pesquisa pretende compreender a formação das relações artísticas luso-brasileiras nos primeiros regimes republicanos dos dois países irmãos, através da imprensa da época. E é nesse contexto que se observa, em certo grau, a construção do intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal, por meio das manifestações artísticas que, na maioria dos casos, são pautadas em exposições individuais e coletivas, como em peso no caso da arte portuguesa no Rio de Janeiro. É de suma importância perceber que a arte portuguesa foi bem recepcionada pela capital do Brasil na época, mesmo sob a conjuntura da Proclamação da República (1889), que evocou a necessidade de afirmar a nacionalidade não somente no novo cenário político-institucional, como também nos movimentos de Arte no Brasil. Em contrapartida, há de se levar em consideração, mediante a atuação da imprensa lisboeta, a forma como a arte brasileira foi acolhida em Portugal, dentro do período de mudança na forma de governo, haja vista que a Monarquia portuguesa foi destituída posteriormente, no ano de 1910. Desta feita, objetiva a presente investigação verificar os pontos de intersecção das relações artísticas entre Brasil e Portugal, vistos por meio de notas de imprensas que, por muitas vezes, conseguiram traduzir não somente a receptividade da arte em cada país, como também a natureza das manifestações artísticas. Portanto, considerado um filtro catalisador e um importante meio capaz de avaliar a forma como procedeu a constituição do intercâmbio artístico luso-brasileiro.

Palavras-chave: relação artística; Brasil; Portugal; Primeiro Regime Republicano; nota de imprensa.

RESUMEN

La presente pesquisa se ocupa en comprender la formación de las relaciones artísticas luso-brasileñas en los primeros regímenes republicanos de los dos países hermanos, todo eso por lo medio de la prensa de la época. Por medio de las manifestaciones artísticas ocurridas en el contexto ahora descrito, se observó la construcción del intercambio artístico entre Brasil y Portugal, que, en su mayoría, fueran exposiciones individuales y colectivas, como en el caso de la arte portuguesa expuesta en la ciudad brasileña del Rio de Janeiro. Es relevante destacar que la arte portuguesa fue bien recebida por la capital brasileña de la época, puesto que en este periodo se dio la proclamación de la Republica del Brasil (1889), facto que demandó la necesidad de afirmación de la nacionalidad no solo en la cena política y institucional, pero también en movimientos artísticos del Brasil. Por otro lado hay que tener en cuenta la forma como la arte brasileña fue acogida en Portugal y tratada por la prensa lisbonense de la época, ya que la Monarquia portuguesa fue destituída logo en seguida, en 1910. Así, la presente investigación tiene como objetivo la verificación de los puntos de intercesión de las relaciones artísticas entre Brasil y Portugal a traves de los ojos de la prensa de la época, que, no raro, se reportaran no solo a la receptividad de arte en cada país, como también a la naturaleza de las manifestaciones artísticas. Consistiendo, así, el labor de la prensa un filtro catalizador y importante medio para se alcanzar la forma como se dio la constitución de los intercambios artísticos luso-brasilenõs.

Palabras-clave: relaciones artísticas; Brasil; Portugal; Primero Regime Republicano; apunte de prensa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO …… 13

1 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS: CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÓMICO NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS

1.1. Mudança na forma de governar: impactos da proclamação da República brasileira na relação com a Monarquia portuguesa (1889-1910) ……..……..……. 16

1.2. Duas Repúblicas e as relações luso-brasileiras (1910-1926) ……. 20

1.3. Crise nas Repúblicas: permanência ou ruptura das relações luso-brasileiras? ……..…..…… 24

2 INTERCÂMBIO ARTÍSTICO ENTRE BRASIL E PORTUGAL NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS: CIRCULAÇÕES DE ARTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NOTICIADAS ATRAVÉS DA IMPRENSA CARIOCA

2.1. A arte portuguesa no Brasil nos Primeiros Regimes Republicanos vista através da imprensa carioca…….. 26

2.1.1. Exposição de Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro de 1899 na casa n.º 73 da Rua do Ouvidor do Rio de Janeiro ……..…….…….. 26

2.1.2. Exposição de Arte Portuguesa de 1902 no Edifício Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro ……..…… 32

2.1.3. Exposição António Teixeira Lopes de 1905 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro …….…… 41

2.1.4. Exposição José Vital Branco Malhoa de 1906 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.……..……..……45

2.1.5. Exposição Nacional no Rio de Janeiro de 1908: Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros ao Comércio Internacional ……..……. 55

2.1.6. Exposição Mattoso da Fonseca de 1912 na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro …….. 61

2.1.7. Exposição José Julio de Souza Pinto de 1912 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro…… 62

2.1.8. Exposição João Vaz de 1913 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro……..…73

2.1.9. Exposição Fernando Correia Dias de 1914 na Associação de Imprensa do Rio de Janeiro… 76

2.1.10. Exposição de Pinturas José Campas de 1914 no salão da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro …….. 81

2.1.11. Exposição António Carneiro de 1914 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro ……. 88

2.1.12. Exposição Carlos Reis e João Reis de 1919 no salão nobre do Gabinete Português de Leitura e Galeria Jorge do Rio de Janeiro …… 95
2.1.13. Exposição das Aquarelas dos artistas Gameiro de 1920 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro ……. 117
2.1.14. Exposição Domingos Maria Xavier Rebelo de 1920 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro ……..128
2.1.15. Exposição de Arte Portuguesa de 1920 no salão da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro ……..…….. 131
2.1.16. Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil de 1922 no Rio de Janeiro……. 139
2.1.17. Exposição Abílio Guimarães de 1922 no Edifício Liceu de Artes e Ofícios e Trianon do Rio de Janeiro …… 163
2.1.18. Exposição de Prataria da Ourivesaria Aliança do Porto de 1924 na Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro ……..……..…. 167
2.1.19. Exposição Carlos Reis e João Reis de 1925 no saguão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro …….….. 168
2.1.20. Exposição José Almeida e Silva de 1925 no salão nobre do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro ……..…….. 169
2.1.21. Exposição de Prataria da Ourivesaria da Oficina Aliança do Porto de 1925 no saguão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro ……..……..…… 174
2.1.22. Exposição António Carneiro de 1929 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro …… 177
2.1.23. Exposição Rodolpho Pinto do Couto e Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto de 1929 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro …….. 185
2.2. A forma na divulgação das produções artísticas portuguesas pela imprensa carioca …….. 191

3 INTERCÂMBIO ARTÍSTICO ENTRE BRASIL E PORTUGAL NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS: CIRCULAÇÕES DE ARTE BRASILEIRA EM LISBOA RECEPCIONADAS POR MEIO DA IMPRENSA LISBOETA

3.1. A arte brasileira em Portugal nos Primeiros Regimes Republicanos vista através da imprensa lisboeta ……..……..…….…….. 193
3.1.1. Notas sobre Pedro Américo de Figueiredo e Mello de 1899 pela *Revista Brasil-Portugal* 193
3.1.2. Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello: vencedor do concurso de pintura da associação do 4º Centenário do Brasil de 1900 no Rio de Janeiro pela *Revista Brasil-Portugal* ……..……197
3.1.3. Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto: busto do Sr. Camelo Lampreia de 1900 pela *Revista Brasil-Portugal* …….……..…… 200
3.1.4. Notas sobre Helios Seelinger de 1904 pela *Revista Ilustração Portuguesa.*…… 202
3.1.5. Associação Comercial do Rio de Janeiro: escudo de prata de 1908 a ser oferecido ao Rei D. Carlos I pela *Revista Brasil-Portugal* ……..…….. 205
3.1.6. Notas sobre Rodolpho Amoedo de 1909 pela *Revista Ilustração Portuguesa* ……..…… 208

3.1.7. Fundição Indígena do Rio de Janeiro: bustos em bronze de 1910 pela *Revista Brasil-Portugal*…….. 211
3.1.8. Notas sobre Theodoro José da Silva Braga de 1911 e 1913 pela *Revista Ilustração Portuguesa*……...215
3.1.9. Exposição Virgílio Maurício da Rocha de 1911 na sede da Sociedade Perseverança e Auxílio em Maceió pela *Revista Ilustração Portuguesa* ……..… 221
3.1.10. Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa: participação de Mário Navarro da Costa em 1916/1917 e Adolpho de Mello e Alvim Menge em 1917 ……. 225
3.1.11. Exposição Cristina Capper Alves de Sousa e Dulce Capper Alves de Sousa de 1923 no Palácio das Belas Artes em Lisboa pela *Revista Ilustração Portuguesa* ……. 230
3.1.12. Exposição Galdino Guttman Bicho de 1923 no salão Bobone pela *Revista Ilustração Portuguesa* ……..…… 232
3.1.13. Exposição Dulce Capper Alves de Sousa de 1926 no salão Bobone pela *Revista Ilustração Portuguesa* ……..……..… 235
3.2. O olhar da imprensa lisboeta sobre as produções artísticas brasileiras ……..…..……..…… 236

CONSIDERAÇÕES FINAIS ……..…..……..…….. 238

ANEXO ……..…… 247

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ……..…….. 250

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - À esquerda, anúncio da "Exposição de faianças", 1899. À direita, Raphael Bordallo Pinheiro em desenho de Julião Machado, 1899 …….. 27
Figura 2 - *Jarra Beethoven* de Rafael Bordalo Pinheiro ……. 28
Figura 3 - Salão da Exposição de 1902 …… 33
Figura 4 - Busto Eça de Queiroz de Rafael Bordalo Pinheiro …… 35
Figura 5 - *As cebolas* de José Malhoa …… 37
Figura 6 - *Caim* de António Teixeira Lopes …… 44
Figura 7 - *Baixo-relevo em bronze* de António Teixeira Lopes …….. 44
Figura 8 - *Caridade* de António Teixeira Lopes …… 45
Figura 9 - *Cócegas* de José Malhoa …… 49
Figura 10 - Inauguração da Exposição José Malhoa …….. 50
Figura 11 - Banquete da Exposição José Malhoa …….. 51
Figura 12 - *Terra à vista* (*Descobrimento do Brasil*) de José Malhoa …… 52
Figura 13 - *O Sonho do Infante* de José Malhoa …….. 53
Figura 14 - Pavilhão Português de 1908 …….. 56
Figura 15 - Pavilhão Português de 1908 …….. 56
Figura 16 - *Paysagem Alemtejana* de D. Carlos I …… 60
Figura 17 - *Um carro de bois* de D. Maria Amélia …… 61
Figura 18 - *Le rendez-vous* de Souza Pinto ……..…… 65
Figura 19 - Inauguração da Exposição Souza Pinto …….. 68
Figura 20 - *Les Mousses*, *La Peche*, *Le Dépant pour le travail*, de Souza Pinto, na ordem …… 69
Figura 21 - Caricaturas de Correia Dias: "No alto: caricatura do poeta portuguez Affonso Duarte; luar de janeiro (adquirido pelo sr. dr. Manoel de Arriaga, presidente da Republica Portugueza); Mimi Aguglia, actriz italiana. Em baixo: Empavonada (barro)." …… 80
Figura 22 - Dia da inauguração da Exposição José Campas …… 83
Figura 23 - *Retrato de Ronald de Carvalho* - Sanguínea de António Carneiro …….. 93
Figura 24 - *O Baptismo* de Antonio Carneiro …….. 93
Figura 25 - *O Pila* de Carlos Reis ……. 103
Figura 26 - *Ciganas* de Carlos Reis …… 104
Figura 27 - Prenuncios de João Reis.……. 105
Figura 28 - *Retrato de minha mãe* de Carlos Reis ……..…… 114

Figura 29 - *Conselheiro Silva Mattos* de Carlos Reis ……. 114
Figura 30 - À esquerda o Sr. Presidente da República e Exma. senhora, o Sr. Embaixador Português e os pintores Roque Gameiro e Helena Gameiro na inauguração da exposição no Gabinete Português de Leitura …….. 122
Figura 31 - *Porta dos Jeronymos* de Roque Gameiro ……. 127
Figura 32 - *Ultimo olhar* de Helena Gameiro ……. 128
Figura 33 - Busto de *Ruy Barbosa* do artista Pinto do Couto ……. 134
Figura 34 - Reprodução fotográfica do retrato *Sr. Jorge de Souza Freitas* de Carlos Reis …… 137
Figura 35 - Fotografia do pintor português Martinho da Fonseca …….. 138
Figura 36 - *Florês do campo* de Martinho da Fonseca …….. 138
Figura 37 - Réplica da obra *Infante* de Nuno Gonçalves por Luciano Freire …… 144
Figura 38 - *Altar da Pátria* de António Maria Ribeiro (Casa Reis & Filhos) …… 154
Figura 39 - *Tinteiro Monumental* da Ourivesaria Alliança ……. 159
Figura 40 - *Barão de Ramiz Galvão, Conde Paulo de Frontin* e *Professor Aloysio de Castro* de Abílio Guimarães …… 166
Figura 41 - *Depois do banho* e *Capella de Santa Eulalia* de José de Almeida e Silva …….. 172
Figura 42 - *As Cerejas* de José de Almeida e Silva …… 173
Figura 43 - *A dôr de São Pedro* de José de Almeida e Silva …… 173
Figura 44 - "Visitantes á Exposição do pintor português José de Almeida e Silva, no Gabinete Portuguez de Leitura, a qual tem obtido franco successo." …….. 174
Figura 45 - *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco* de António Carneiro ……. 182
Figura 46 - António Carneiro em seu *atelier* …….. 184
Figura 47 - Bustos *Pinheiro Machado* e *Wenceslão Braz* de Pinto do Couto …… 189
Figura 48 - Busto *Ruy Barbosa* e o artista Pinto do Couto …… 191
Figura 49 - *Fim do Século* de Pedro Américo …… 197
Figura 50 - *Cabral avista o Brasil* de Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello; Atelier e Retrato do artista ……. 199
Figura 51 - Busto *Camelo Lampreia* de Nicolina de Assis Pinto do Couto …….. 201
Figura 52- Autorretrato de Helios Seelinger …… 202
Figura 53 - *Cleopatra (rainha de ouros)*, *Le Fou (simbolica)*, *Oito de Espada (Critica Mordaz)* e *Indigena (Dama de Paus)* ……. 205
Figura 54 - Escudo de prata da Associação Comercial do Rio de Janeiro …… 207
Figura 55 - *Taça Brasil* da Casa Leitão & Irmão ……. 208

Figura 56 - *Marabá* de Rodolpho Amoedo ……. 211
Figura 57 - Bustos em bronze de 1910 pela Fundição Indígena do Rio de Janeiro …..…….. 214
Figura 58 - *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará* de Theodoro Braga ….. 221
Figura 59 - Nota sobre a Exposição Virgílio Maurício em Maceió …… 222
Figura 60 - *A vela vermelha* de Mário Navarro da Costa ……..….. 228
Figura 61 - Fotografia das artistas; *Depois da oração* de Cristina Capper de Sousa; *Natureza morta* de Dulce Capper de Sousa (ao lado da obra *Depois da oração*); *Cigarra* de Cristina Capper de Sousa e fotografia da Exposição (ao lado direito, de cima para baixo) …… 231
Figura 62 - Dia da inauguração da Exposição Galdino Guttman Bicho …….. 234
Figura 63 - Fotografia de Dulce Capper Alves de Sousa …….. 235

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende investigar a criação do intercâmbio artístico luso-brasileiro nos primeiros regimes republicanos, por meio de notas de imprensa, com o propósito de analisar a forma como foi estabelecida as zonas de contacto intercultural entre os dois países e verificar se existiu, de fato, um diálogo artístico entre Brasil e Portugal, pautado na dinâmica de circulação das obras de arte.

Sob a ótica da imprensa da época, as relações artísticas entre Brasil e Portugal durante os primeiros regimes republicanos foram constituídas por meio de exposições individuais e coletivas, sendo incluídas comemorações de marco histórico-políticas, como os grandes certames internacionais de 1908 e 1922 no Rio de Janeiro, bem como através de notas sobre a vida e obra de artistas, no caso brasileiros, em Portugal. Do mesmo modo, a construção das relações artísticas luso-brasileiras foram estabelecidas também pela oferta de peças de arte para os chefes de Estado de cada nação, de maneira a construir uma boa relação entre os dois países, não somente no âmbito artístico, como também nos campos diplomático e económico, tendo como uma das metas o fortalecimento da aliança entre as duas nações irmãs.

Avista de melhor compreender as relações artísticas luso-brasileiras dentro do período oito-novecentista, é importante apontar que existem pesquisadores que estão a desempenhar estudos aprofundados sobre a Arte no Brasil entre o fim do século XIX e início do século XX, como Dr. Arthur Gomes Valle, Dra. Camila Dazzi e Dra. Isabel Portella, ambos organizadores da publicação *Oitocentos* que divulgam artigos sobre intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal, sob o apoio do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET/RJ), como também da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Museu da República do Rio de Janeiro. Além de outras pesquisadoras que foram citadas no presente trabalho e que atuam, de certa forma, dentro dessa tónica, como a Dra. Ana Paula do Nascimento, Dra. Ana Maria Tavares Cavalvanti, Dra. Sonia Gomes Pereira, Dra. Marize Malta, Dra. Fernanda Suely Müller e também, em especial a Dra. Maria João Neto. Há também uma pesquisadora brasileira que está a realizar o seu doutoramento na Universidade Nova de Lisboa, Dra. Raquel Aguilar de Araújo, e que apresenta como tema de tese *Telas que atravessam o Atlântico: a recepção dos pintores portugueses durante a Primeira República brasileira* e um artigo de sua autoria que mais se aproxima com o tema da presente pesquisa, *A comunidade artística luso-brasileira na passagem para o século XX:*

trânsitos e diálogos, tendo sido considerado um artigo de grande contributo para a investigação da presente dissertação.

Além disso, é importante ressaltar que foi utilizado fontes de referência do sítio da *19&20*, organizado pelo Dr. Arthur Valle, que disponibiliza uma rede de notas de imprensa sobre Exposições Gerais de Belas Artes que ocorreram durante os períodos do Segundo Reinado e da Primeira República no Brasil, tendo em vista também a participação de artistas portugueses nesses próprios certames. Além disso, a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro apresenta um grande acervo de obras adquiridas de artistas lusitanos que tiveram passagem pela capital do Brasil na época, tanto presencialmente quanto pela via expositiva. Há também a revista eletrónica *19&20*, que reúne publicações de artigos pautados nas artes plásticas de artistas oito-novecentistas no Brasil, tendo sido considerada uma fonte de pesquisa bastante rica para a presente investigação.

Diante do exposto, há de se levar em conta que o estado da arte foi composto pela intersecção dos estudos realizados por esses profissionais, dentro da tónica em questão, e mais o contributo proposto por essa presente pesquisa através das notas de imprensa da época.

Nesse sentido e para análise da circulação de arte portuguesa no Brasil, a fonte primária adotada foi a escolha da Hemeroteca Digital Brasileira, na qual apresentou um rol de periódicos que publicaram conteúdos artísticos de Portugal no Brasil, sendo selecionada a capital da República brasileira como pano de fundo da presente investigação. Ao mesmo tempo, com relação à arte brasileira em solo lusitano, a fonte de pesquisa foi a Hemeroteca Digital de Lisboa, tendo sido eleita duas revistas portuguesas que abordaram tais manifestações: *Revista Ilustração Portuguesa* e *Revista Brasil-Portugal*. Assim, tendo como finalidade precípua da linha editorial conteúdos sobremodo artísticos, a escolha dessas duas revistas elevou a possibilidade de encontrar maior número de publicações sobre arte brasileira em Portugal.

Desta feita, o *corpus* selecionado dos periódicos supracitados tem o propósito de atingir alguns objetivos estabelecidos na presente pesquisa, como a identificação das exposições de arte que ocorreram durante o período de estudo proposto, sendo observado se foi uma época particularmente rica em manifestações artísticas perante a situação política, social e económica vividas pelas duas nações. Além do mais, apontar o impacto que as mesmas tiveram dentro do cenário artístico e constatar a forma como os periódicos contribuíram para a divulgação da

produção artística, sendo averiguado se houve a presença do senso crítico na avaliação da qualidade das obras expostas.

Posto isto e com o intuito de analisar o intercâmbio artístico luso-brasileiro durante o período proposto, a presente dissertação é articulada em três capítulos. Porém, antes se faz necessário registar que o presente trabalho tentou exaurir, através das fontes de pesquisa, o maior número possível de exposições e manifestações artísticas dentro do período proposto. Desse modo, no primeiro capítulo será abordado de forma breve a análise histórica das relações entre Brasil e Portugal, sendo apresentado o contexto político, social e económico de cada país, a fim de compreender e avaliar dentro desse panorama os episódios que fizeram estreitar e esfriar os elos entre os países irmãos.

No segundo capítulo será tratado as circulações de arte portuguesa no Rio de Janeiro, que a princípio foram constatadas através de exposições individuais e coletivas, cujos valores dos artistas portugueses e de suas obras foram ressaltados em solo carioca, por meio das notas de imprensa. Ademais, será verificado a maneira como a arte portuguesa foi recepcionada pela intelectualidade da capital brasileira, que não somente inclui a classe artista, como também autoridades públicas e especialmente a imprensa local, cuja última transmitiu um senso crítico sobre a qualidade dos certames e das obras expostas.

Por fim, no terceiro e último capítulo, será examinado as manifestações de arte brasileira em Portugal, na maior parte concentradas em Lisboa, por meio de publicações de duas revistas supracitadas, que forneceram informações acerca das manifestações de arte brasileira em Portugal, como notas sobre trajetórias de artistas brasileiros que, de certa forma apresentaram algum tipo de contato com Portugal, além de publicações referentes à entrega de peças de ourives que buscaram homenagear a nação lusitana e às realizações de algumas exposições.

Portanto, é notório ressaltar que baseado por essas fontes de pesquisa, objetiva sobretudo o presente trabalho estabelecer as zonas de intersecção artísticas entre as nações irmãs, pautadas por meio de publicações disponíveis nos canais referidos acima, com o propósito de analisar sobretudo a relação artística luso-brasileira durante os primeiros regimes republicanos, para que se possa realizar ao cabo da pesquisa algum contributo para a historiografia da arte luso-brasileira.

1 BREVE ANÁLISE HISTÓRICA DAS RELAÇÕES LUSO-BRASILEIRAS: CONTEXTO POLÍTICO, SOCIAL E ECONÓMICO NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS

Previamente se faz necessário tecer algumas considerações acerca da conjuntura política, social e económica dentro do contexto dos primeiros regimes republicanos ocorridos entre os dois países, tendo como pano de fundo a análise das relações luso-brasileiras estabelecidas nesse período, com objetivo precípuo de compreender a maneira como procedeu a formação das relações artísticas entre Brasil e Portugal.

Desta feita, o presente capítulo abordará fatos históricos que constituíram as relações luso-brasileiras durante o período de estudo proposto, sendo levado em consideração momentos distintos da forma de governo de cada país. Há de se convir também que essa análise percorrerá as relações diplomáticas dos dois países dentro do cenário da Primeira Guerra Mundial.

1.1. Mudança na forma de governar: impactos da proclamação da República brasileira na relação com a Monarquia portuguesa (1889-1910)

Com a crise da Monarquia brasileira, o cenário político brasileiro apresentava uma crescente influência do pensamento republicano, positivista, anti-lusitano e abolicionista. Nesse sentido, a legitimidade de representação da estrutura monárquica sofreu transformações substanciais que inevitavelmente culminaram na mudança da forma de governo no Brasil.

Diante desse contexto, convém ressaltar que houve a publicação do Manifesto Republicano de 1870 no Brasil, o que favoreceu para o Partido Republicano Federativo obter uma maior notoriedade dentro da conjuntura política brasileira, com o fim de fortalecer o pensamento republicano pautado nos valores dos princípios federativo e liberdade democrática[1]. Ainda mais, baseado no intuito de aderir novos adeptos na implantação do novo regime e sob a bandeira da nova propaganda republicana "*Somos da América e queremos ser americanos*" advinda da campanha do Manifesto Republicano de 1870, a intenção de estabelecer um novo governo republicano no Brasil

[1] Na conclusão do Manifesto Republicano de 1870, verifica-se que esses princípios são pilares da democracia que reconhecem os direitos e deveres do povo, a saber: "(…) Expostos os princípios gerais que servem de base à democracia moderna, única que consulta e respeita o direito e a opinião dos povos; temos tornado conhecido o nosso pensamento." MANIFESTO Republicano de 1870. In: Os programas dos partidos e o 2º Império, de Américo Brasiliense, São Paulo, 1878, págs. 59-88. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf.> Acesso em 07 de maio 2018.

levou a romper com toda a herança monárquica-colonial, tendo em vista o sentido de construir uma nova política brasileira voltada para a América.[2]

Desta feita e com o foco na democracia norte-americana em ascensão, fica evidente que os republicanos almejaram desvincular o passado colonial europeu e promoveram o Brasil para uma nova diretriz de política interna e externa. Assim sendo, é nesse contexto histórico que a Primeira República Brasileira foi proclamada em 15 de Novembro de 1889, pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, por meio de um golpe de estado político-militar, sem participação popular, que pôs fim a Monarquia governada pelo Imperador D. Pedro II. Por consequência desse fato e através do acolhimento e da hospitalidade, o governo português concedeu exílio ao Imperador D. Pedro II e a sua família que foram obrigados a deixarem o Brasil.[3] De fato, diante desse contexto é observado claramente a extinção do período Brasil Imperial.

Em relação ao reconhecimento do novo regime republicano, é notório informar que os países vizinhos, como Uruguai e Argentina, admitiram o novo governo logo após a Proclamação da República, em 20 de novembro de 1889. No entanto, os Estados Unidos mantiveram cautelosos em reconhecer de imediato, tendo passado por discussões internas no Senado, sendo apenas concedido oficialmente em 29 de janeiro de 1890. No que concerne ao reconhecimento da República brasileira na Europa, cumpre mencionar que a França, em 2 de junho de 1890, foi o primeiro país europeu a conceber a legitimidade do novo governo. No caso de Portugal, o reconhecimento ocorreu somente em 19 de setembro de 1890, após intensos debates políticos e calorosas pressões por parte dos republicanos portugueses, que já estavam tencionados a pôr fim à Monarquia portuguesa.

---

[2] Sobre essa temática, o próprio Manifesto Republicano de 1870 mencionou também que, nesta altura, não teve a possibilidade de criar uma simbiose entre a Monarquia e a Democracia. Além disso, o Brasil precisou estabelecer vínculos multilaterais, com ênfase no seu próprio continente, a América. Posto isto, nos dizeres do manifesto: "(…) Perante a Europa passamos por ser uma democracia monárquica que não inspira simpatia nem provoca adesão. Perante a América passamos por ser uma democracia monarquizada, onde o instinto e a força do povo não podem preponderar ante o arbítrio e a onipotência do soberano. Em tais condições pode o Brasil considerar-se um país isolado, não só no seio da América, mas no seio do mundo. O nosso esforço dirige-se a suprimir este estado de coisas, pondo-nos em contato fraternal com todos os povos, e em solidariedade democrática com o continente de que fazemos parte." MANIFESTO Republicano de 1870. In: Os programas dos partidos e o 2º Império, de Américo Brasiliense, São Paulo, 1878, págs. 59-88. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf.> Acesso em 07 de maio 2018.

[3] De acordo com esse tema, afirmou o autor José Calvet de Magalhães que "(…) o governo português, por telegrama de 16 de Novembro, informou logo a legação de Portugal que o governo português oferecia hospedagem à família real. Esta partiu para o exílio em 17 de Novembro, a bordo do navio brasileiro *Alagoas*, chegando a Lisboa a 7 de Dezembro." MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. Quetzal Editores. Lisboa: 1997, p. 43.

Nesse sentido, em nome da prudência e da cautela de manter uma boa relação de amizade com o Brasil, segundo aponta José Calvet de Magalhães, Portugal aguardou "uma manifestação solene e pública no Brasil em favor do novo regime político, e que ficasse claro em presença dos resultados do sufrágio popular que assegurou considerável maioria à votação da Constituição."[4]

Sob o prisma do sentimento nacionalista e o estabelecimento da mudança da nova forma de governar no Brasil, verifica-se na historiografia luso-brasileira que a relação entre ambos os países passaram por algumas tensões, em decorrência de alguns episódios históricos. De acordo com o entendimento dos autores Thiago Carvalho e Fernando Martins, é notório reconhecer que foram especificadamente três fatos históricos[5], posteriores a Proclamação da República, que contribuíram para o esfriamento nas relações entre os dois países.

Posto isto, o primeiro acontecimento histórico foi a publicação, em 14 de dezembro de 1889, do decreto 58 sobre a naturalização dos estrangeiros. Esse decreto estipulava como cidadãos brasileiros os estrangeiros que residiam no Brasil, antes da implementação do novo regime, tendo a ressalva do interessado elaborar uma declaração em sentido contrário perante a autoridade municipal competente no prazo de seis meses após a publicação do decreto. Desta feita, cabe afirmar que existiram diversas manifestações político-diplomáticas de oposição dos países que possuíam grande número de imigrantes no Brasil, com comunidade expressiva, como Portugal, Itália, Espanha e Alemanha, além da Áustria, França e Grã-Bretanha. Em resposta, o governo brasileiro mencionou que estava a cumprir com o que determinava a nova Constituição, baseada no mesmo teor do decreto 58, e que, em prol da segurança constitucional, não poderia realizar qualquer tipo de concessão que estipulasse o contrário ao decreto 58. Nesse sentido, o governo português e os demais acima expostos mantiveram a oposição quanto ao decreto. Todavia, o governo brasileiro permaneceu com o mesmo posicionamento.

O segundo acontecimento histórico foi a crise económica, financeira e cambial no Brasil provocada pelo déficit das contas públicas advinda da variação decrescente dos preços do café no mercado internacional, ocorrida após a implantação do regime republicano. Além disso, constatou-se uma queda acentuada de cerca de 80% nas remessas dos emigrantes que viviam no Brasil, o que

---

[4] MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. op cit., p. 44.

[5] CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras* in *A Primeira República Portuguesa, Diplomacia, Guerra e Império*. Coordenação: Filipe Ribeiro de Meneses e Pedro Aires Oliveira. Lisboa: 2011, Edições Tinta da China, p.180.

impactou negativamente na economia de Portugal, haja vista a grande comunidade de imigrantes portugueses no Brasil. Nesse momento, Portugal tentou reverter esse quadro caótico do fluxo de divisas propondo um tratado de comércio com o Brasil, mas que inúmeras vezes foi rejeitado. Cabe esclarecer que a dependência económica e financeira de Portugal em relação ao Brasil era tão alta, que na década de 1880 o montante dos capitais remetidos do Brasil para Portugal equivalia a 50% das receitas fiscais do Estado português.[6] Ainda sendo considerada a rota principal de emigração portuguesa, a ex-colónia representava um grande parceiro económico para Portugal e, portanto, nada mais primordial do que fortalecer a relação com o Brasil. Nesse ponto específico, ressalta-se que "Portugal escoou mais de 25 por cento das suas exportações totais para aquele país"[7].

O terceiro acontecimento histórico que enfraqueceu a relação entre Brasil e Portugal ocorreu durante a Revolta da Armada em 1893, quando Portugal concedeu asilo aos rebeldes que eram contra o regime republicano, sob a alegação de agir conforme disposto no Direito Internacional da época e de acordo com os princípios humanitários aprovados pelas nações civilizadas.[8] Assim, no que concerne a Revolta da Armada, é notório informar que foi um movimento liderado por membros da marinha brasileira contra o governo republicano do Marechal Floriano Peixoto. Em uma certa altura, esse movimento de rebelião teve a intervenção estrangeira de navios de origem inglesa, portuguesa, italiana, americana e francesa que disponibilizaram embarcações na Baía de Guanabara sob o argumento de proteger os seus cidadãos residentes no Brasil.[9] É fundamental salientar que essa intervenção multinacional teve um peso importante na vitória do Marechal Floriano Peixoto, sendo um grande contributo na consolidação do Brasil republicano.

Porém com relação à Portugal, a antiga metrópole concedeu asilo aos rebeldes do movimento e, mesmo após o fim da Revolta da Armada, os asilados não foram entregues ao comando do governo vitorioso. Ao contrário da tratativa de salvaguardar uma boa relação com o

---

[6] RAMOS, Rui. O Sistema Fontista, *in* António Reis (coord.), *Portugal Contemporâneo*, vol. VII. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, p. 132-136.

[7] CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 180.

[8] Sobre esse tema, José Calvet de Magalhães esclareceu que os comandantes das embarcações britânica, alemã e francesa recusaram a dar asilo aos revoltosos, entretanto o comandante Augusto de Castilho, sem consultar "(…) segundo parece, o encarregado de negócios conde Paraty, concedeu-lhes o asilo pedido, em 11 de Março de 1894. Em vez dos setenta oficiais anunciados surgiram, em 13 de Março, em diversos escalares, cerca de quinhentos homens, oficiais e marinheiros, que Castilho, sem coragem para os impedir, recebeu a bordo das duas corvetas portuguesas (…) *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque"*. MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. op cit., p. 49.

[9] ALVES, Francisco das Neves. *A ruptura Brasil-Portugal à época da Revolta da Armada*, Revista Eletrónica PUCRS, v. 24, n.2, 1998.

Brasil, Portugal entregou os asilados na região da Prata, ao sul do Brasil, local da Revolução Federalista, cujo movimento armado pregava a contestação política do regime republicano. Diante desse gesto diplomático, Portugal favoreceu a incorporação da grande parte dos asilados nas forças revolucionárias separatistas. Logo, em 13 de maio de 1894 o governo brasileiro decretou o rompimento das relações diplomáticas com Portugal.

Posteriormente, em 16 de março de 1895, Portugal por intermédio do governo britânico restabeleceu as relações diplomáticas com o Brasil, logo após a eleição do novo presidente brasileiro, Prudente José de Morais e Barros.[10] Nos anos seguintes, a historiografia luso-brasileira apontou a passagem do presidente brasileiro Manuel Ferraz de Campos Sales por Lisboa, em 3 de maio de 1898, a bordo do navio *Thames*, tendo sido homenageado oficialmente pelo rei D. Carlos I.[11] Diante dessa aproximação, o governo brasileiro convidou o rei D. Carlos I para participar das comemorações do primeiro centenário da abertura dos portos em 1908, decretada por D. João VI em 28 de janeiro de 1808, sendo dentre elas a Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. E ainda mais, sabe-se que o Congresso brasileiro custeou os trâmites necessários para receber o rei D. Carlos I e a sua cúpula de representantes do Estado português, previsto a chegarem ao Rio de Janeiro no dia 7 de junho de 1908. Entretanto, no dia 01 de Fevereiro ocorreu o regicídio do rei D. Carlos na Praça do Comércio em Lisboa. Por fim, há de se levar em conta que perante esse contexto histórico, posterior a 1895 e a ocasião da implementação da República portuguesa em 1910, verificou-se, portanto, o estreitamento nas relações bilaterais entre Brasil e Portugal.

1.2. Duas Repúblicas e as relações luso-brasileiras (1910-1926)

O presidente brasileiro Marechal Hermes da Fonseca chegou em Lisboa no dia 01 de outubro de 1910, nas vésperas de eclodir a implantação da República portuguesa, e a convite do rei D. Manuel, o chefe de Estado brasileiro hospedou-se por alguns dias no Palácio de Belém. Diante

---

[10] Como forma de restabelecer as relações diplomáticas entre Brasil e Portugal: "(…) O governo português, no intuito de procurar normalizar inteiramente as relações com o Brasil, após consulta com o governo brasileiro, enviou como ministro para o Rio de Janeiro o poeta Tomás Ribeiro, figura de prestígio em Portugal e no Brasil, que foi depois sucedido por outra figura notável da vida portuguesa, António Ennes. O Brasil, por seu lado, designou como seu representante em Portugal Joaquim Francisco de Assis Brasil, um político e publicista de relevo, que foi recebido em Lisboa com grande manifestação de regozijo." Nota-se que o restabelecimento das relações luso-brasileira ocorreu através de vínculos artísticos entre os dois países. MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. op cit., p. 51.

[11] Sobre esse tema, é importante frisar que "(…) foi esta primeira visita de um presidente da República do Brasil, eleito ou já empossado, inaugurando uma série de visitas a Portugal dos presidentes brasileiros e que iria dar lugar às visitas dos presidentes da República portuguesa no decurso do século XX." MAGALHÃES, José Calvet de. Ibidem p. 53.

disso, ambos os chefes de Estado ofereceram banquetes de homenagem como forma de união e reciprocidade entre as duas nações.[12] Assim, um dia anterior a instituição da República portuguesa, 05 de Outubro de 1910, o presidente Hermes da Fonseca retornou ao Brasil e somente reconheceu formalmente o novo governo português em 22 de outubro, do mesmo ano.

No que se refere à instituição da nova forma de governo português, é notório verificar que Portugal continuou a intensificar vínculos com o Brasil[13], mesmo com uma acentuada queda no número de exportações no período da Primeira Guerra Mundial[14], a ex-colónia permaneceu como sendo um grande mercado de consumo das exportações portuguesas, ainda considerada no centro do interesse económico de Portugal, haja vista também o elevado número de imigrantes portugueses residentes no Brasil.[15]

Outra questão relevante que despertou mais ainda a atenção de Portugal para o Atlântico foi o perigo externo que os portugueses sentiam com relação as suas colónias na África, visto que foram celebrados acordos diplomáticos entre a Inglaterra e a Alemanha sobre a partilha das colónias portuguesas durante e após a Primeira Guerra Mundial.[16]

Posto isto, outro episódio importante de aproximação entre as duas nações foi a visita do presidente brasileiro recém-eleito Epitácio Pessoa a Lisboa em 8 de junho de 1919. De fato, percebe-se que a imprensa portuguesa destacou com grande entusiasmo a presença do chefe do

---

[12] Segundo a autora Luciana Pessanha Fagundes, o objetivo da visita foi "(…) de fato, a comemoração de alianças, (entre nações, grupos ou sociedades), daí sua grande importância diplomática, em que está em jogo o prestígio, tanto a nível interno, quanto externo, de ambas as sociedades envolvidas, concorrendo para isso, a construção de determinadas imagens ou identidades políticas. Alimentadas pela história e pela memória, tais construções identitárias, encenadas no ritual de hospitalidade, produzem então um momento de união dessas sociedades em torno de certos valores morais, de comunhão e de consenso." FAGUNDES, Luciana Pessanha. *"Dar e receber: as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade*. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Anpuh-Rio, 28 de Julho a 1 de Agosto de 2014, p. 2.

[13] Sobre essa temática, o autor José Calvet de Magalhães salientou que ocorreu um novo "(…) gesto de aproximação luso-brasileira, ambos os governos decidiram, em 1913, elevar à categoria de embaixada as respectivas representações diplomáticas em Lisboa e no Rio de Janeiro." MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. op cit., p. 56.

[14] Acrescentaram os autores que "(…) em 1913 o Brasil absorvia cerca de 17,5 por cento das exportações portuguesas, este valor tinha caído para 5,5 por cento em 1919, mantendo-se constante nas duas décadas seguintes. CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 192.

[15] Complementaram os autores que "(…) o fluxo para o Brasil manteve um crescimento constante, ao ponto de, em 1922, cerca de 44 por cento dos desembarcados no Brasil serem oriundos de Portugal." CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 192.

[16] CASTELO, Cláudia. *O nacionalismo imperial no pensamento republicano* in *A Primeira República e as Colónias Portuguesas*, EPAL, 2010, p.35.

Estado brasileiro em Portugal, dado a importância do momento histórico-político que Portugal vivia, sendo, portanto, a primeira visita oficial de um presidente brasileiro em solo republicano português.[17] Nesse mesmo clima e a título de conhecimento, há de se mencionar também que Epitácio Pessoa foi recebido de forma calorosa na Universidade de Coimbra.

Posteriormente, mesmo perante a um contexto de crise político-financeira, Portugal soube proporcionar uma travessia aérea chefiada pelo almirante Gago Coutinho e o comandante Sacadura Cabral, que cruzaram pela primeira vez o Atlântico, saindo de Lisboa em direção ao Rio de Janeiro, no início de 1922.[18]

E é dentro dessa atmosfera festiva entre os dois povos, que o Brasil realizou diversos eventos para celebrar o Primeiro Centenário da Independência. Desse modo, a convite do presidente brasileiro Epitácio Pessoa, o governo português, chefiado pelo presidente da República António José de Almeida, chegou ao Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1922.[19] Relativamente à recepção do presidente português, cumpre apontar que nos dez dias que permaneceu no Rio de Janeiro, o chefe de Estado português realizou mais de dezanove discursos de exaltação da relação luso-

---

[17] Por meio da imprensa lusa, salientou a autora Luciana Pessanha Fagundes que a chegada do presidente brasileiro Epitácio Pessoa no Terreiro do Paço foi "(…) eloquente, com a formatura de alunos do Colégio Militar, batalhões da Marinha, e grupos de artilharia e infantaria. No dia seguinte, além do passeio a cidade de Sintra, realizou-se também a sessão no Congresso Nacional português. A cerimônia contou com discursos dos presidentes dos principais partidos políticos portugueses, sendo o primeiro a falar, o presidente do Congresso, Nunes Loureiro que abriu a sessão levantando "um sonoro viva à República Brasileira", sendo um dos discursos mais importantes do evento, o de José de Almeida (futuro presidente da República portuguesa), representando o Partido Evolucionista, que caracterizaria de forma bem objetiva, o momento atual das relações entre Brasil e Portugal. Assim, de acordo com as palavras de Almeida: "(…) a certa altura que o Brasil, tendo sido discípulo de Portugal, em dado momento passou a ser mestre, dando-lhe lições de direito novo". FAGUNDES, Luciana Pessanha. *"Dar e receber: as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade*. op cit., p. 4.

[18] A autora Cláudia Castelo afirmou que Gago Coutinho e Sacadura Cabral "(…) partiram de Lisboa a 30 de Março de 1922, no hidroavião *Fairey F-3*, baptizado *Lusitânia*. Apesar de sucessivos acidentes de percurso - a chegada ao Brasil fez-se num terceiro hidroavião, o *Santa Cruz*, a 17 de Junho -, a imprensa, a opinião pública, o ministro da Marinha e o Presidente da República nunca deixaram de acarinhar a iniciativa." CASTELO, Cláudia. *O nacionalismo imperial no pensamento* republicano. op. cit., p. 37.

[19] Deve-se levar em conta que houve atraso da chegada do governo português no Rio de Janeiro, mas que não influenciou em nada a boa receptividade por parte dos brasileiros. Nesse sentido, frisou o autor José Calvet de Magalhães que "(…) em virtude de vários contratempos, chegou ao Rio de Janeiro apenas a 17 de Setembro, dez dias após a cerimónia da inauguração das comemorações. Este involuntário atraso constituiu uma circunstância favorável a extraordinária recepção dada pelos Brasileiros ao presidente português, que foi recebido isoladamente, sem ficar misturado com a trintena de delegações oficiais estrangeiras presentes no Rio de Janeiro." MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. op cit., p. 58.

brasileira, em prol de fortalecer os laços entre as duas nações.[20] Assim como a Exposição Nacional de 1908, celebração do Primeiro Centenário da Abertura dos Portos, ocorreu também a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil de 1922 e demais eventos artísticos que envolveram o tema da emancipação do Brasil, como a Semana de Arte Moderna de 1922, tendo ambas exposições a presença da arte portuguesa. A respeito destas duas exposições supracitadas, cabe mencionar que ambas serão objetos de estudo no próximo capítulo.

E é perante esse contexto de festividade entre os dois países, que Portugal com intuito de firmar acordos comerciais, não obtém êxito em nenhuma tentiva de celebração de algum acordo económico com Brasil, apesar de várias investidas, tendo em vista a adoção de medidas protecionistas na pauta da agenda da economia do governo brasileiro. Por outro lado, no cenário cultural percebe-se a celebração de alguns acordos entre as duas nações, havendo, portanto, um avanço no fortalecimento da relação entre os dois países, como exemplo a Convenção entre Portugal e Brasil de reciprocidade em matéria de produção literária e artística, assinada no Rio de Janeiro no dia 26 de setembro de 1922. E também, posteriormente, em 18 de outubro de 1924, a celebração de um acordo de solidariedade entre os dois países assinado em Lisboa sobre a redução de taxas de permuta de livros e jornais.

Portanto, é notório observar as diversas tratativas do esforço português em afirmar sua presença na América do Sul, com o propósito de ampliar sua influência além-Europa, tendo como Brasil a porta de entrada para expandir seus horizontes e reacender a força portuguesa da época áurea dos descobrimentos.[21]

---

[20] Cabe frisar que nesse ponto, Luciana Pessanha Fagundes citou que "(…) o presidente José Almeida retoma os tempos coloniais para "explicar" a existência de aliança tão fraternal entre os dois povos. Essa releitura da história feita pelo presidente português, ao traçar origens "harmônicas" para o entendimento colonizador português no Brasil, retirando dele qualquer caráter mercantil, e localizar, já período colonial, a vocação separatista de sua população, pode ser considerada um belo exemplo de esforço para unir, num projeto comum de caminhada em direção à evolução, as sociedades portuguesa e brasileira." FAGUNDES, Luciana Pessanha. *"Dar e receber: as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade*. op cit., p. 6-7.

[21] Com o propósito de reunir as duas nações e resgatar a importância de Portugal no além-mar, faz-se necessário destacar o que a autora Cláudia Castelo afirmou sobre a importância do imaginário português na época dos descobrimentos perante a essa análise, a saber: "(…) reacender no imaginário nacional a gesta dos descobrimentos quatrocentistas (um século depois da independência do Brasil, retomava-se pelos ares a viagem de Pedro Álvares Cabral), e para difundir entre os Portugueses uma mensagem cívica de união, coragem, perseverança e confiança nas potencialidades do país à escala universal." CASTELO, Cláudia. *O nacionalismo imperial no pensamento republicano.* op cit., p. 38.

1.3. Crise nas Repúblicas: permanência ou ruptura das relações luso-brasileiras?

Após a Primeira Guerra Mundial, a República portuguesa sofreu diversas crises institucionais de representatividade frente aos seus cidadãos. Posto isto, nos dizeres de Thiago Carvalho e Fernando Martins "(…) entre 1919 e 1926 foram formados 26 governos, ocorreram 13 golpes militares, realizaram-se quatro eleições legislativas. Dos três presidentes eleitos ao longo deste período, somente um, António José de Almeida, completou o seu mandato."[22] Aliado a essa instabilidade política e a crise económica acentuada pela participação no conflito mundial, Portugal apresentou dificuldades na sua Primeira República, tendo sido culminada pelo golpe militar ocorrido em 28 de Maio de 1926.

Em paralelo a este mesmo contexto de instabilidade, por motivos de agitações políticas, económicas e sociais, é oportuno afirmar que o Brasil também vivenciou diversas crises institucionais de representatividade na Primeira República, haja vista os 16 governos sucessivos até o movimento político de 1930. De fato, no tocante ao ano de 1930, por conta desse movimento liderado por Getúlio Vargas, o último chefe de Estado brasileiro eleito, Júlio Prestes de Albuquerque, não tomou posse, em função do impedimento exercido pela Junta Governista Provisória de 1930, constituída por três militares: Augusto Tasso Fragoso, José Isaías de Noronha e João de Deus Mena Barreto. Dessa maneira, a Junta Governista Provisória destituiu o governo de Washington Luís e transferiu o governo brasileiro para o novo presidente, Getúlio Vargas.

Dentro desse cenário de fragilidade político-institucional, a relação luso-brasileira manteve-se de forma neutra, sem rompimentos ou em maior grau de amistosidade. No entanto, conforme foi abordado no presente capítulo é notório afirmar que, por diversos momentos específicos, a relação luso-brasileira apresentou sinais de exaltação e euforia, em especial no início da década de 1920.[23] Segundo aludem Thiago Carvalho e Fernando Martins, Brasil e Portugal mantiveram a manutenção dos vínculos bilaterais por conta da "(…) existência de canais de diálogos privilegiados, pela

---

[22] CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 188.

[23] Sobre essa temática: "(…) No plano interno, as relações luso-brasileiros importavam pelas suas dimensões económica e financeira (exportações e remessas), social (imigração e intercâmbio cultural), histórica e simbólica. Através das boas relações com o Brasil, potência regional que auspiciava um futuro próspero, também se cumpria a obra de regeneração ambicionada pela República. A travessia aérea entre Lisboa e Rio de Janeiro realizada por Gago Coutinho e Sacadura Cabral ou a visita de António José de Almeida ao Brasil foram momentos de revitalização e de exultação das virtudes da raça luso-brasileira, num momento em que Portugal estava imerso numa grave crise que acabou por conduzir ao colapso do regime." CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 196.

lusofonia das elites brasileiras, pelo intenso trânsito humano e cultural entre as duas margens do Atlântico, pelas reduzidas zonas de conflito."[24]

Por fim, cabe considerar que a construção da narrativa pacífica entre as duas nações foi também pautada na formação do vínculo histórico-cultural, constatado no decorrer do contexto das duas Repúblicas, a incluir as duas importantes exposições pontuadas acima. Além disso, também será verificado no presente estudo a ocorrência de exposições individuais de artistas portugueses e brasileiros, no entanto em níveis diferentes de receptividade em cada país.[25]

---

[24] CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. Ibidem, p. 195.

[25] Na comemoração do Primeiro Centenário de Independência do Brasil, vale informar o que foi publicado no catálogo da Exposição Universal de 1922 no Rio de Janeiro, qual seja: "(…) a <<comunhão de instituições republicanas>> e a <<comparticipação na Grande Guerra>> estreitou a <<inata e indissolúvel aliança entre portugueses e brasileiros>>. Doravante, Portugal e Brasil <<tinham como acima democracias, o seu lugar de irmãos marcado entre as nações livres e ocuparam-no desassombradamente>>". Desta feita, os autores Thiago Carvalho e Fernando Martins relataram que de fato houve uma proximidade cultural e histórica entre os dois países na Primeira República, uma vez que ambos partilhavam ideais e ambições semelhantes. CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras*. op cit., p. 193.

2 INTERCÂMBIO ARTÍSTICO ENTRE BRASIL E PORTUGAL NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS: CIRCULAÇÕES DE ARTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO NOTICIADAS ATRAVÉS DA IMPRENSA CARIOCA

2.1. A arte portuguesa no Brasil nos Primeiros Regimes Republicanos vista através da imprensa carioca

Por meio da metodologia adotada para a análise da arte portuguesa no Rio de Janeiro durante os primeiros regimes republicanos, a Hemeroteca Digital Brasileira apresentou uma série de periódicos que abordaram as exposições de arte portuguesa no Rio de Janeiro. Diante disso, é oportuno mencionar que no decorrer da presente pesquisa e por meio da leitura feita em cada nota de imprensa publicada, pode-se observar, a depender da divulgação de cada exposição, quais foram as obras expostas, o estilo artístico de cada certame realizado, a forma como a exposição foi recepcionada tanto pela imprensa local quanto pelos artistas brasileiros, pelas autoridades públicas, bem como também pela sociedade carioca, juntamente com a comunidade de imigrantes portugueses no Rio de Janeiro.

Ademais, sendo levado em consideração tais observações descritas acima, a presente pesquisa pretende analisar como o olhar da imprensa da época influenciou diretamente o grau de valor e de importância artística das obras expostas, no cenário artístico brasileiro durante o período de estudo proposto.

Desta feita, convém ressaltar que a presente tónica objetiva também, através das manifestações artísticas lusitanas encontradas na fonte primária da Hemeroteca Digital brasileira, examinar se existiu ou não de fato um intercâmbio artístico entre as duas nações durante o período da Primeira República brasileira e portuguesa.

2.1.1. Exposição de Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro de 1899 na casa n.º 73 da Rua do Ouvidor do Rio de Janeiro

No tocante à exposição de faianças de Rafael Bordalo Pinheiro é oportuno esclarecer que foram encontradas algumas notícias sobre esse certame durante o desenvolvimento da presente pesquisa. Nesse sentido, o jornal *Cidade do Rio* em uma nota divulgou ter recebido um cartão de

convite[26] da Exposição de Faianças de Bordallo Pinheiro (fig.1), a ser inaugurada no dia 27 de julho de 1899[27].



Figura 1 - À esquerda, anúncio da "Exposição de faianças", 1899. À direita, Raphael Bordallo Pinheiro em desenho de Julião Machado, 1899. Fonte: VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos, Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 17.

[26] A saber: "Recebemos um amabilissimo cartão do insigne Bordallo Pinheiro, uma das mais bellas manifestações artisticas do genio portuguez. O cartão ha dous desenhos graciosissimos. De um lado vê-se a Jarra, carregada por quatro Bordallos admiraveis, que vergam sob o precioso peso; do outro lado está o Bordallo, n´uma curvatura agradecia, mãos ao peito, a bocca rasgada n´um sorriso emquanto um gato, o seu *demon* sustentando-se de pé, apoiado á calça do artista, faz esforço para mostrar-se cortez. Amanhã, á 1 hora da tarde, téra logar a abertura da Exposição de Faianças do immortal artista e nós auguramos um triumpho mais ao seu genial trabalho." Bordallo Pinheiro. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1899, ed. 177, p.1.

[27] Segundo Dra. Marize Malta, o local da exposição foi na Rua do Ouvidor n.º 73, centro do Rio de Janeiro, sendo inaugurado no dia 26 de julho de 1899. MARIZE, Malta. *A incrível história da jarra Beethoven: percursos e sentidos de uma imagem-problema*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009, p. 8.

No que concerne ao dia da inauguração da exposição, o periódico *A Notícia* em uma nota ode, com o propósito de incentivar o público a visitar tal certame, enalteceu as obras de faianças, em destaque a jarra[28] que, posteriormente, confirmou ser a *Jarra de Beethoveen*.[29] (fig.2).



Figura 2 - *Jarra Beethoven* de Rafael Bordalo Pinheiro. Fonte: <http://www.cidadeimaginaria.org/cer/hcer.htm>.

[28] "Correm todos á exposição de faianças. Admirem tudo quanto alli está, porque tudo são obras primas: mas, defronte da jarra, que é o parto prodigioso de um genio, não pronunciem uma só palavra, suspendam a respiração, calem-se por piedade! O barro vai cantar, as cordas vão tremer, as vibrações sonoras já cortam o ar em ondas luminosas, e, pairando sobre o quartetto, - não veem? - a doce figura da Musica rege o compasso com a batuta que desprende luz… Luiz Guimarães (filho)." Nota. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27-28 de jul. 1899, ed. 176, p.3.

[29] A respeito dessa constatação, Dra. Marize Malta alegou que essa jarra foi encomendada por José Relvas, personalidade portuguesa importante no cenário da Primeira República de Portugal, mas que em função das dimensões desproporcionais de um objeto artístico dentro de uma sala residencial, a jarra foi recusada. Chama-se *Jarra Beethoven* porque José Relvas era violinista e admirador da obra de Beethoven. Posteriormente, a *Jarra Beethoven* foi para o Brasil e Rafael Bordalo Pinheiro tentou vendê-la, mas não conseguiu. Em seguida, a jarra foi destaque dessa exposição de faianças de 1899 e depois esteve em alguns lugares até chegar aonde se encontra hoje, no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. MARIZE, Malta. *A incrível história da jarra Beethoven: percursos e sentidos de uma imagem-problema*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009, p.7 e 9.

Cumpre destacar uma pequena nota divulgada pelo jornal *O Paiz* sobre o dia do encerramento dessa exposição, 15 de agosto de 1899, no qual ressaltou a principal atração do evento, a *Jarra Beethoven*[30]. Sobre essa jarra[31], o *Jornal do Commercio* informou que ela foi oferecida pelo artista ao Sr. Dr. João do Rego Barros, que em seguida presenteou, com anuência de Rafael Bordalo Pinheiro, o governo brasileiro, com o intuito de ser colocada em um ambiente público, em um dos salões do Palácio Presidencial, para ser visto por todos. E, por fim, a notícia considerou ser possivelmente a mais preciosa obra de arte moderna que se tenha produzido em Portugal naquela altura[32].

Por último, o jornal *Don Quixote* divulgou a carta que o artista Rafael Bordalo Pinheiro escreveu, encantado que ficou pelo Rio, para a redação desse periódico, após a sua partida para Portugal, a bordo do paquete *Rei de Portugal*, no qual deixou amigos e admiradores no Brasil, que

---

[30] "A exposição de faianças de Bordallo Pinheiro continua aberta até o dia 15 do corrente, o que julgamos de conveniencia informar ao publico, para que tenha occasião de vêr a admiravel *jarra Beethoven*, que é o attractivo principal da mesma exposição". Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 8 de ago. 1899, ed. 5420, p.3.

[31] Segundo Dra. Marize Malta, a *Jarra Bethoven* "(…) é peça oca, com forma apropriada para conter líquidos e, por vezes, receber flores. Sua dimensão vertical, com a figura de coroamento que hoje está ausente, alcança 2,25m. Auxiliada pelo pedestal de 1,18m de altura, a jarra atinge quase 3,50m. Seu tamanho dificulta e praticamente impede o que sua forma sugere operar, desvirtuando-se de sua natureza utilitária. É uma jarra para se olhar. Para observá-la em totalidade, é preciso tomar distância, aquela respeitável distância usada para se olhar uma obra de arte". MARIZE, Malta. *A incrível história da jarra Beethoven: percursos e sentidos de uma imagem-problema*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009, p.3.
Como forma de acrescentar mais detalhes sobre a jarra, Dr. Arthur Valle acrescentou ser "(…) de gosto *neorocaille* e historicista, filiado em correntes internacionais." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos, Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 51.

[32] Sobre a nota: "Chegado da Europa o Sr. Bordallo Pinheiro, fez nesta Capital curiosa exposição de faianças, figurando nella a *Jarra Beethoven*, notavel obra de arte, que o insigno artista offereceu depois ao Sr. Dr. João do Rego Barros, em prova de gratidão pelas muitas gentilezas que do mesmo havia recebido. O Sr. Dr. Rego Barros achando que esse monumento artistico só teria guarida propria em um edificio publico, onde pudesse ser admirado por todos e não ficasse circumscripta ás limitações de uma casa particular, offereceu-a, com annuencia do illustre artista, ao Governo, para ser collocada em uma das salas do Palacio Presidencial. Quiz desse modo a sorte que a generosidade e gentileza do insigne artista e do illustre amador realizassem o desideratum geral, enriquecendo o Palacio do Governo do Brazil com a mais preciosa obra de arte que se tenha talvez produzido modernamente em Portugal." Nota. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de dez. 1889, ed. 363, p.4.
Ainda sobre a peça *Jarra Beethoven*, assim como também afirmou a Dra. Marize Malta: "(…) Ao que tudo indica, Raphael Bordalo ansiava pela venda da peça, que com custo trouxera de Portugal. Nesse particular, o português não obteve sucesso, como bem se sabe: a *Jarra Beethoven* não achou comprador no Rio, apesar dos reiterados apelos lançados na imprensa; foi rifada, mas a sorte coube a um número que não tinha sido vendido; por fim, foi oferecida ao Sr. Dr. João do Rego Barros, que a doou ao então Presidente da República, Campos Salles." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos, Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 51.

inclusive o acompanhou até a última hora de sua viagem, sendo demonstrado, através desse gesto, afeto e admiração do povo fluminense e dos imigrantes portugueses pelo artista.[33]

[33] "Sr. redactor do D. *Quixote* - Partindo para Lisboa, a bordo do *Rei de Portugal*, peço a V. o agasalho de sua folha, para agradecer a toda a imprensa a excessiva benevolencia com que tratou minha *exposição de faianças* e os generosos conceitos que lhe merecem os meus esforços, para o resurgimento de uma das mais antigas industrias artisticas do meu paiz. Neste particular, tive a ventura, e d´isto me desvaneço especialmente, de ver tambem reconhecidos esses obscuros esforços por muitos dos meus compatriotas, que me acompanharam em todos os trabalhos da exposição com o empenho mais dedicado. A notavel affluencia de visitantes com que fui honrado, sem que para isso me valesse de qualquer dos conhecidos meios de *réclame*, e a espontaneidade com que veiu a mim, todo applauso e sympathia, o publico fluminense, são favores e premios que não se esquecem nunca pelo seu alto valor moral e pela estima penhorante que representam. De novas dedicações e de velhos amigos innumeras são as provas de affecto que recebi; e si nenhum individualizo neste agradecimento publico, de todos levo, no melhor do meu coração, o vivo reconhecimento que lhes devo, sentido e perenne. Desde que tive a fortuna de pisar de novo esta formosa terra, em todos os poderes publicos, a que tive de recorrer, encontrei o mais affectuoso acolhimento e todas as facilidades compativeis com as prescripções da lei. Estas inesquecidas provas de consideração generalisaram-se depois a quantos me distinguiram com a sua convivencia, devendo especializar pela extrema gentileza com que me auxiliou desde os primeiros momentos, o Exm. Sr. Dr. Rego Barros. Offerecendo a S. Ex. a *Jarra Beethoven*, que a *sorte* collocou de novo nas minhas mãos, quiz assim affirmar, por maneira evidente, o meu profundo reconhecimento á incomparavel generosidade do coração brasileiro, que faz com que este paiz seja uma segunda e grande patria, com estimulos e espaço para todas as actividades e prodigo de animações e de carinhos para quantos o sabem comprehender e amar. Creia-me sempre, Sr. redactor, o mais grato dos seus admiradores e amigos. - *Raphael Bordallo Pinheiro*." Bordallo Pinheiro. *Don Quixote: Jornal Illustre de Angelo* Agostini, Rio de Janeiro, Anno V, 1899, ed. 92, p.2.

A título de conhecimento deve-se esclarecer que Rafael Bordalo Pinheiro[34] já era conhecido pela sociedade carioca, uma vez que entre os anos de 1875 a 1879 o artista português residiu no Rio de Janeiro, por ter ficado à frente de alguns periódicos da cidade, como *O Mosquito*, *Psit!*, *O Besouro*[35] e *Gazeta de Notícias*, tendo contribuído com suas caricaturas e charges de personagens típicos da sociedade carioca, *Psit!*, *Arola* e *Fagundos*, baseados em um tom humorístico e crítico que serviram para alertar na ocasião os problemas sociais, políticos e económicos que viviam o Rio de Janeiro.

Por último, é oportuno salientar que sobre essa exposição, o pesquisador Dr. Arthur Valle ressaltou ser, possivelmente, a primeira grande exposição individual de um artista português no Rio de Janeiro republicano, tendo em vista o forte apelo pelo nacionalismo nos anos que precederam a Proclamação da República, como também posteriormente verificou-se uma voz pulsante da intelectualidade carioca pela arte brasileira. Ademais, Dr. Arthur Valle apontou, juntamente com a pesquisadora Dra. Cristina Ramos e Horta, que Rafael Bordalo Pinheiro tencionava expor suas

---

34 Segundo o crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos, o artista português: "Raphael Bordallo, descendente de uma estirpe de consagrados da arte, foi um dos que viveram perfeitamente indentificados com o nosso meio. Em 1875 veiu para o Brasil, a convite de Manoel Carneiro, para collaborar no "Mosquito". Algum tempo depois afastou-se para fundar "O Psitt", hebdomadario comico illustrado, como se lia no cabeçalho da Revista. Ephemera vida teve esta publicação. Em 1877 fundou o "Besouro", auxiliado por João José dos Reis, mais tarde Conde de Mattozinhos. O talento humoristico de Bordallo Pinheiro encontrou na Revista campo vasto; a sua verve encheu paginas deliciosas, que fizeram época no Rio de Janeiro. De uma biographia do illustre artista extrahimos os topicos que se seguem, e por onde podem ser avaliados os seus conhecimentos e capacidade de trabalho: "Raphael Bordallo nasceu em Lisboa a 21 de Março de 1846. Empregado na Camara dos Pares, amador dramatico correctissimo, tendo pertencido a uma sociedade famosissima, que dava espectaculos no theatro Garret, da travessa do Forno, aos Anjos, salientou-se a breve trecho como critico theatral, decorador e, quasi a seguir, como caricaturista, fixando a individualidade no seu primeiro jornal do genero, o *Calcanhar de Achilles*. *A Berlinda*, o *Binoculo* e a *Lanterna Magica*, que appareceram a seguir, deram-lhe fóros e prestigio incalculaveis, passando já a ser considerado como um artista merecedor do maior respeito e consideração. Portugal, porém, começará a parecer-lhe estreito horizonte para sua envergadura. E Raphael Bordallo, tendo como unica bagagem essas immorredouras manifestações de talento, um bello dia abala. Atlantico em fóra, até o Brasil, continuando ahi no *Mosquito*, no *Psitt*, no *Besouro* e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, a tracejar essas admiraveis *charges* contundentes e esmagadoras, que valeram quasi tanto, para a purificação dos costumes e a remodelação de variados preconceitos, como a obra de geniaes escriptores. Voltando a Lisboa, o inolvidavel artista funda o *Antonio Maria*, que marca para a politica nacional uma *étape* de critica imperdoavel e crudelissima, atirada com a audacia e o frescor de um combatente joven e resoluto. Os poderes publicos asphyxiam o jornal com uma suppressão. A energia de Raphael Bordallo, porém, renasce nos *Pontos nos ii*, mais vibrante ainda, mais caustica e só dahi a annos entra numa phase não só de transigencia ou de insubmissão, mas de acalmia e de prudencia, numa phase que delimita a passagem do artista para outros trabalhos com diversa orientação e responsabilidade. Ao mesmo tempo que o *Antonio Maria*, o *Album das glorias* tambem registrava em paginas de effeito seguro as notabilidades da época, todos os homens mais em evidencia por factos ou idéas e que a opinião publica devidamente consagrara." Entre as producções notaveis de Bordallo Pinheiro encontra-se a "Jarra Beethoven", uma verdadeira joia; foi o trabalho do artista offerecido á Presidencia da Republica do Brasil pelo Sr. Dr. João Rego Barros." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.25 e 26.

35 MARIZE, Malta. *A incrível história da jarra Beethoven: percursos e sentidos de uma imagem-problema*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009, p.8.

obras para expandir o mercado da Fábrica de Faianças de Caldas da Rainha, na ocasião diretor artístico, que passava por uma crise financeira durante a década de 1890, mas que de fato não foi muito bem sucedida, bem como almejava a venda da *Jarra Beethoven* que acabou sendo malograda[36].

2.1.2. Exposição de Arte Portuguesa de 1902 no Edifício Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro

Sob os holofotes da imprensa carioca[37], a Exposição de Arte Portuguesa de 1902 foi inaugurada em 17 de julho de 1902 no edifício do Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro, promovida pela Sociedade de Belas Artes de Lisboa[38], por meio do representante dos artistas lusitanos, Guilherme da Rosa.

Convém esclarecer que o salão da exposição, como assim foi descrito, foi ornamentado pela *Casa Doux*[39] e as obras foram expostas em um espaço com ar de requinte artístico, sob uma luz discreta[40], cuja disposição dos quadros foi de certa forma bem acondicionada[41], apesar de algumas telas não terem sido beneficiadas em função da luminosidade, pois não havia luz favorável para todas as obras expostas[42] (fig.3).

---

36 Ainda sobre essa mesma temática, o pesquisador Dr. Arthur Valle ressaltou que ao final da exposição, através das notas publicadas pela imprensa carioca, Rafael Bordalo Pinheiro retornou frustrado para Portugal, uma vez que não conseguiu ter ampliado o mercado consumidor da fábrica de Caldas, mesmo que o certame tenha conquistado, desde o seu primeiro dia de exposição, êxito na venda das obras, tendo em vista que "(…) [n]otícias de época indicam que a mostra foi muito bem recebida, obtendo visitações diárias superiores a mil pessoas. No dia seguinte à abertura, quase todas as peças estariam já vendidas." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos, Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 50.

37 Existem vários periódicos cariocas que noticiaram a respeito da Exposição de Arte Portuguesa de 1902, como *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias*, *A Notícia*, *Correio da Manhã*, *Revista da Semana*, *Gazeta de Petrópolis*, *Annuario Fluminense: Almanach Historico da Cidade do Rio de Janeiro*, *Tagarela e Don Quixote: Jornal Illustrado de Angelo Agostini*.

38 A título de conhecimento, deve-se ter em mente que a "Sociedade Nacional de Belas Artes, oficialmente criada em 1901, em grande medida deu continuidade a outras associações de artistas portugueses, em especial o *Grémio Artístico*, fundado em 1890, de quem a Sociedade adotou os termos estatutários, a atribuição de deveres e a própria organização interna. (…) um dos aspectos mais importantes da atuação da SNBA se vinculava justamente à realização de exposições anuais, que, *grosso modo*, deram continuidade aos "salões" do Grémio." VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 12, Ano XII, n.1, Janeiro-Junho de 2015, p.18.

39 Exposição de Arte Portugueza. *Gazeta de Petrópolis*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, ed. 84, p.2.

40 Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, ed. 199, p.1.

41 Arte Portuguesa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, p.1.

42 Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p.1.



Figura 3 - Salão da Exposição de 1902. Fonte: *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 03 de ago. 1902, ed. 116, p.252.

No dia da abertura da exposição houve a presença do presidente da República do Brasil[43], Ministro e Consul Geral de Portugal, Diretoria do Liceu, membros da colónia portuguesa e imprensa local[44], assim como artistas da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, figuras nobres da sociedade, sendo informado também homens de cunho económico relevante, amantes e conhecedores de arte. Enfim, todos em prol da interação artístico-cultural entre Brasil e Portugal.

A exposição permaneceu exibida até o dia 4 de Agosto de 1902 e contou com diversas seções de obras de arte, tais como: pintura a óleo, arquitetura, desenho, arte aplicada, trabalhos com

[43] O pesquisador Dr. Arthur Valle salientou que a cerimónia de inauguração iniciou com a chegada do presidente brasileiro, Manuel Ferraz de Campos Salles, no qual teceu considerações acerca da exposição, conforme publicado em 18 de Julho de 1902 no periódico *Gazeta de Notícias*: "(…) os artistas portugueses reproduziam com amor e com gosto cenas e tipos do seu tempo e do seu país, preenchendo assim nobremente o papel que lhes cabe de conservadores das tradições e dos costumes pátrios." VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 12, Ano XII, n.1, Janeiro-Junho de 2015, p.6.

[44] Exposição de Arte Portuguesa. *Gazeta de Petrópolis*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, ed. 84, p. 2.

prata rebatida ("oxydada" ou dourada) e loiças[45]. Desta feita, alguns renomados artistas portugueses expuseram suas obras no certame, logo após terem sido premiados com medalha de ouro na Exposição de Paris de 1899, a saber: João Maria Veloso Salgado, Columbano Bordalo Pinheiro, Maria Augusta Bordalo Pinheiro, Luciano Freire, Carlos António Rodrigues dos Reis, José Vital Branco Malhoa, João Ribeiro Cristino da Silva, Adriano de Sousa Lopes, Ferreira da Costa, João Carlos Galhardo, Jorge Rey Colaço e Henrique Casanova[46].

Sobre a exposição das obras de arte, houve destaque dos quadros *Engano d'alma cedo e cego* e *Leroe boer*, ambos de Adriano de Souza Lopes, bem como diversos trabalhos da artista D. Maria A. Bordalo Pinheiro. No que tange à família artística Bordalo Pinheiro, o periódico *A Notícia* ressaltou o prestígio do trabalho do artista Rafael Bordalo Pinheiro, que veio alcançar o primeiro lugar na seção de faianças e cerâmica[47]. Nesse sentido, é oportuno observar também que a *Gazeta de Petrópolis* destacou a seção de faianças de Rafael Bordalo Pinheiro, bem como as seções de rendas da D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro e de ourivesaria. Em relação ao valor artístico desta última seção, o jornal ressaltou o grau de importância da ourivesaria portuguesa no mercado das artes[48].

Diante da grandeza da arte portuguesa nessa exposição, convém mencionar a publicação do periódico *A Notícia* em relação à admiração dos visitantes pelo busto do escritor português José

---

[45] Em 16 de Julho de 1902, o periódico *A Notícia* publicou detalhadamente sobre os artistas que participaram da exposição e a sua respectiva quantidade de obras, a saber: "composição de 105 grupos de objectos diferentes abrangendo todas as manifestações artísticas portuguesas:
Secção de pintura a óleo: José Vellozo Salgado (03); Columbano Bordallo Pinheiro (06); Maria Augusta Bordallo Pinheiro (02); Luciano Freire (05); Carlos Reis (03); José Malhôa (06); Manuel Henrique Pinto (03); Ernesto Condeixa (06); João Ribeiro Christin da Silva (03); José Antonio Jorge Pinto (06); Julio Teixeira Bastos (03); João Vaz (01); José Ribeiro Junior (01); David Estrella de Mello (01); Joaquim Porfirio (01); Ferreira da Costa (01); Antonio Ferreira Quaresma (01); Pedro Guedes (02); Joaquim Luiz Cardoso (03); Adriano de Souza Lopes (04); João Carlos Galhardo (05); Thomaz de Mello Junior (02); João Colaço (04); Francisco Martins (02); Henrique Casanova (06); Alfredo Roque Gameiro (03); Alberto de Souza (03).
Secção de arquitetura: Leonel Gaio (01); José Alexandre Soares (01); Francisco Alves Parente (02); Francisco Soares Parente (02); Alvaro Machado (02); Antonio do Couto (03).
Secção de desenho: Joaquim Porfirio (02)
Secção arte aplicada: Luiza Cordeiro Bastos (02); Emilio da Silva (05); João Anjos (02)
Secção de trabalhos com prata rebatida ("oxydada" ou dourada): G.B. Christofanelli com 31 grupos representando 485 trabalhos.
Secção de louças: Raphael Bordallo Pinheiro (28)" Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 jul., 1902, ed. 166, p.2.

[46] Ibidem.

[47] Ibidem.

[48] A saber: " (…) Portugal foi outrora tão famoso que os produtos dessa sua arte, provenientes dos séculos XVII e XVIII, são vendidos nos centros artísticos, como Londres e Pariz, por preços elevadíssimos." Exposição de Arte Portugueza. *Gazeta de Petrópolis*, Rio de Janeiro, 17 de jul. 1902, ed. 84, p.2.

Maria de Eça de Queiroz, obra de Rafael Bordalo Pinheiro (fig.4). Sendo assim, a própria notícia informou que foram enviados cinco exemplares, no qual um foi comprado pelo Dr. João do Rego Barros, Barão de Ipojuca, que ofereceu ao Olavo Bilac como demonstração de amizade[49].



Figura 4 - Busto Eça de Queiroz de Rafael Bordalo Pinheiro. Fonte: <http://cavacosdascaldas.blogspot.com/2011/07/retratos-em-barro-rafael-bordalo.html>.

Sobre a temática das obras artísticas expostas, o jornal *A Notícia* publicou também comentários a respeito do grande número de visitantes[50] e obras de arte, como os quadros a óleo, e peças de arte decorativa, como as rendas de D. Maria Bordalo Pinheiro e "colxas" de seda e faianças de Rafael Bordalo Pinheiro, que foram adquiridas[51].

---

[49] Os demais exemplares foram adquiridos pelos "(…) Srs. Conselheiro Lampreia, ministro de Portugal, visconde de Villela e Dr. Cunha e Costa. O último exemplar foi comprado pelo Dr. João do Rego Barros, que o ofereceu ao nosso collaborador Olavo Bilac." Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18-19 jul. 1902, ed. 168, p.1.

[50] Primeiramente é notório esclarecer que a notícia divulgou que o valor inicial da entrada na exposição custava 2$000 reis, preço este elevado em relação ao padrão financeiro dos visitantes que não tinham a intenção de adquirir alguma obra de arte, apenas apreciá-la. Depois de ter averiguado uma queda no número de visitantes, o corpo diretivo da exposição atendeu ao pedido da imprensa em diminuir o valor cobrado. E, de acordo com Dr. Arthur Valle, o "(…) apelo parece ter surtido efeito, pois alguns dias depois o Jornal do Brasil anunciava um aumento no número de visitantes. Segundo o periódico, a visitação se manteve significativa nos dias finais da exposição e pode ter, inclusive, aumentado quando, próximo ao seu encerramento, o valor da entrada foi reduzido pela metade." VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. op. cit., p. 9.

[51] A nota de imprensa ressaltou que os demais objetos artísticos foram adquiridos por "(…) varios cavalheiros da nossa melhor sociedade", o que demarca qual era a classe social que comprava as obras de arte. Além disso, a notícia ainda informou que "(…) a venda dos objetos artísticos foi encerrada no dia 29 de julho do mesmo ano corrente e que estará a disposição dos visitantes o álbum que vai ser remetido à Sociedade de Bellas Artes de Lisboa, inclusive com as assinaturas do Sr. Presidente da República e a sua Exma esposa". Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 24-25 jul. 1902, ed. 173, p. 2.

No *Jornal do Brasil*, há duas importantes edições que publicaram acerca da repercussão artística das obras de arte do certame em questão. Assim, a primeira notícia diz respeito a uma crítica positiva sobre a visita da colónia portuguesa na exposição[52] e a segunda destacou o quadro de José Malhoa, *As Cebolas* (fig.5), por ter o autor tido a sensibilidade de representar de forma metafórica a saudade que os portugueses imigrantes tinham de sua terra natal, tendo incluído, até mesmo, o comentário de uma portuguesa no momento que apreciou o quadro[53]. Por conta do prestígio da colónia portuguesa no certame, o *Jornal do Brasil* em uma nota mencionou que os imigrantes portugueses, além de visitarem as obras de arte, adquiriram grande número de bens artísticos da exposição, como também a Escola Naciona de Belas-Artes do Rio de Janeiro[54].

[52] No tocante à questão da saudade da colónia portuguesa que vivia no Rio de Janeiro, o periódico *Jornal do Brasil* fez a seguinte ressalva: "(…) Qual o portuguez que deixará de adquirir um destes objectos para perpetuar no Brasil a saudade da sua terra!". Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, ed. 198, p.1.

[53] A saber o que tinha dito uma portuguesa na exposição: "(…) As Cebolas, de Malhôa. – São tão perfeitas que até fazem chorar – exclama, ao lado, de uma senhora. E, com effeito, vimos duas lagrimas escorregar, muito lentas, ao longo de um rostinho gracioso e picante. Mas não eram as cebolas, não; eram saudades. Se fallava uma portugueza."Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 Jul. 1902, ed. 199, p.1.

[54] Nesse sentido e segundo a nota: "(…) É mesmo de notar a bizarra gentileza com que alguns homens de fortuna da colónia portugueza tem concorrido para o sucesso da Exposição, como, por exemplo, os srs. Visconde de Vilela e comendador Costa Pereira, cujas aquisições montam a alguns contos de rés e é de justiça insistir no acto governo federal, adquirindo para a Escola Nacional de Bellas Artes, algumas das obras primas expostas." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1902, ed. 202, p.1.



Figura 5 - *As cebolas* de José Malhoa. Fonte: *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 03 de ago. 1902, ed. 116, p.252.

No que tange sobre a venda das obras de arte, a Exposição de Arte Portuguesa de 1902 repercutiu positivamente no saldo final dos objetos artísticos vendidos, sendo constatado este entusiasmo desde o primeiro dia da exposição[55]. Ademais, o mesmo periódico noticiou a lista dos objetos artísticos adquiridos e seus respectivos compradores[56].

[55] O *Jornal do Brasil* publicou que as vendas foram orçadas "(…) pela quantia, aproximadamente, de vinte e cinco contos de réis." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1902, ed. 200, p.1.

[56] A saber: "(…) O conselheiro Lampreia, muito solicito, fazia ao sr. presidente da Republica as honras da casa e, gentilmente, adquiria para mme. Campos Salles um formosíssimo lenço da colecção Maria Augusta Bordallo: barra em renda de largos florões manuelinos. Um encanto! (…) Moraes de los Rios adquire alguns objetos lindíssimos de Raphael Bordallo; o visconde de Villela "o Barbeiro na aldeia" de Columbano; "a Madrugada na Portella", de David Estrella de Mello; "a Merenda ao Senhor da Serra", de João Carlos Galhardo e "As Cebolas", de Malhôa. (…) Já a essa hora estão vendidos todos os quadros de Columbano; "Margens do Vizela", de Luciano Freire; "A sesta", de Malhoa; "Crisântemos", de Condeixa; "Na Guia" e "Na Ericeira", de Henrique Casanova; dois bustos de Eça de Queiroz, adquiridos pelo conselheiro Lampreira e Dr. Cunha e Costa, e muitas faianças de Bordallo Pinheiro. Entre os adquirentes estão o sr. visconde de Avellar e Baptista Coelho." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, ed. 199, p.1.

A respeito das obras adquiridas pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro[57], cumpre ressaltar que a instituição contraiu um acervo considerável das obras dos artistas desta exposição e que hoje constitui o núcleo da sua coleção de pintura portuguesa oito-novencista, supostamente a mais importante a nível nacional, conforme aludiu o pesquisador Dr. Arthur Valle, sendo composto, desta forma, desde 1937, no conjunto de coleções de obra de arte do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro[58]. Posto isto, reconheceu o pesquisador que a aquisição desse acervo foi estimulada por meio das diretrizes pedagógicas da Escola, exercidas após a Proclamação da República brasileira, tendo como objetivo precípuo estimular conceitos de arte moderna dentro do cenário do ensino artístico brasileiro, em especial a estética naturalista, estilo artístico presente na exposição. Além disso, também verificou-se o intuito de fortalecer o mercado de arte portuguesa no Brasil, haja vista o grande número de imigrantes portugueses residentes.

Nesse sentido e segundo novamente o pesquisador Dr. Arthur Valle, observa-se que a questão das vendas na Exposição de Arte Portuguesa de 1902 foi pautada por intermédio do mecenato realizado pela colónia portuguesa no Brasil e pelo acervo de obras adquirido pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro[59].

Dentro dessa análise apreciativa sobre as obras lusitanas expostas no certame, vale apontar que houve avaliação positiva do articulista V.J do jornal *Correio da Manhã* ao ter examinado dois retratos pintados pelo artista José Maria Veloso Salgado: o escritor e estilista português o *Sr.*

---

[57] Nesse sentido, explicou Dr. Arthur Valle que os responsáveis pela aquisição das obras lusitanas para o acervo da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro foram nomeados pelo Ministro da Fazenda, Dr. Joaquim Murtinho, que por meio de uma autorização legislativa foi possível destinar uma verba para a compra dessas obras, dirigida por uma comissão composta por Rodolpho Bernadelli, diretor e professor de escultura da Escola, Rodolpho Amoêdo, professor da Escola, e jornalista e crítico de arte Carlos Américo dos Santos. Diante disso, foram constatados 11 obras adquiridas pela Escola, a saber: "4 de Columbano Bordallo (*A Luva Branca*, *A Locandeira*, *Madona* e *Soldado*); 1 de Velloso Salgado (*Azinhaga em Benfica*); 1 de Ernesto Condeixa (*Um Homem do Mar*); 1 de Carlos Reis (*Os Amores do Moleiro*); 1 de Manoel Henrique Pinto (*A Saída do Rebanho*); e 3 de José Malhoa (*A Sesta, A Coroar a Roupa* e *Gozando os Rendimentos*). Outros documentos dessa instituição corroboram a aquisição da maioria dessas obras, que hoje pertencem à Coleção de Pintura Estrangeira do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, detentor da parte mais importante do antigo acervo da Escola. A única exceção é a *Madona* de Columbano, que Guilherme da Rosa declarou ter ele próprio comprado. É de se notar, também, que foi a Escola que, ao final das negociações, ficou com *A saída do Rebanho* de Henrique Pinto, e não o "Sr. H. Chaves", que primeiramente teria adquirido o quadro, como indicado na *Gazeta de Notícias* de 18 de julho. Se não houver um erro desse jornal, é possível que, à época, tenham ocorridos renegociações entre os compradores de obras na exposição de 1902." VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. op. cit., p. 16.

[58] VALLE, Arthur. VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. op. cit., p. 1 e 2.

[59] VALLE, Arthur. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. op. cit., p. 14.

Ramalho Ortigão e de sua *esposa*[60]. Posto isto, é notório perceber que a arte portuguesa foi elogiada por sua qualidade e relevância artística pela imprensa carioca.

Cumpre salientar que o *Jornal do Brasil* em uma nota publicou a intenção de criar dois salões anuais, em Portugal e no Brasil; o de Lisboa sobre Arte Brasileira; e do Rio de Janeiro sobre Arte Portuguesa, a fim de fortalecer o intercâmbio artístico luso-brasileiro[61]. Diante da construção desse intercâmbio de trocas culturais entre Portugal e Brasil, o periódico *Annuario Fluminense: Almanach Historico da Cidade do Rio de Janeiro para 1901* em uma nota destacou também que essa exposição teve a finalidade de aproximar as duas nações por meio da iniciativa de Guilherme da Rosa, representante da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa[62]. Indubitavelmente, é oportuno verificar que Guilherme da Rosa, juntamente com as intenções de aproximação da Sociedade de Belas Artes de Lisboa com o mercado de arte brasileira, foi responsável pelo início da criação do intercâmbio artístico entre Portugal e Brasil, por meio dessa exposição de 1902. De fato e tendo em vista as notas de imprensa publicadas na época, percebe-se, então, que existia de antemão um projeto de políticas expositivas entre as duas nações. Desta feita, é constatado que a maioria dos artistas portugueses presentes na Exposição de Arte Portuguesa de 1902 é a mesma

---

[60] "(...) pensamos que um retrato é um retrato, isto é, que a sua primeira qualidade é parecer-se inteiramente com o original retratado. Deste ponto de vista, os dois retratos do sr. e da sra. Ramalho Ortigão são um trabalho perfeito. E' impressionadora a sua semelhança completa com os retratados, e, os que os conhecem e até mesmo os que os não conhecem, tem a sensação – que é um triumpho para a arte – de os estarem vendo. (…) Taes são esses dois admiraveis retratos, obras d'arte do mais alto valor, que, felizmente para nós, ficarão aqui." Ainda sobre a análise dos dois retratos, V.J avalia também de forma conotativa, a saber: "(…) Não é quase possivel tratar com maior mestria, com mais elegante sobriedade, e ao mesmo tempo com mais penetração psychologia e bom gosto o retrato de uma senhora de edade do que fez o grande artista portuguez no retrato de mme. Ramalho Ortigão. Como essa velhice é bella e sympathica sob o pincel que, sem favorecel-a ou lisongeal-a a aureola da bondade dos seus ainda bellos olhos peninsulares e do seu discreto sorriso meigo! O repouso da sua alma de matrona, a benevolência final dos velhos felizes, não estão retratados com menos fidelidade que as feições do seu rosto amoravel. Não é menos de notar a irreprehensivel correcção nos detalhes do vestuario e dos adornos, como do gesto natural e simples. A mão que apparece é só por si uma obra d'arte; não vive menos que o rosto. Mostra-nos o pintor o sr. Ramalho Ortigão em todo o seu bello vigor physico, apezar dos seus sessenta e cinco annos. Sente-se-lhe o orgulho dessa fortaleza e bizarria. (...) Não, é o escriptor repousado, talvez já meio conservador, quem sabe sinão um tantinho reaccionario? - único signal de velhice que mostra – mas ainda cheio de vida, de bom humor, de ironia, olhando para a gente como quem nos quer descobrir um segredo ou surprehender um pensamento. Taes são os dois retratos do pintor Salgado. Ambos, sobre absolutamente parecidos, vivem de uma intensa vida, ambos se animam sob o nosso olhar, ambos não só reproduzem mas exprimem as pessoas retratadas." Dois Retratos, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1902, ed. 438, p.3.

[61] E também "(…) apaga(r) os attritos mercantis ou políticos." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1902, ed. 218, p.1.

[62] Segundo a matéria: "(...) tendo sido para ella convidados os artistas brazileiros, afim de que o certamen tivesse <<o cunho de perfeita solidariedade e fraternal sympathia que caracterisa as relações de fraternal amisade e recíprocos interesses entre os dois paizes>>. O projecto da Sociedade lisboense é abrir um mercado á Arte portugueza no Brasil e á Arte brazileira em Portugal, por meio de exposições alternadas nas respectivas capitães." Exposição de Arte Portugueza. *Annuario Fluminense: Almanach Historico da Cidade do Rio de Janeiro para 1901*, Rio de Janeiro, ed. 3, 1903.

presente nas Exposições de 1901 e 1902, ambas promovidas pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. E, ainda por serem sócios dessa instituição artística, verifica-se, desta forma, uma ligação estreita entre as Belas Artes do Brasil e as de Portugal[63].

No dia do encerramento da exposição[64], Guilherme da Rosa pronunciou a realização de um leilão dos objetos artísticos não vendidos, que foi realizado em 11 de agosto de 1902, no próprio prédio do Liceu de Arte e Ofícios no Rio de Janeiro[65]. Nesse mesmo sentido, outros periódicos como *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*[66] publicaram também a respeito desse leilão.

No que se refere ao impacto da Exposição de Arte Portuguesa de 1902, cabe verificar que houve uma repercussão positiva destacada pela imprensa carioca. Desse modo, os jornais *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias* publicaram a mesma nota de agradecimento de Guilherme da Rosa pelo saldo positivo que a exposição obteve perante o mercado de arte portuguesa no Brasil, tendo

---

63 De acordo com essa temática, Dr. Arthur Valle relatou uma resenha de Ribeiro Arthur sobre o certame da segunda exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa ao alegar que "(…) poucas semanas depois uma exposição de belas artes no Brasil chama o concurso dos artistas portugueses e para lá vão partir das obras que nosso público teve oportunidade de apreciar." VALLE, Arthur. Ibidem, p. 17.

64 Convém ressaltar que o *Jornal do Brasil* publicou uma nota a mencionar sobre a data do encerramento do certame, dia 4 de agosto de 1902, e a apontar que "(…) não resta pois muito tempo aos retardatarios para visitar o magnifico certamen, uma das mais louvaveis e meritorias iniciativas dos ultimos tempos, tendentes a approximar os dous paizes irmãos." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1902, ed. 208, p.3.

65 Sobre esse assunto, o *Jornal do Brasil* publicou a seguinte nota: "Em vista do grande número de pedidos para algumas das telas, rendas e objectos de prata cinzelada ainda não vendidos, o sr. Guilherme da Rosa, activo representante da Sociedade Nacional de Bellas Artes, resolveu proceder a um leilão desses formosos specimens do trabalho artístico da nação irmã. Esse leilão realizar-se-á por estes dias, e é natural que o amor próprio dos portuguezes e o affecto dos brasileiros rapidamente adquiram essas relíquias da mais nobre tentativa de que ha muitos annos há memória entre nós. Consta que conhecido titular, de accordo com abxstado negociante e outros operosos membros do commercio desta capital, projetam adquirir três grandes telas a Exposição para ellas enriquecerem algumas prestantes e benemeritas instituições." Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 ago. 1902, ed. 219, p.1.

66 A *Gazeta de Notícias* divulgou a seguinte nota: "Importante leilão da bella galeria de pinturas á óleo e aquerellas, de notáveis e laureados artistas portuguezes da Sociedade Nacional de Bellas Artes, em Lisboa, representados pelo Exmo. Sr. Guilherme da Rosa. J. DIAS Escriptorio: Rua do Rosario, n° 78. Plenamente anctorisado pelo Exmo. Sr. Guilherme da Rosa venderá em leilão amanhã segunda-feira 11 do corrente ao meio dia no edifício do Lyceu de Artes e Officios no Salão onde teve logar a Exposição de Arte Portugueza. A importantíssima galeria de pinturas a oleo e aquarellas que figuram nesta bella exposição, e outros objectos de legitima prata, cinzelados, etc., etc., o que será publicado em catálogo avulso e distribuído no local do leilão." Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1902, ed. 222, p.4.

reforçado a ligação artística entre as duas nações, por intermédio também da ajuda de dois auxiliares brasileiros, Srs. Leocadio José de Oliveira e José Maria Alves Coelho[67].

Na *Gazeta de Notícias* há uma publicação sobre uma nota do *Diário de Notícias* de Lisboa, que destacou também a análise positiva da Exposição de Arte Portuguesa de 1902 do Rio de Janeiro em Portugal[68]. Por outro lado, o periódico *Tagarela* divulgou uma nota crítica a respeito desse certame, por considerar que essa exposição de 1902 representou um abandono do governo brasileiro frente aos artistas nacionais, tendo em vista a linha editorial de tendência ufanista da arte brasileira[69]. De fato, mesmo tendo sido publicado essa última nota, ainda mais diante do contexto de fortalecer a nova forma de governo, a repercussão desse certame apresentou balanço positivo, haja vista que no ano posterior da sua inauguração o *Jornal do Brasil* voltou a elogiar novamente a exposição[70].

2.1.3. Exposição António Teixeira Lopes de 1905 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

---

[67] "(…) Retirando-me para Lisboa cumpro um dever de lealdade e satisfaço um intimo impulso, vindo publicamente agradecer aos meus bons amigos Srs. Leocadio José de Oliveira e José Maria Alves Coelho, meus dedicados auxiliares na Exposição de Arte Portugueza, a inexcedível cooperação que me prestaram, cabendo-me salientar bem a honestidade, dedicação e elevado critério desses dois distinctos brasileiros, aos quaes me confesso ligado pela maior estima e gratidão." Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1902, ed. 427, p.4.

[68] "Sr. Redactor – Rogo a V. Ex. a fineza de tornar público o seguinte documento, pelo qual ficam liquidadas as responsabilidades que contrahi com a Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa, por occasião da minha recente viagem ao Brasil. Felgo, ao publicar esse documento, de consignar que, a par das luctas a que me entreguei e das vicissitudes que tive de affrontar para levar a cabo com felicíssimo exito a Exposição de Arte Portugueza no Rio de Janeiro, consegui para a arte e os artistas do nosso paiz, que me confirram as suas obras, algum bem e alguma utilidade. (…) Considerando o excelente acolhimento que os trabalhos dos artistas portuguezes obtiveram naquella Exposição por parte do publico e da imprensa fluminense, assim como as aquisições feitas pelo governo federal e por diversos particulares, de quadros, outros objectos de arte applicada no valor de 1:816$900 fortes, patente?-se quanto o Exm. Sr. Guilherme Da Rosa se esforçou por conseguir o exito lisonjeiro que a Arte Portugueza obteve na capital dos Estados Unidos do Brasil. Lisboa, xx de novembro de 1902. – João Ribeiro Christino da Silva. Feito em papel sellado e assignado sobre sello de 1$000, reconhecido por tabellião." Notícias de Portugal. Exposição de Arte Portugueza no Rio de Janeiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1902, ed. 354, p.2.

[69] Exposição de Arte Portugueza de 1902. *Tagarela*, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1902, ed. 22, p.2.

[70] A saber: "No anno passado tivemos uma exposição de Arte portugueza, que teve exito á altura do seu valor." Noticiário. *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 17 jun. 1903, ed. 168, p.1.

No dia 23 de setembro de 1905 foi inaugurada a exposição do escultor português António Teixeira Lopes[71] na sala do Gabinete Português de Leitura e a *Gazeta de Notícias* divulgou algumas notas a respeito desse certame. Nesse sentido, a primeira nota informou que o Sr. Bernadino Lobo, representado pelo artista Teixeira Lopes, ofereceu convites especiais para os artistas, jornalistas e amantes da arte para que pudessem participar no dia da abertura do certame. Em seguida, a nota relatou que a sala da exposição estava bastante movimentada pelos visitantes[72] que ficaram admirados com as obras do escultor português[73], sendo informado inclusive a venda de alguns trabalhos[74]. No que concerne às obras de Teixeira Lopes, a própria notícia elogiou a originalidade do seu trabalho ao salientar a forma artística com que o artista atuou, de forma criativa, distante dos

---

[71] Segundo o crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos: "(…) Propositadamente deixamos para o fim deste estudo sobre os artistas Portuguezes que nos têm visitado, ou cujas obras tenham chegado até a nossa cidade, o nome de um dos mais gloriosos esculptores portuguezes que é, quiçá, um dos mais completos do mundo moderno; esse artista é *Teixeira Lopes*, autor das portas da Candelaria, (…) Não é favor nenhum dizer-se que o glorioso discipulo do autor "Desterrado" é uma das mais completas individualidades contemporaneas; a sua obra é a maior garantia que podemos offerecer aos nossos leitores. Ella é vigorosa, correcta e cheia de detalhes impressionantes, prenhe de condições emotivas perfeitamente caracterisadas. A arte de Teixeita Lopes veiu até nós pela iniciativa do Sr. Bernardino Lobo, num alto intuito de divulgação; se interesse mercantil houve na realisação da mostra, foi louvavel e digno de ter imitadores. O artista sabe emprestar claramente á sua arte os componentes precisos para que ella seja realmente o que já disse um illustre mestre da critica: "Um espelho onde a sua alma reflecte". Teixeira Lopes, nas suas concepções, sabe dar um cunho de nobreza. Plasmar determinados estados emotivos no barro apolegavel, no marmore ou no eterno bronze, é para elle um prazer, uma maneira de dar expansão a um sentimento congenito; dahi, a creação de tantas obras primas. Em qualquer trabalho de Teixeira Lopes a dose de receptividade é grande e transbordante de psychologia; a exposição de obras suas, realisada no Gabinete Portuguez de Leitura - quando ainda a prata não ousava pintalgar-lhe a barba e os cabellos - foi um notavel acontecimento. Em tão bella mostra estavam: "Decrepitude", "Cabeça de creança", "Caridade", "Cabeça de velha", "Eça de Queiroz" e uma reducção da sua formosa estatua "Caim"; em tudo havia alma, consciencia artistica e a mais verdadeira concretisação dos sentimentos estheticos que é possivel crear um cerebro fulgurante." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.27 e 28.

[72] Com detalhe, uma outra nota informa o "(…) Sr. Conde de Arnoso, o comandante e outros officiaes da *Patria* o Sr. Camelo Lampreia Filho lá estiveram admirando os bellos trabalhos do primeiro esculptor de Portugal." Diversas notas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de set. 1905, ed. 270, p.2.

[73] "(…) Ha uns vinte e tantos trabalhos em bronze e gesso, mas com o auxilio de photograhias pode-se acompanhar toda a evolução da obra de realidade e phantasia que é a obra do discipulo de Soares dos Reis. (…) Haja por exemplo *O Inverno da Vida* e a *Tia Joanna*, duas esculpturas admiraveis. No *Inverno* ha um velho sentado, com as mãos cruzadas e um capote sobre os hombros. A face tem toda a amargura, toda a tristeza immensa da face de um mendigo, que se senta á beira do caminho, sem esperança, desoladamente. Mas todos os seus membros tremem, os seus labios parecem tremer, as suas mãos crispam-se, os pés encostam-se na ancia de se aquecer. E´ de uma verdade esmagadora como technica, como expressão, e suggere entretanto todas as idéas que nelle encarnou o esculptor. *Tia Joanna* é simplesmente a velhice, não a figura da velhice commum, mas a velhice portugueza, um certo typo representativo da velhice portugueza, uma certa idade. A verdade da anatomia rivalisa com a perfeição da alma do seu modelo. (…) a exposição actual tem magnifico exemplo nessa extraordinaria *Caridade* e no *Caim*. (…) Notamos ainda dous bustos de Eça, identicos ao que serviu para o monumento em Lisboa; um baixo relevo do *Amor*; a admiravel *Saudade*, outro baixo relevo; dous ou tres *bambinos* em gesso e bronze; e a formidavel *Cabeça de estudo*." Exposição Teixeira Lopes. *Gazeta de Notícias,* Rio de Janeiro, 23 de set. 1905, ed. 266, p.1.

[74] De forma específica, uma outra nota publicada na *Gazeta de Notícias* informou que o "(…) Sr. Salvador Santos, director-gerente da Gazeta de Notícias e da Notícia, comprou o busto de Eça de Queiroz em gesso *patiné*". Diversas notas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de set. 1905, ed. 270, p.2.

padrões clássicos da escultura definidos pela época, sendo, desse modo, uma característica peculiar na produção de suas obras ao ser comparado com demais escultores de sua geração[75].

Com trabalhos em original e reduções em gesso e bronze, como a obra *Caim* (fig.6), o organizador do evento Sr. Bernadino Lobo selecionou algumas obras[76] do artista português que foram expostas no Gabinete Português de Leitura (fig.7 e 8). Diante disso, o crítico de arte brasileiro Luiz Gonzaga Duque Estrada publicou uma nota acerca da exposição de Teixeira Lopes na *Revista Kosmos*, sendo novamente destacado ser o autor dos portões da frontaria da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro[77]. Nesse sentido ao analisar o certame, Gonzaga Duque destacou a estética de Teixeira Lopes e ressaltou a capacidade com que o artista conseguiu transmitir sensibilidade em suas obras, tendo sido capaz de imprimir a alma lusitana[78].

---

[75] "(…) O cunho, a originalidade, o grande valor de personalidade de Teixeira Lopes é que todos os seus trabalhos fogem ao molde do classico, que já Mauclair considera a perdição da esculptura. Todos os seus symbolos são diversos do convencional. O esculptor agarra um typo qualquer, bem vivo, bem humano, bem do seu momento, e dá-lhe a impressão do sentimento que deseja exprimir, das idéas que almeja exteriorisar. (…) Se ainda estivessemos na definição de arte, era o caso de dizer que a arte de Teixeira Lopes é a suggestão do symbolo através da mais admiravel das technicas." Exposição Teixeira Lopes. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de set. 1905, ed. 266, p.1.

[76] "(…) E notae ainda neste baixo relevo de velha mulher a vida que o illumina, a verdade do seu sorriso, o chammejar turvo dos seus olhos! (…) Esse bello baixo relevo da *Decripitude*, a serena e dulcissima *Caridade* são productos dum atavismo ethnico, a que se não podia esquivar o artista, vindo duma corrente directa portugueza, filho de pae artista elle proprio homem de habitos concentrados, afeito ao recolhimento da officina e á meditação do estudo. E é por isso que nesse mesmo *Caim*, obra dos primeiros tempos mas corrigida depois, o remorso que o mòrde tem alguma cousa de melancolico. E, apesar da attitude contorcida, bossuda, desesperada, do seu corpo; da tragica fixação do seu olhar, do martyrio concentrado na sua mascara, essa melancolia transluz da sua expressão e permanece visivel como um evocado espectro da saudade." Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, pgs.25 e 26.

[77] "(…) o merito incontestavel do artista, do qual contamos os primores, ainda não bem estudados, que revestem os portões da frontaria da Candelaria; mas, com isso, nunca lhe ocorreria a idéa de que vinha prestar serviço d´alta valia ao nosso estheticismo ronceiro (…)". Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, p.24.

[78] "(…) E´ desta equivalencia de feitura que resulta a feição altamente decorativa da sua obra, e não do assumpto, porque esse depende, visivelmente, de influencias intellectuaes. A caracteristica decorativa que se lhe inculca, não desmerece como talvez queiram-na disvirtuar, a severidade do trabalho. (…) O Sr. Teixeira Lopes retem as emoções como se as gravasse; poder-se-ia dizer que a sua espiritualidade se dessóra pelos póros da mão trabalhadora e se transmitte ao barro e á pedra, revestindo o contorno da mascara humana. E se quereis, meus senhores, attender ao busto do amado Eça de Queiroz, o mesmo que serviu, assim creio, para a bellissima esculptura monumental do jardim d´Alcantara, em Lisboa, ahi vereis como a sua phisionomia vive na expressão, como o artista do cinzel entendeu o artista da palavra escrita e lhe deu o <<modo de ser>> eterno no marmore. (…) A parte emotiva da obra do Sr. Teixeira Lopes é conseguida pela estylisação da sua esculptura, advem da idiosyncrasia que o modela individualmente e o destaca em alto relevo da mediocridade contemporanea dos habilidosos. Alem disso, a sua obra surge dos esboçadores ou do escopro embebida do subjecticismo da nacionalidade em que se fez. Nella está a dôr portugueza, dôr que se não confunde com a de outros povos, dôr é que gemida em versos e se exteriorisa pela contemplatividade, e que ha seculos ficou n´alma lusitana com a nostalgia do offuscante passado aventureiro." Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, pgs.24 e 26.

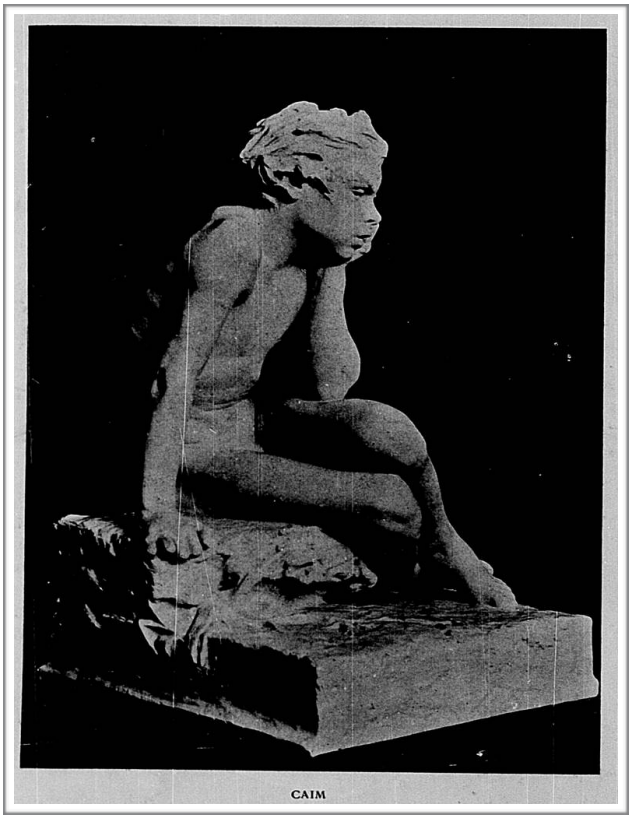


Figura 6 - *Caim* de António Teixeira Lopes. Fonte: Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, pg. 26.



Figura 7 - *Baixo-relevo em bronze* de António Teixeira Lopes. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. de 1922, ed. 1044, p.25.



Figura 8 - *Caridade* de António Teixeira Lopes. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. de 1922, ed. 1044, p.25.

2.1.4. Exposição José Vital Branco Malhoa de 1906 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Inicialmente cabe mencionar que as obras de José Malhoa foram expostas pela primeira vez no Brasil, em 1879, na Exposição Geral de Belas Artes do Rio de Janeiro, nas quais conduziram o artista português a obter seu primeiro prémio, uma Menção Honrosa.[79] Posteriormente, José Malhoa

[79] Constata-se na tese de doutoramento de António Nuno Saldanha, que foi a primeira vez que José Malhoa apresentou seu trabalho ao público com alguns quadros a óleo. Não se sabe ao certo quais foram as obras enviadas, mas sabe-se que este foi o primeiro certame internacional do artista. Além do mais, esse primeiro contato de Malhoa no Brasil abriu portas para os demais artistas portugueses adentrarem ao mercado de arte brasileira. SALDANHA, António Nuno e Quadros Pereira Coelho. *José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra*. Tese de Doutoramento em História da Arte. Faculdade de Ciências Humanas. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006. p.36.

enviou mais algumas obras para o Brasil até inaugurar a sua exposição individual de 1906, no Gabinete Português de Leitura.

A *Revista Kosmos* publicou uma nota a oferecer boas-vindas a Malhoa e informou que será apresentado em breve a sua exposição individual no Rio de Janeiro. Além de elogiá-lo como um pintor de extraordinário talento, como também do próprio ser humano Malhoa "homem de admiravel educação e de fino espirito"[80], a notícia destacou os primeiros trabalhos do artista que foram enviados de Lisboa, em 1895, para serem exibidos na exposição da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro.[81] Por fim, a matéria encerrou com afirmação de que os brasileiros devem festejar com entusiasmo a recepção desse artista que é considerado um servidor da verdadeira Arte.

No dia 11 de junho de 1906, o periódico *Gazeta de Notícias* publicou uma matéria sobre a chegada do pintor José Malhoa para a exposição de suas obras[82] no Gabinete Português de Leitura, tendo observado a chegada do pintor e a sua reação com o público e com o país[83], que procedeu de forma simpática como mencionou a notícia[84], além da recepção por parte da comunidade artística

---

80 Nota. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Junho de 1906, ed. 6, p.5.

81 A saber: "(…) Eram duas telas deliciosas. Uma d´ellas, *Caça aos taralhões*, era uma linda paizagem, no meio da qual, entre arvores raras e esguias, havia uma criança ajoelhada sobre a relva: uma figura admiravel de graça, de expressão, de ingenuidade. Na outra, *Ouriços*, havia tambem uma criança, um pequenino, louro e corado, camisinha desabotoada, pés nús, face muito séria, olhando com medo os fructos espinhosos: em torno d´esse pequenino, alongava-se a estrada, amarella e triste…" Nota. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Junho de 1906, ed. 6, p.5.

82 "(…) A exposição consta de mais de cem quadros, entre os quaes ha o admiravel *Soalheiro*, o *Velho Riando*, o *Sr. Regedor*, *Provocando*, *Cocegas*, e principalmente essa evocação deliciosa que é a *Procissão*." José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.

83 "(…) Ao saber que nós somos jornalistas, que somos da *Gazeta*, trava-nos do braço, diz-nos n´um rapido momento quanta honra aquela recepção, quanto o comoveu a leitura dos jornaes. - E depois, eu gosto dos brasileiros, e devo gostar deste paiz de sol. Como lhe poderei contar a minha emoção de artista diante da encommensuravel belleza deste maravilhoso scenario que é a entreada da barra? Oh! a natureza…" José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.

84 "(…) José Malhôa é, na verdade, de uma irradiante força sympathica. Toda a alma portugueza simples, boa, camarada, generosa, parece se ter condensado na lhaneza daquelle trato, naquella face varonil, naquelle franco sorriso de artista. Ao apertar-lhe a mão vai-se, como por encanto, a frieza habitual dos primeiros contactos, e, quando se torna a apertar, é desejando-lhe o maior bem, as maiores felicidades. - Dá vontade de pregar-lhe um abraço e tratal-o por tu! Diz-nos um enthusiasta. Malhôa está de uma alegria de criança. Os seus vigorosos musculos de cincoenta verões têm elasticidades de adolescencia, e elle ri, elle conversa, elle tem a cada instante uma phrase amavel, tudo isso simplesmente, com uma amabilidade captivante que entra pela alma." José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.

brasileira, que contava com a presença da maioria dos artistas brasileiros.[85] Posteriormente, a notícia teceu elogios acerca do trabalho artístico de Malhoa, tendo enaltecido a qualidade artística como pintor e o seu reconhecimento internacional por suas obras[86].

No dia 4 de julho de 1906, *Gazeta de Notícias* publicou uma notícia acerca do *vernissage* da exposição de Malhoa, realizado no dia 03 de julho, no qual contou com a participação dos artistas brasileiros e demais visitantes, com destaque a um que não teve o seu nome revelado, mas que apenas foi informado que se tratava de um artista estrangeiro precedido de grande fama e que, inclusive, teve quadros expostos no Salão de Paris. Em seguida, a notícia alegou que Malhoa estava sorridente e feliz ao observar as fisionomias dos presentes, com o propósito de verificar a reação do público ao ver o seu trabalho, considerado uma "colleção de quadros em que palpita toda a vida portugueza, no que ella tem de mais caracteristico e mais espontaneo"[87], que, segundo a notícia, triunfou no Rio de Janeiro e triunfará em Portugal e na França. Por fim, a matéria mencionou o dia da abertura do certame para o público, 04 de julho de 1906, e destacou que o evento marcará a história artística do Brasil. No dia 08 de julho de 1906, a *Gazeta de Notícias* em uma nota divulgou que o governo brasileiro está disposto a adquirir um dos quadros da exposição de Malhoa[88].

Assim, constatou-se que após o encerramento da exposição houve a negociação por vários meses da obra *Cócegas* (fig.9), sendo considerada pelos críticos como uma "autêntica interpretação

---

[85] "(…) ao lado de José Malhôa, vimos Henrique e Rodolpho Bernardelli, Belmiro de Almeida, José Barbosa, Felinto de Almeida, Corrêa Lima, Modesto Brocos, Julião Machado, Vasco Abreu, toda a Academia de Bellas Artes, toda a imprensa carioca, que tinham chegado ao vapor na lancha do Gabinete Portuguez de Leitura com José Prestes, representante da A.C. Salvador de Mattosinhos e S. Cosme do Valle o Sr. Prista, da Beneficencia, e toda a directoria do Gabinete." José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.

[86] "(…) Malhôa, filho do povo, fez-se pelo proprio esforço, a golpes de talento, e nenhum outro sabe eternisar na téla a vida, o povo, os pequenos gestos do povo, a miseria das cidades, a fartura amiga das lavouras. Hoje, Malhôa não é apenas uma gloria portugueza, é um artista mundial, cubiçado em Londres, das sociedades artisticas de Madrid, expondo annualmente, com gahos e elogios de toda a imprensa, nos *saloas* de Paris querido até na Russia, onde já o chamaram o *flamengo do sul*. Como a sua alma, a sua pintura é simples, pintando a simplicidade rural da vida. Os seus quadros, as suas paizagens são resurgimentos, são fixações de aspectos da natureza e do homem." José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.

[87] Sobre a obra de José Malhoa, a notícia destacou alguns quadros que mais despertaram interesse aos jornalistas da *Gazeta de Notícias* presentes na cobertura do *vernissage*, a saber: "(…) *A Ti´Anna*, uma esplendida cabeça de velha, de uma anatomia e de um colorido inexcediveis; *A´ passagem do comboio*, uma téla em que tudo vibra e canta, as figuras, a luz, o colorido; *A apanha das castanhas*, outra téla palpitante de luz e vida; *Castanheiros doentes*, em que passa no ar uma infinita melancolia; *Cocegas*, uma larga téla, lançada ao mesmo tempo com arrojo e doçura e da qual reçuma uma ardente poesia. Na exposição figuram tambem duas grandes télas com os retratos de SS. MM. Fidelissimas, duas primorosas pinturas que vão figurar no edificio da Caixa de Soccorros D. Pedro V, que já os adquiriu." Exposição Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 de jul. 1906, ed. 185, p.1.

[88] Notas e Notícias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 de jul. 1906, ed. 189, p.5.

da atmosfera e da vida rural portuguesas", cujo quadro foi adquirido em maio de 1907, depois de ter sido aprovada a compra pelo governo brasileiro, com o apoio de Rodolpho Bernardelli[89]. A título de conhecimento, a obra *Cócegas* juntamente com demais obras de Malhoa adquiridas por "alguns cavalheiros que delas se tornaram proprietários"[90] foram cedidos por empréstimo para a 13ª Exposição Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro[91].

---

[89] Ainda mais, segundo afirmou Dr. Arthur Valle: "(…) Esta que era a mais monumental obra de Malhoa que a ENBA possuía foi adquirida no rescaldo da grande exposição individual de Malhoa realizada em meados de 1906 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Tal mostra, que contava com mais de 100 obras, foi certamente um dos mais importantes eventos artísticos realizados no Rio em 1906 e mereceu ampla cobertura na imprensa carioca." VALLE, Arthur. *Os "Malhoas" da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro*. 2016, p.5.

[90] VALLE, Arthur e CRUZ, Andrea Garcia Dias da. "A EXPOSIÇÃO. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 set. 1906, p. 5." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=A_EXPOSIÇÃO._Correio_da_Manha%2C_Rio_de_Janeiro%2C_2_st._1906%2C_p._5. Acesso em 20 de jun. 2018.

[91] Referente a esse assunto, há duas notas de imprensa sobre as obras de Malhoa terem sido expostas também na 13ª Exposição Geral de Belas Artes na Escola Nacional de Belas-Arte do Rio de Janeiro pertinente ao Salão de 1906, a saber: "Da exposição que, com êxito completo, realizou José Malhôa ultimamente no Gabinete Português de Leitura, passaram para o Salão atual seis telas suas. *Cebolas* é um magistral quadro de natureza morta, eximiamente executado, que põe a grande distância os muitos quadros do gênero, que por aí aparecem crivados de abacates, melancias e hortaliças. *Compra do voto*, [...]. *não jantar*... [sic], *Sardinhas* e *Soalheiro* são quatro estudos de observação de aspectos e costumes portugueses, apanhados em flagrante por seu pincel seguro e firme, vivamente [...], em uma largueza de [...] empolgante. O seu quadro maior, *Cócegas*, hoje pertencente à pinacoteca nacional, é também um bom estudo calcado sobre costumes portugueses, mas perdeu muitíssimo agora, com o confronto que naturalmente ressalta, junto dos quadros do Salão." SERAPHIM, Mirian Nogueira; CRUZ, Andrea Garcia Dias da. "AMADOR, Bueno. BELAS ARTES. O SALÃO DE 1906. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 set. 1906, p.3." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=AMADOR%2C_Bueno._BELAS_ARTES._O_SALÃO_DE_1906._Jornal_do_Brasil%2C_Rio_de_Janeiro%2C_11_set._1906%2c_P.3. Acesso em 20 de jun. 2018.
"Na Exposição atual, o quadro que ocupa o lugar de honra e mais saliência tem, é essa esplêndida paisagem de Malhôa, denominada *As Cócegas*, que o Governo em boa hora adquiriu para a nossa pinacoteca.
De Malhôa ainda se podem ver na Exposição os quadros: *Soalheira*, *o 7º Não furtar ... as uvas do Sr. Reitor* e as *Cebolas*, a *Compra de votos* - que fizeram parte da sua recente exposição no Gabinete Português de Leitura, onde foram muito admirados." VALLE, Arthur e CRUZ, Andrea Garcia Dias da. "NOTAS DE ARTE. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1 set. 1906, p. 3." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=NOTAS_DE_ARTE._Jornal_do_Commercio%2C_Rio_de_Janeiro%2C_1_set._1906%2C_p._3. Acesso em 20 de jun. 2018.



Figura 9 - *Cócegas* de José Malhoa. Foto: Arthur Valle, 2016.

No periódico *A Notícia* foi publicado no dia 5 de julho de 1906 uma nota sobre a exposição de Malhoa, tendo informado também sobre o dia da inauguração e as obras expostas no Gabinete Português de Leitura, bem como citou a presença do Sr. presidente da República; membros da diretoria do Gabinete; Srs. Rodolpho e Henrique Bernardelli; Rodolpho Amoedo; Modesto Brocos; Dr. Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade do Rio de Janeiro; Sá Rodrigues Barbosa, na figura de ministro do Interior; grande número de senhoras e além de outras pessoas. Houve também uma orquestra que executou o hino nacional brasileiro.[92] Diante dessa receptividade por parte da sociedade carioca, o pesquisador Dr. Arthur Valle destacou que José Malhoa participou de inúmeros

[92] "Inaugurou-se hoje, ás 3 horas da tarde, com assistencia de diversas auctoridades e grande concorrencia, no edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, a exposição dos quadros do pintor portuguez José Malhôa. A exposição consta de 112 quadros, alguns de grande proporções como os retratos dos monarchas portuguezes e o que tem por titulo *Cocegas*. São alli numerosas as paizagens em que Malhôa é de um tão intenso colorido e vigor. A figura occupa tambem um grande trecho da exposição e Malhôa mostra-se nesse genero de pintura o mesmo seguro artista e o mesmo cuidadoso observador. O seu quadro *A Ti´Anna* é um primor de estudo e detalhe, bem como o *Cavalheiro de S. Thiago* que esteve no *Salon* de Paris de 1904. Attrahe logo a attenção do visitante a grande tela *Cócegas*, uma composição bucolica de um suave encanto. Mas a exposição é já por si todo um encanto e outros quadros logo reclamam a attenção do publico. *As pupillas do Sr. reitor*, *A passagem do comboio*, *A apanha das castanhas*, *A compra do voto*, *O viactico na aldeia* e muitos outros." Exposição Malhôa. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 5 de jul. 1906, ed. 153, pgs.1 e 2.

eventos que confirmaram a grande importância de sua exposição e de sua presença na intelectualidade carioca[93].

A *Revista da Semana* publicou algumas edições a respeito da exposição com fotografias de Malhoa e alguns quadros exibidos no certame. Convém destacar a edição 323 referente ao dia 22 de julho de 1906, na qual reproduziu duas fotografias, sendo a primeira tirada na entrada do local com o presidente da República do Brasil e algumas figuras, tendo no primeiro plano José Malhoa em destaque (fig.10) e a segunda foto faz referência ao banquete oferecido para o artista português pela diretoria do Gabinete Português de Leitura (fig.11).



O sr. presidente da Republica e outros personagens no Gabinete Portuguez de Leitura, no dia da inauguração da exposição Malhôa

Figura 10 - Inauguração da Exposição José Malhoa. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1906, ed.323, p. 3698.

[93] A saber: "(…) a grande exposição realizada no Gabinete Português de leitura em 1906, que contava com mais de cem obras. Aberta em 4 de julho, o evento foi amplamente resenhado na imprensa carioca. A inauguração contou com a presença do então Rodrigues Alves e seguiram-se banquetes no Hotel Paris e na Sociedade Portuguesa de Beneficência; passeios ao Sumaré, Tijuca, Paquetá, etc.; um festival no Teatro Apolo, em homenagem ao pintor lusitano, e outros tantos eventos, que, em conjunto, dão testemunho da importância de que se revestiu a presença concreta da figura de Malhoa no meio artístico do Rio de Janeiro da época." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II, p.51.



O banquete offerecido aos artistas. — Aspecto do salão

Figura 11 - Banquete da Exposição José Malhoa. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1906, ed.323, p. 3698.

Anos mais tarde, em 1922, a revista *O Malho* publicou uma reportagem a respeito dos artistas portugueses no Rio de Janeiro, que segundo a visão do crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos, José Malhoa foi considerado o artista português que mais causou impressão no Brasil, sendo mencionado que "quem olha um quadro de Malhoa, sente Portugal, terra de amor, sente a alma popular portugueza que canta perenne um hymno de glória!"[94] Além disso, a Revista dedicou uma página inteira sobre as obras e exposições realizadas pelo artista no Rio de Janeiro, sendo constatado o tamanho relevante da impressão que José Malhoa deixou na intelectualidade carioca, inclusive mencionado a dispensa da crítica que então era dirigida por Gonzaga Duque[95], bem como a nota acrescentou o elogio que Arthur Timotheo da Costa, renomado pintor brasileiro,

[94] Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.22.

[95] Considerado o mais importante crítico de artes plásticas do Brasil do século XIX, Luiz Gonzaga Duque nasceu em 1863 no Rio de Janeiro e faleceu em 1911, na mesma cidade. Foi crítico de arte, romancista, contista, jornalista, cronista e historiador, além de participar ativamente nos grandes períodicos de circulação da sociedade carioca. GONZAGA Duque. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa639/gonzaga-duque. Acesso em 8 de jul. 2018.
Nesse sentido, o periódico *O Malho* incluiu a visão da análise crítica de Gonzaga Duque sobre José Malhoa, a saber: "(…) A sua obra mereceu a mais larga divulgação; a crítica, que então era chefiada por Gonzaga Duque, dispensou ao grande mestre os mais enthusiasticos lodes, os mais expressivos adjectivos. Alma simples, traduz os motivos que os aldeões de sua terra offerecem, com um talento especial. Uma saloia, um labrego ou uma vindimadeira de vestes coloridas bastam para elle produzir uma obra prima." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.23.

fez ao artista português[96]. Ainda mais, a nota informou também duas telas de Malhoa que pertencem ao Gabinete Português de Leitura, *Terra à vista* -também chamada *Descobrimento do Brasil*- (fig. 12) e *O Sonho do Infante* (fig.13), com destaque da qualidade estética das obras[97].



Figura 12 - *Terra à vista* (*Descobrimento do Brasil*) de José Malhoa. Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de leitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/portalweb/Biblioteca/AcervoArt%C3%ADstico/Pinacoteca.aspx>.

[96] "(…) Arthur Timotheo da Costa, um dos mais vigorosos pintores contemporaneos de nossa terra, entre os novos, referindo-se a José Malhôa, teve uma phrase que vale pelo melhor juizo critico: "Nunca vi uma figura de Malhôa que não tivesse as extremidades resolvidas." Tal phrase equivale a dizer que o mestre portuguez é um impeccavel, um desenhador como só os grandes artistas podem sel-o." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.23.

[97] A saber: "(…) O retrato para o pintor não tem segredos; o assumpto historico, tratado por elle, é encantador; a severidade das idéas torna-se suave pela sua maneira de interpretar e pelo desenho impeccavel. No Rio de Janeiro estão as suas notaveis télas: "O Sonho do Infante" e "Terra á vista", pertencentes ao Gabinete Portuguez de Leitura. A composição do "Infante" empolga, o desenho é perfeito em tudo. Em tal trabalho o pintor emprestou um sentimento grandioso, cheio de evocações do passado. Em "Terra á vista", o artista patentea o seu valor e o seu saber; as figuras são pousadas com propriedade e ambientadas naquella revolta de vagalhões que ameaçam destruir a fragil caravella; quem já teve a occasião de observar com olhos de artista o alto mar com as suas montanhas movediças franjadas de espuma é que pode julgar a justeza do quadro do pintor luso. A attitude da figura, que attenta observa o horizonte, nervosa e impaciente, é tocada com justeza, os tons rigorosos de valor e de techinca assombrosa." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.21.



Figura 13 - *O Sonho do Infante* de José Malhoa. Fonte: Acervo do Real Gabinete Português de leitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/portalweb/Biblioteca/AcervoArt%C3%ADstico/Pinacoteca.aspx>.

Por último, a revista *O Malho* também anunciou a aquisição da obra *Cócegas*, que hoje encontra-se no acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, bem como informou também que a Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro possivelmente recebeu alguns

desenhos que foram doados por Malhoa, além da obra *Gozando os Rendimentos*, que foi adquirida em 1902 por essa instituição[98][99].

Ademais, a título de conhecimento, o pesquisador Dr. Arthur Valle salientou que, apesar da imprensa carioca ter atribuído numerosos elogios ao artista José Malhoa, sendo considerado o mais português dos artistas portugueses no entendimento de Adalberto Pinto de Mattos, e que esse também afirmou em uma nota publicada no *O Malho* que "[e]ntre os artistas portuguezes que têm vindo ao Brasil, José Malhôa foi o que mais impressão causou. Uma saudade immorredoura deixou em todos os que contemplaram a sua obra exposta no sumptuoso Gabinete Portuguez de Leitura"[100], há a publicação de duas notas que julgaram de forma contrária a exposição de obras do artista Malhoa no Rio de Janeiro, especificadamente em uma há avaliação acerca da obra *Cócegas*,

[98] "Na Escola Nacional de Bellas Artes, além do grande quadro "Cócegas", devem existir desenhos que, pelo artista, foram offerecidos; esses desenhos comprovam tudo o que dizemos, justificando plenamente a phrase feliz de Arthur Timotheo e representam dois soberbos nús, um labrego que dorme, tendo o rosto encoberto pelo chapelão, um tronco de mulher e uma expressiva cabeça de creança. Existe tambem um pequenino quadro de genero que é um assombro de psychologia e que tem o suggestivo titulo: "Gosando os rendimentos". Um alentado burguez de ventre roliço, recostado em um banco de jardim, gosando a brisa… E`este quadro de proporções reduzidas, talvez 40 centimetros por 60; mas as qualidades de observação que encerra o fazem grande e inesquecivel." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.21.

[99] Ainda mais, o pesquisador Dr. Arthur Valle salientou que a obra *Gozando os Rendimentos* foi adquirida pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro no ano de 1902, assim como outras pinturas de Malhoa: *A Sesta*, *A Corar a Roupa*, *Cócegas* e *Um compasso difícil*. Além disso, o pesquisador acrescentou que existem mais de 70 peças, a incluir pinturas, esculturas e desenhos, de artistas portugueses considerados modernos na época, dentro da virada do século XIX para XX, na Escola Nacional de Belas-Artes, antiga Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro, obteve durante esse período. VALLE, Arthur. *Os "Malhoas" da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro*. 2016, p.1.

[100] Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.23.

conforme foi destacado acima, sucintamente, na nota de rodapé do *Jornal do Brasil*, por Bueno Amador[101].

2.1.5. Exposição Nacional no Rio de Janeiro de 1908: Centenário da Abertura dos Portos Brasileiros ao Comércio Internacional

Sobre a Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908 realizada na Praia Vermelha, na região da Urca, o periódico *O Paiz* destacou o artista português Jorge Colaço, que foi delegado pelos seus colegas de Portugal a representar seu país, para organizar a Exposição de Belas Artes no grande certame Comemorativo do Centenário da Abertura dos Portos do Brasil a Navegação e ao Comércio das Nações, no Pavilhão Manoelino (figs.14 e 15).

---

[101] Nesse sentido: "Do *corpus* de resenhas sobre a exposição de obras de Malhoa no Rio, em 1906, duas nos chamam a atenção pelo seu caráter excêntrico. A primeira é assinada pela engajada escritora Carmen Dolores, pseudônimo de Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Julgamos seu texto *Impressão de luz*, publicado n´*O Paiz* [em 26 de julho de 1906], notável não só por ser uma das poucas críticas de artes visuais assinadas por uma mulher, às quais tivemos acesso até o momento, mas, sobretudo, pela maneira como a autora se vale da obra de Malhoa para afirmar uma imagem - algo contraditória - da condição feminina no começo do século passado. A nota abre com uma declaração da autonomia da autora: o seu périplo, de bonde elétrico, desacompanhada, do que seria hoje a zona sul do Rio até o seu "coração tumultuoso", "através da cidade formigante, à hora em que ela mais febrilmente argueja [sic] de civilização, rolando pelas ruas a sua onda de carros, automóveis, elétricos, tílburis, carroções, sobre um deslumbrante polvilhamento de ouro. Todavia, uma vez dentro do Gabinete Português de Leitura e diante dos quadros de Malhoa, Dolores parece sentir necessidade de fazer recordar a sua suposta delicadeza feminina: ofuscada pela "intensa luz, quente, dourada (…) dos belos quadros de José Malhoa", especialmente diante de *Cócegas*, e mais ainda, d´*A Procissão*, ela afirma: "resisti mal ao instintivo desejo de abrigar-me sob a minha sombrinha branca. Cheguei a ensaiar o gesto de abri-la…". A segunda nota que gostaria de citar é assinada por Bueno Amador e foi publicada no Jornal do Brasil, em 11 de setembro. Ela diz respeito ao contingente de seis obras de Malhoa que foram exibidas na Exposição Geral de 1906, certamente que abriu suas portas cerca de dois meses após o encerramento da individual no Gabinete Português. Cócegas voltava ali a figurar e o comentário de Amador a seu respeito destoa bastante dos repetitivos elogios que então eram usuais: (…) Assim, nas Cócegas, as figuras desenhadas e coloridas com maestria, não encontraram jogo semelhante nas outras telas, mas o cenário em que se desenrola o (…) campônio, não tem luz, falta-lhe ar; todo aquele extenso trigal monótono e esbranquiçado, sem os toques louros, quase uniforme no tom, dá a impressão natural de uma vasta região maneira de caulim. As medas, os peixes [sic] não brilham ao sol, há em todo o horizonte um tom de frio, quase polar. E isto ressalta ainda mais, depois de ser vista a tela de Rigolot, também exposta no Salão, onde os moios de trigo brilham, tem a vida característica, com as violências do sol entre nuvens; a técnica de Malhôa é diferente da de Rigolot, mas não é tão verdadeira nem tão expressiva na paisagem das Cócegas." (…) Amador se afasta decididamente da percepção da suposta "verdade" da pintura de Malhoa, que era recorrente na crítica carioca da época. Simultaneamente, ao apontar a monotonia, o esbranquiçado e a uniformidade de tom em Cócegas, nos parece que filia a tela, ainda que inadvertidamente, a uma concepção de pintura decorativa que tinha ampla difusão no meio artístico carioca no início da República, e cujas origens remontam a obra de artistas franceses como puvis de Chavannes." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, pgs.52 a 54.



Figura 14 - Pavilhão Português de 1908. Fonte: Album Commemorativo da Exposição Nacional de 1908.



Figura 15 - Pavilhão Português de 1908. Fonte: Album Commemorativo da Exposição Nacional de 1908.

Segundo a notícia, Jorge Colaço enviou ao Brasil um exemplar do álbum organizado por ele e por António Palhares e Ruiz Torralba, no qual ressalta a coleção de trabalhos sobre Ciência e Arte de autoria do Rei D. Carlos de Bragança, em memória do seu falecimento, além de ter homenageado o rei pelo seu valor artístico.[102] Nessa mesma nota de imprensa, destacou-se a importância artística do Rei D. Carlos I como pintor, sem levar nenhum tipo de questionamento político quanto ao seu papel de rei.[103] Ainda mais, ressaltou o jornal que os primeiros quadros assinados por D. Carlos I[104] foram elogiados por pintores de reputação, como José Malhoa ao mencionar na ocasião de sua exposição particular de 1906, no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, que D. Carlos era frequentador assíduo dos ateliês de Lisboa e que se o rei de Portugal não fosse rei, seria um dos maiores pintores de sua geração.[105]

Também há a menção do escritor português que exaltou os trabalhos artísticos do rei D. Carlos I, o sr. Ramalho Ortigão, que teceu comentários sobre a temática de suas obras pautadas

---

[102] "(…) Nenhuma homenagem poderia ser mais grata á memorial do infeliz monarcha, tão tragicamente assassinado nas ruas de Lisboa, do que a que levaram a efeito estes três artistas, vulgarizando pela photogravura, em uma cuidadosa reproducção graphica, feita com esmero e perfeição, os variadissimos trabalhos desse forte pintor, que pelo facto de ter sido rei não pôde ser excluido da brilhante pleiade de artistas de alto valor da actual geração portugueza." Nota de elogio artístico do pintor Rei D. Carlos I. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de ago. 1908, ed. 8729, p.2.

[103] Segundo uma análise concisa sobre suas telas, o periódico informou que há "(…) vida e alma, transportando para ellas os flagrantes da vida rural portugueza, na alegria sadia e empolgante do seu bucolismo caracteristico, no pitoresco dos costumes tradicionaes dos campos alentejanos, no suggestivo mysticismo das plagas portuguezas, na belleza sem igual desse mar que foi theatro da epopéa lusitana do século XVI e para o qual o sentimento artístico de D. Carlos era irresistivelmente attraido, sendo o assumpto predilecto dos seus mais espontaneos trabalhos e o campo escolhido para as suas explorações científicas, de que resultaram os valiosos estudos oceanographicos, com que elle enriqueceu a ichthyologia, organizando a mais completa collecção da fauna maritima portugueza." Nota de elogio artístico do pintor Rei D. Carlos I. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de ago. 1908, ed. 8729, p.2.

[104] "Quando começaram a apparecer os primeiros quadros assignados pelo rei D. Carlos, não faltou quem os attribuisse a pintores de reputação feita, que a título de corrigir os trabalhos de sua magestade lhes davam o cunho vigoroso que tanto impressiona e que revela não só um excepcional temperamento artistico, como uma technica admiravel, um colorido especial e bem *visto* por olhos que sabem *ver* transportando para tela, com uma precisão que só os grandes pinceis conseguem, o que a natureza expunha aos olhos do pintor." *O Paiz*, Ibidem.

[105] Mais ainda, "(…) Ninguem mais tem o direito de duvidar da autoria dos quadros de sua magestade, dizia-nos Malhôa, depois que elle apresentou trabalhos superiores aos dos pintores a quem eram attribuidos. D. Carlos não só era fortíssimo em desenho, como todos os seus trabalhos têm um cunho pessoal, proprio, muito caracteristico, muito portuguez. (…) D. Carlos, como artista que era, foi um grande amigo e protector de todos os artistas de merito, com os quaes convivia na mais agradavel camaradagem, e d´ahi as sinceras dedicações que deixou entre os cultores de bellas-artes, do velho Portugal." *O Paiz*, Ibidem.

sobretudo nos aspectos da vida rural portuguesa, longínquo do cenário palaciano da época.[106] E, ainda mais, na mesma edição do jornal *O Paiz*, foi informado que o rei D. Carlos I possui em suas obras um acentuado traço nacional, como pode-se perceber nas fotogravuras do álbum de Jorge Colaço sobre a exposição. De forma pontual, o jornal elogiou o colorido dos seus quadros, o belo efeito de luz, as perspectivas bem colocadas, assim como a representação das figuras camponesas com suas vestimentas tradicionais. Ademais, a mesma notícia fez positivamente uma análise crítica sobre a qualidade artística de D. Carlos I, da mesma forma que fez com José Malhoa, ao ter ressaltado que, se por ventura, ele não tivesse nascido em berço real poderia ser um artista a ganhar a vida com a sua palheta e pincéis. Por conta do regicídio em 01 de fevereiro de 1908, é notório observar que, perto da abertura dessa exposição, D. Carlos I foi destacado pela imprensa carioca como forma de homenagear a sua importância artística.

Visto isso, em 16 de outubro de 1908, novamente o jornal *O Paiz* publicou uma nota referente à permanência de Jorge Colaço no Brasil, para cumprir com os deveres de representação dos artistas portugueses nessa exposição, enquanto a sua esposa Branca Colaço regressava a Lisboa, muito bem elogiada na exposição pelo jornal.[107] Além de ter elogiado Branca Colaço, *O Paiz* também enalteceu o trabalho de azulejaria de Jorge Colaço[108], sendo também mencionado que o Dr. João do Rego solicitou uma encomenda ao artista português de um painel decorativo para jardins, para ornamentar o seu palacete localizado na Rua São Clemente, Botafogo, Rio de Janeiro. A notícia também informou que os azulejos foram adquiridos na fábrica de cerâmica do Sr. Ludolff, na Companhia de Grés e Faiança Nacional de 1907, e que depois veio a ser chamada de Companhia Cerâmica Brasileira em 1910, cujos produtos tem sido admirados nessa exposição. Nessa mesma nota de jornal, há um tom de pesar sobre o fato da cidade do Rio de Janeiro não ter aproveitado a

---

[106] De cenas campestres alentejanas, "(…) nos casaes, nos montes, nas vastas cearas, charnecas perfumadas a estena, a rosmaninho, a urze, na longa e ondeada estrada carreteira, amarelenta, empoeirada, pespontada de piteiras, trilhada pelo carro alpendrado, de duas rodas, engatado a mulas nedias, de arreio árabe, ligeiras e ariscas, em direcção ao povoado longinquo, de que sobresae no céo, scintilando ao sol, o campanario azulejado da igreja matriz." Trecho de Ramalho Ortigão em *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de ago. 1908, ed. 8729, p.2.

[107] A saber: "(…) Ao regressar á sua pátria, deixando aqui tão considerável numero de admiradores do seu bello talento e do encanto de sua attrahente convivencia, Branca Colaço póde justamente ufanar-se de ter sido o *clou* dos salões da sociedade brazileira na estação que está a findar, a grande attracção, o maior sucesso social do ano de 1908". Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de out. 1908, ed. 8779, p.10.

[108] "(...) restaurador dos tradicionaes azulejos portuguezes, de cuja belleza e maravilhoso effeito decorativo, os *panneaux*, que estão no annexo da exposição de arte portugueza." Informa também que não se sabe se algum desses painéis foi adquirido ou se Colaço teve que levá-los para Lisboa. *O Paiz*, Ibidem.

oportunidade de adquirir trabalhos de Jorge Colaço, haja vista o momento propício que a cidade vivia, época de reconstrução arquitectónica planeada pelo então prefeito Francisco Pereira Passos.

Por fim, a Revista *O Malho* divulgou também uma nota sobre os artistas portugueses que participaram dessa exposição, tendo destacado a qualidade das obras artísticas que Portugal ofereceu para esse certame.[109] Há também uma outra matéria nessa mesma revista que considerou elevada a qualidade artística da coleção de obras de José Malhoa, tendo relatado com minúcias algumas obras do artista português presentes na exposição[110].

Convém destacar que, conforme foi publicado na revista *O Malho*, apenas o artista português Christiano Livol não consta no Catálogo Oficial da Secção Portuguesa de 1908. Por outro lado, vale averiguar que existiram artistas portugueses que participaram da exposição, mas não foram mencionados na nota em questão, o que não significa ter sido considerados de menor importância, uma vez que alguns deles realizaram posteriormente exposições individuais, como António Carneiro, esse mais de uma vez, Alfredo Roque Gameiro e José Julio Souza Pinto. Por último, na *Secção de Artes Applicada* do catálogo oficial de 1908 somente foi mencionado o artista

---

[109] "(…) Está na memoria de todos nós o que foi a contribuição do glorioso Portugal ha 16 annos quando se realisou a exposição na Praia Vermelha: alli se achavam télas primorosas firmadas pelos reis D. Carlos I e D. Amelia, naquella época, Carlos Reis, Columbano, Malhôa, Velloso Salgado, João Vaz, José Brito, José Nunes Ribeiro Junior, David Estrella de Mello, José de Almeida e Silva, Domingos Costa, Condessa do Alto Mearim, Moura Girão, Teixeira Bastos, Christiano Livol, Thomaz de Mello, Margarida Costa Romão e Julio Costa. Na escultura viam-se obras de Teixeira Lopes, Costa Motta, Thomaz Costa, Duqueza de Palmella, Costa Motta Sobrinho, João da Silva e Julio Vaz Junior." Bellas Artes - Julio Dantas e os Artistas Brasileiros. *O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de jul. 1923, ed. 1086, p.53.

[110] "(…) Na Exposição de 1908, José Malhôa apresentou um conjuncto magistral, onde se destacava a téla "Ilha dos Amores", magnifica, com os seus nús interpretados com sabia technica. "Ilha dos Amores" era, realmente, um quadro digno da fonte inspiradora do pintor; era forte, cheio de particularidades, que, á primeira vista, tinham o poder de empolgar e salientar o valor do seu glorioso autor. Outros quadros expôz o notavel artista no Rio, entre elles o "Pensando no caso", um typo curioso, pincelado largamente; "Vinho verde", de composição realista, impregnado daquelle sabor que o artista tanto conhece; "Azeite novo", cheio de expressão, curioso de ambiente e figuras plasmadas com riqueza de propriedade, principalmente a que, por detraz do que derrama o azeite, observa meio inclinada, em atitude de admiração, tendo a bocca entreaberta, e olha o azeite transparente que corre… "O Zé Pereira", alegre, movimentado, atroador e rico de cambiantes e tons como um crepusculo em tardes de verão; as "Pupillas do Sr. Reitor" e "Clara", deliciosos de côr, correctos de desenho, de expressão e sentimento. As figuras de Malhôa são nitentes, definidas. O artista é senhor da propriedade de fixar o typo observado com uma segurança pouco commum, tornando-as palpitantes de vida; isso podemos verificar em "Clara", que encarna uma segurança de technica palpitante e emotiva." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.23.

Jorge Colaço na nota de imprensa supracitada[111]. Além do mais, o catálogo oficial de 1908 publicou duas fotografias dos quadros do Rei D. Carlos I e da D. Maria Amelia que retratam cenas campestres de Portugal (fig.16 e 17).

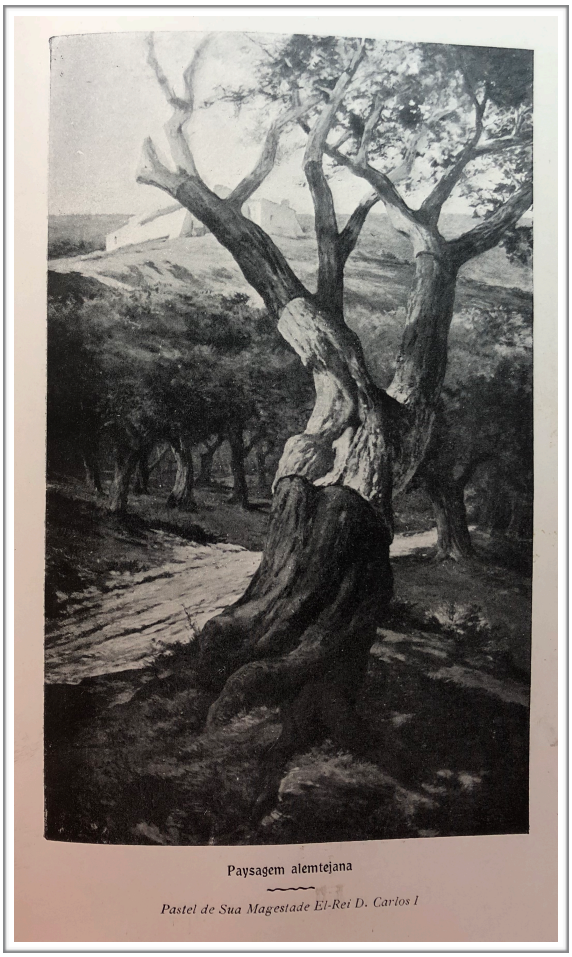


Figura 16 - *Paysagem Alemtejana* de D. Carlos I. Fonte: Catálogo Oficial da Secção Portuguesa de 1908.

[111] "*Bellas-Artes (Secção IV) 1- Pintura a oleo:* Abel Cardoso, Joaquim Luiz Cardozo, António Carneiro, Augusto Paschoal Correia Brandão, D. Maria da Piedade de Azevedo Corte Real, António José da Costa, Constantino Fernandes, D. Alice Grillo de Lima, Eduardo Moura, D. Bemvinda Madeira Pinto, Julio Ramos, D. Maria Aida Gomes Roberto, António Manuel da Saude, Alfredo José Torquato Pinheiro e Viscondessa de Sistello. *2- Esculptura:* José Fernandes Caldas e José Simões d´Almeida Junior. *4- Desenho:* Alfredo Taveira. *5- Aguarella:* José Brito, Alfredo Roque Gameiro, Alfredo Guedes e Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur. *Artes Applicada (Secção V):* João Arthur Almier, Joaquim Alves da Silveira, D. Francisca Amelia Ferreira de Andrade, Associação de Caridade de Senhoras de Lisboa, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Leopoldo Battistini, D. Cardina Calheiros, Joaquim Luiz Cardoso, D. Hermengarda Gilman de Carvalho, João Ribeiro Cristino da Silva, Irmãs Joanna e Estephania Coffino, Jorge Colaço, Adelaide Maria da Conceição Silva, Commissão Organisadora da Secção Portugueza de Lisboa, D. Luiza Alexandra Cordeiro Bastos, Eduardo Costa, Giovani Battista Cristofaretti, Fabrica Ceramica do Carvalhinho, Fabrica de Louça da Torrinha - viuva de Soares Rego, Successor -, Domingos de Faria Soares, Freitas & Candido, Carlos Gomes Fernandes, Carlos da Silva Mello Guimarães, D. Anna Maria (Jenny Stark), José Bastos & Cª, Leitão & Irmão, José Emydgio Maior, D. Aida da Trindade de Campos Marques, Manoel Martins Marques Successores, Ministro das Obras Publicas, João Joaquim Monteiro, Muzeu Industrial e Commercial do Porto, Guilheme José do Patrocinio e A Renascença." Catálogo Oficial da Secção Portugueza de 1908.



Figura 17 - *Um carro de bois* de D. Maria Amélia. Fonte: Catálogo Oficial da Secção Portuguesa de 1908.

2.1.6. Exposição Mattoso da Fonseca de 1912 na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro

Com pouca divulgação na imprensa carioca, a exposição do artista lusitano Mattoso da Fonseca[112] foi realizada na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro entre os dias 24 de

[112] Segundo o crítico de arte Adalberto Pinto de Mattos: "(…) Mattoso da Fonseca, discipulo querido de Malhôa, nos deu uma aristocratica mostra de "Pasteis", delicados e reveladores do seu sentimento." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24.
A título de conhecimento, cabe ressaltar que a pesquisadora Dra. Vera Mariz mencionou em seu artigo sobre José dos Santos Libório, que na Exposição de Arte Retrospectiva de 1913 realizada no salão nobre do Hotel dos Estrangeiros, inaugurada em 4 de março, organizada por esse importante agente do mercado de arte português, contou com a presença de pinturas do artista Mattoso da Fonseca e outros artistas portugueses, a saber: "(…) Não obstante o predomínio da arte antiga num certame ainda assim eclético, atente-se à presença de dezoito pinturas a pastel ou óleo de Mattoso da Fonseca (1871-1954), dito "discipulo de Malhoa e considerado o primeiro pintor portuguez em pitura a pastel" (Exposição de Arte Retrospectiva, 1913: 14). De Ernesto Ferreira Condeixa (1858-1933), aqui apresentado como "pintor portuguez representado em differentes museus e premiado em varias exposições" (Exposição de Arte Retrospectiva 1913: 14), expunha-se um quadro a óleo intitulado *Lavadeiras de Caneças* (nº 183), podendo ainda mencionar a *Azinhaga da Fonte* (nº 184), de José Ribeiro Júnior. A produção artística portuguesa da época estava ainda dignamente representada por obras de Costa Motta (Sobrinho) (1877-1965). Além de um busto em terracota do ator Taborda (nº 52) e de uma *Fonte para jardim* (nº 182) patentes no catálogo ilustrado, foram exibidos oito modelos deste artista para a Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (números 213 a 220), empreendimento no qual desempenhava a função de diretor artístico. Simultaneamete, o filho do célebre primeiro diretor artístico daquela fábrica, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro (1867-1920), encontrava-se representado pela monumental Jarra Brasil (lote 212), obra levada para o Rio de Janeiro pelo negociante Silva Macieira com intuito de figurar como ponto alto da exposição de cerâmica bordaliana ali realizada no ano de 1912." MARIZ, Vera. *José dos Santos Libório (1850-1923), um notável elo de ligação entre os mercados de arte português e brasileiro*. MODOS Revista de história da arte – volume 2| número 2| maio - agosto de 2018| ISSN: 2526 -2963, pgs. 281-282.

junho a 24 de julho de 1912. Nesse sentido, o *Correio da Manhã* publicou uma pequena nota sobre a abertura da exposição[113], como também o periódico *O Gato*[114], que abordou sobre o estilo da coleção das obras expostas pelo artista lusitano. Posteriormente, a *Gazeta de Notícias* divulgou uma nota a respeito do público e informou algumas obras que foram vendidas.[115]

Por fim, há uma nota na *Gazeta de Notícias* sobre o encerramento da exposição do artista Mattoso da Fonseca, na qual teceu elogios sobre o artista e suas obras, com a menção da venda de mais dois quadros, *Triste* e *Estudo*, e no final a nota mencionou a ida de Mattoso da Fonseca para São Paulo, com o propósito de realizar uma possível exposição dos trabalhos que restaram nessa exposição[116].

2.1.7. Exposição José Julio de Souza Pinto de 1912 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

---

113 "Na Escola Nacional de Belas Artes realiza amanhã uma grande exposição de quadros do pintor Mattoso da Fonseca. Essa exposição ficará situada no grande salão do primeiro pavimento, á esquerda. Para inauguração recebemos amavel convite." Exposição Mattoso da Fonseca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de jun. 1912, ed. 3992, p.4.

114 "Inaugurou-se, no dia 24 do corrente, no 1º pavimento, á esquerda, da Escola de Bellas Artes a exposição de quadros a pastel do pintor portuguez Mattoso da Fonseca. E´ uma explendida colleção de cabeças temeninas muito bem trabalhadas em que, alem da correcção do desenho, o artista soube accentuar o vigor e a expressão que, por assim dizer, são a alma das obras de arte desse genero. Muito leves, *exquises*, originaes, revelam, em summa, a mão adestrada do executor. Cumprimentamos cordialmente Mattoso da Fonseca pelo successo que acaba de registrar com a exhibição de seus magnificos trabalhos." Exposição Mattoso da Fonseca. *O Gato*, Rio de Janeiro, 29 de jun. 1912, ed. 40, p.13.

115 A saber: "Segundo dia da exposição do artista luso Mattoso da Fonseca, esse distincto pintor que ahi está, expondo algumas boas duzias de magnificos pasteis, foi hontem muito concorrida, especialmente por senhoras. Já foram adquiridos mais de dez trabalhos, nomeadamente pelos Srs. João de Souza Lage - A vendeira, Talvez te escreva e Mocidade; José C. Velloso - Peixe fresco! E Adeusinho; Camelo Lampreia - Camponeza; Alipio Dias Costa - Maria; Julião Machado - Visão; Armando Herz - Estudo; e Ribeiro de Carvalho - Trincana." Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1912, ed. 178, p.3.

116 "Depois de quasi uma magnifica quinzena de pleno successo, vai o distincto pastellista portuguez Mattoso da Fonseca, encerrar a sua interessante exposição. Já aqui, mais de uma vez, tivemos opportunidade de falar dos meritos desse delicado artista. Mattoso da Fonseca faz o pastel, como um mestre. Nos seus esplendidos trabalhos ha desenho, ha côr, ha sentimento, qualidades essas que representam o segredo do absoluto exuto de sua exposição entre nós. E que não foi só de mera admiração esse successo, está ahi o facto de ter o distincto pastellista vendido quasi todos os seus desenhos, sobretudo, os feitos a pastel. Além dos quadros que já demos como vendidos, foram adquiridos mais dous: "Triste" pelo coronel Rosemburg, e "Estudo", pelo Sr. João Luso. Depois desse brilhante exito, Mattoso da Fonseca encerra a sua exposição, afim de partir para S. Paulo, onde, talvez, realise uma exposição dos seus trabalhos restantes. Para effectuar essa partida o distincto pastellista espera apenas terminar alguns retratos a pastel, que está fazendo. O encerramento da exposição está marcado para amanhã, devendo, pois, os amadores da boa arte aproveitar estas ultimas horas, que ainda restam, de agradavel convivio com um artista tão distincto, como intelligente e delicado." Gazeta das Artes. Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*, 24 de jul. 1912, ed. 206, p.3.

Antes de mais nada, os periódicos *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio* e *O Malho* publicaram notas a respeito do artista Souza Pinto, tendo sido comparado inclusive com outros artistas portugueses que realizaram exposições no Gabinete Português de Leitura, como Teixeira Lopes e José Malhoa[117]. Além disso, o jornal *O Paiz*, como meio de informar aos seus leitores para que de antemão possam apreciar com uma certa dose de senso crítico as obras da exposição,

---

[117] No que concerne sobre visão da exposição do artista Souza Pinto e ao compará-la com exposições já realizadas, como a de Teixeira Lopes e José Malhoa no Gabinete Português de Leitura, a imprensa carioca publicou três notas, sendo a última oposta em relação as duas primeiras, a saber: "(…) Ante-hontem admirando a maravilha da exposição de Souza Pinto, fiquei-me eu a pensar que deve ser immenso o prazer e o orgulho de um Artista que tem o seu nome e a sua gloria, encontrar, quando exibe obras d´ Arte da plena maturidade do seu talento, um quadrinho dos seus primeiros dias de trabalho dos seus primeiros vôos, dignos de figurar ao lado das obras primas que estão a encher e a enriquecer por uma temporada, as paredes do Gabinete Portuguez de Leitura. Baptista Coelho." Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 259, p.8. É oportuno mencionar que esse quadrinho é a obra *Signé* de Souza Pinto, conforme aludiu inicialmente a nota.
Já a escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida publicou a sua avaliação sobre o certame de Souza Pinto no *Jornal do Commercio*, a saber: "(…) Quando José Malhôa fez, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, a sua bella exposição de pintura, escrevi eu dizendo que Portugal viera com elle ao Brasil, tão cheias de assumptos patrios eram as suas télas, vibrantes de cores e cheias de sol. Sol nas devezas e campinas pintalgadas de flores silvestres; sol nos labios grossos e vermelhos das cachopas de olhos castanhos e faces amorenadas; sol no gesto largo dos moços aldeãos, de chapéo para a nuca e ar atrevido; sol, doce luz de inverno, na expressão carinhosamente protectora de algumas velhinhas agazalhando crianças friorentas. A mesma doçura amoravel, em que a bondade generosa da raça transparecia, com uma evidencia que só os cegos não poderiam ver, se irradiava da pedra branca em que esse maravilhoso artista da esculptura, que é Teixeira Lopes, esculpio os seus velhinhos, carregados de engelhas e de saudades, as suas moças, cheias de harmonia e pensamento e as crianças de carne tenra e candida expressão. Foram essas obras tambem expostas do salão do Gabinete Portuguez de Leitura, onde Souza Pinto tem agora os seus quadros. Este pintor, embora grande parte das suas télas reproduzam scenas da Bretanha, em que elle tem o seu castello para os repousos do estio, confirma, pelo poder da sua arte maravilhosa e suggestiva, o genio bondoso da sua raça. Se a sua technica e a sobriedade da sua factura são francezas, vibra nelle a alma portugueza, na interpretação meiga dos seus typos e dos seus assumptos, e ainda nessa cousa indefinivel que se dilue nas tintas com que é feito um quadro, como naquella com que são escriptos versos ou musica, especie de atmosphera ambiente, que se sente e não se vê. Deve ser esse um dos motivos de exito de Souza Pinto em Pariz, onde os seus quadros são altamente cotados. Sendo elle um pintor de escola franceza, tranquillo e sobrio, tem a immaterializar as suas pinceladas, que não vacillam nunca, o mysterio da sua raça, esse maguado sentimento que *nasce não sei onde e dóe não sei porque*, a que modernamente parece chamarem em Portugal: - *Saudosismo*. (…) Lavandeiras, pescadores, camponezes, garotos risonhos ou chorosos, zagalas de carne rosea, velhos de boca murcha, toda essa população reproduzida pela tinta do mestre, para triumpho e gloria da arte, me surge na memoria com tamanho destaque, tanta precizão e verdade, num recorte tão vivo, que se me torna impossivel asseverar qualquer preferencia. Ha pequenas paizagens, em que a tragedia das tempestades parece fazer-nos sentir a propria ventania que lhes sacode as frondes das arvores e leva de roldão novellos grossos de nuvens negras lá para longe, onde o céo tem ainda um pedação de azul transpassado do sol que loureja num cantinho da terra." Bemdito Paiz. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 de out. 1912, ed. 282, p.3.
Por outro lado, *O Malho*, através do olhar crítico de Adalberto Pinto de Mattos, avalia negativamente a exposição do artista Souza Pinto ao ter comparado com a exposição de José Malhoa: "Outro pintor que aqui esteve foi *Souza Pinto*, um temperamento bem diverso do de Malhôa, como homem e como artista. A sua exposição, também no Gabinete Portuguez de Leitura, foi um acontecimento que marcou uma época; mas… sejamos francos, não teve a mesma repercussão. O feitio e a obra de Malhôa são mais compativeis com a alma portugueza. Os quadros de Souza Pinto, - magnificas expressões estheticas - podem ser firmados por qualquer artista parisiense, mas não têm a individualidade, o caracteristico das cousas de Portugal. E´ "arte estrangeira", ao alcance de qualquer pintor de valor, filiado á escola franceza, o que não se dá com Malhôa; para pintar como elle pinta; além de ser artista de verdade, é preciso ter alma portugueza, predicado que Souza Pinto não possue." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1912, ed. 1044, p.24.

publicou uma nota sobre o pintor português Souza Pinto, tendo sido relembrada também a participação do artista na Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro.[118] Ademais, antes da inauguração da exposição, o periódico *Gazeta de Notícias* em uma nota divulgou também que o Rio de Janeiro receberá obras surpreendentes de Souza Pinto[119].

Desta feita, é oportuno informar que no dia 13 de setembro de 1912 foi realizado o *vernissage*[120] da exposição de Souza Pinto no Gabinete Português de Leitura, tendo contado com a presença do célebre quadro *Le rendez-vous* (*O encontro*) de 1893[121] (fig.18), vencedor de Medalha de Prata na Exposição de 1895 realizada no Rio de Janeiro, e que hoje encontra-se no acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

---

[118] "Reina grande satisfação em todo o nosso mundo artistico pela estadia entre nós do notavel pintor portuguez Souza Pinto. Artista excepcional merecimento, laureado em varios certames a que ha concorrido com as producções do seu pincel magico, é incontestavelmente Souza Pinto uma das maiores glorias da arte contemporanea. Ninguem lhe excede presentemente na reproducção exacta dos costumes e das paizagens portuguezas, desses costumes simples e bons e dessas paizagens suaves e bellissimas do glorioso Portugal. Por outro lado, tendo vivido na Bretanha, com um temperamento fortemente impressionista, Souza Pinto tem fixado na tela, com uma verdade precisa, as coisas daquella terra da França, tão curiosa e tão bizarra. Os trabalhos de Souza Pinto muito merecem a quem conhece e estima a arte: têm figurado em concursos e exposições e, mesmo entre, nós, em 1908, davam elles ao pavilhão Manuelino, de representação portugueza annexa á nossa ultima exposição nacional, uma nota de verdadeiro fulgor artistico, significando o valor extraordinario da moderna pintura de Portugal. Quadros de Souza Pinto são disputados pelos amadores e pelos profissionaes, que bem conhecem os segredos e os encantos da arte. No *Salon* figuram, por vezes, sempre apreciados e sempre fazendo jús ás melhores recompensas. Muitos delles estão em museus da Europa e a nossa pinacotheca os possue tambem. Em toda a parte a disputa ás obras primas é grande. Souza Pinto visita-nos agora e traz comsigo mais de cento e cincoenta esplendidas telas, que vai expôr ao nosso meio. Esse vai apreciar a alma da Bretanha e a alma de Portugal através do temperamento do extraordinario artista portuguez vai sentir pelas, suas telas, a exacta impressão do real que as moveu. Com o justo renome que goza no mundo das artes e já conhecido do nosso publico, que rende sinceras homenagens ao seu merito, auguramos um optimo exito á exposição Souza Pinto, que deverá ser um dos mais assignalados successos, fazendo época nos fastos artisticos desta capital." Viajantes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de jul. 1912, ed. 10152, p.3.

[119] "(…) E então o Rio vai ver cousas simplesmente surprehendentes, que são os quadros do grande pintor luso." Exposição Souza Pinto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de ago. 1912, ed. 229, p.5.

[120] Sobre o dia do *vernissage*, há as seguintes notas, quais sejam: "O grande pintor portuguez que veiu ao Brazil fazer uma primeira exposição dos quadros devidos ao seu extraordinario pincel, que o tem collocado na mesma plana de artistas consagrados no velho mundo, abre hoje, ás 2 horas, a sua sala para o "vernissage" entre amigos e entre os seus confrades. Sabbado, ás mesmas horas, a exposição será inaugurada com a presença do Sr. presidente da Republica, ministro da justiça, prefeito do Districto Federal e outras autoridades. A exposição será instaladda em uma das salas do Gabinete Portuguez de Leitura." Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1922, ed. 10204, p.2.

[121] "Realiza-se hoje, á tarde, a "vernissage" da exposição da obra do grande pintor Souza Pinto. No vasto salão do Gabinete Portuguez de Leitura, onde o illustre pintor expõe os seus quadros, o mundo artistico terá "rendez-vous", afim de assistir essa cerimonia." Exposição Souza Pinto. *A Imprensa*, 13 de set. 1912, ed. 1716, p.2.



Figura 18 - *Le rendez-vous* de Souza Pinto. Fonte: https:<//pt.wikipedia.org/wiki/José_Júlio_de_Souza_Pinto#/media/File:José_Júlio_Sousa_Pinto_-_O_encontro.jpg> .

O jornal *A Imprensa* destacou que nesse dia houve a presença da intelectualidade artística carioca, com a participação dos professores da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro e seus respectivos alunos, sendo informado que foram expostas 115 telas do artista, bem como detalhou o

estilo artístico com que as realizou.[122] Da mesma maneira, houve a avaliação da coleção de Souza Pinto em outros periódicos cariocas[123]. Ademais, cumpre mencionar que os alunos da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro homenagearam o artista Souza Pinto com uma palma de

---

[122] "Realizou-se hontem, á tarde, no Gabinete Portuguez de Leitura, o "vernissage" da exposição do illustre pintor portuguez, Souza Pinto. Esse acto revestiu-se do mais brilhante aspecto, dado o numeroso concurso de artistas, entre os quases muitos professores da Escola de Bellas Artes, que a elle assistiram. Uma numerosa comissão de alumnos da Escola de Bellas Artes, que ali foi presente, fez entrega ao emerito pintor de uma linda palma de flôres naturaes, da qual pendiam duas fitas verdes com a inscripção em letras de ouro: "A mocidade artistica a Souza Pinto". Esse mimo era acompanhado duma mensagem, cujas palavras eram uma carinhosa homenagem aos meritos de Souza Pinto, que é um artista de valor e talentos raros, como o publico carioca terá occasião de apreciar. Hoje, ás 2 1|2 da tarde, será a exposição solennemente inaugurada, com a presença do sr. presidente da Republica. O dia de hontem, chuvoso e opaco, não teve luz bastante para illuminação das ricas télas que, mesmo assim, nos rapidos momentos que durou nossa visita nos elevaram, deixando-nos cheio de sympathia pela obra do artista, que, pôde-se dizer, é um desses temperamentos sobrios, porém, cheios de delicadeza e finura. Reproduzindo a natureza européa, e, especialmente, as das paisagens bretã, Souza Pinto tira da sua coloração sombria e, por vezes, carregada sorpreendentes effeitos de luz, duma belleza incomparavel. Nesse genero, elle é admiravel, bastando para isso a téla "Eclaireil", que representa uma volta do sol por entre nuvens, após a chuva. Além, ao fundo, nuvens acastelladas de um plumbeo que se vai esbatendo até se tornar claro e transparente, derramam leve sombra pelo espaço; mais adiante, vê-se um pedaço azul do céo, por onde se côa uma restea dum sol claro e luminoso, que põe uma faixa de luz viva e alacre sobre a paisagem, e, no primeiro plano, onde o sol ainda não chegou, os contornos se recortam precisos e nitidos na sombria vegetação, dos animaes, das coisas. Essa pequena téla dá um justo valor dos recursos de arte de Souza Pinto, que ali conseguiu contrastes de luz de um effeito sorprendente. Cumpre, sem mais delongas, dizer que Souza Pinto é um pintor que "acaba os seus trabalhos"; vai até ao fim com o mesmo cuidado e amor, esmerando-se nos ultimos detalhes com a mesma consciencia, com que traça as figuras do primeiro plano. Teriamos quasi que citar, téla a téla, si quizessemos fazer uma apreciação merecida á exposição desse pintor. Nos effeitos de luz sobre a agua, o seu pincel é também notavel, sendo de mencionar aqui o n.21 do catalogo, "D´ans l´eau", um quadro de luz, em que a agua reflecte na sua transparencia varios tons, desde o verde carregado até o azul transparente, com que a colorem os raios do sol a pino. E por ahi vai: "Sob a verdura" - N. 8, nu´ magnifico em cuja epiderme rosada se reflecte o verde da folhagem; "Rendez-vous manqué", n.16; "La culotte déchirée", n.18; "Le bateau cassé", um novo effeito de luz sobre as aguas; "L´appel au Passeur" (soir), numero 24; "Le départ pour le travaille", n.25; esplendida téla, de inestimavel lavor; "Les deux maussés", uma vegetação de beira mar, reproduzida com feliz sinceridade; "Cloe á espera", n. 110, um rico nu´do genero "Sob a verdura". Isso é uma ligeira enumeração, da qual emittimos mesmo os principaes trabalhos, como, por exemplo, "O Calção Roto", premiado no *Salon* de 83, etc. Sentimos faltar-nos o espaço e tempo para uma noticia circumstanciada como merece essa exposição, que se compõe de 115 télas de bôa e primorosa arte." Exposição Souza Pinto - A inauguração. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed.1717, p.2.

[123] A saber: "(…) Os amadores terão assim a dita de repetir as visitas que provocam essas telas admiraveis, nascidas para a admiração sincera. Bem poucas vezes, raras quasi, o nosso meio goza a delicia de admirar e de applaudir um artista assim completo, seguro de sua arte, penetrante no seu sentimento esthetico, humano e tocante na dificil trama das expressões e perfeito, admiravel nesse eterno problema da côr. O autor desse precioso palmo de tela, que honra a galeria do Museu de Luxemburgo, *Les pommes de terre*, sente e vibra no pincel com uma galhardia encantadora; suas figuras, o ambiente que as rodeia, o assumpto que inspiram são sempre de uma sympathica funcção, que nos dá o mais completo gozo em cousas de arte. Para que citar na lista apreciada este ou aquelle trabalho, desde esse admiravel *Calção rôto*, esplendida *Lição do arô*, a *Partida para o trabalho*, *Reverie*, *L´appel au Passeur*, a soberba *Causerir*, *Le Rendez-vous manqué*, o delicioso e impressionante *Derriço*, *Chez le chamon*, um primor de verdade e de factura, *Joucenil finil*, o inegualavel *Duns d´can* até essa deliciosa e encantadora poesia a cores, essa tocante e de verdade, que é *La Derniére de la famille?* O apreciado pintor portuguez, cuja nomeada justa era por nós acatada e querida, augmentou consideravelmente o grão de admiração geral com a exposição recente, e, certo, esta lhe servirá de incentivo para mais longe de ir ainda, se é possível ir ainda mais longe da escala da perfeição." Bellas-Artes. Exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de set. 1912, ed. 266, p.5.

flores e um bilhete com o título “A mocidade artistica a Souza Pinto”[124]. O periódico *Careta* dedicou duas páginas com fotografias sobre o dia da inauguração (fig.19) e três quadros expostos no certame: *Les Mousses*, *La Peche* e *Le Dépant pour le travail* (fig.20)[125].

[124] *O Paiz*, *A Noite* e *Jornal do Commercio* publicaram o conteúdo da mensagem dentro das seguintes notas, a saber: “Teve uma concurrencia de elite o “vernissage” da exposição que hoje inaugura o eminente artista, na presença do ilustre ministro de Portugal e altas personalidades brazileiras. A mocidade da Escola de Bellas Artes compareceu quasi “au grand complet” e fez a Souza Pinto edificante manifestação. - A directoria do Centro Juventas, que a representa dignamente, fez entrega ao mestre consagrado, não só de um lindo ramalhete de flores naturaes, com dedicatoria em fitas verdes, como tambem da seguinte mensagem, escripta em pergaminho: “Mestre! O Centro Artistico Juventas, vem, interpretando sentimentos sinceros de admiração, trazer-vos as boas vindas, em nome da mocidade artistica desta capital. E´ natural, tenhamos justo desvanecimento ao prestar-vos esta modesta, porém sincera homenagem, porque sois um mestre. Feliz a opportunidade que se nos offerece, para virmos aqui, empolgados pela vossa arte, vibrando de enthusiasmo, dizer com estas flores o contentamento que invade nossos corações de moços. O vosso nome é universalmente conhecido. Sois um dos representantes maximos da moderna cultura artistica da gloriosa patria de Camões! Oxalá, nos viessem visitar artistas de nomes gloriosos como o vosso, porque esses verdadeiros acontecimentos artisticos veriam por completo dissipar as nossas vacillações e desanimos e incitar-nos á lucta e no trabalho, para a conquista das nossas aspirações de mocidade. Estas flores, artista, representam as enthusiasticas saudações da mocidade brazileira ao grande mestre lusitano. Salve!” Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 10205, p.7.
Nesse mesmo sentido, *A Noite* publicou a mesma mensagem escrita pelos alunos da escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, sendo acrescentado a opinião do articulista sobre essa homenagem ao artista, qual seja: “(…) Foi um bello gesto, esse dos nossos jovens artistas, quebrando assim a apathia com que tem passado despercebida entre nós a estadia de um artista de nomeada universal, como é Souza Pinto. E quando se repara no merito extraordinario desse artista condecorado pelo governo francez, <<hors-concours>>, e, com quadros no Luxembourg, chega-se a considerar criminosa a indiferença, com que é recebida num meio em que outros, mais commerciantes que artistas tão facilmente encontram quem lhes desbrave o caminho.” Os successos artisticos. A exposição de pintura de Souza Pinto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1912, ed. 364, p.1. Essa dedicatória também foi publicada no *Jornal do Commercio*: Notas de Arte. Exposição do pintor Souza Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 257, p.7.

[125] No tocante às fotografias, cabe mencionar o conteúdo exposto sobre o certame que destacou o quadro *Le Départ le Travail*, a saber: “Souza Pinto, o grande artista portuguez que é uma celebridade Européa e ostenta no peito a cruzeta franceza de Cavalleiro da Legião de Honra, expõe, nesta capital, uma collecção de explendidas telas de arte. E´ um colorista eximio, de sobriedade honesta e desenho seguro. As duas figuras ficam perfeitamente dentro do respectivo ambiente. Em muitas de suas payzagens ha coloridos cheios de sol que lembram Baptista da Costa: outras, completamente oppostas, recordam aspectos do norte da Europa. Os seus quadros são muito bem acabados. Sente-se que o pincel que o fez foi o mesmo, embora não tenham monotonia peculiar ás obras de um mesmo autor. Gosta de envolver as figuras em differentes luzes e é sempre feliz nessa tentativa. Os *nús* que expõe são poucos mas bons. *Le Départ le Travail* é um quadro magnifico em que o rosto da figura se banha na luz de um phosphoro que accende um cachimbo. O exito deste effeito, que tantos artistas têm tentado com infelicidade, é tanto mais admiravel quanto mais se observa que na tela de Souza Pinto a figura está envolta na luz de um dia que morre.” A exposição Souza Pinto. *Careta*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1912, ed. 225, p.17.



A exposição Souza Pinto

Souza Pinto, cercado de confrades e escriptores, recebe, na inauguração da sua exposição, um ramilhete de flores e uma manifestação dos nossos jovens artistas.

Figura 19 - Inauguração da Exposição Souza Pinto. Fonte: A exposição Souza Pinto. *Careta*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1912, ed. 225, p.17.



Baptista da Costa: outras, completamente oppostas, recordam aspectos do norte da Europa. Os seus quadros são muito bem acabados. Sente-se que o pincel que os fez foi o mesmo, embora não tenham a monotonia peculiar ás obras de um mesmo autor. Gosta de envolver as figuras em differentes luzes e é sempre feliz nessa tentativa. Os *nús* que expõe são poucos mas bons.

Le Départ pour le Travail é um quadro magnifico em que o rosto da figura se banha na luz de um phosphoro que accende um cachimbo. O exito deste effeito, que tantos artistas têm tentado com infelicidade, é tanto mais admiravel quanto mais se observa que na tela de Souza Pinto a figura está envolta na luz de um dia que morre.

I — Souza Pinto — Les Mousses.
II — Souza Pinto — La Peche. III — Souza Pinto — Le Départ pour le Travail.

Figura 20 - *Les Mousses*, *La Peche*, *Le Dépant pour le travail*, de Souza Pinto, na ordem. Fonte: A exposição Souza Pinto. *Careta*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1912, ed. 225, p.17.

Desta feita, com entrada franca, a exposição de Souza Pinto foi inaugurada no dia 14 de setembro de 1912, na qual foi elogiada imensamente pelo *O Paiz* em uma nota publicada no dia seguinte da abertura do certame, tendo sido destacado dois quadros do artista, *Appelant le passeur* e

Revenant du travail.[126] Além disso, *A Imprensa* e *A Noite* também informaram que no dia da inauguração da exposição de Souza Pinto houve a presença de algumas autoridades públicas, artistas e amantes da arte[127]. Ainda sobre esse dia, convém ressaltar uma nota publicada no *Jornal do Commercio*, no qual o articulista anónimo conseguiu sintetizar de forma clara o perfil do artista e

---

[126] Também destacou sobre a inauguração da exposição de Souza Pinto o periódico *O Paiz*, a saber: "Inaugurou-se hontem a exposição do illustre pintor portuguez Souza Pinto, nome que por estar definitivamente consagrado nos grandes centros de arte em que é conhecido dispensa o noticiarista da preoccupação do adjectivo. A collecção que o illustre pintor traz ao Rio de Janeiro, onde já algumas das suas obras eram conhecidas, graças ao interesse dos verdadeiros amadores, que as possuem, é grande e, pelo valor de cada obra, seguramente uma das mais fortes, das mais homogeneamente fortes, que têm sido exhibidas nesta capital. A exposição está instalada no Gabinete Portuguez de Leitura, na mesma sala onde ha poucos annos, outro grande artista portuguez, José Malhôa, expoz a preciosa galeria que nos trouxe. E´ interessante lembrar o bello colorido vigoroso e brilhante dos trabalhos que, ha annos, deram vida áquella sala - em contraste com a suavidade da palheta de Souza Pinto, cujos trabalhos agora a enchem igualmente de luz, de som, de calor e de perfume. Souza Pinto, que vive ha muitos annos em França, onde o seu talento se desenvolveu com a progressiva segurança que hoje o tornou um artista definitivo e tão perfeito como qualquer dos que naquelle paiz mais honram com a sua arte, habitou o olhar á suavidade da côr iluminada por outro sol mais brando do que o do sul da Europa. Para nós, uma grande parte do encanto das suas telas reside justamente no exotismo delicado da luz que envolve as suas figuras e as suas paizagens, porque ella dá um delicioso repouso aos nossos olhos, sempre forçados aos fortes recortes, ás vezes tão violentos e excessivos, da luz em que vivemos. E que possue todos os segredos da palheta nas tonalidades que adoptou, prova-o a maravilhosa segurança com que se diverte a vencer difficuldades que fariam recuar pulsos talvez mais destros, mas menos conscienciosamente fortes. Provam-no, por exemplo, entre outros, dois dos quadros que nos trouxe: - *Appelant le passeur* e *Revenant du travail*. Em ambos a luz da tarde amacia tudo. No primeiro, a figura da mulher, perfeita de movimento, é envolvida pelo resto de luz que o sol deixou no espaço e pelo frio azulado do luar que já domina. No segundo, um operario que volta do trabalho á hora violacea do "angelus" accende o cachimbo e é de admirar a delicadeza, a delicada honestidade com que é tratado o segundo effeito de luz que em tantas bélas tem sido vulgarmente explorado, pela segurança natural dos contrastes. Em ambos estes quadros se reconhece o escrupulo do artista superior, que não procurou o effeito pelo effeito, mas pela difficuldade de o vencer completamente, lealmente, e honrar-se com o triumpho. Não cabe numa ligeira noticia como esta a analyse da obra que o admiravel pintor trouxe ao Rio de Janeiro. O que convem dizer é que raramente o nosso publico tem tido o ensejo de ver uma tão delicada colleção de obras de arte e que devemos ser agradecidos ao illustre artista que nos visita, certo de que tera entre nós o acolhimento e o applauso digno do seu raro valor." Artes e Artistas. Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 10206, p.6.

[127] A saber: "Realizou-se hontem, como annunciaràm-nos, a inauguração da exposição de pintura Souza Pinto. Ao acto compareceram o sr. ministro do interior, dr. Rivadavia Corrêa, e dr. Bernardino Machado, ministro portuguez. O sr. presidente da Republica, que não poude estar presente, prometteu lá ir, em dia ainda não designado. Esteve aquella (…) muito concorrida de artistas, e muitas damas e cavalheiros, apezar da chuva que caiu durante o dia todo. Apezar de domingo, o Gabinete Portuguez de Leitura permenecerá hoje aberto e a entrada, não só hoje, como nos demais dias, é franca a todos que ali forem apreciar as excellentes primorosas télas do grande artista." Exposição Souza Pinto. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 1718, p.1.
Outro periódico que noticiou a respeito da inauguração da exposição de Souza Pinto foi *A Noite*, a saber: "A ´s 3 horas da tarde, o Sr. ministro da Justiça, inaugurou no edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, a exposição de pintura do artista Souza Pinto. O pequeno salão achava-se repleto de visitantes, entre os quaes notámos os Srs. Dr. Bernardino Machado, ministro portuguez; Rodolpho Amoêdo, Julia Lopes de Almeida, Baptista da Costa, Carlos Americo, Dr. José Marianno Filho, Visconti, Rodolpho Bernardelli, Eduardo e Angelina Agostini, Nogueira da Silva e Arnaldo de Carvalho. O Sr. presidente da Republica, visitará a exposição na proxima semana." Inaugura-se a exposição Souza Pinto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 365, p.3. Ademais, o mesmo periódico informou que o Sr. presidente da Republica juntamente com o Sr. ministro da Justiça visitaram a exposição no dia 07 de outubro de 1912. Nota. *A Noite*, Rio de Janeiro, 07 de out. 1912, ed. 384, p.2.

da coleção das obras expostas[128], com destaque sobre o olhar que o artista português tinha sobre a

[128] Nesse sentido, vale citar as seguintes passagens, quais sejam: "(…) Vai o publico vêr uma collecção de trabalhos a oleo e a pastel, de um pintor de valor que, sem deixar de conservar a sua nota individual e, quando isso lhe apraz o caracter regional do meio onde nasceu e se criou, soube apprehender todas as superiores qualidades technicas da moderna escola franceza, conseguindo fazer um nome consagrado num meio tão exigente e tão dificil de triumphar, como Pariz, e vendo os seus quadros adquiridos pelos mais cultos collecionadores da Europa e dos Estados Unidos. Na numerosa collecção que hoje se abre a apreciação do publico se encontram quadros que mostram que Souza Pinto é tão bom pintor de figura como fino animalista e seguro paisagista, e possuidor de uma technica superior, forte e simples, com a qual consegue os mais brilhantes effeitos. A pintura de Souza Pinto, (…) agrada mais pela maneira delicada como elle traduz as suas impressões, do que pela brutalidade e vivacidade de côr. Attrahem-n´o muito certos problemas de atmosphera, em que póde revelar a maestria como sabe pintar o *plein air*, quer sejam trechos de paizagem envolvidos em véo acinzetado, dando a impressão de horas matutinas ou vespertinas, quer crepusculos quente ou, então, de trechos de paizagem profusamente iluminados pela luz do sol que a inunda victoriosamente. Souza Pinto tem o segredo, que era também peculiar aos artistas de Fontainebleau, de attrahir os olhares para toda a sua paizagem, de modo que, não os distrahindo ou os occupando muito com excesso de pormenores, póde apanhar de golpe a impressão do conjunto, apreciar a belleza pittoresca dos céos e dos campos; e nos quadros em que ha animaes que o artista sabe pintar superiormente de resto, estão elles tão naturalmente alli mettidos, que não quebram a harmonia da paizagem, antes contribuem para tornar mais profunda a nota de serenidade, de encanto poetico, tranquillo ou alegre, de atmosphera, de espaço e de belleza. Gosta de pintar as figuras ingenuas e rosadas das camponezas bretãs, de pastoras, lavadeiras, ou então delicados estudos de nú, em geral de meninas aflorando á puberdade, figuras esbeltas, linhas puras e distinctas, brancuras marmoreas de jovens corpos femininos, ao ar livre, á beira d´água, com grande delicadeza de toque e finura quente de carnação. Tambem lhe apraz pintar figuras dos camponios e cachopas de sua terra e de camponezes bretões, a que sabe dar a qualidade caracteristica, e metter no ambiente proprio, quer se trate de episodios ao ar livre, quer de scenas de interior. Tudo isso, com um desenho impeccavel e uma palheta limpa, clara e sobria, sem empastamentos nem excessos gritantes. E´ muito variada a exposição que hoje se inaugura, e contém muitas das obras com que o illustre artista tem apparecido no *Salon* e que tem dado ensejo á critica pariziense para tecer-lhe os maiores encomios e collocal-o no numero dos artistas mais apreciados que annualmente concorrem a esse grande certamen artistico. Em primeiro lugar se póde mencionar a réplica da *Culotte Déchirée*, com que o artista foi ao *Salon* de 1883, e que lhe grangeou uma menção honrosa, o primeiro premio adquirido por Souza Pinto, em França. O quadro ora em exposição foi o original pintado pelo artista e representa a sua concepção em toda a sua frescura. A tela apresentada no *Salon* e que actualmente pertence a um collecionador pariziense, é em tudo igual ao quadro da actual exposição, embora de tamanho um pouco maior. Todos os jornaes francezes teceram grandes elogios a essa obra de Souza Pinto. (…) dos trabalhos expostos, como, por exemplo, esse maravilhoso *Le Départ pour le Travail*, onde a figura do trabalhador portuguez é admiravel de verdade, a cabeça de um modelado acabado, com a sua impressão de enjoo produzida pelo cheiro do phosphoro de enxofre com que accende o seu cachimbo, no meio do campo ainda parcamente illuminado pela luz crepuscular da madrugada. O modo subtil como estão feitos certos detalhes como as mãos, o modelado da physionomias, não prejudicam o effeito do conjuncto. O *Derriço*, episodio commum nas aldeias, vibrante de verdade e de vida, e que é um especimen da arte de Souza Pinto, de enquadrar figuras na paizagem; *L´appel au Passeur*, bella figura mettida em uma bella paizagem crepuscular; *As Lavandeiras*, tão empolgante pela maneira viva como é pintado e toda a série de estudos, vividos e frescos, do mesmo thema: o Cavallo dentro do rio, thema difficil, com a impressão do movimento das aguas produzido pelo andar do animal e com a impressão da agua no pello do cavallo; *La Promise*, bella figura de cachopa á espera do noivo que não chega, n´um meio bem portuguez, que deve ser grato ao artista; *Chez le Charron*, esse interessante interior de uma serralheria, com o effeito da luz da forja (…) Souza pinto (…) um temperamento de grande impressionabilidade. Gosta igualmente de pintar os campos, os pastores, os camponezes, as figuras crestadas dos velhos lavradores, finalmente, a vida e a paizagem do campo, quer seja do seu Portugal, quer seja da Bretanha ou da Normandia, onde elle costuma verenear. Vê-se que pinta o que ama e ama o que pinta. Em todos os seus trabalhos ressumbram grande sinceridade e o deleito especial que frue na pintura do *plein air*." Notas de Arte. A exposição do pintor Souza e Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 257, p.6.

mulher parisiense[129]. Nos dias subsequentes da inauguração, a exposição continuou a ser bastante frequentada pelo público, que prestigiou as obras do artista luso[130], sendo verificado em peso o comparecimento do público feminino, possivelmente por ter obras que retratam a figura feminina. Além disso, o jornal *O Paiz* noticiou sobre a dinâmica da venda dos quadros[131] e, do mesmo modo,

---

[129] "(…) Vivendo em Pariz, sentiu tambem a fascinação da mulher parisiense, como se notam nos pequenos estudos do nú, na linda figura do quadro inttitulado *Roses Tremières*, em dous dos seus tão finos pasteis; e em algumas das suas tão sedutoras cabeças de bretãs e nas vigorosas physionomias de camponios e lavradores, se vê que poderoso retratista não deve elle ser. E é pena que não tenha trazido algum retrato em que podessemos ajuizar da sua maneira de encarar esse ramo da pintura." Notas de Arte. A exposição do pintor Souza e Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 257, p.6.

[130] "Foi hoje visitada por 260 pessoas, entre as quaes, os srs.: Lauro Muller, ministro do exterior; Souza Dantas, João Luzo, professores Amoedo e Fiuza, commendador José Antonio da Silva, familia do commendador Casemiro Costa e muitas senhoras da nossa primeira sociedade. A exposição estará aberta amanhã, domingo." Exposição Souza Pinto. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 29 de set. 1912, ed. 1732, p.2.
"O sr. dr. Rivadavia Corrêa, ministro do interior, em companhia do seu official de gabinete, dr. Oscar Lopes, visitou hontem, a exposição Souza Pinto." Nota. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 08 de out. 1912, ed. 1741, p.5.
E também uma nota publicada no *Jornal do Brasil* sobre o fluxo de público no certame: "Tem attrahido como era de esperar, grande concurrencia ao Gabinete Portuguez de Leitura, á rua Luiz de Camões, a exposição de pintura do eximio artista portuguez Souza Pinto." Bellas-Artes. Exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de set. 1912, ed. 262, p.5.

[131] "Continua aberta a exposição de pintura de Souza Pinto, no Gabinete Portuguez de Leitura. A pouco e pouco os quadros vão sendo adquiridos. A pouco e pouco, porque, sem serem de uma barateza "ao alcance de todas as bolsas", são entretanto, de preços muito "humanos", digamos assim, porque estão em absoluta relação com o seu valor artistico e correspondem - salvo o inevitavel accrescimo das despezas de transporte, seguro, etc. - aos preços pelos quaes as obras do laureado mestre são habitualmente vendidas em Paris. Apesar do máo tempo que tem feito, o salão do Gabinete Portuguez de Leitura tem sido frequentadissimo, principalmente (e dizemol-o com a mais enternecida satisfação) por um grande numero de senhoras, que assim têm provado o interesse que lhes merecem as coisas de boa arte. Esta circumstancia é tanto mais para registrar e louvar, se attendermos a que a collecção de Souza Pinto não se recomenda absolutamente nada pelo lado *chic*, ou mundano… Em nenhuma das telas que nos trouxe o grande artista se inspirou do luxo ou dos encantos da vida de sociedade… Os seus quadros são todos arrancados á natureza - á graça da paizagem sempre nova e cheia de surpresas, quando a vemos através do sentimento dos verdadeiros artistas e vivem com as figuras simples da gente do povo, eternamente pittorescas e eternamente originaes, para quem as saber surprehender. Se não nos enganamos, em toda a sua exposição o perfeito mestre apenas nos trouxe uma figurinha de mulher elegante, "da cidade", mas, pela maneira como está tratada e pelo ambiente, vê-se que a sua intenção não foi a de fixar uma *silhouette* de moda, mas animar graciosamente um excellente trecho de verdura e de sombra magistralmente pintado. E´, portanto, para registrarmos com satisfação o bom gosto das nossas patricias, que sabem tirar ao tempo destinado ás compras nos grandes estabelecimentos da moda, onde o seu olhar poderia interessar-se mais demoradamente por tanta coisa attrahente, a meia hora indispensavel para renderem o seu preito de estima ás obras do admiravel artista que neste momento hospedamos. Isto parece dito pelo *Binoculo*, mas… não é!" Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 de set. 1912, ed. 10211, p.4.
Sobre a venda dos quadros, o jornal *O Paiz* publicou uma nota a mencionar sobre a compra de uma tela de Souza Pinto pelo presidente da República, a saber: "A exposição Souza Pinto recebeu hontem a visita do Sr. presidente da Republica. S. Ex. foi acompanhado de sua casa militar e dos Srs. ministro do interior e seu secretario, Dr. Oscar Lopes; chefe de policia e senador Azeredo. O marechal Hermes da Fonseca, que adquiriu o bello quadro *As serras de Mouchique*, mostrou o maior interesse em observar as magnificas telas desse admiravel *Salão*, felicitando calorosamente o illustre artista portuguez pelos seus trabalhos magistraes. O Dr. Bernardino Machado, ministro de Portugal, esteve presente e tambem acompanhou o Sr. presidente da Republica na sua longa visita." Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 08 de out. 1912, ed. 10229, p.1.
Além do presidente da República do Brasil, a Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro também adquiriu uma tela de Souza Pinto, como informa a nota: "Encerra-se hoje a magnifica exposição de quadros de Souza Pinto. A proposito, communicaram-nos que para a Escola Nacional de Bellas Artes foi adquirido um dos esplendidos trabalhos que ali figuram - *Sob a verdura* (nú)." Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1912, ed. 10252, p.4.

o *Correio da Manhã* também publicou uma nota sobre a venda das obras de Souza Pinto, sendo informado os compradores e as respectivas telas adquiridas[132].

No tocante ao sucesso que a exposição de Souza Pinto conquistou no meio artístico carioca, convém salientar que o pesquisador Dr. Arthur Valle ressaltou que esse êxito também, segundo suas palavras, foi pautada pelo sucesso do português no meio artístico francês e pelo suposto caráter internacional - bem mais que português - de seu talento. Posto isto, ainda afirmou, segundo uma passagem que Adalberto Mattos escreveu sobre essa exposição, que esse certamente não mostrou em nada a alma portuguesa[133].

Por fim, há de se mencionar que logo após o encerramento dessa exposição, em 31 de outubro de 1912, o artista lusitano Souza Pinto foi expor na cidade de São Paulo e inaugurou a sua exposição no dia 13 de dezembro de 1912[134], tendo sido encerrado no dia 09 de janeiro de 1913, com o saldo da venda de 70 quadros, sendo um adquirido pelo Governo de São Paulo - *Le Baguit Bleu*-[135].

2.1.8. Exposição João Vaz de 1913 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

---

132 "Foram vendidos mais os seguintes quadros: "Serras de Mouchique", ao presidente da Republica; "Sob a verdura", ao sr. D. P.; "Cabeça de rapasito", ao dr. Paulo Queiroz; "Roses tremiéres", ao visconde de Moraes; "Cabeça de bretã", a mme. Guerra Duval; "A filha do moleiro", ao dr. Nestor Pestana; "Estudo de Breton", ao dr. Paulo Queiroz; "A´ espera do pae", ao sr. Albino Costa; "No meu jardim", ao dr. Galeno Martins; "Estudo para bateau cassé", ao dr. Paulo Queiroz; "A leitura", ao sr. Magalhães Coutinho; "Lavandeiras", ao Club dos Diarios." Manifestações. Exposição Souza Pinto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1912, ed. 5010, p.5.

133 VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 48.

134 "A Agencia Havas nos communicou o seguinte telegramma recebido de S. Paulo: "Foi aberta hoje, com brilhante exito, a exposição Souza Pinto, estando presentes o secretario do interior e altas autoridades." Souza Pinto em São Paulo. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 de dez. 1912, ed. 1807, p.2.

135 "Encerrou-se hoje, com grande concurrencia, a exposição Souza Pinto, que obteve brilhante successo. Foram vendidas cerca de sessenta telas. O grande quadro "Le Baguit Bleu" foi adquirido pelo Governo do Estado." São Paulo. A exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 9, p.12. A mesma nota foi publicada no *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 9, p.2. e no *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 5092, p.4.

Com 70 obras expostas no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, João Vaz[136] realizou o *vernissage* no dia 13 de agosto de 1913, segundo divulgou o jornal *O Imparcial*. Além disso, o periódico destacou algumas obras importantes que foram expostas, que, segundo a nota, compreenderam desde pintura a óleo, aquarelas, desenhos a carvão até projetos de decoração e reprodução fotográficas de obras decorativas[137]. Ainda sobre as obras de João Vaz, o periódico *Jornal do Commercio* enfatizou a qualidade do artista português ao considerá-lo um pintor marinhista e paisagista de temas preponderantemente ligados ao seu local de nascimento, Setúbal,

[136] Sobre o artista português João Vaz (Setúbal, 1859 - Lisboa, 1931), Dra. Maria Aires Silveira menciona que: "Frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, de 1872 a 78, onde foi aluno de Tomás da Anunciação. Apesar de não ter conseguido bolsa do Estado, viajou com António Ramalho por Madrid e Paris, participou nas exposições do Grupo do Leão e Grémio Artístico, e dedicou-se ao professorado, desde 1883, sendo Director na Escola Industrial Afonso Domingues, em 1889. Considerava-se discípulo de Silva Porto, e figura no retrato colectivo do Grupo do Leão, de Columbano Bordalo Pinheiro. Divulga o seu registo de zonas de Setúbal e Sado, pintando especialmente paisagens fluviais, de efeitos luminosos e transparências atmosféricas, com uma sensibilidade poética, em finas camadas de azuis e reflexos tranquilos de água. Tem uma vasta obra de decorador na escola de Medicina, Museu Militar, Assembleia da República, Hotel do Buçaco. Apresentou-se nas exposições internacionais de Paris, St. Louis e Rio de Janeiro." SILVEIRA, Maria Aires. *João Vaz*. Disponível em: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/43/artists>. Acesso em 23 de ago. 2018.

[137] A saber: "Realizou-se hontem o vernissage da exposição de pintura do artista portuguez João Vaz. A exposição, que está organizada na sala do Gabinete Portuguez de Leitura, consta de sessenta quadros, comprehendendo pintura a oleo, aquarellas, desenhos a carvão, projectos de decorações já executados, reproduções photographicas de obras decorativas, etc. O nome João Vaz, já vantajosamente conhecido em nosso meio artistico, dispensa quaesquer elogios. Suas marinhas, em que tão bem reproduziu lindos aspectos das praias luzitanas, suas payzagens, todos os seus trabalhos, enfim, provam que se trata de um artista consummado, cujas télas denunciam um cunho pessoal inconfundivel. Os mais importantes trabalhos expostos são: Gaivotas; Coisas do tempo antigo (medalhão decorativo); Egreja da Madre de Deus; Entardecer; P´ro Mar!; Claustro Manuvelino; Bairro de pescadores (Setubal); Claustro da Sé de Lisboa; A Senhora dos Remedios; e outros. Dos que pela primeira vez são expostos, os mais importantes são: "P´ro Mar!"; "Pescada setubalense"; "Coisas do tempo antigo" e uma grande payzagem representando uma quinta pertecente ao solar dos duques de Lafões." Arte. Exposição João Vaz. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de ago. 1913, ed. 253, p.4.

além de ter dito que Portugal até então como sendo uma nação marítima, haja vista os anos de glória da época dos descobrimentos, não havia ainda produzido um pintor de marinhas à altura[138].

Posto isto, a exposição foi inaugurada no dia 14 de agosto de 1913 e o jornal *A Noite* destacou o grande afluxo de visitantes, bem como ressaltou que alguns quadros já foram adquiridos, além de ter convocado a comunidade portuguesa para visitar a exposição, a fim de contemplar lindas paisagens de Portugal[139]. Posteriormente, *A Noite* publicou o dia do encerramento, 14 de setembro de 1913 e mencionou o êxito que a exposição obteve dentro do meio artístico carioca[140].

---

[138] Nesse sentido, vale transcrever na íntegra a nota: "Disse um escriptor que, Portugal, grande nação maritima que foi e nação maritima que ainda é, nunca havia produzido um verdadeiro pintor de marinhas. Paizagistas bons tem-n-os tido elle e os possue actualmente e todos ou quasi todos têm feitos quadros em que a agua entra como um dos elementos, mas quadros que são antes paizagens do que marinhas propriamente ditas. Visitando a exposição inaugurada no Gabinete Portuguez de Leitura, quinta-feira ultima, pelo Sr. João Vaz, e examinando os quadros por elle trazidos, chega-se á conclusão de que elle é também um paizagista que ama os motivos em que entra a agua, trechos dos rios de sua terra, o Tejo, o Sado, com as suas praias alcantiladas em cujo cimo se ergue algum velho castello em ruinas, com as pequenas embarcações que os sulcam e os rudes homens que as manobram. Entremeiados com esses themas, encontram-se verdadeiras paizagens, vistas de velhos edificios, interiores de igreja, finalmente, todos os assumptos que possam dar ensejo a um artista, amante da côr e da luz, de exercitar o seu pincel, trahindo um temperamento placido, franco, sincero impressionavel pela visão de um aspecto pitoresco da natureza, apanhado em circumstancias favoraveis de estado atmospherico, de luz e de côr. E´ um marinhista que por assim dizer só vê o mar ou as aguas, da praia, e nos seus momentos mais bonançosos. E assim como vê, assim pinta, com serenidade, com tranquilla satisfação de espirito, procurando dar uma transcripção bem exacta das scenas da vida commum da população ribeirinha e dos aspectos claros da natureza que mais lhe agradam. Talvez melhor colorista do que desenhista, os seus céos são quasi sempre limpos e claros, e as suas aguas, claras e tranquillas, assaz illuminadas. Os seus pequenos navios, em repouso na praia, na hora da vasante, seccando as velas ao sol, dão a impressão de uma tranquillidade pacifica, do descanço merecidamente conquistado depois de labutas afadigosas. A amplitude dos seus horizontes não nos parece, deve ser muito illimitada, dada a tranquillidade serena do seu temperamento que basta olhar para os seus quadros e tratar com elle alguns minutos, para se ficar conhecendo. Não se lhe devem pedir scenas tormentosas nem aspectos selvagens e fantasticos da natureza. Mas, dentro da sua modesta esphera, faz cousas bastante atrahentes; e se os quadros que nos apresenta, não nos commovem violentamente, nunca deixam de nos interessar. Pouco numerosa, contendo não pequeno numero de estudos, a sua exposição encerra elementos valiosos, quer por mais de uma razão devem levar a visital-a não só os seus patricios, que são legião aqui no Rio, mas todos quantos sabem apreciar uma arte singela e despretenciosa, mas bastante sympathica." Notas de Arte. A exposição do Sr. João Vaz. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1913, ed. 228, p.5.

[139] A saber: "Continua sendo muito e selectamente concorrida esta exposição de pintura, que se acha installada numa das salas do Gabinete Portuguez de Leitura. Por deante das admiraveis telas de João Vaz, têm todos os dias desfilado o que ha de mais illustre, entre nós, nas artes, na literatura e na critica. A exposição, da qual já foram adquiridos 11 quadros, deve encerrar-se nos fins do corrente mez, pelo que recommendamos a todos que se interessam por cousas de arte e particularmente á illustre colonia portugueza que não deixem de ir admirar nos quadros do pintor portuguez, através da sua característica interpretação, a linda paisagem de Portugal." Bellas-Artes. Exposição João Vaz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de ago. 1913, ed. 659, p.4.

[140] "A exposição que este artista portuguez tem patente no Gabinete Portuguez de Leitura, e que tanto exito obteve no nosso meio artistico, encerra-se definitivamente no proximo domingo. Devem pois aproveitar estes dias, para visital-a, todos aquelles que se interessam por cousas de arte." Bellas-Artes. Exposição João Vaz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1913, ed. 674, p.4.

No entanto, há uma nota publicada pelo jornal *A Epoca*, por meio do articulista Viriato Marcondes, na qual mencionou que João Vaz não é exatamente o grande pintor marinhista como a imprensa carioca assim o destacou. Posto isto, a nota afirmou ser o artista português um bom professor de pintura ao compará-lo a um grande artista de pincel, mesmo que tenha atributos artísticos recomendados pelo estilo de arte proposto. De acordo com a nota, há ainda mais uma comparação entre o estilo artístico de João Vaz que, a depender da circunstância, parece mais com Souza Pinto e em outros momentos mais perto do estilo de José Malhoa[141].

2.1.9. Exposição Fernando Correia Dias de 1914 na Associação de Imprensa do Rio de Janeiro

[141] Nesse sentido, vale reproduzir a nota toda: "Muito já se tem dito, na nossa imprensa, a respeito dos trabalhos do sr. João Vaz, mas, a nosso ver, a critica tem se manifestado com uma indulgencia de que o artista não carece, não só porque já não é um joven que necessita da sua animadora relevancia, mas, ainda porque os seus méritos artisticos sobrepujam, com vantagem, qualquer defeito que lhes pudesse ser apontado. E´ de facto que os seus quadros, óra expostos no Gabinete Portuguez de Leitura, não satisfizeram em parte, á nossa espectativa, mas, tambem é fóra de duvida que o illustre pintor revela possuir qualidades que muito o recommendam na sua arte. Effectivamente, pelo reclamo feito antes da abertura da exposição, suppunhamos ir encontrar ahi uma rica e variada collectanea de marinhas admiraveis, por isso que se tratava do "maior marinhista portuguez", mas, ao contrario disso, vimos que, dos poucos quadros que formam essa exposição, os de marinha exclusivamente, são em número tão reduzido, que não lhe justificam plenamente aquelle honroso qualificativo. Não é que a especialidade de um artista se possa julgar pela maioria de suas obras, mas sim pelas de maior merito, mas, é que tratando-se de um marinhista de tanta responsabilidade, esperavamos que, pelo menos, em valor, os seus trabalhos de marinha se destacassem positivamente dos demais quadros que apresenta. Entretanto, o illustre pintor tem ahi quadros de paisagem muito superiores a algumas das suas marinhas, e, mesmo, algumas destas, que como taes constam do catalogo, participam da paisagem em tão grande parte não pódem ser classificados exclusivamente como assumptos de marinha. Disto se deprehende que este artista não tem uma especialidade determinada e certa, pintando com a mesma facilidade os diversos motivos para onde a sua vontade se inclina. De qualquer fórma, porém, o sr. João Vaz nos parece mais um bom professor de pintura, do que um grande artista do pincel, porque os seus trabalhos nos agradam mais pela correcção do desenho e tecnhica segura, do que pela escolha e desenvolvimento dos assumptos, geralmente frios e sem as qualidades emotivas que caracterisam as verdadeiras obras de arte. Não é porque em Portugal não haja, como aqui ou em qualquer outra parte, pedaços da Natureza que vibrem e fallem á alma do artista, mas, é que ao temperamento do illustre pintor portuguez, mais alto fallam esses motivos, quasi sem expressão, do que qualquer outros que pudessem transmittir ou exteriorisar um verdadeiro sentimento artistico. Os seus trabalhos são quasi todos muito bem feitos, mas, nós como que nos esquecemos dos motivos, absorvidos pela factura de que o sr. João Vaz, mostra ter bastante conhecimento, embora nos pareça não ter a mesma firmeza de estylo, pendendo óra para a maneira suave de Souza Pinto, óra para a pintura larga de Malhôa. Em resumo: a exposição do sr. João Vaz, não foi para nós uma surpreza de arte superior, mas, deu-nos a affirmação de que este artista é um pintor que honra nobremente a arte portugueza, embora não o consideremos um "grande marinhista", como nos davam a entender os preconicios amigos da imprensa. Viriato Marconde." Exposição João Vaz. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 28 de ago. 1913, ed. 394, p.4.

Em 15 de abril de 1914, o *Jornal do Brasil* publicou uma nota acerca da chegada de Correia Dias[142] ao Rio de Janeiro, com objetivo de expor os seus trabalhos na cidade carioca, bem como acrescentou brevemente algumas informações sobre a sua vida e obra do artista português.[143] Posteriormente, o articulista Jayme do *Jornal do Brasil*, como assim assinou, avaliou a qualidade artística de Correia Dias na exposição, tendo como base a trajetória profissional do artista

[142] O artista Correia Dias é avaliado segundo o olhar do crítico de arte, o brasileiro Adalberto Pinto de Mattos, da seguinte forma, qual seja: "(…) Existe no Rio de Janeiro um outro temperamento, que tem despertado um vivo interesse; as suas coisas, sempre perfeitas e dosadas de um requinte fidalgo, suggestionam o contemplador. O dono desse temperamento é *Corrêa Dias* - Portuguez, de raro talento, realisou uma exposição assim que chegou, no edificio d´ "O Paiz", alcançando formidavel sucesso, ou por outra: uma verdadeira consagração! A sua obra é daquellas que o publico pequeno não póde comprehender; é privilegiada, é fidalga, possue encantamentos refinados que só as "elites" comprehendem. De um sabor altamente decorativo, attinge sempre a méta prefixada; illustrador, interpreta com finura os conceitos que são submettidos ao seu "savoir-faire". E´ um dos grandes illuministas contemporaneos." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.26.

[143] Na íntegra, a notícia informou que: "Das mãos de um amigo recem chegado de Lisboa, recebemos o catalogo da ultima exposição de caricaturas realizada naquella capital pelo artista Sr. Corrêa Dias. Por elle soubemos da proxima chegada daquelle artista a esta Capital, onde é esperado hoje, pelo vapor *Coburgo*. Vem ao Rio de Janeiro com intenção de demorar-se cerca de quatro mezes, e durante esse tempo fará uma exposição de arte caricatural e dispôr-se-á a trabalhar ao *grand mond*, fazendo caricaturas pessoaes e dedicando-se particularmente ao bello sexo da sociedade elegante carioca. Natural de Coimbra, fez-se artista em Lisboa, onde toda a gente que frequenta a roda intellectual lisboeta o conhece e aprecia, pela sua simplicidade e affabilidade de genio. Tem trabalhado em varios jornaes da capital portuguesa, e o seu fino espirito é sobejamente conhecido. As suas caricaturas, dil-o o prefaciador do seu catalogo, Dr. Teixeira de Carvalho, não vivem artificialmente do espirito das legendas, porque os seus personagens não se immobilisam a um gesto de effeito: soffrem e sentem; o seu traço é variado como a côr e vae desde as maiores mentalidades até a finura da aquarella japoneza. A sua visão é profunda e o seu lapis tem a agudeza de um bisturi, que preseruta o que disseca." Uma exposição. Está a chegar ao Rio o caricaturista portuguez Sr. Correia Dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de abr. 1914, ed. 105, p.8.

português[144]. O jornal *O Paiz* publicou duas notas a respeito da exposição do caricaturista português Fernando Correia Dias realizada na Associação de Imprensa do Rio de Janeiro. A inauguração

[144] A nota começa a traçar a história da arte caricatural, desde as origens egípicias, gregas e romanas, a perpassar pelo século XIX nos países como a França com Grévin, Gill, Caran d´Ache, por exemplo, a Inglaterra com Walter Grane, Rowlandson, Caldecott, sendo ambos considerados como centros de referência. Em Portugal com Bordalo Pinheiro, Caronte e Cetto na Itália, na Holanda com Braakenstek, Braetz na Austria, Kio-Sai no Japão e na Alemanha Wilhelm e Brandt. Todos tendo como natureza artística a crítica, a ironia e a sugestão sobre os fatos da vida. Adiante a matéria retorna para o seu objetivo precípuo, a exposição de Correia Dias, cuja avaliação é feita da seguinte maneira, conforme os dizeres do colunista do jornal: "(…) E´ essa originalidade, é a verdade como elle a sente, com todo o poder vibratil de transmittil-a assim mesmo, fazendo de cada observador um suggestionado, e até de um rebelde um admirador, que caracterisa o processo caricatural de Corrêa Dias. O nome do joven artista portuguez cáeme dos bicos da penna no momento preciso, porque é de justiça valorisal-o, cotal-o como elle merece, e essa cotação, e essa valorisação, seriam deficientes se não fossem precedidas das palavras que ahi ficam com um fim unico: o de pôr em relevo o merito de um artista que apparece quasi de subito em Portugal, trazendo dentro do cerebro e na ponta do lapis, orientações novas, fontes ineditas de sensibilidade, encantadoras formas de suggestão, processos subtis de ironia, em summa, todas as condições do triumpho. (…) Ha cinco, era um simples estudante de philosophia na Universidade de Coimbra, hoje, sobretudo depois da exposição dos seus trabalhos em Lisboa, da critica que receberam, da impressão que lá deixaram, é um artista de renome em Portugal, como ha de sel-o amanhã no Brasil, quando a imprensa e o publico e os homens de lettras e os criticos acabem de desfilar pelos salões da Associação da Imprensa, e observem e examinem, com os olhos de ver, o que ha de mais notavel, o que ha de mais impressionante, nos 97 trabalhos sobre assumptos pessoaes, impessoas, que em pó de marmore, em barro, em vitraes, em panno, em louça, em caricaturas a lapis e á penna, expõe Corrêa Dias. Frisei ha pouco uma das originalidades desse artista: a sua ascensão, tão rapida que se assemelha a um vôo. Pois de outra vou falar-lhes que as leva a todas de vencida. Corrêa Dias, desenhista primoroso além de todos os seus outros meritos… nunca estudou desenho. Arrancou a si proprio todos os elementos de victoria desde a techica dos processos até á idealisação da arte. O que é, o que sabe, o que póde, o que vale, não o deve a mais ninguem. E dahi, a independencia do seu lapis, o poder critico do seu traço. Dahi sobretudo a sua originalidade, porque não ha em todos esses trabalhos o reflexo de uma copia, a mancha de uma contrafacção. E´ bom? E´ máo? E´ optimo? E´ elle. Como musset só bebe pelo seu copo, grande ou pequeno. Paisagens do Choupal, Luares de Janeiro, Passagem do Mondego, Corpos d´amphora, Elegancias requintadas, Tentações da carne, Serenatas. Lindos chapéos, Reliquias, Namoros Auto-caricatura, attitudes de personagens em voga, Satyras corporisadas, Beijos, Pierrots e Pierrettss, tudo o que está alli foi o que elle viu, como elle viu e observou e sentiu atravez do seu temperamento, na sensibilidade da sua retina, com os olhos do seu espirito. (…) Com effeito, alguns dos trabalhos de Corrêa Dias provocam e suggerem pensamentos que lá não estão desenhados ou esculpidos. Evocam alguns delles cousas idas, e outros fazem adivinhar perfeições futuras. O estado d´alma em que o artista os produziu reproduz-se nos que com attenção os observam. (…) Pois na obra do caricaturista portugues, o qual se não assemelha a nenhum outro, pois que nem mesmo comsigo muitas vezes parece, - tão variados são os seus processos, - ha trabalhos que fazem pensar, idealisar, como os versos melhores dos poetas symbolistas. Mas logo passamos destes para outros em que apparece a verdade na sua rudeza ou na sua caricatura, arrancada em flagrante á vida da natureza ou á vida da sociedade. Tal é, nas muitas feições de seu espirito, e as nas fórmas estranhas, bizarras, suggestivas, de o manifestar, o moço artista portuguez, que o Rio de Janeiro acolhe com justificada sympathia e que eu saúdo, reconhecido, por elle me trazer encantos evocativos da sua arte a commovida evocação da minha terra. Rio, Maio, 1914. Jayme." Aquem e Além-Mar. Correia Dias. A exposição dos seus trabalhos no Rio. A sua arte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914. ed. 130, p.9.

ocorreu no dia 05 de maio de 1914 e contou com cerca de 100 trabalhos do artista, desde aquarelas, guache, estatuetas até caricaturas[145].

Em seguida, o periódico *Correio da Noite* publicou uma nota a respeito da grande afluência de visitantes, sendo mencionado a presença de alguns nomes, bem como informou, sem citar explicitamente, a aquisição de algumas obras do artista português pela intelecutalidade local[146]. O periódico *A Noite* destacou o *vernissage* da exposição do artista Correia Dias, que contou com a participação de figuras importantes do meio social e artístico, além de ter discorrido acerca da produção artística de Correia Dias[147]. Ademais, o periódico *O Imparcial* publicou uma nota sobre a exposição, que no mesmo sentido que os demais periódicos, informou as obras que estiverem

---

[145] A saber: "Inaugura-se, depois de amanhã, nos salões da Associação de Imprensa, a interessante exposição de humorismo, do brilhante artista portuguez Correia Dias. Na vespera terá logar uma recepção á imprensa. A exposição é, como dissemos, muito interessante. Ella se afasta do que temos geralmente visto neste genero. Compõe-se de cerca de cem composições, em aguarella, gouache, estatuetas e *applicações caricaturaes*, estando dividida em duas partes - caricaturas impessoaes e caricaturas pessoaes. Dirigindo a attenção de quantos se interessam pelas coisas de arte para a bella exposição do festejado artista, reservamo-nos para, opportunamente, nos referirmos detalhadamente aos seus magnificos trabalhos." Exposição Correia Dias. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1914, ed. 10800, p.3.
No dia posterior, houve a publicação da seguinte nota: "deve ter logar amanhã a recepção á imprensa e aos artistas, nos salões da Associação de Imprensa, para uma visita á exposição de humorismo do brilhante artista portuguez Correia Dias. No dia seguinte a exposição será franqueada ao publico, que muito apreciará, por cento, os originaes e trabalhos do grande caricaturista." Artes e Artistas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 de maio de 1914, ed. 10801, p.3.

[146] "Correia Dias tem tido a sua curiosa e bizarra exposição de caricaturas muitissimo visitada. O salão nobre da Associação de Imprensa tem regorgitado nestes ultimos dias. Muitos quadros do grande artista já têm sido adquiridos por varios dos nossos mais conceituados amadores. Entre as pessoas que visitaram a exposição Correia Dias, notamos as seguintes: Mlles. Americano, Ewerton Pinto, Maria Belfort, Ruth Belfort Oliveira, Odette Vianna, Geminiano Motta, Antonia Adalgisa Ferreira Fraga, Lucia Lopes de Almeida, Maria Luzia de Souza Camargo, Isaura Drummond, Margarida Lopes de Almeida, Olinta Braga e Sras. Belmiro de Almeida, Baptista da Costa, Alvaro Moreira, Antonio Prado Filho, visconde de Cannavieiras, Oliveira Vianna, José Campas, Edgard Parreiras, J. Thimotheo, Elmano Cardim e Affonso Lopes de Almeida." Nota. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 09 de maio de 1914, ed. 108, p.3.

[147] "O Sr. Correia Dias, caricaturista portuguez, que ora visita o Rio de Janeiro, realiza á tarde o <<vernissage>> da exposição de trabalhos seus, na Associação de Imprensa. A´s 3 horas, presentes representantes da imprensa carioca, innumeras familias da nossa primeira sociedade, artistas, jornalistas e amigos do caricaturista expositor, foi visitada a exposição, que consta de 97 composições do Sr. Correia Dias, cujos trabalhos, pelo seu desenho, pela fina ironia do artista, pela elegancia do manejo do lapis, alias, de actualidades e outros ainda de creações engenhosas, muito agradaram e causarão ainda bella impressão a todos tantos ainda não tiveram occasião de conhecer as producções artisticas do Sr. Correia Dias, que recebeu muitos cumprimentos dos visitantes." "vernissage" da exposição Correia Dias. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 de maio de 1914, ed. 854, p.3.

presentes no certame, como abaixo (fig.21), bem como destacou a personalidade artística do caricaturista lusitano[148].



Figura 21 - Caricaturas de Correia Dias: "No alto: caricatura do poeta portuguez Affonso Duarte; luar de janeiro (adquirido pelo sr. dr. Manoel de Arriaga, presidente da Republica Portugueza); Mimi Aguglia, actriz italiana. Em baixo: Empavonada (barro)". Fonte: A exposição de caricaturas de Correia Dias. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914, ed. 495, p.5.

---

148 "Ha varios dias está franqueada ao publico, no edificio da Associação da Imprensa, uma bella exposição de trabalhos do apreciado caricaturista portuguez Correia Dias. Expõe o artista cerca de cem trabalhos cheios de vivaz colorido, e de uma graça ora simples e até poetica, ora bizarra e impressionante, denotando a inexgottavel pujança de uma fantasia sem limites. Ha retratos em que o exaggero da caricatura revela qualquer cousa de verdade forte nas expressões e nos olhares, como o da actriz italiana Mimi Aguglia, o de Guerra Junqueiro e outros; ha paizagens que relevam alto poder de observação e finissimo <humour>; ha muitos e muitos outros trabalhos notaveis pela perfeição do traço, pela viveza da execução, pela real originalidade das idéas e pela admiravel disposição dos matizes. A exposição de Correia Dias revela em seu autor um artista feito, com individualidade e feição proprias. Todos os que a visitam della se retiram com as mais agradavel impressão, não regateando encomios ao distincto caricaturista e lisonjeiras referencias a suas obras. Os que ainda não foram admirar as magnificas telas expostas devem fazel-o sem demora, para que não se furtem por mais tempo a esse prazer e confirmem os nossos loros de povo adeantado e culto, que sabe admirar a arte e corresponder aos esforços dos verdadeiros artistas." A exposição de caricaturas de Correia Dias. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914, ed. 495, p.5.

Posteriormente, a convite do Sr. presidente da República, Hermes da Fonseca, e sua esposa, Sra. Nair Hermes da Fonseca, o caricaturista foi ao Palácio do Catete, edifício administrativo da República Federativa do Brasil, para conhecer o lugar e participar de uma audiência pública, aonde foi largamente elogiado pelo seu trabalho e, em troca desse gesto, o artista português Correia Dias ofereceu um buquê de rosas e uma caricatura da esposa ao presidente da República[149].

De fato, mais uma vez, denotam-se que nessas exposições de arte portuguesa há uma cordialidade entre o poder público e o artista, com o intuito de estreitar laços não somente artísticos, mas também económicos e comerciais. Sendo assim, pode-se deduzir que nesse tipo de evento não há apenas uma exposição de obras de arte, mas sim há outras intenções por detrás envolvidas nesses certames.

2.1.10. Exposição de Pinturas José Campas de 1914 no salão da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro

É oportuno informar que antes dessa exposição, a *Revista da Semana* publicou um artigo do secretário da Académia de Ciência em Lisboa, o Sr. Christovão Ayres, no qual analisou a exposição de José Campas[150] realizada em Lisboa, momento antes de embarcar para o Rio de Janeiro e expor

[149] O Caricaturista Correia Dias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, ed. 131, p.4.

[150] Sobre José Campas, segundo o crítico de arte Adalberto Pinto de Mattos: "(…) Campas, muito jovem, deixou transparecer, nas obras que expoz na Escola de Bellas Artes, um talento pouco vulgar, que, mais uma vez, leva a alma e a grandiosidade dos artistas portuguezes." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24

79 trabalhos na Escola Nacional de Belas-Artes[151]. Posteriormente, o *Correio da Noite* em uma nota publicou sobre o dia da inauguração da exposição, 11 de maio de 1914[152] (fig.22), que contou com a presença do sr. presidente da República, Hermes da Fonseca, junto com a sua esposa Nair de Tefé, inclusive foi pintora, acompanhados pelos srs. general Luis Barbedo, tenente-coronel James Andrew, da Casa Militar da Presidência, do sub-secretário das relações Exteriores, do encarregado de negócios de Portugal e do Diretor da Escola.

[151] Nesse sentido, Christovão Ayres também examinou a trajetória e a personalidade artística de José Campas ao dizer que é "(…) Discipulo laureado do eximio artista portuguez Carlos Reis, que tambem no estrangeiro colheu os laureis mais fecundos, José Campas obteve nas Academias de Paris os diplomas mais honrosos; foi muito festejado nas exposições dessa grande capital, onde é necessario que um estrangeiro tenha verdadeiro merito para ser admittido; fecundas em ensinamento foram as suas visitas aos museus mais notaveis da Europa, taes como os de Madrid, Paris, Londres, Holanda e Italia; sensiveis são os seus progressos na arte a que se dedica e cujos melhores modelos sabe vêr e apreciar como poucos - notavel é o seu aperfeiçoamento, dia a dia, hora a hora, n´um crescendo que honra a arte a que se consagra de coração, com enthusiasmo, com verdadeira febre, propria da sua idade e do seu talento. Tem sido de lutas e de triumphos a sua carreira artística, desde bem criança; por um lado, cheia de exitos felizes, mas rasgada tambem de contrariedades que a sua grande fé e a sua perseverança vão vencendo sempre. Vence porque é um crente, um forte, que tem diante de si aberta uma brilhante carreira. Ai! dos que só crêem nas facilidades de um exito para que não concorreram nem com o esforço, nem com o trabalho. Em compensação, felizes os que triumpham pelo talento nativo e pelo proprio esforço. (…) José Campas é um vencedor, porque tem fé no seu talento, que é real e cheio de ridentes promessas, e porque sabe que "querer é poder", quando se tem a sua idade, o seu amor ao trabalho e a sua coragem para luctar. Só assim luctando perseverantemente, se vence e se colhem os fructos do seu trabalho. Só assim se obteem os triumphos de que a carreira de José Campas se vê cheia, pelo apreço dos que sabem comprehender e avaliar os quilates do seu talento e do seu caracter. A exposição que elle agora realiza é cheia de interesse pelos trabalhos que apresenta e que revelam um progresso artistico muito superior, e nos quaes se nota não só uma decidida vocação artística, mas um trabalho aturado. O talento de José Campas é essencialmente progressista, e tem sabido tirar partido dos meios cultos que tem frequentado, e onde a arte é uma religião. Na exposição que agora realiza em Lisboa nota-se a avidez do seu trabalho juvenil em se assenhorear de quanto é interessante e bello… E´um verdadeiro enlevo a exposição de José Campas, e vão-se-nos os olhos nas bellezas que encerra e que o artista soube roubar ao que a vida lhe offerecia de encantador e de atraente. Largo é o futuro, ampla de luz e gloria a estrada que tem ainda de percorrer o joven artista José Campas, a quem o trabalho tem dado mais força para valorisar o seu talento." A Exposição de José Campas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1914, ed. 13, p.21.

[152] Por ser mais um periódico carioca a destacar sobre a exposição de José Campas, O *Correio da Noite* publicou uma pequena nota sobre o dia da inauguração do certame, a saber: "José Campas, illustre artista portuguez, actualmente entre nós, inaugura no dia 11 do corrente a sua exposição. Campas, que já obteve honrarias no *salon* de Paris, fará a sua exposição em um dos salões do palacio das Bellas Artes." Nota. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 09 de maio de 1914, ed. 108, p.3.

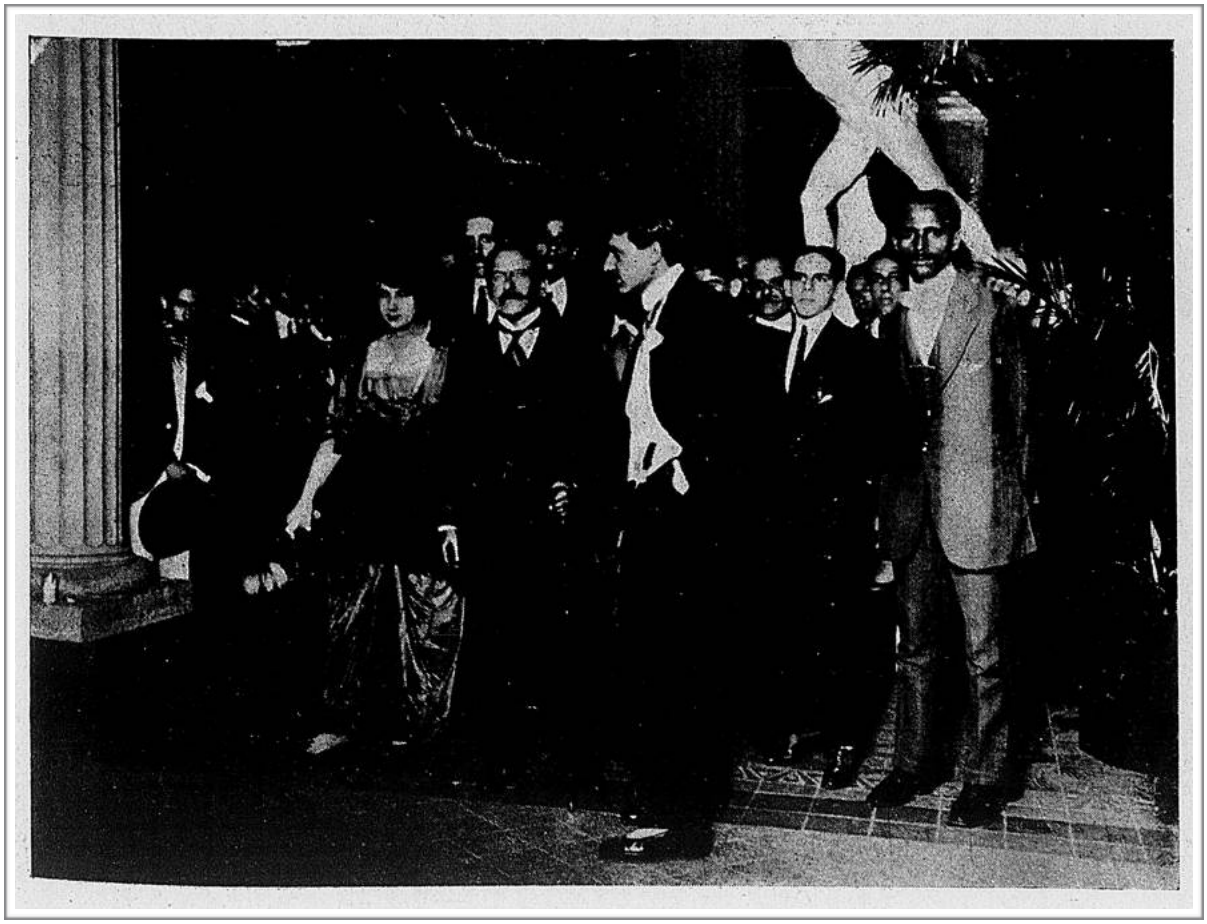


Figura 22 - Dia da inauguração da Exposição José Campas. Fonte: A Exposição de José Campas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 15, p.21.

Há também uma passagem na nota que relatou a trajetória do artista, como também mencionou que as obras de paisagens e perspectivas do artista português apresentam tonalidades extraordinárias e que o público deverá apreciar até o dia do encerramento da exposição, 25 de maio de 1914[153]. Em um outro jornal, *A Notícia*, novamente foi divulgado uma nota sobre a abertura da exposição de José Campas, que contou com a presença do sr. presidente da República, Hermes da Fonseca, além de ter destacado o valor artístico do pintor português foi informado que a maioria dos

[153] Mais informações sobre a carreira artística de José Campas: "(…) Discipulo de Carlos Reis, Bonnat, Jean Laureans, Collin, Toblé Duval, o sr. José Campas foi pensionista do Estado Portuguez permaneceu em Paris durante quatro annos durante os quaes expoz varios trabalhos seus figurando no *Salon* dos artistas francezes. Diplomado pelas Escolas de Bellas Artes de Lisboa o illustre artista acaba de alcançar naquella cidade um exito ruidoso com a exposição que fez dos seus quadros justificando cada vez mais o conceito em que de ha muito é tido e que lhe fez merecer a estima pessoal do glorioso maestro Massenet e da afamada escriptora franceza mme. Adam. De uma technica perfeita e com um traço seguro e impecavel esse pintor portuguez que se encontra actualmente nesta capital é eximio nas paysagens, perspectivas, em fortes tonalidades dum flagrante extraordinario." A Exposição de José Campas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 15, p.21.

quadros expostos representou paisagens de Portugal, como também foram retratados lugares da França[154].

No dia 23 de maio de 1914, o *Jornal do Brasil* publicou uma nota a respeito da exposição de pintura do artista português José Campas, instalada na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, cujo evento teve um grande afluxo de visitantes, sendo informado que alguns quadros de José Campas foram vendidos[155]. Nesse mesmo sentido, o jornal *O Paiz* publicou algumas notas sobre a exposição de José Campas, com destaque também sobre a qualidade artística do pintor, a exemplo das obras *Manhã triste* e *Margens do Nabão*[156], fora os demais trabalhos que foram

---

[154] Conforme aludiu a matéria: "(…) Bem numerosos são os trabalhos que expõe o Sr. José Campas, antigo alumno da Escola de Bellas Artes de Lisboa, onde foi discipulo de Carlos Reis, e ex-pensionista do Estado portuguez em Paris. O Sr. José Campas é ainda muito moço, quasi imberbe, o que faz com que se admire nos seus quadros, um bello esforço que será forçosamente coroado dentro de poucos anos, do successo mais brilhante que possa esperar um pintor que não teve a felicidade de nascer em França, em Flandres ou na Italia, paizes classicos das bellas artes, em que os artistas que tudo merecem tudo obtêm pelo seu talento e são objectos de um culto e de uma veneração que sem grande exaggero se podem chamar excepcionaes. (…) a proposito da exposição do Sr. Campas, unicamente porque ella nos dá ensejo de falarmos de arte, e porque nos parece a nós que, sob o ponto de vista material além da vantagem que têm de se achar Lisboa, a dia e meio de Paris, não lhes sorri melhor fortuna do que aos nossos patricios. (…) Os quadros expostos são, em maioria, paizagens de Portugal e alguns cantos do "bello paiz de França", e, entre os ultimos, destacamos uns trechos de Fontainebleau que se encontram sob o numero 45 do catalogo. Entre os quadros de genero, merece admiração um nu, "Durante o somno" (n.54 do catalogo)". Os artistas portuguezes. A abertura da Exposição José Campas. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 12-13 de maio de 1914, ed. 111, p.3.

[155] A saber: "(…) Foram adquiridos mais os seguintes quadros: "Apanhando grillos" e "Bois-teimosos", pelo Sr. Visconde de Moraes; "Lakrué", pelo Sr. J. C. e o "Douro no Areinho", pelo Sr. Dr. Ferreira de Almeida, Encarregado de Negocios de Portugal." Arte Portugueza, Exposição José Campas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 143, p.7. As obras adquiridas pelo Sr. Visconde de Moraes e Sr. J. C. também foram noticiadas pelo *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 10820, p.4.

[156] "No salão da Escola Nacional de Bellas Artes, continuam a figurar os magníficos trabalhos de arte devidos ao pincel do Sr. José Campas, laureado pintor portuguez. Não faltam encomios ao notavel artista de todos que têm apreciado os seus trabalhos. De facto, ha nos quadros de Campas uma grande correcção de desenho e de precisão de colorido de quadros de Campas, ha nelles a alma do artista, que ora surge calma e melancolia na *Manhã triste*, placida e dolente, nas *Margens do Nabão*, em Thomar, como caracteristica de sua nacionalidade, pois, o portugues nas suas notas mais alacres deixa sempre que se sinta uns longos de dôr, ora apparece menos vezes alegre, vivaz, saltitante, exprimindo os sentimentos novos de sua juventude. (…) Emquanto não termina a exposição de José Campas, devem os nossos artistas, os nossos intellectuaes e os amadores da boa pintura, dos trabalhos de verdadeira arte, affluir á Escola de Bellas Artes. Ahi terão momento de intenso prazer espairecendo a visita sobre as suaves perspectivas das paisagens do distincto artista portuguez ou sobre as suas curvas magnificas de figuras, principalmente humana. A exposição de Campas é um bello sucesso de arte." A exposição de Campas é um bello sucesso de arte. Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de maio 1914, ed. 10818, p.3.

adquiridos[157] dentro da coleção das telas elogiadas pelo público carioca e, por fim, informou o público que esteve presente no certame, tendo tido a presença de algumas autoridades importantes do meio social[158]. Porém, convém salientar que antes houve uma matéria publicada pelo *O Paiz* que

[157] "(…) A *Manhã triste*, que reproduzimos hoje, foi obtida pelo Dr. Souza Dantas, que tambem adquiriu as *Margens do Nabão*. São duas télas de bastante valor e que não desmerecerão a mais selecta galeria." A exposição de Campas é um bello sucesso de arte. Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de maio 1914, ed. 10818, p.3. No dia seguinte, o jornal informou outras obras adquiridas, a saber: "(…) Varios trabalhos, além dos dois bellos quadros comprados pelo Dr. Souza Dantas, sub-secretario das relações exteriores, têm sido adquiridos por amadores da bella e boa arte. A Sra. Falcarreiro Teixeira adquiriu o lindo quadro, o *Coplas*, e a formosa paizagem *O Douro no Areinho* (Porto), foi comprado pelo doutor Ferreira de Almeida, encarregado de negocios de Portugal." Artes e Artistas, Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1914, ed. 10819, p.4.

[158] A saber: "Todas as pessoas que têm visitado este interessante certamen artistico enaltecem as valiosas obras expostas. A assistencia tem sido selecta e numerosa e hontem foi visitada tambem pelo Dr. Lauro Müller, ministro das relações exteriores, que se fez acompanhar pelos Srs. Dr. A. J. Paula da Fonseca, consul do Brazil em Paris; Dr. Manoel Coelho Rodrigues, consultor juridico do Ministerio dos Negocios Exteriores, os quaes, pelos Srs. Dr. Gama Rosa, secretario da escola, e pintor José Campas. Além das pessoas citadas recorda-nos ter visto ali senhora Machado Guimarães e filhas, viuva Rodolpho Galvão, Leopoldina Fernandes, Adolcindo H. Alves, Domiciana Meyer, e os Srs. Dr. Mario Monteiro, Lucilio de Albuquerque, Dr. Cincinato Lopes, general Pedro A. da Fonseca, Roberto Macedo de Moraes e caricaturista Correia Dias. A exposição continua aberta, na Escola Nacional de Bellas Artes, das 10 ás 5 da tarde." Artes e Artistas. *O Paiz*, 13 de maio 1914, ed. 10810, p. 3.

reproduziu uma nota do *Diário de Notícias* de Lisboa sobre a vida e obra do pintor português, posto que algumas obras que foram expostas em Lisboa também tiverem presentes nessa exposição[159].

Na mesma linha editorial dos periódicos supracitados, a *Gazeta de Notícias* fez também uma referência sobre a inauguração da exposição de José Campas ao ter relatado a presença de algumas autoridades do meio político, social e artístico, bem como a menção de algumas obras do artista português que estava entusiasmado com a sua exposição, sendo oferecido, inclusive, um buquê de rosas de chá ao presidente da República como forma de retribuição pela hospitalidade com que o

[159] Nesse sentido, vale transcrever a notícia na íntegra: "José Campas é hoje o pintor portuguez, dos novos, dos mais apreciados, dos mais queridos, dos mais classificados nos certamens a que tem concorrido. O nome e o talento de José Campas são sobejamente conhecidos de todos, e não são necessarios adjectivos para classificar a sua obra. A prova de quanto vale o seu grande talento está na maneira como é considerado no estrangeiro, sobretudo em Paris, onde, tendo concorrido á Escola de Bellas Artes, e com 600 concurrentes de todas as nacionalidades, foi o nosso compatriota admittido como o n.3, dos 12 definitivos, entre os 120 classificados! Quando concorreu ao "*salon* dos artistas francezes" com a sua bella obra *La Tasse de Thé* (adquirida pelo Sr. Carlos Seixas), foi recebida com applauso pelo exigente jury, entre os 300 quadros escolhidos das 5.000 obras que concorreram a este certamen mundial! Entra-se na exposição e reconhece-se desde logo que se está na presença de um artista de raça, que tem um largo futuro diante de si, se continuar a cultivar a grande arte da pintura com o mesmo espirito de observação, com a mesma vontade e applicação. Escola e das melhores tem-n´a elle, tendo sido seus mestres, em Portugal, Carlos Reis e, no estrangeiro, Léon Bonat, Jean Paul Laurens, Raphael Collin e Jacques Jobbé-Duval, não lhe faltando igualmente originalidade, o que para um artista é uma das principaes qualidades. José Campas não é o pintor banal - "le rapin de la Butte sacrée" - do bairro latino, o apaixonado da Mimi, com a sua typica cabelleira e trajo, creado pelo grande Wan Dick; mas um verdadeiro *gentleman*, conhecendo de perto entre a elite da França - Mme. Juliette Adam, Rodin, Bonnat. Os fallecidos mestres Jules Massenet e Paul Segond dedicavam tambem grande consideração ao joven artista. Deliciam-nos a alma os seus quadros, que são verdadeiros enlevos. Demonstra-nos José Campas, em todos elles, quanto lhe foram proveitosas as peregrinações artisticas, por esse mundo fóra, aos centros privilegiados das sciencias e das artes, França, Inglaterra, Holanda, Suissa, Allemanha, Italia e Belgica, todo o *parti-pris* que soube tirar dos conselhos dos grandes mestres e escolas que frequentou e museus que visitou. Em todas as suas obras admiramos diferentes modalidades da sua personalidade artistica, e, se algumas nos falam mais ao coração pelo assumpto, outras nos seduzem pelo seu rico colorido. Citaremos em especial a perspectiva do Tejo em Constancia, onde pela sciencia da perspectiva lembra o celebre quadro de Willet, *Les glaneuses*; *A volta da venda* (cabeça de Montachique), de uma grande naturalidade, onde os animaes estão tratados com maestria; *Lakmé*, cabeça juvenil, cheia de mysterio, sem duvida uma das melhores obras da exposição; *O caldo verde*, de uma flagrante verdade e typicamente portuguez, assim como *A arribana* e na *Eira*. *Coplas* é o quadro mais emocionante da exposição, onde um cego, cantando ao lado da mulher, uma tuberculosa, e do filho adormecido junto a um cão, traduz bem a desgraça, a dor e a infelicidade daquelles entes. Citaremos ainda os poeticos quadros *A quinta da China* (Campanhã), e *Um jardim do seculo XVIII*, onde se encontram reunidas as excepcionaes qualidades do artista, quer como colorido, sentimento e desenho, o maravilhoso quadro *Nostalgia* nos emociona pela sua poesia. Concluindo, diremos que a exposição José Campas, instalada no salão da Instrucção Portugueza, é mais um triumpho para o artista e um verdadeiro successo artistico e mundano." José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1914, ed. 10800, p.3.

recebeu no certame[160]. De forma concisa, o jornal *A Noite* destacou o sucesso do certame de José Campas, sendo informado também a presença de autoridades públicas, como igualmente mencionou uma breve biografia do artista, segundo já relatado acima[161].

E, por fim, outro periódico que destacou a presente exposição foi o *Jornal do Commercio*. Nele há uma nota que mencionou, inclusive de forma poética, sobre os trabalhos expostos de José

---

[160] "Já passavam das 3 horas da tarde, quando o Sr. presidente da Republica e sua Exma. esposa chegaram ao edificio de Bellas-Artes, acompanhado dos seus officiaes ás ordens general Barbeado e coronel James Andrew. Aguardavam S. Ex. o director professor Dr. Bernardelli, ministro Dr. Souza Dantas, Dr. Ferreira d´ Almeida, encarregado dos negocios de Portugal e o pintor Sr. José Campas. A visita foi demorada, tendo o joven artista muita felicidade, e merecendo especial menção algumas das obras expostas, por parte de Mme. Hermes, como por exemplo o quadro "Declarações…", "Padua", "Poente" (Ericeira) e "Bois teimosos" (Entre os Rios). A` sahida, as mesmas pessoas que receberam o chefe de Estado, acompanharam-o até á carruagem e nessa occasião o pintor José Campos offereceu a Mme. Hermes um lindo "bouquet" de rosas de chá, que muito captivou S. Ex. entre a numerosa e selecta assistencia recorda-nos ter visto: Mmes. Carvalho e Silva, Souza e Silva, João Luzo, Portugal da Silva e filha, Adelina Netto, Leonia Ferreira, Henrique Biard, Zulmira Constante, Manoel Bernardes, Eponina de Mello, Maria da Cunha e filha; Mlles. Cinira Jardim, Lopes d´Almeida, Zuleika de Palles, Lausderman, Marle Souza Gomes Faria, Memona Main de Vaches, Mme. F. Ferreira d´Almeida e filha e Alice Castro Silva; e os Srs. Drs. Lafayette de Carvalho e Silva, Manoel Bernardes, visconde de Moraes, consul do Uruguay, João Luzo, Carlos Americo dos Santos, Jaymes Victor, Dr. Max Fleiuss, Amaral França, Machado Correia, actor Alexandre d´Azevedo, Dr. Cicero Filho, engenheiro Alfredo Kendall, Silva Monteiro, Antonio Guimarães, Dr. Graça Couto, Dr. Carlos Augusto Tavares, Nicolino Bezzi, Dr. Gomes Ribeiro, etc."Arte Portugueza. A exposição José Campas é inaugurada com a assistencia do Sr. presidente da Republica. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, ed. 131, p.4.

[161] "A exposição de quadros do artista portuguez José Campas, cuja inauguração se realisou ha dias, na Escola de Bellas Artes, com a presença das altas autoridades da Republica, membros do corpo diplomatico, etc, vem até hoje obtendo um constante successo, digno de nota, que deixa bem patente tratar-se de um artista, sobre quem pesam as responsabilidades de uma reputação já formada. Com effeito, José Campas, em Lisbôa, onde cursou a Escola de Bellas Artes, foi distinguido com o titulo de pensionista do governo portuguez, em Paris indo frequentar a <<E´cole>>, que o premiou. No <<Salon>>, onde muitas vezes expôz trabalhos seus, sempre obteve referencias elogiosas. Discipulo de Carlos Reis, em Lisbôa, e de Bonnat e Jean Paul Laurens, em Paris, José Campas evidencia em suas telas um talento original. Ha, na exposição actual recantos amorosos de Portugal, onde a distribuição de luz e precisão do colorido demonstram um Bello temperamento do artista. Sua exposição, que é gratuita, continua aberta na Escola de Bellas Artes, diariamente, das 10 ás 17 horas". A exposição José Campas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 871, p.2.

Campas, a forma artística adotada após sua passagem pela França, como também incluiu elogios sobre a qualidade estética do artista português[162].

2.1.11. Exposição António Carneiro de 1914 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro

Alguns meses antes da abertura da exposição na capital do Brasil, António Carneiro saiu de Frísia, província holandesa, em direção ao Rio de Janeiro, com o intuito de providenciar os preparativos do certame, como a escolha do local, além do desejo de conhecer a cidade, tendo em

[162] "Ainda o anno passado o publico fluminense teve occasião de observar que o moço artista, apezar da sua permanencia em França, onde estudou sob a direcção de Bonnat, João P. Laurens, R. Collin e Jobbé-Duval, não se desarraigou, assimilando o caracter da raça franceza. Pelo contrario: firmou os caracteres da sua raça, accentuando a fórma robusta, a vigorosa materialidade de colorido que lhe é particular. E isso avulta principalmente nas telas, que representam margens de rios, como *Sol posto* (margens do Agueda), *Ultimos raios de sol* (Mondego), *Margens do Douro*, etc., em que o artista poz a verdade, comprehendeu os planos, notando com subtileza as gammas, ou gradações naturaes. E depois… José Campas tem uma grande sensibilidade de retina: apprehende as menores cambiantes; a sua factura é leve, agil, e a sua paleta abunda em valores. Em todas as paizagens, que expõe, reina uma delicada frescura; o sol nimba os seres e os objectos, enroupa-os fal-os vibrar no espaço, e reduz as sombras a manchas diaphanas, apenas mais carregadas do que os claros, que accusam o relevo das mesmas substancias. Por todas estas razões, é um verdadeiro prazer de espirito contemplar *Um açude*, *Volta do trabalho*, *A quinta da China*, *Jardim do seculo XVII* e *Perspectivas do Tejo*, tela magnifica de colorido e radiosa atmosphera. Grande numero de pessoas tem ido visitar a exposição de José Campas, sendo geral a opinião de que tudo o que elle realiza é de um aspecto encantador, infinitamente agradavel para os olhos, porque na deliciosa harmonia menor dos seus quadros nunca se descobre uma nota discordante. Para o joven artista a natureza não é um objeto de estudos profundos e perturbadores; é um Bello e seductor espectaculo, onde se encontram poucas sombras e nenhuma tristeza. José Campas faz-nos partilhar desta serena e optimista visão do mundo: <<O mundo é soberbo e magnífico de contemplar, quando toda a luz de dia desce por sobre a terra e por sobre as aguas, como um beneficio dos céos.>> Ora o pintor que nos convence desta verdade não é um artista vulgar." Nota. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de abr. 1915, ed. 107, p.3.

vista a primeira vez que desembarcou em terras cariocas[163]. Antes de ter inaugurado a exposição, cabe ressaltar que o pesquisador Dr. Arthur Valle destacou que as obras ficaram retidas por um bom tempo na alfândega carioca, tendo retardado a abertura da exposição do artista português, mas que esse empecilho não provocou inércia por parte de António Carneiro, ao contrário, o artista português aproveitou a oportunidade e realizou alguns retratos e paisagens, além de ter fortalecido e ampliado novos contatos com o meio artístico carioca[164].

[163] Há uma entrevista concedida pelo artista português António Carneiro ao jornal *Gazeta de Notícias*, na qual ele destacou a grandiosidade da cidade do Rio de Janeiro e a sensação de sentir-se como se estivesse em Portugal, além da notícia ter ressaltado o talento e a personalidade do pintor, a saber: "Vindo pela Frizia, chegou hontem a esta capital, o illustre pintor portuguez Antonio Carneiro, de quem Guerra Junqueira disse que elle era no retrato a sanguinea o que Columbano era no retrato a oleo. Não é um novo. Não é um debutante. Pintor dos mais notaveis do moderno Portugal, fazendo a marinha, a paizagem e especialmente o retrato a sanguinea, a lapis, a carvão, Antonio Carneiro, que tem o temperamento de um santo e a doçura dos apostolos, (…) Antonio Carneiro desembarcou hontem e veiu logo á redacção desta folha, onde tem um grande amigo. Mas, o pintor é timido, de uma ingenua timidez de collegial. (…) Era realmente o pintor delicado e subtil das admiraveis sanguineas que maravilharam Lisboa, quando foi da exposição de Antonio Carneiro no salão da *Illustração Portugueza*. Antonio Carneiro vem ao Rio pela primeira vez; vem fazer uma exposição dos seus trabalhos. Artista, com um profundo sentimento da Natureza, Antonio Carneiro, sentiu-se logo encantado pelo nosso paiz. Mas nós somos um pouco Portugal. E o pintor teve esta exclamação ao saltar e pisar o começo da Avenida: - Mas, não me sinto expatriado! Acho-me muito bem. Depois, na redacção, disse-nos: - Maravilhoso o Rio, admiravel! Antonio Carneiro vem continuar aqui com a sua scintillante exposição, o renome artistico de Portugal, tão brilhantemente iniciado por José Malhôa e seguido não menos brilhantemente por Mattoso da Fonseca, Souza Pinto e João Vaz. O artista diz em seguida as suas primeiras impressões: - Acho o Rio encantador. A entrada é sumptuosa. Tendo feito uma longa viagem por mar, venho encontrar um paiz em que me sinto como se estivesse no meu proprio. Era uma cousa fatal a minha vinda agora ao Brasil. Se não fosse nesse momento creio que não seria mais nunca. Vim. - E a exposição? - Já hoje mesmo pensei nisso. Dei já as primeiras providencias para o local. Agradou-me o Gabinete Portuguez de Leitura. Ali a luz é suave, doce, difusa. Vai muito bem aos meus trabalhos. Elles devem ser vistos na intimidade de um ambiente calmo, tranquilo. Intimistas. O meu temperamento repelle a pompa, a grandeza, a opulencia." Vida Artistica. Chegou hontem ao Rio o pintor portuguez Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de junh. 1914, ed. 173, p.1.

[164] VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de itocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/ Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p.54.

Posteriormente, soube-se que a exposição foi realizada na Galeria Jorge[165] e inaugurada no dia 18 de julho de 1914, com a mostra de pinturas, aquarelas e desenhos[166] e a presença de artistas,

[165] "Sahiram hontem da Alfandega as dez caixas que trazem os quadros e desenhos do illustre pintor portuguez Antonio Carneiro. Hontem mesmo foram estas caixas abertas, dando-se inicio á installação do extraordinario certamen, que se realisará, como temos dito, na "Galeria Jorge", á rua do Rosario n. 131. A abertura da exposição deverá ser feita por estes dias mais proximos. Ahi está uma noticia que vai encher de anciedade todos os amantes da arte e os admirados do illustre artista, que é o pintor Antonio Carneiro." Abre-se na proxima semana a exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de jul. 1914, ed. 194, p.2.

[166] Antes de mencionar algumas obras, a nota destacou um breve histórico do artista português, qual seja: "(…) O nome de Antonio Carneiro já é assás conhecido nesta capital, para que lhe façamos agora os elogios de que é merecedor. Há muito tempo está definitivamente firmada a sua reputação de artista, digno de figurar ao lado de Columbano e Malhôa entre os maiores artistas portuguezes de nossa epocha. Laureado nas exposições de Paris (1900), S. Luiz (1904) e Barcelona (1907). Antonio Carneiro teve um trabalho seu premiado nesta capital na Exposição de Belas Artes de 1908. A exposição do pintor Antonio Carneiro compõe-se de cento e trinta e cinco quadros. Desses, cincoenta são trabalhos de pintura: Tia Julia, Maria, Esther, Invocação do Sol da Manhã, Vaga Azul, Boa Nova Mattosinhos, Barcos de Velas, Dos Amigos, Marianna, Arco-Iris, Suavidade Brancura, Depois do Banho, Baixa-Mar, No Areal, Placidez de Presagio, Rochedos, Envolvencia, Tarde na Praia, Tempo Nebuloso, A Vaga, Raios de Sol Poente, Azul e Violeta, Nuvens Brancas, Manhã Rosca, A Grande Vaga, Calma, Azul Intenso, Luz Diffusa, Manhã na Praia, Nevoa, Barracas, A Hora do Banho, Manhã de Névoa, Ouro e Rosa, Laranjas, Pomos Vermelhos, Mar Alteroso, Cabeça de Rapariga, Elsa, Sol nas Bragas, O Passo, Manhãzinha, Poente, Na Praia. Há nove aquarellas e setenta e seis desenhos. Nesta colleção figuram retratos de algumas senhoras e cavalheiros da nossa sociedade. O sr. presidente da República, em companhia de sua exma. esposa, assistirá hoje a inauguração da exposição Antonio Carneiro, na Galeria Jorge." Inaugura-se hoje a exposição Antonio Carneiro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de jul. 1914, ed. 564, p.2.

críticos, jornalistas e figuras públicas de destaque[167]. Em seguida, foi publicada um nota de elogio sobre os trabalhos expostos no certame, tendo sido comparado com o mesmo sucesso que o pintor

---

[167] "Antonio Carneiro, distincto pintor portuguez, que ora se acha entre nós com uma linda exposição de cento e tantas telas e desenhos lindissimos, tem sido alvo de grandes encomios, a que, aliás, faz jús o seu delicado pincel. Na galeria Jorge, á rua do Rosario, onde tem affluido innumeras pessoas da nossa melhor sociedade, destacámos as seguintes: João Luso, Raul do Amaral, Armando Alves Borgez, Antonio de Oliveira, Manoel Somenech, Guttmann Bicho, Vicente Laroc, Rufino Augusto Pires, Antonio Guimarães, João Pitta de Lemos, A. M. de Moraes, Manoel Faria, Antonio Pinto Mattos, Alvaro Moreira, A. Cavalcanti, Adalberto Mattos, Carlos Manl, A. Navarro, Heitor Lima, Bento José da Costa Simões, Dr. Santos Junior, Pedro de Magalhães Coutinho, Julio Pinto, José Gomes Couto, José Augusto Guerra, G. Brandão Amado, A. Navarro da Costa Nery, Carlos Rubens, Antonio de Moura, Americo Alves, Dr. Alberto Faria, desembargador Ataulpho de Paiva, Lino Barbosa, Charley Lachmund, Augusto Pinto, Francisco Teixeira Pinto, José Julio Barroso, Santos Maia, Annibal Mattos, Archimedes José da Silva, Gastão Francisco do Amaral, Zelia Pires Salgado e Gustavo D´all´Ara. A exposição Antonio Carneiro estará franqueada ao publico, diariamente, das 10 horas da manhã às 6 da tarde." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de jul. 1914, ed. 10879, p.3.
Existem também notas a mencionar sobre a repercussão da exposição António Carneiro. Sendo a primeira: "A Galeria Jorge, onde está installada a exposição do illustre pintor portuguez Antonio Carneiro, continua a ser muito visitada. Hontem, quando lá estivemos, era grande o numero de pessoas da nossa mais fina sociedade, notando nesse numero homens de letras, artistas e conhecidos amadores. Não é preciso dizer que têm alcançado um extraordinário successo os desenhos a carvão e a sanguinea expostos por Antonio Carneiro. As suas marinhas maravilhosas as cabeças a oleo de um mestre que lembra Ribeira e Velasquez, são outros tantos motivos de admiração e justo exito desse certamen. A exposição do pintor eminente da *Ceia* e do *Baptismo* continua aberta e pode ser visitada diariamente." Vida Artistica. Exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de jul. 1914, ed. 204, p.1.
No mesmo dia, *O Paiz* publicou a seguinte nota: "Continua sendo visitadissima a exposição das lindissimas telas e desenhos do distincto pintor portuguez Antonio Carneiro. A´ galeria Jorge, onde estão expostos os trabalhos do artista lusitano, tem comparecido grande numero de collecionadores e entendidos, que não poupam elogios ao pincel de Antonio Carneiro. Ainda hontem, entre os muitos visitantes, deixaram os seus nomes registrados no livro os seguintes: J. Timotheo da Costa, J. D. Ramalho Ortigão, M. Carvalhaes, A. J. Monteiro, Armando R. Callado, Augusto Dias Junior, Abilio Correia, Carolina d´ Ambrosio, Stella Parodi, M. Monteiro Junior, J. Freitas Lemos, C. da Veiga Lima, Jayme Sotto Maior, Francisco José de Moraes, Agostinho Santo, Dr. Henrique Antão de Vasconcellos, Pedro Perez, Antonio Bernardo Ribeiro, Vasco Abreu, José F. Lima, Alvaro A. Falcão, Dantas Bittencourt, Nestor de Carvalho, Anibal Bomfim, Dr. Laudelino Freire, Iracema Orosco Freire, Rachel Orosco, Ramon Alonso, Maria Newton, Jonas Salles Cunha, André Vento, Nery, Francisco de Queiroz e Joaquim Gomes dos Santos." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de jul. 1914, ed. 10882, p.3.
Em seguida, o mesmo periódico anunciou mais nomes de visitantes que elogiaram a exposição, a incluir o artista português Correia Dias que realizou também exposição individual no Rio de Janeiro, a saber: "(…) Os numerosos visitantes que têm apreciado os trabalhos do artista lusitano são unanimes em elogiar não só a belleza da combinação de tintas, mas tambem o seu traço leve e delicado e o seu bom gosto na concepção dos trabalhos. A exposição Antonio Carneiro, que tão visitada tem sido pelos admiradores da boa arte, continua franqueada ao publico por mais alguns dias, offerecendo opportunidade aos colleccionadores de boas obras de adquirirem algumas bellas telas e crayons. Entre as muitas pessoas que hontem visitaram a exposição, notamos os Srs.: João Luso e senhora, Dr. Octavio Campos, G. Nicoll, Antonio Luiz Ferreira, Joaquim Carvalheira, Olegario Lisboa, Gomes de Faria, Correia Dias, Francisco de Queiroz, Dr. Annibal Bevilacqua, Lindolpho Xavier, Guilherme Ozorio, Carlos Rubens, Raymundo P. Seidl, D. Maria Lesia, Angelina Figueiredo, Carmen Pardal, Hermes Fontes, Augusto Girardet, D. Evangelina Pujol, Horacio Braga, Octavio de Azevedo, Anibal Mattos, Antonio Moura, Oswaldo Silveira, Americo C. Pires, Decio Villares, Rodrigo Octavio Filho, Raul Cerqueira, Dias de Barros, Paulino J. Soares de Souza Netto, João Sampaio, Ascanio de Mesquita Pimentel, Romeu Feital, Oscar Guilherme de Oliveira, Dr. Aloysio de Castro, Moreira de Vasconcellos, M. Ibs. Grillo, Aida Ibs. Grillo, Dr. Gama Rosa, Dr. Charles Martin, A. Lage, Ita Lage, Nunes Pereira, Demosthenes de Carvalho, Antonio da Cunha Sá Carneiro Filho, tenente F. José Pinto, M. Campello e A. Gomes." Artes e Artistas. Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de jul. 1914, ed. 10889, p.5.

português conquistou em Lisboa[168], haja vista também o grande afluxo de visitantes na exposição[169]. Além do mais, foi informado a compra de algumas obras do artista lusitano por parte dos colecionadores[170], com destaque sobre análise da qualidade artística do seu trabalho, a incluir seus retratos, como *Retrato de Ronald de Carvalho* (fig.23), pela imprensa carioca.[171] Também foi publicado um outro trabalho do artista, a obra *O Baptismo* (fig.24).

---

168 Nesse sentido: "Grande tem sido a affluencia á Galeria Jorge, sita á rua do Rosario. Toda a nossa melhor sociedade tem ido apreciar as cento e tantas telas e desenhos do distincto pintor portuguez Antonio Carneiro. Os elogios alcançados pelo artista lusitano que ora expõe os trabalhos de seu fino pincel, provam bem ter Antonio Carneiro obtido no Rio o mesmo successo que em Lisboa, têm as suas obras." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de jul. 1914, ed. 10881, p.4.

169 "Os sucessos que se desenrolam na Europa não fizeram arrefecer no carioca o amor pelas magnificas obras de arte. Assim, a exposição do illustre pintor portuguez, na Galeria Jorge, continua muito frequentada." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de ago. 1914, ed. 10900, p.3.

170 "(…) As producções de seu habil pincel alcançaram grande successo, dando-nos prova irrecusavel de ser Antonio Carneiro um artista de merito. Collecionadores, que adquiriram alguns de seus trabalhos, lhes dão um merecido valor, reputando-os obras primas do abalizado artista lusitano." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1914, ed. 10909, p.3.

171 A saber: "Por vezes nos temos referido ao distincto pintor portuguez Antonio Carneiro, que ora tem em exposição, na galeria Jorge, sita á rua do Rosario, cento e tantas bellissimas telas e *crayons*. O artista lusitano, primoroso paizagista, tem em todos os seus trabalhos expostos que mostra visivelmente ao visitante o pensamento, a emoção tida na occasião de reconstitutir as suas obras. Os trabalhos de Antonio Carneiro têm aqui obtido grande aceitação. Os melhores collecionadores têm adquirido quadros seus e são unanimes em dizer que os productos do pincel de Carneiro são de valor. Tambem os entendidos têm apreciado a exposição da galeria Jorge, não lhe poupando encomios. E´, pois, a occasião propicia para o publico carioca visitar a exposição do illustre pintor, que está franqueada das 10 ás 5 horas da tarde." Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de jul. 1914, ed. 10883, p.4.
Como também o valor artístico do pintor português foi verificado em mais duas notas, quais sejam: "Antonio Carneiro, illustre pintor portuguez, encerra amanhã a bellissima exposição de qudros e desenhos seus, que tanto successo alcançou. Por vezes nos temos referido ao distincto pintor lusitano; escusamo-nos mesmo de fazer-lhe mais qualquer referenca, por ficar o nome de Antonio Carneiro e consagrado entre nós como um artista de grande valor. Restam, pois, os dias de hoje e amanhã, para os apreciadores e collecionadores visitarem a "Galeria Jorge", onde estão expostas as primorosas producções do delicado pincel de Carneiro." Exposição de Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de ago. 1914, ed. 10910, p.3.
"(…) em todos os esplendidos trabalhos do illustre pintor portuguez é a suavidade das emoções e impressões. Sobre ser um artista perfeito Antonio Carneiro é um artista delicadissimo. Basta reparar nas suas numerosas e admiraveis cabeças de crianças. Elas têm um encanto, uma pureza, uma frescura, onde não só se reflecte toda a inocencia infantil, mas ainda a verdadeira e transparente candura de alma do artista, que assim soube comprehendel-as, amal-as e interpretal-as… E o que se encontra em todas as telas e desenhos de Antonio Carneiro é, a par da execução magistral, uma originalidade, um modo incomparavel de sentir todas as coisas que andem embebidas de poesia e de bondade. (…) Antonio Carneiro é um grande artista e, sobretudo, uma grande alma, vivendo e fazendo as suas telas num luminoso sonho de bondade, pureza e perfeição…" Exposição de Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de ago. 1914, ed. 10911, p.4.
Anos mais tarde, o crítico de arte Adalberto Pinto de Mattos fez o seguinte comentário sobre o artista: "(…) *Antonio Carneiro*, esse desenhador mystico com aspecto de monje, foi outro artista que falou á alma brasileira, outro portuguez que confraternisou com os artistas do Brasil. Os seus retratos traziam mysterio e os retratos tinham estampados na mascara os sentimentos mais intimos, como se fossem espelhos da alma. O retrato de "Ronald de Carvalho", o conjuncto em que figura D. Julia Lopes de Almeida e outras "Sanguineas" revelara precisamente a sua emotividade e o seu "eu" incomparavel." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24.

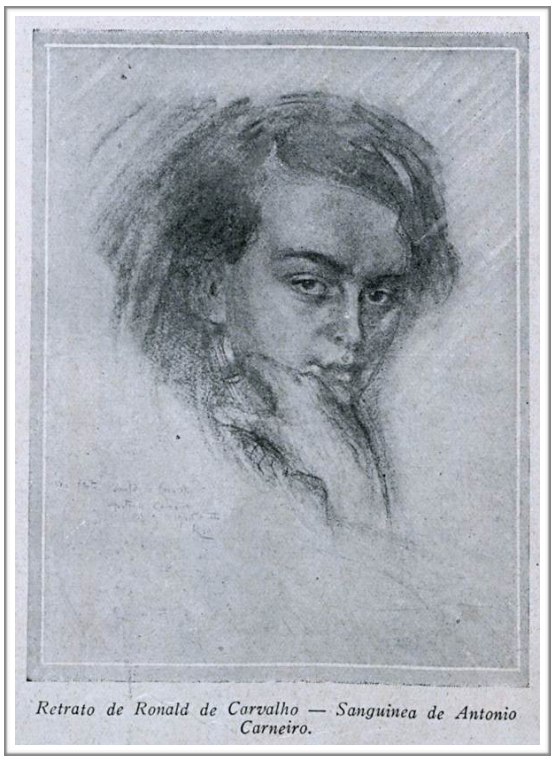


Figura 23 - *Retrato de Ronald de Carvalho* - Sanguínea de António Carneiro. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de Set 1922, ed. 1044, p. 23.



Figura 24 - *O Baptismo* de António Carneiro. Fonte: Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de jul. 1914, ed. 10883, p.4.

Por fim, meses depois do encerramento da exposição no Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1914, *O Paiz* em uma nota divulgou que António Carneiro expôs os seus trabalhos em Curitiba, região sul do Brasil[172]. Desta feita, é importante ressaltar que António Carneiro permaneceu no Brasil por 9 meses e recordou a sua estadia em uma carta escrita em novembro de 1915, publicada na Revista *Atlântida* em 1918, na qual exaltou ter ficado encantado com a natureza, cultura e atmosfera brasileiras, que, segundo apontou Dr. Arthur Valle, o pintor, por conta desse longo período no Brasil, ao comparar com os demais artistas que passaram pelo Brasil, foi bem recepcionado pelo meio artístico carioca[173]. Mesmo assim, Dr. Arthur Valle informou que nenhuma obra de António Carneiro, apesar de ter tido boa receptividade pela intelecutalidade carioca, não foi adquirida pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro[174], diferentemente com relação aos outros artistas portugueses que estiveram no Rio de Janeiro[175].

---

172 A Exposição Antonio Carneiro em Curitiba. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28-29 de out. 1914, ed. 266, p.2.

173 VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 55.

174 Sobre essa temática, como também convém incluir as obras de Correia Dias, que realizou exposição na Associação de Imprensa do Rio de Janeiro no ano de 1914, conforme estudado acima, e segundo as palavras do pesquisador Dr. Arthur Valle, baseado em dois textos de Ronald de Carvalho, jovem literato do meio artístico carioca, publicados na *A Águia*, cabe verificar um dos motivos que não houve aquisição das obras de António Carneiro pela Escola, a saber: "(…) a obra de Correia Dias e, sobretudo, a de Carneiro, para defender uma concepção eminentemente subjetivista de arte, apoiada também pela referência a nomes como os de Jan van Ruysbroeck, Novalis, Anthero de Quental, Maurice Maeterlinck, Gustave Moreau e Eugène Carrière. (…) Tal programa estético se configurava com o polo quase oposto daquilo que se convencionou chamar de Naturalismo português, e que, sem dúvida, foi a tendência mais "consumida" pelas diferentes instâncias de mecenato instaladas no Rio de Janeiro, durante as primeiras décadas republicanas. Parecenos digno de nota, por exemplo, que nenhuma obra de António Carneiro tenha sido adquirida pela ENBA, por ocasião da sua mostra de 1914. Todavia, as figuras e marinhas do pintor não foram ignoradas pelo público carioca (…). O relativo sucesso incentivaria Carneiro, inclusive, a retornar ao Brasil, o que fez já quase no final de sua vida, em 1929, quando expôs novamente na Galeria Jorge, no Rio, e também na cidade de São Paulo." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p.56.

175 Ainda mais, Dr. Arthur Valle, em um outro artigo, citou obras de António Carvalho da Silva Porto, Columbano Bordallo Pinheiro, José Júlio de Souza Pinto e José Vital Branco Malhoa que foram adquiridas pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, tendo como objetivo renovar a pedagogia do ensino artístico, bem como o quadro de professores da instituição. Esse movimento de ruptura e ao mesmo tempo reciclagem das novas diretrizes da Escola foram pautadas pela Reforma de 1890, cuja ampliação do acervo foi verificado por meio da incorporação dessas obras portuguesas consideradas naturalistas, segundo a historiografia da arte portuguesa. VALLE, Arthur. *O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós "Reforma de 1890*". Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2019%20-%20artigo%207.pdf> Acesso em 4 de set. 2018.

2.1.12. Exposição Carlos Reis e João Reis de 1919 no salão nobre do Gabinete Português de Leitura e Galeria Jorge do Rio de Janeiro

Em 03 de maio de 1919, o jornal *Gazeta de Notícias* divulgou uma nota sobre a chegada dos pintores portugueses Carlos Reis e o seu filho João Reis para a exposição de seus trabalhos no Rio de Janeiro. Professor da Escola de Belas Artes de Lisboa, Carlos Reis recebeu elogios pelo seu talento e pela grandiosidade de suas obras, sendo consideradas referências da arte portuguesa da sua época, muito por conta das premiações conquistadas, a saber: grande exposição de Dresde, Exposição do Porto em 1897, Exposição Universal de Paris de 1900 e dentre outros importantes certames artístico[176].

Na notícia, o periódico informou que a equipa da *Gazeta de Notícias* foi até o Splendid Hotel, localizado na praia do Flamengo, local aonde ficaram hospedados Carlos Reis e João Reis, a fim de participar de uma palestra que foi concedida pelo próprio professor Carlos Reis. Como ele mesmo disse, foi a primeira vez que esteve ao Brasil, tendo consigo um grande desejo de conhecer esse país, muito em consideração do que tinha visto através dos pintores brasileiros que passaram pela Europa, como também as notícias que viu sobre a cultura brasileira, e além de ter relações com familiares brasileiros residentes em Portugal, o que também despertou o seu interesse de conhecer o Brasil[177]. A nota ainda esclareceu que Carlos Reis trouxe um pequeno número de quadros, 44, sendo que alguns ainda não foram expostos, inéditos para a apreciação do público, enquanto o seu filho João Reis, novato em relação ao seu pai, trouxe 11 quadros. Além disso, informou ainda a notícia que as obras estavam dentro do navio *Desna*, mas que por conta de uma eventualidade no navio, o mesmo teve que parar em Lazareto para conter tal infortúnio, o que atrasou a chegada das obras na

---

[176] O jornal enalteceu Carlos Reis a mencionar que é a "(…) encarnação perfeita de artista, (…) um dos maiores entre os grandes mestres da pintura em Portugal, um nome feito em toda a Europa, que, como dissemos lhe premiou trabalhos de inconstestavel valor. Da sua carreira (…) foi somente uma sucessão de triumphos, que a mais e mais realçaram o merito artistico do grande mestre. A sua obra é vastissima." A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1919, ed. 120, p.3.

[177] "(…) - Pela primeira vez venho ao Brasil, disse-nos o grande mestre. De há muito tinha commigo esse desejo, agora felizmente realisado. As informações chegadas até mim da cultura brasileira, as minhas relações com familias do Brasil residentes em Portugal, o desejo de privar com os grandes mestres da pintura d´este bello paiz, a aspiração, emfim, de conhecer esta grande terra, como que aumentaram em mim o proposito de aqui expor os meus trabalhos, dando-me ao mesmo tempo o grato ensejo de conhecer as grandes obras dos pintores brasileiros, com alguns dos quaes tive a ventura de privar na Europa, apreciando-lhes o valor, através dos seus trabalhos." A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio 1919, ed. 120, p.3.

capital do Brasil. Além do mais, acrescentou a matéria que Carlos Reis pretendia realizar a exposição em um dos salões da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro.

Das obras que foram expostas, a grande maioria inspirada pela região de Lousã[178], vila portuguesa do distrito de Coimbra, apenas o estilo histórico não fez parte, pois entendia Carlos Reis que era um estilo artístico bastante conhecido no Brasil.[179] Assim, foram expostas as seguintes obras: *Retrato de minha mãe*, *Retrato de D. Adelaide de Lima Cruz*, *Retrato do conselheiro Silva Mattos*, *O gaiteiro annunciando a festa*, *Ciganas*, *Crystaes*, *Canto do meu atelier*, *Mercado da louça*, *A lagartiza* e *Comungantes*. Enquanto o seu filho, João Reis, dentro das 11 obras a serem expostas, a matéria informou alguns nomes dos seguintes trabalhos: *Poente*, *Apanhar de aboboras*, *Espumas do mar*, *Macambuzio*, *Moleirinho*, *Manhã de agosto* e *Retrato do poeta Thomaz Ribeiro Collaço*.

Por último, a notícia comunicou que os dois artistas permaneceram em viagem por 25 dias a bordo de um navio, em decorrência da desorganização dos serviços marítimos acima relatado, sendo louvável o descanso após essa exausta viagem. Sendo assim, finalizou a palestra a ressaltar novamente as suas impressões positivas com relação ao Brasil[180] e que se preparava para a inauguração da exposição. Ademais, o períodico *Gazeta de Notícias* ressaltou ao fim da nota sobre a discrição de Carlos Reis no tratamento com que teve a todas as pessoas que participaram da palestra

---

178 "(…) Explorei retratos, paizagens, costumes, alguns interiores, sendo que os quadros portuguezes são, quasi todos, reproducção de varios aspectos de Louzã. E citou-nos o mestre diversos assumptos que lhe inspiraram bellissimos quadros, na encantadora povoação de Louzã, de origem lendaria, encravada num recanto do Douro, nas abas da linda serra, á margem esquerda da crystallina ribeira do Ceira. Ao lhe ouvirmos falar em Louzã, acudiu-nos á lembrança a lenda do seu castello, hoje escavado e em ruinas, no qual o rei Arunce, fugido, occultara seus thesouros e sua linda filha a princeza Peralta. E por isso que ainda hoje a crendice popular leva os camponezes de Louzã a escavarem de quando em vez as ruinas do secular castello, á procura dos grandes thesouros occultos…" A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio 1919, ed. 120, p.3.
A partir de 1914, Carlos Reis explora a serra da Lousã em seus trabalhos e constrói em 1918 seu atelier, o que permitiu aprofundar a sua pintura de paisagem aliada aos costumes locais. GONÇALO, Carlos. *Carlos Reis*. Disponível em: http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/156/artists. Acesso em 10 de jun. 2018.

179 "(…) Trago, porém, todos os generos, á excepção do historico, que sei bastante conhecido aqui." A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio 1919, ed. 120, p.3.

180 Sobre os elogios de Carlos Reis ao Brasil, acrescentou ter "(…) sobretudo maravilhado pelo imprevisto do seu progresso, as bellezas da nossa capital, a apreciação dos nossos homens, o seu immenso desejo em contribuir para a maior aproximação artistico-literaria luso-brasileira." A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio 1919, ed. 120, p.3.

proferida na Praia Vermelha, sendo não somente exaltado o seu valor artístico, como também o seu caráter pessoal.

Posteriormente, no dia 10 de junho de 1919, o jornal *Gazeta de Notícias* publicou uma notícia sobre a dia da inauguração oficial[181] da exposição do professor Carlos Reis e seu filho João Reis no Gabinete Português de Leitura, localizado na rua Luís de Camões, marcado para acontecer no dia 12 de junho. Cumpre salientar que o periódico teceu inúmeros elogios ao artista Carlos Reis[182] por suas obras e pelo interesse do artista de conhecer melhor a cultura brasileira, além de ressaltar a oportunidade com que a sociedade carioca terá de apreciar as obras de um eminente mestre da pintura portuguesa, tendo em vista que em seus quadros há a representação da "(…) vida de camponez com as suas maguas, alegriaes e paixões"[183]. Em seguida, a notícia ressaltou as obras do pintor João Reis, tendo afirmado que o artista herdou de seu pai certas qualidades indispensáveis para o seu triunfo na pintura. E, por fim, a matéria acrescentou a informação de mais duas obras de Carlos Reis na exposição, quais sejam: *Um canto da alameda* e o *Retrato de D. Carlos*[184]. Por fim, a *Gazeta de Notícias* informou a data do encerramento do certame, 06 de julho de 1919, sendo enfatizado o grande afluxo de visitantes na exposição e que, por conta de alguns retratos que foram encomendados pessoalmente a Carlos Reis, esclareceu a notícia que os seus quadros permaneceram expostos por mais tempo[185].

---

181 A respeito da inauguração, vale também citar que o jornal *A Razão* publicou a seguinte nota: "A exposição de pintura do illustre artista portuguez, Carlos Reis, cuja inauguração estava marcada para quarta feira, foi transferida para quinta feira, em vista do comparecimento do sr. presidente da República só ser possível nesse dia. Amanhã realisar-se-á, com a presença de representantes da imprensa e do nosso meio artístico, o "vernissage" da mesma exposição." Exposição Carlos Reis. *A Razão*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 901, p.7.

182 A saber: "O professor Carlos Reis é uma das maiores glorias da pintura portugueza, director do Museu de Arte e ente da Escola de Bellas Artes de Lisboa. A sua vida de artista caracterisa-se por triumphos seguidos, não só no seu paiz, como no estrangeiro, tendo sido premiado na grande exposição de Dresde e na Exposição Universal de Paris. O professor Carlos Reis, grande mestre da pintura, encarnação perfeita de artista, é a primeira vez que vem ao Brasil. Vem conduzido por informações lisonjeiras a respeito da nossa cultura, merecendo de nós o acolhimento especial a que tem direito pelo ceu alto valor. Possuidor de uma technica invejavel e de uma visão segura, e autor d´ "A bysantina" e de uma infinidade de quadros celebres, possue hoje um nome aureolado em todos os paizes europeus." Arte Portugueza. Exposição Carlos Reis no Gabinete Portuguez de Leitura. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 158, p.2.

183 Arte Portugueza. Exposição Carlos Reis no Gabinete Portuguez de Leitura. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 158, p.2.

184 Arte Portugueza. Exposição Carlos Reis no Gabinete Portuguez de Leitura. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 158, p.2.

185 Exposição Carlos Reis. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 de jul. 1919, ed. 184, p.3.

O jornal *O Paiz* publicou uma nota sobre a inauguração da exposição a ser realizada no dia 12 de junho de 1919, na seção portuguesa, sob direção de Alexandre de Albuquerque[186]. Em seguida, no dia 11 de junho de 1919, *O Paiz* divulgou uma nota a respeito do artigo escrito por Alexandre de Albuquerque sobre a exposição dos pintores portugueses Carlos Reis e seu filho João Reis realizada no salão nobre do Gabinete Português de Leitura. Como divulgada acima, a exposição foi inaugurada para o público no dia 12 de junho de 1919, tendo sido o dia anterior, *vernissage*, destinado aos artistas, imprensa local e homens de letras, assim conforme informado, para a apreciação da coleção das obras de arte dos artistas portugueses[187]. A notícia afirmou também que a exposição honrou com a arte portuguesa, sem dispor da necessidade de levantar nenhum tipo de crítica negativa, tendo apenas auferido os registos e impressões sobre a qualidade artística das obras examinadas. Além disso, na nota há uma referência de uma conversa que Julião Machado teve com Alexandre de Albuquerque ao ter afirmado que Carlos Reis está acima da crítica.

Visto isso, verificou-se que a exposição contou com a presença de obras de paisagem, costumes e retratos; e a matéria no *O Paiz* é divida em duas partes, ou seja, análise das obras de Carlos Reis e das obras do seu filho, João Reis. Da luminosidade realista, das linhas e contornos irrepreensíveis, dos coloridos ricos e firmes das tintas utilizadas a expressar o tom mais natural nas telas, Alexandre de Albuquerque ressaltou com essas palavras a grandiosidade com que Carlos Reis apresentou em seus trabalhos, tendo afirmado que não se tratava apenas de um grande pintor, mas também de um grande artista[188]. Em seguida, houve destaque na descrição das obras de Carlos Reis,

---

[186] "A abertura da exposição do grande pintor portuguez Carlos Reis e seu filho João Reis, que é também um notavel pintor, ficou adiada para a proxima quinta-feira, além de amanhã, 12 do corrente, pelas 2 horas da tarde. Será inaugurada por S. Ex., o Sr. presidente da Republica, Dr. Delfim Moreira, no Gabinete Portuguez de Leitura. O *vernissage* realizar-se-ha hoje, ás 2 horas da tarde, tendo sido convidada a imprensa e os artistas." Exposição Carlos Reis e João Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 12661, p.7.

[187] A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

[188] Segundo Alexandre de Albuquerque, somente há um grande artista quando há um grande pintor, e vice-versa. Pois bem, ao utilizar "pintor" como referência de executor e "artista" como de idealizador, o articulista afirmou que Carlos Reis englobou na sua veia artística essas duas premissas, ao defender que" (…) O que ha em Carlos Reis hoje, na plena exuberancia do seu talento, é o perfeito equilibrio entre a idealização e a realização, formando a mais bella harmonia. De qualquer pequenino assumpto, um telhado, uma cancella, faz uma maravilha, uma verdadeira obra prima." A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

sendo realçado, conforme a análise crítica de Alexandre de Albuquerque, o seu lado aristocrático na pintura[189].

Ademais, a nota do jornal no *O Paiz* salientou que Carlos Reis retratou os mendigos, os pobres e os aldeães de Portugal sob olhar da ingenuidade da vida campestre portuguesa, baseada na originalidade dos traços locais. Em contrapartida, mencionou também que nos retratos de senhora o pintor português revelou o seu temperamento aristocrático, conforme supramencionado, tendo ressaltado a tonalidade da fisionomia com os detalhes das rendas e dos estofos[190]. Com relação às obras de paisagem, a mesma notícia retratou que são obras que conseguiram exprimir as mais puras tonalidades de cores de cada ponto específico da natureza, com ar de alegria e luminosidade, sendo afirmado, portanto, que Carlos Reis é "um maravilhoso paizagista, um admiravel evocador de costumes, um formidavel retratista."[191]

Posto isto, ao analisar as obras de João Reis, Alexandre de Albuquerque levou em consideração que não se deve comparar suas obras com as do seu pai, Carlos Reis, haja vista, como de fato é notória, a diferença de idade e a maturidade artística. Sendo assim, a exposição de João Reis foi baseada em obras de paisagens que, segundo a notícia, são mais tristes em comparação com as paisagens de Carlos Reis, pois acentou um tom mais poético e saudosista. Nesse sentido, por ter destacado a mocidade artística de João Reis, a analogia pregada pelo articulista foi fundamentada na alegação de que mesmo o seu pai, sendo o mais velho, foi capaz de retratar as paisagens de forma mais alegre do que João Reis, pois, novamente, levou-se em conta a fase de vida do jovem artista,

---

[189] A saber: "(…) A sua arte tem a gama dos tons. E´admiravel nos brancos diaphanos e translucidos como nas "*Commungantes*", em que nao ha mysticismo, o que seria um erro, mas sim candura, o que é flagrante de verdade; é extraordinário nos brancos transparentes como nessa "virtuosidade" pictural, que se chama "*Cristaes*", e que seria bastante para assegurar a reputação de mestre a quem quer que fosse; é prodigioso no claro-escuro como no expressivo retrato de D. Adelaide de Lima Cruz, em que ha só uma côr, o castanho, indo do tom mais claro da pelle da carnação, levemente morena, até ao quasi negro das pregas do veludo do seu riquissimo vestido; é exuberante em certos quadros de costumes, como em "*O mercado da louça*", que ha uma symphonia de côr, na rustica louça da aldeia, tão bizarra, pelo ingenuo colorido; e no quadro "*Annunciando a festa*", de colorido forte, um pouco á maneira hespanhola, mas sem a violencia dos hespanhoes. Não ha na sua arte truculencia; antes uma augusta serenidade. Através da sua arte tão moderna, adivinha-se-lhe uma alma helenica. E´ um arte aristocratica, mesmo quando ataca assumptos plebeus." A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

[190] Novamente, Alexandre de Albuquerque exaltou o valor artístico de Carlos Reis nas obras de retrato, ao ter percebido que "(…) tem estylo, tem personalidade, correcção e verdade no desenho, energia no colorido, exactidão nas expressões e possue uma destreza extrema, uma completa sciencia de execução, além da alta concepção esthetica."A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

[191] Sobre as tonalidades das paisagens, Carlos Reis, sob o olhar de Alexandre de Albuquerque, conseguiu captar as cores a começar das "(…) chlorophilas, que vão desde o verde tenro, com tons avermelhados, ao verde esbatido, a fugir para o tom dos fenos murchos; desde o verde sombrio dos pinheiraes e das grandes arvores, ao verde esmeralda das ervas orvalhadas." A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

que é movida, em consoante com as palavras de Alexande de Albuquerque, pelas "(…) saudades amorosas, dos sonhos líricos e a idade que todos se sentem inconscientemente dominados pela poesia, mesmo quando não são poetas"[192]. Mesmo sendo considerado um notável paisagista, João Reis retratou Thomaz Ribeiro Colaço, novato poeta e filho da poetiza Branca de Gonta, que de acordo com a matéria, é um obra que traduz energia, segurança, fluidez, expressão e desenho de um novato artista, ainda não digno de um mestre, sendo, destarte, um belo retrato que muitos artistas renomados não alcançariam tal magnitude.

Dois dias depois, o jornal *O Paiz* publicou mais uma nota a respeito da inauguração do certamente, na qual contou com a presença do presidente da República do Brasil, Delfim Moreira; do Ministro da Fazenda, João Ribeiro de Oliveira e Sousa; dos artistas e do grande número de senhoras e pessoas de destaque social, como assim descreveu a notícia. Além disso, a nota divulgou também sobre o presente que Carlos Reis recebeu dos alunos da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro: uma palheta de bronze com coroa de louros e um facho, com os nomes dos alunos, tendo sido simbolizado, nesse sentido, uma homenagem para reverenciar o mérito do grande artista Carlos

[192] A exemplo dessa mocidade artística de João Reis, acrescentou Alexandre de Albuquerque que "(…) seu quadro maior, *O poente*, na Louzã, é soberbo de luz dourada e de luz sangrenta, reflexo do sol que morre ao longe e se não vê, na sua agonia de guerreiro ferido em uma batalha. Tem colorido, tem perspectiva, tem poesia e tem arte. Enternece; dá-nos saudades dos lindos poentes de Portugal, que Antonio Nobre tão saudosamente cantou e João Reis tão amorosamente evocou na tela." A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.

Reis, como forma de reforçar a importância com que ele representa na formação artística desses alunos[193].

O periódico *O Imparcial*, em 07 de julho de 1919, informou que a exposição foi findada no dia 06 de julho, por meio de uma cerimónia de encerramento que contou com um grande público, como também com a presença da poetisa Laura da Fonseca e Silva, na qual ofereceu um ramo de flores aos artistas como forma de agradecimento e, após o fim dessa cerimónia, a Sociedade Propagadora de Belas Artes convidou os dois pintores portugueses para visitarem o edifício Liceu de Artes e Ofícios, onde era instalada a sua sede[194]. No dia 09 de julho de 1919, o mesmo periódico noticiou novamente o encerramento da exposição dos pintores portugueses Carlos Reis e João Reis, tendo apresentado no final um balanço positivo, muito por conta do grande número do público visitante e do elevado número de venda das obras adquiridas pelos amadores e colecionadores de arte, assim como, no final da nota, destacou a intenção da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro em adquirir a tela *As commungantes*, considerada um dos trabalhos mais primorosos de Carlos Reis[195].

Outro periódico que noticiou a exposição de Carlos Reis e João Reis foi *A Rua*. Assim, no dia 12 de junho de 1919, *A Rua* divulgou, não de forma diferente, a maneira como procedeu o dia

---

[193] Sobre a nota, na íntegra: "Inaugurou-se hontem, ás 14 horas, no edifício do Real Gabinete Portuguez de Leitura, a exposição de pintura dos illustres artistas portuguezes Carlos Reis e João Reis, com assistência dos representantes do Sr. presidente da República, ministro da fazenda, artistas, grande numero de senhoras e pessoas de destaque social. Como dissemos, a exposição consta de 44 quadros de Carlos Reis, e 11 de seu filho João Reis. Ambos representam retratos, costumes e paisagens, sobresaindo as télas intituladas: "Retrato de minhã mãi", cujo valor é estimado em 110.00 francos; "O Pila", "Annunciando a festa", "Outono", "O Sebastião da Favariça", "Retrato do conselheiro Silva Mattos", "Cristaes", "Castanhal de Alfocheira", "Perfil de aldeão", "Typo de mendigo", "Dois infelizes", a "Vindima" e "Casa dos arcos" os quaes foram hontem mesmo adquiridos, o que justifica o vivo interesse pela exposição Carlos Reis. Os alumnos da Escola de Bellas Artes, como prova de apreço, offereceram ao illustre artista Carlos Reis uma palheta de bronze, com uma coroa de louros e um facho, acompanhada da seguinte mensagem, data de junho: "Ao inspirado artista Carlos Reis, os alumnos da Escola Nacional de Nelas Artes - Maria Amalia Carvalho, Yolanda Campello, Maragarida Lopes de Almeida, Adméa Gurjão, Dioscorides Navarro, Maria Cesar, Florisbella de Araujo Figueiredo, Alice Fernandes Barros, Joziel C. Luz. Petronilha Caparica Guimarães, Clotilde da Silva, Marin do Carmo de Andrade Costa, Maria Antonieta dos Santos, Esther Barbieri Ulartucci, Adelaide Lopes Gonçalves, Sirena Palm, Maria de Assis Mattos, Armando Navarro da Costa Attilio Massieri Alves, A. Ney, Adalberto Ferreira Vaz, Nestor Penelicio, J. Defranco, Attilio Correio Lima, Laurindo Ramos, Ernani Dias Correia, Casimiro Correia, Astrogildo Cesar, Hugo Pires, Ricardo J. Antunes Junior, Pedro Clark Leite, Manoel Santiago, Oswaldo da Silva Freire, Gilberto Trompowsky, Livramento, Gian Baptista Allagia, Armando, Magalhães Correia, Paulo Mazzuchelli, Virgilio Silva, Mario Dias Maia, Lauro Nunes, Luiz F. Almeida Junior, J. Santiago, Affonso Dias Martins, Armando M. Vianna, Jeronymo Mescuita, Murillo G. de Souza, Izidro Monteiro Junior, Ernani Francisco da Silva, Ary de Abreu." A exposição de Carlos e João Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de jun. 1919, ed. 12664, p.8.

[194] Exposições. *O Imparcial*, 7 de jul. 1919, ed. B01268, p.6.

[195] Exposição Carlos Reis. *O Imparcial*, 9 de jul. 1919, ed. B01270, p.3.

da inauguração do certame, bem como destacou algumas obras expostas, além das já citadas acima, acrescentou a obra *Ciganos* de Carlos Reis[196]. Uma semana depois da inauguração do certamente, a *Rua* publicou uma nota de Mattos Cardoso que avaliou alguns quadros de Carlos Reis, como também analisou de forma comparativa o seu estilo artístico com a do artista José Malhoa, tendo afirmado que mesmo que tenham adotado técnicas diferentes, as obras de ambos se manifestam dentro do estilo naturalista[197]. Desse modo, o jornal ressaltou o êxito de Carlos Reis na obra *Retrato de minha mãe*, por ter conseguido sensibilizar os olhos e a alma daqueles que admiraram a sua obra,[198] assim como outro quadro, *Retrato do Conselheiro Silva Mattos*, que destacou a grandiosidade da técnica artística de Carlos Reis[199].

Nesse sentido, a notícia acrescentou que a sensibilidade estética de Carlos Reis está inserida na postura artística de retratar de forma autêntica as belezas de Portugal[200]. Essa sensibilidade

---

196 Ecos de arte. Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 12 de jun. 1919, ed. 158, p.2.

197 "(…) as télas do sr. Carlos Reis me fizeram lembrar desde logo outro grande artista portuguez - o sr. Malhôa, que, por signal, alli tambem expoz, vae para alguns amnos, uma excellente collecção de quadros. Não é que exista entre a arte de um e de outro confusão possível. O sr. Carlos Reis se mostra, com o Sr. Malhôa, persoalissimo na sua obra, e estão, por isso mesmo, profundamente separados por circumstancias de temperamento esthetico e sensiveis divergencias de estylo. Ambos se acham, porém, perfeitamente identificados pela mesma feição nativista e pelo mesmo sincero sentimento do naturalismo." Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p.4.

198 Sob o olhar poético, a matéria ressaltou a beleza da obra com a seguinte passagem: "(…) Essa figura convence. Naquella admirave` cabeça de velha encanecida pelos longos janeiros, as faces engelhadas, o olhar que se ennevôa e amortece, prenunciando as trévas de uma noite que vem perto; naquelles olhos, que se escondem sob as palpebras, que se derrêan flaccidas pela atrophia dos tecidos, e na expressiva serenidade, emfim, daquella physionomia quasi mystica - existe certamente uma grande verdade, mas uma dessas verdades que enthusiasmam e commovem ao mesmo tempo. E o espirito de quem contempla esse retrato se reporta, insensivelmente, a um passado longinquo, sente-se reviver nas reminiscencias de uma infancia feliz e tem vontade de afagar aquella cabeça extremecida, qual se fôra para alguem, a de uma dôce avósinha, que tambem tinha assim os cabellos nevados e sabia contar historias bonitas de fadas e reinos encantados." Por outro lado, sob o olhar crítico: "O Sr. Carlos Reis nos apresenta, com esse retrato, um trabalho simplicissimo, mas solido, com admiraveis empastes que denunciam a precisão do tóque e a espontaneidade com que foram executados. E´, emfim, um trabalho que tóca á alma." Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p.4.

199 A saber: "(…) Entre os retratos expostos, realça ainda, pela sua solidez, o do Sr. Conselheiro Silva Mattos, cuja cabeça emerge impressionadoramente viva da téla. E não se sabe o que mais admirar nesse retrato, se a expressão daquella physionomia austera, cujo olhar revela uma certa sobriedade de maneiras ao mesmo tempo que deixa entrever um leve ar de bonhomia, se o trabalho puramente technico, em que o desenho sae correcto no volume e proporções do contorno anatomico, e as tintas harmoniosamente combinadas e postas com mestria, completam o realce, na côr justa da carnadura e dos pannejamentos." Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p.4.

200 A saber: os "(…) campos com seus aspectos rústicos, a vida das aldeias, com a alegria da sua gent ou a miseria andrajosa dos caminhos, os costumes grotescos da feira, o typo da cachopa saloia rosada e sensual, a figura entroncada do camponio essencialmente labrego, são os assumptos que mais fundamente lhe tocam á sensibilidade esthetica." Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p.4.

estética é vista também através das cores, formas e desenhos conferidos nos quadros que, conforme afirmou a matéria, traduz uma composição capaz de provocar emoções pela naturalidade com que as cenas foram apreendidas por Carlos Reis. Desta feita, a matéria de forma figurada mencionou como exemplo a obra *O Pila* (fig.25)[201].

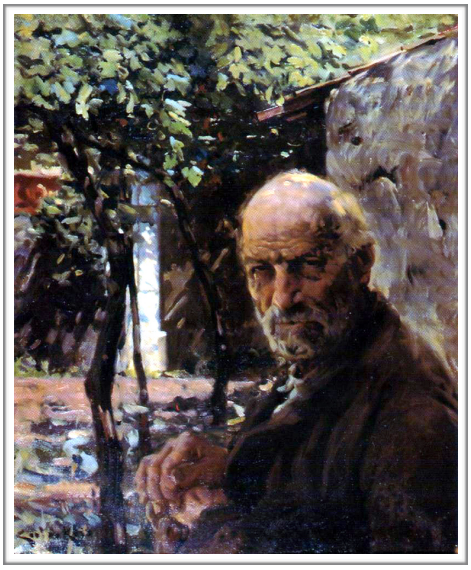


Figura 25 - *O Pila* de Carlos Reis. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_António_Rodrigues_dos_Reis#/media/File:Carlos_Reis_-_Retrato_de_velho.jpg>.

Ademais, a notícia informou também que Carlos Reis é o pintor da vida humilde, por ter realizado obras como *O Sebastião da Favariça* - típico perfeito do labrego quarentão genuinamente portuguez, segundo a nota do jornal; *Vagabundo*, *Garoto saloio*, *Anã do Villarinho*, *Ciganas* (fig. 26), *Seja pelas suas alminhas*, *Familia de pobres,* e dentre outros. Na versão pintor de costumes populares, a notícia apontou as obras *Annunciando a Festa* - que segundo as palavras de Mattos Cardoso, reproduz com flagrante naturalidade, um grupo de músicos baratos que, em passeata, nos pacatos saloios de Louzã; *Mercado da loiça* e nas *Commungantes*. Essa última obra aludiu o articulista que o Sr. Carlos Reis, se não teve que vencer as dificuldades de pintar ao ar livre, registou de forma admirável as duas figuras e os acessórios, como também as difícies massas de

[201] "(…) E´ um pobre velho, que a desgraça atirou á pedintaria das ruas, onde foi surprehendido a um canto de casebre, pelo pincel do Sr. Carlos Reis. Naquelle olhar de mendigo, ha qualquer cousa de intelligente, que é menos humildade que a resignação de um espirito que raciocina sobre sua situação de miseria, e sente, por isso mesmo, maior que o de outrem, o seu infortunio, sobrevindo, talvez, ao conforto de uma vida de abastança. Emociona! E a gente, diante do pobre pila, não póde deixar de sentir-se condoido da sua sorte, ao pensar que elle já teve, quem sabe? a sua data de terras, a sua herdade, com os seus rebanhos, e eiras atulhadas, e vides que bem mondadas, lhe davam para ahi algumas pipas de bom verdasco. E agora - coitado! - nada tem de seu, nem pinga, nem sequer uma malga de agua-pé para o aquecer do frio, e alli está, sentindo, talvez, que lhe falta uma migalha de broa!" Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p.4.

branco. Por último, ressaltou a obra *Outomno*, na qual inflamou o lado paisagista de Carlos Reis, rica em detalhes baseadas pela sua percepção expressiva dos contornos da natureza.



Figura 26 - *Ciganas* de Carlos Reis. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p. 25.

Por fim, segundo considerou o articulista Mattos Cardoso, a mesma notícia mencionou que João Reis é um artista iniciante e que se assemelha ao caminho do seu mestre e pai, Carlos Reis, uma vez que se encontra em processo de aprendizagem, sendo influenciado diretamente pelo seu pai, conforme verificado nos seus primeiros anos de trabalho, com as seguintes obras: *Retrato do poeta Collaço*, *Prenuncios* (fig.27) e *Colheita das aboboras*.



Figura 27 - *Prenuncios* de João Reis. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p. 28.

No dia 15 de junho de 1919, o *Jornal do Commercio* divulgou uma nota do colunista António Claro a respeito da exposição, no qual imprimiu a importância artística de Carlos Reis e seu filho na arte portuguesa e no mundo afora, através de um olhar poético sobre as obras expostas. Assim sendo, no Gabinete Português de Leitura, de arquitetura em estilo manuelino, os quadros

expostos foram pautados em paisagens[202] e costumes[203] típicos de Portugal. Quanto aos retratos, António Claro salientou a qualidade técnica da composição de traços e cores que ressaltaram a sensibilidade artística dos pintores portugueses, sendo mais acentuado em Carlos Reis, por conta da

[202] "(…) São paisagens que representam trechos do céo e do campo de Portugal. São telhados e construcções ruraes, que possuem o encanto de cousas regionaes, características, que não ha noutra parte porque o meio, o firmamento, as serras, as povoações, a gente é daquelles sitios de caracteres apenas parecidos com muitos outros, porque têm modalidades intrinsecas e differenciaes da raça, de clima, de educação, historia e geologia que o tempo jámais foi capaz de apagar. E assim a *Casa dos Arcos*, *o Mirante favorito*, *o Mercado da loiça* e o *Outono* são pedaços de Portugal. (…) E é por isso que Carlos Reis, em toda a sua obra, patente no Gabinete Litterario Portuguez é genuinamente nacional, é bem da sua raça e da sua terra. Porque nos quadros em que traça os montes, as terras cultivadas, as arvores e o casario campestre conserva o cunho de um paizagista verdadeiramente do seu paiz pela factura, pelo sentimento e pelas côres que empresta aos seus trabalhos, depois de ter bebido toda a sua inspiração nos modelos vivos uns e inertes outros que o cercavam nas horas vividas de sonho e verdade, em que manejou a sua palleta de ouro." Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p.3.

[203] "(…) E percorrer a exposição e contemplar *a familia de pobres*, *o mendigo*, *seja pelas alminhas*, *dous infelizes*, *o vagabundo*, *o Sebastião da Favariça*, *o Pila*, *as Ciganas*, etc. que são criaturas de um realismo que ora commove e ora desperta reflexões sobre a singularidade de certos signaes de figuras humanas mas perfeitas umas, outras achamboadas. Na *famila de pobres*, o rapazito de pés á mostra, calça arregaçada, blusa esgarçada, chapéo arruinado, machucado e esburacado, rosto chupado, tez esmaecida e magricella, é bem um desherdado que ao lado da mãi perambula pelos caminhos ermos, de povoado em povoado e de porta em porta a mendigar um pedaço de pão, que lhe engane (…) o estomago e conserve o corpo de pé. A mulher que está ao lado é também um producto da indigencia a que o rosto chupado e asymetrico, nariz de virgula, o lenço que lhe cobre a cabeça, a mão esqueletica que segure uma cesta, o avental, a sala e os pés - dão-lhe todas as caracteristicas de paria, nascida para soffrer e estender a mão á caridade dos seus visinhos. Tambem no quadro - *Seja pelas alminhas* - o pulso do artista produzio uma obra de psychologia e de pintura, em que ha harmonia e verdade. O pobre velho é o pedinte classico: de chapéo na mão deixando a descoberto a calvicie, com o busto bem accentuado voltado para a portaria donde espera o obulo, com a marmita no braço, apoiado ao bordão, vestido de seragoça desbotada e remendada, com os calcanhares polvilhados da poeira das estradas e com as calças tambem manchadas de terra - é bem o desgraçado que palmilha as aldeias e as villas de Portugal, como um condemnado á perpetua explanação. Tudo é exacto neste quadro, em que desde a figura principal aos menores detalhes, tudo é perfeitamente assim mesmo, como observamos na nossa infancia, hoje despertada. No *Sebastião da Favariça* não são as mangas da camisa e o collete que, irreprehensivelmente pintados, nos prendem a contemplal-o, mas sim o perfil, o mento saliente, beiçudo como os bordos de uma escudella, o olhar vago e os parietaes deprimidos. Lombroso, se o tivesse encontrado, se o tivesse encontrado, enxertal-o-hia no seu Atlas, como um ser anormal, quando não passa, afinal de contas, de um homem vulgar no seu meio e incapaz de praticar um excesso que o ponha sob a sancção do direito penal. (…) *Um solo, Annunciando uma festa* e outros quadros todos de primorosa execução, e retratos fieis dos costumes populares." Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p.3.

sua larga experiência[204], em especial o *Retrato de minha mãe*.[205] Nesse último ponto, a nota realizou uma comparação entre a estética de Carlos Reis, Antoon van Dyck e Diego Velázquez[206]. Por fim, António Claro afirmou que João Reis, por ser sucessor de seu pai, conseguiu absorver os conselhos de Carlos Reis e apresentou um rol de obras artísticas que puderam transmitir o frescor de um jovem artista de 23 anos de idade[207].

Posteriormente, o *Jornal do Commercio* publicou uma nota a respeito da grande quantidade de visitantes que apreciaram a coleção das obras de arte dos artistas portugueses, em destaque, o

---

[204] "(…) Uma technica de subido estylo, um desenho seguro uma composição magistral em que não se sabe o que mais admirar, se a obra plastica, o conjunto, a roupagem das personagens que objectivos num golpe soberbo, os tons ora leves como a espuma do mar, brancos como a neve, fugidios como pregas tenuissimas de cariz estendidas no firmamento, ora carregados, mas deixando bem observar o tecido, as tintas, os enfeites e o talhe. E para o maior complemento de perfeição lê-se nos perfeis acabados por mão de mestre, a alma dos retratados, a bondade, a mocidade com o seu rocio, a velhice com os seus estragos, mas todos bem humanos, bem ao alcance de quem lhes quizer comprehender os pensamentos que brotam das linhas do busto, como arroyos crystallino de sitios idyllicos." Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p.3.

[205] Sobre a obra *Retrato de minha mãe*, António Claro caracterizou como sendo um "(…) semblante encarquilhado, com verrugas profundas, abertas por mais de oitenta Janeiros, o cabello de um branco pallido a cobrir a cabeça de uma santa velhinha, os olhos encovados e até enclausurados como contas que perderam o brilho de outr´ora, para supportarem a côr baça do crystal, nas noites frigidas de inverno, nos caixilhos empenados e rotos das vidraças - é um monumento esthetico, de inspiração do artista, que como filho amantissimo, poz ao serviço da sua obra, o seu genio, o seu amor a sua alma. E` um trabalho de artista admiravel e de um psychologo, que, como Vince, imprimio á personagem focada pela sua pupilla e retratada pelo seu pincel dotado de um sopro divino, não só a realidade plastica mas tambem o fluido eterno do seu espirito". Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p. 3.

[206] "(…) E´ Carlos Reis um retratista eximio. Sem sombra de exaggero póde bem figurar na historia da arte como Van Dyck, estheta sublime, que doura com o seu talento peregrino os salões nobres e os museus da Inglaterra, França, Hespenha e Italia. A nobreza de concepção e execução do Flamengo é o mesmo privilegio do artista portuguez, que realizou prodigios que, suppomos, não poderão ser excedidos. E ainda nos typos populares, nos assumptos em que o homem predomina como agente de selecção dos seus quadros, o pintor é uma personalidade de poderosas faculdades, que o approximam pela impetuosidade, pelo brilho e pela verdade do Sevilhano Velasquez, mixto de portuguez e hespanhol por seus pais. (…) E no *Vagabundo*, a mesma combinação do material com o temperamento da figura que destaca da téla como os *Borrachos* de Velasquez. E é o mesmo nas *Ciganas* e no mais que deveriamos accrescentar, se não fosse o receio de massar, sem que sejamos impedidos de collocar Carlos Reis ao lado do grande naturalista Velasquez. (…) e o *Canto do meu atelier*, que recorda tambem um assumpto tratado com maxima pericia pelo pintor sevilhano." Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p.3.

[207] "(…) Como retratista apresenta - *O poeta Thomaz Ribeiro Colaço*. O semblante juvenil, o olhar vivo, a fronte, o cabello e as côres que realçam em todo o quadro são de um artista feito aos 23 annos (…) Na *Espuma do mar*, a penedia e a agua reduzida a flocos, como algodão, resultado da luta eterna do elemento salgado com a costa, combinam-se dando o effeito de uma marinha pintada por um mestre encanecido na sua arte. No *Poente*, na *Colheita das aboboras* e nos *Prenuncios* a mesma technica, a mesma sobriedade no desenho e no colorido, adextrado, certamente, pelo seu temperamento precoce e sob os sabios conselhos do seu grande pai." Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p.3.

"dia das senhoras"[208], como assim a matéria denominou e foram apreciadas por elas os seguintes quadros, a saber: *Commungantes*; os retratos de senhoras *D. Adelaide de Lima Cruz*, *D. Carolina Jorge*; *A França*, *Entre Lilazes*, *Em oração*, *Canto do meu atelier* e *Retrato do poeta Thomaz Ribeiro*. Em 30 de junho de 1919, o *Jornal do Commercio* publicou novamente uma nota do articulista António Claro sobre o certame com o título "A poesia e a arte de Carlos Reis", na qual

[208] Conforme aludiu a nota de imprensa, a exposição despertou um grande interesse no público feminino da sociedade e ainda fez referência a presença de várias senhoras, a saber: "(…) Hontem foi o dia das senhoras. (…) Entre as muitas pessoas que alli estiveram, notámos: Isaura Sampaio, Amelia Veiga, Renaud Lage, Helena Brandão, Marietta de Figueiredo Possollo, Cecilia F. da Cunha, Constancia Xavier de Carvalho, Cleonice de Carvalho, Adelia Theiler, Beatriz Godoy, Regina Reis, Guiomar de Souza Coelho, Stella Mendes de Almeida, Olga Sukou de Mariz e Barros, Pequetita de Mariz e Barros, Olga de Carapebûs, Helena de Carvalho, , Maria Lima Jacobina e filhas, Sylvia Penna Bastos, Luisa Cesar, Stella P. Botto, Carmen C. Mascarenhas, Hala Santoro, Jarina Santoro, Luiza Abreu, Nina Jelicio Santoro, Margarida Costa Macedo, Oeteria Braya, Candida G. Cerqueira, Laura Gomes, Cecilia Sloez, Isabel Ribeiro de Albuquerque, Felismina V. de Vasconcellos e Maria C. de Araujo Graça." E também informou o público masculino: "(…) senhores: F. P. Pinto Guedes, José da Silva Gonçalves, J. Curvello, A. Pinto de Freitas, M. Vasconcellos, Souza Machado, Mario de Carvalho, Pereira de Magalhães, E. de Portugal, Amadeu Lopes, Julio Ferrez, Anthero Mendes de Campos Amaral, João Gomes & Irmão, Albano J. Machado, Olyntho Guimarães, José Geraldo Vieira, Bolivar Mascarenhas, Renaud Lage Manoel Barroso Carneiro, Alfredo Souza Lins Ferreira de Almeida, Fernando de Lemos, Dr. Camilo de L. Ferreira, João Sá Pereira, A. Tristão da Cunha Gudisse Godoy, Dr. Bueno do Prado, Antonio Guimarães, Carlos Americo dos Santos, Francisco Xafredo, Ronald de Carvalho, Jorge Freitas e João Luso." Exposição Carlos Reis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1919, ed. 167, p.6.

acrescentou algumas obras do artista sob o olhar crítico e poético[209]. Posteriormente, em 2 de julho de 1919, o *Jornal do Commercio* publicou uma matéria intitulada "Intercambio artistico" na qual destacou uma homenagem que será realizada no dia seguinte no Palace Theatro ao pintor português Carlos Reis, sendo considerado "o iniciador do intercambio artistico luso-brasileiro"[210]. Constatou-se que nessa homenagem teve a participação dos alunos e da diretoria da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro que assistiram a peça de teatro portuguesa *O Senhor Roubado* de Chagas Roquete, bem como acompanharam o hino nacional brasileiro e português. Claramente verifica-se que todas ações realizadas foram para estreitar os laços artísticos entre Brasil e Portugal.

Por fim, no dia 12 de novembro de 1919, António Claro divulgou novamente no *Jornal do Commercio* uma nota sobre os artistas Carlos Reis e João Reis, que expuseram os seus últimos trabalhos na Galeria Jorge, antes de retornarem para Portugal. Desta feita, cabe mencionar algumas

---

[209] "(…) assim Carlos Reis se ostenta, compondo quadros que apaixonam os observadores attentos diante da maleabilidade de execução, do brilho, da exactidão e, novamente, da alma e da poesia com que dotou a sua obra, exposta para ser julgada pela critica severa e desdenhosa de favores louvaminheiros. Basta reparar na diversidade dos objectos que se destacam nos paines para attesta a sensibilidade ora delicada, ora forte do artista, além desses mimos de inestimavel factura e de cambiantes maravilhosas, como são os retratos de D. Manoela Gomes, de D. Maria Santos Roque de Pinho e do Conselheiro Silva Mattos - *as Ciganas*, *a Timidez*, a *Anã de Villarinho*, a *Largatixa*, os *Commungantes*, o *Solo* e tantos outros instantaneos da galeria que soube escolher como materia prima das suas creações. Nas *Ciganas*, o que encanta é o colorido, são os vestuarios garridos, as tintas que illuminam o quadro e lhe marcam o caracter, e os dous perfis de linhas helenicas, que dão ás figuras a finura etherea de fadas apanhadas no deleite de uma existencia ditosa no remanso de sitios sagrados. E´a poesia da concepção e realização exuberante como a seiva de uma arvore na quadra da primavera. A *Timidez* é a nostalgia do amor, é o acanhamento instinctivo de quem nasceu num lugar pequeno e pobre de aldeia, e é a pureza de um coração que reflecte a transparencia do céo que a cobre, e das varzeas e dos montados, onde não medram a mancia e o peccado. A *Anã de Villarinho* é a senecade não despida de resistencia, nem de adipe, que é a força e não o desmuramento da vida trabalhada pelos annos e pelas apoquentações. Mas é também a sandice que dá a essa sempre noiva e desequilibrada a illusão de ser amada por todos os que a olham. Na *Largatixa* ha uma mulher azougada, que nunca visitou os centros atamados e esturdios, mas que, no olhar e no sorriso, junto da cancella e do carvalho que formam o conjunto, quadra, com enthusiasmo, nos enfeites de parra que lhe guarnecem a cesta pendente do braço como grinaldas nos seios entumecidos das sarcedotizas de Baceno. As *Commugantes* são astros das naves do tempo, que tem nos rostos estampados os dilectos pensamentos da sua fé. O tulle que as revesto como um manto esparso de neblina tenuissima, realça a candura das duas almas purificadas pelas desobrigas no confissionario e nos degraos do altar. No *Solo*, a personagem é typica, porque além das cores rubicundas, devidas aos ares puro das montanhas e as canadas de vinho ruscante e espumoso com que encnarca o estomago, nos dias luzidios das festas, em que é figurante imprescindível - ainda lhe compõem o busto a farta e comprida bigodeira, o olhar miudo e brejeiro de velho gala, o chapéo de proporções da roda de um carro de lavoura, e a gaita de fole, o instrumento favorito dos seus sucessos tão apregoados nas suas redondezas. Nos *Dois infelizes*, o pobre e o animal que o acompanha nas suas peregrinações de pedinte, são bem talhados e comprehendidos. A attitude de humildade e esperança do homem, e o olhar abatido e a orelha murcha do jumento, diante de um muro lavado de luz e de uma porta que dá ingresso a um pateo, onde se alçam construcções domesticas de bem estar, são de um realismo cativante. E os mesmos reparos nos levariam a longas considerações sobre os quadros a *Vindima*, a *Encosta da Alfocheira*, *Outomno* e tantas outras obras resplandecentes de talento animado ante os espectaculos soberbos da natureza, para os reflectir em télas onde sobejam as faculdades de fina observação, que sabem adornal-as com expressão pletural, realçada de poesia lyrica que, em contornos, figuras e côres é mavioso e sentimental, como o genio dos grandes vates nos seus cantares." A poesia e a arte de Carlos Reis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de jun. 1919, ed. 179, p.3.

[210] Intercambio artistico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de jul. 1919, ed. 181, p.5.

obras expostas por Carlos Reis, quais sejam: *Retrato do Presidente da República do Brasil*[211]*; Sr. Epitacio Pessoa*; *Retrato da Sra. Z.B. da R.*; *Retrato da Sra. Luso*; *Efigie de João Luso*; *Busto de Jorge de Souza Freitas*; *Retrato de D. Julia Lopes de Almeida*; *Retrato da Senhorinha Costa*; *Retrato de Filinto de Almeida*; *Retrato de Alexandre Albuquerque*; *Retrato de Julião Machado*; e *Busto de Carlos Americo*. Sobre as obras de João Reis, a nota informou os seguintes trabalhos: *Carvões de Francisco Xafredo* e *Margarida Lopes de Almeida*; e o *Retrato a óleo do neto de Vasco Ortigão*. Cumpre salientar que a notícia exaltou a grandeza artística dos dois pintores como figuras inconfundíveis na arte portuguesa[212] e no final da reportagem afirmou que João Reis cintila ao lado de seu pai, como estrela da mesma constelação.

Outro periódico que publicou sobre os artistas portugueses Carlos Reis e João Reis foi *A Epoca*. No dia 08 de outubro de 1919, houve uma nota publicada que mencionou sobre as novas telas dos dois artistas que foram pintadas logo após o encerramento da exposição no Gabinete Português de Leitura, e que foram encaminhadas para a Galeria Jorge[213], antes de retornarem para

---

[211] A respeito dessa obra, António Claro fez a seguinte referência: "(…) destaca-se pelo desenvolvimento da composição, tamanho, cores nitidas e expressivas de realidade dos objectos marcados, indelevelmente, pelo pincel privilegiado do artista (…) afirmou-nos que o trabalho é surprehendente de exactidão, tanto pelos traços physionomicos, como pelo espirito, caracter, força, em summa, pelo temperamento do retratado, magistralmente apanhado pela visualidade do artista. Naquella tela, testemunharam-nos, está bem o Presidente em toda a sua plenitude de responsabilidade e acção; e outras formas, outra expressão, outro perfil, amaneirado ou alindado, seriam uma contrafacção, que poderia agradar, nos salões amigos, ás visitas dos críticos delambidos ou louvaminheiros, mas nunca num museu, onde só a arte, em todo o seu esplendor, tem um altar para os que a contemplem com amor e segura intuição esthetica. Mas das particularidades do painel, dos acessorios, que se destacam com vigor e brilho, podemos fallar com conhecimento de causa. O fundo do quadro é imponente de colorido discreto, que se ajusta perfeitamente á serenidade do assumpto. O movel, ou a secretaria de estylo antigo, em que a figura apoia, levemente, a dextra, o páo de lei, de que é trabalhado, a estante repleta de livros, que se destacam, bem á vista, com um montão de papelada sobre a mesa, talvez referente aos negocios publicos, os festos da calça e a mão esquerda nellas recolhida, a cor, o panno, o talhe do frack, o colete, o peito da camisa, o collarinho e a gravata - exhibem-se e sobresahem de uma maneira que causa pasmo ao observador não affectado de amblyopia esthetica. E´ uma oferta de alto valor intrinsico da colonia portugueza, representada elos seus plutocratas, ao primeiro magistrado do Brasil." Carlos Reis e o filho na Galeria Jorge. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1919, ed. 314, p.29.

[212] Ambos "(…) souberam tornar amados os seus nomes e honrar o seu paiz". Assim, segundo António Claro, Carlos Reis e João Reis são artistas portugueses, respectivamente: "(…) um firmado, gloriosamente, em tantas obras estheticas, que fazem desbarretar os críticos mais exigentes, e a outra juvenil, em plena adolescencia, mas dotada das magnificas faculdades herdadas de seu pai." Carlos Reis e o filho na Galeria Jorge. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1919, ed. 314, p.29.

[213] Após o sucesso da exposição de Carlos Reis e João Reis realizada no Gabinete Português de Leitura, houve uma outra exposição realizada na Galeria Jorge pelos dois artistas, conforme apontou uma nota publicada no *O Jornal*: "Não podia ter logrado maior exito do que está alcançando a exposição de télas dos pintores professor Carlos Reis e seu filho, sr. João Reis, instalada na Galeria Jorge, á rua do Rosario. Essa acolhida, aliás, estava de antemão prevista, dados o valor e o alto conceito de que gosam esses pintores no nosso meio social e artistico." Exposição Carlos Reis e João Reis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 de out. 1922, ed. 1156, p.2.

Lisboa, no dia 12. Conforme acima citado, as obras foram todas em retrato, como a do presidente da República do Brasil e do artista Dr. Christiano de Souza[214].

A título de conhecimento, essa exposição também passou pelo crivo do poeta e escritor brasileiro Rodrigo Octavio Filho, por meio do periódico *O Malho* publicado em 05 de julho de 1919. Antes de ter analisado as obras de Carlos Reis e João Reis, Rodrigo Octavio Filho ressaltou a importância da arte lusitana na formação das raízes culturais do Brasil e destacou a herança dos séculos de colonização[215]. Posteriormente, a notícia teceu alguns comentários acerca do local aonde foi realizado a exposição, sendo destacado que o Gabinete Português de Leitura é um dos espaços mais belos do Rio de Janeiro e que mais evoca Portugal, em estilo manuelino e mobiliário antigo português, decorado com lustres de ferro batido e colorido dos brasões antigos, e uma biblioteca dedicada as principais obras da língua portuguesa. Apesar da grandiosidade do lugar, informou a matéria que a luz não era uma das melhores, tendo prejudicado a visibilidade de alguns quadros.

Além disso, o articulista Rodrigo Octavio Filho destacou que o artista Carlos Reis era somente conhecido no Brasil por poucos admiradores, uma vez que suas obras não tiveram tanto contato assim com o país. Frisou ainda que há nas suas obras a influência do meio, mais

---

214 Novas telas de Carlos Reis e João Reis. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 8 de out. 1919, ed. 2639, p.4.

215 "(…) E, logico, é coherente, é humano, que a alma brasileira, talvez obedecendo alguma influencia do sangue, sinta e admire com uma intensidade muito sincera e muito profunda todas as modalidades e manifestações artisticas da alma lusitana. E não é facil saculejar as influencias ethnographicas e moraes de quasi tres seculos de colonisação. E estas influencias nunca deixarão de ser sentidas, por mais que o andar vagaroso dos seculos aprimorise a força e a pureza de nossa raça. (…) Nós, brasileiros, tivemos o bom senso de herdar estas qualidades. Não só as herdamos como tambem as guardamos com cuidado. Isto não quer dizer que a alma portugueza seja a mesma alma brasileira. Não. Ha umas nuances por vezes acentuadas, mas que não desmentem nem disvirtuam nem deshonram a primitiva origem.
(...) A verdade é que em Portugal nós encontramos as fontes de nossa vida, a nossa historia nunca se poderá desembaraçar da história portugueza, as nossas tradicções são as mesmas e é nellas que vamos encontrar as melhores emoções de nosso espírito. E para encontrar estas tradicções não precisamos ir buscal-as além-mar. Aqui mesmo, na nossa terra, na nossa vida, na nossa historia, na nossa arte, ellas estão com toda a força de uma belleza imorredoura. (...) E apezar de reconhecermos a necessidade e mesmo a existência de uma arte nacional, como elemento indispensável á vida de uma nacionalidade, é preciso concordar que sentimos a arte portugueza com um grande amor, com uma grande emoção, como se ella tambem fosse a nossa arte. E não é só nas artes plásticas onde Malhôa, Columbano, Souza Pinto, Bordallo, Carlos Reis, Teixeira Lopes e outros, os encantam. O *Fado* tem uma influencia commovedora na nossa musica popular. Em literattura, (prosa, verso e theatro) a influencia é egual. Qual brasileiro que não lê com orgulho os *Lusiadas*, com soffrimento Anthero de Quental, com tristeza Antonio Nobre e Cezario Verde? Qual brasileiro que não comprehende a alma de Eça de Queiroz e de Fialho de Almeida e não tem uma lágrima nos olhos assistindo a *Severa*? E' por tudo isso que o nosso sorriso sempre é bom, quando é para o velho e nobre Portugal que nós sorrimos…" Arte Portugueza. Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, pgs. 30-31.

especificadamente da região de Lousã[216], que veio a contribuir na variedade do seu trabalho, somado com o estado de espírito no momento da criação. Há também a menção das obras que Carlos Reis trouxe para a exposição, a saber: *A Fonte do Vidal*, *A vindima*, *O Mirante Favorito*, *Castanhal do Penedo*, *Manhã de Abril*, *Outomno* e demais obras, que segundo a nota de imprensa são trabalhos que satisfazem o mais exigente espírito crítico[217]. Para o articulista, a obra *Casa dos Arcos* em Torres Novas é considerada, segundo seu gosto pessoal, a que mais despertou um sentimento de calma ao ter apreciado os contornos simples dos velhos arcos arquitectónicos, nos quais traduzem, conforme os dizeres de Rodrigo Octavio Filho, equilíbrio de linhas e harmonia do colorido, sendo, portanto, um quadro encantador por proporcionar um descanço suave no olhar de quem os observa.

Em contrapartida, Rodrigo Octavio Filho mencionou que João Reis herdou as qualidades do pai[218] e trouxe vários trabalhos de valor, sendo incluído também obras referentes a região de Lousã, como *Poente* que, segundo a Revista, o pintor conseguiu, por meio das árvores da floresta, transmitir com habilidade a emoção do efeito dos raios avermelhados do sol se pondo.

Além disso, Rodrigo Octavio Filho enfatizou que o artista Carlos Reis conseguiu transmitir o que os seus olhos vêem em seus painéis[219]. Assim, se como paisagista Carlos Reis é "extasiante deante da natureza"[220], como retratista é um:

> "(…) conhecedor profundo da alma humana, um psycologo que sabe ver com firmeza, bem dentro dos olhos do modelo, tudo o que lhe vae nalma, exteriosando os sentimentos alheios com grande maestria, dando-lhe as tonalidades da alegria e de tristeza, conforme tenha o

---

216 "(…) Foi assim que os seus olhos se perderam na terra seductora da Louzã, que como nos ensinou o brilhante João Luso, ná é apenas o que se sabe por "uma rimada noticia topographica: Louzã, terra da bôa pera e da bôa maça, da boa castanha longal etc., e tal… E´tambem a mais formosa, pitoresca e amavel das terras que Deus creou." Carlos Reis trouxe da Louzã, payzagens encantadoras, cheias de sinceridade, de graça, de ar, correctissimas como composição e muito originaes como assumpto." Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

217 Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

218 "(…) E´ benefica a influencia de Carlos Reis no talento de seu filho e este, ao contrario do que não raras vezes acontece, recebe-as e guarda-as com carinho, adaptando-se á sua arte e ao seu temperamento." Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

219 Sobre essa sensibilidade artística de Carlos Reis: "(…) Como Ronald de Carvalho eu também penso que a pincelada energica de Carlos Reis, "não tem um momento de fraqueza e não se atavia com falsos arreios para captivar o espectador. Cáe de improviso sobre a téla, apodera-se do assumpto com valentia, reflecte a paixão e a sensibilidade do artista, sem procurar effeitos preciosos e arrebicados." Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

220 Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

> modelo, nos olhos e na bocca, o sorriso despreocupado da mocidade ou o sorriso indeciso e fugitivo da velhice."[221]

Diante de suas palavras, o articulista Rodrigo Octavio Filho continuou a sua análise sobre os retratos das Sras. *DD. Jeane Rey Colaço*, *Manoela Gomes*, *Maria Santos Roque* e *Adelaide Lima Cruz*, cujos trabalhos são destacados por ele como obras que Carlos Reis conseguiu captar a alma, a vida, a cor e a luz da alma feminina, com pormenores desde a pose das modelos até o vestuário que, de acordo com suas palavras, "faz ranger a seda"[222].

Em seguida, o articulista continou a escreveu detalhes sobre dois retratos de Carlos Reis que aparecem na Revista, *O retrato de minha mãe* (fig.28) e *Conselheiro Silva Mattos* (fig.29). De acordo com os dizeres de Rodrigo Octavio Filho, em *O retrato de minha mãe* Carlos Reis conseguiu imprimir toda sua sensibilidade artística na tela, tendo tido a capacidade de transmitir "uma profunda bondade e resignação; uma tristeza em cada ruga e uma leve ironia no sorriso apenas esboçado".[223] Na segunda tela, o articulista relatou sobre a aptidão artística de Carlos Reis em ter retratado, de acordo com suas palavras, a velhice do homem que viveu a sua vida e espera que ela avance de forma serena, com realce no "empapuçado das olheiras"[224]. Por fim, Rodrigo Octavio Filho encerrou avaliação com a seguinte passagem: "É um trabalho admirável"[225]. No final da matéria, o colunista acrescentou mais algumas obras de Carlos Reis[226] e terminou a nota com enfoque na capacidade com que brilhantemente Carlos Reis conseguiu transmitir em suas obras a verdade do que se vê e do que se sente[227].

---

[221] Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[222] Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[223] Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[224] Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[225] Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[226] "(…) Muitos outros trabalhos do autor merecem menção, como, por exemplo, as *Ciganas*, o *Canto do meu atelier*, *Annunciando a Festa*, dos melhores trabalhos expostos, onde ha um bellissimo effeito de sombra e luz, no rosto queimado dos musicos, e o *Pila*, velho debochado, que estampa na mascara energica mas envelhecida, toda a sandade dos amores que espalhou pelas redondezas de suas aldeia…" Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

[227] "(…) Carlos Reis é um religioso da Verdade. Como para Saint-Pol-Roux, estravagante fazedor de frazeres e paradoxos, mas que por vezes encontrava a face acertada das coisas, para elle a Beleza é a exaltação da Verdade…" Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.



Figura 28 - *Retrato de minha mãe* de Carlos Reis. Fonte: Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

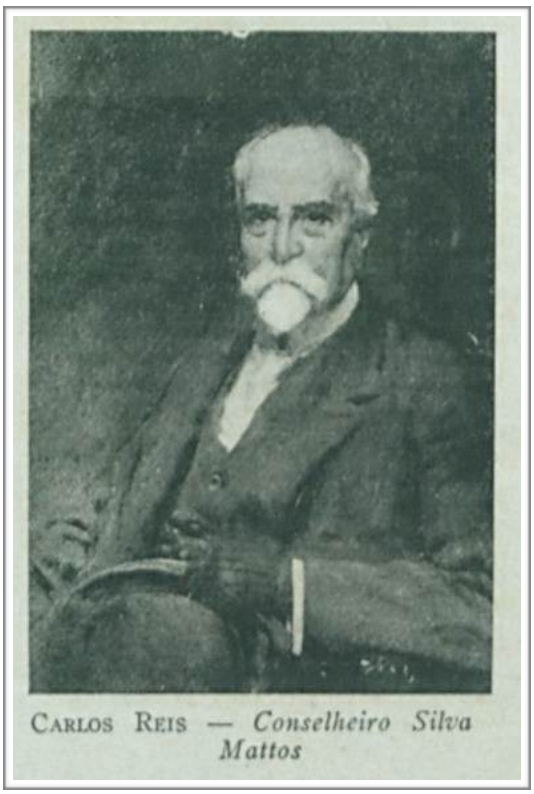


Figura 29 - *Conselheiro Silva Mattos* de Carlos Reis. Fonte: Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, p.31.

Anos mais tarde, em 1922, a Revista *O Malho* por meio do crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos avaliou a exposição de Carlos Reis e João Reis de 1919 no Gabinete Português de Leitura, como também na Galeria Jorge. De forma bastante positiva, a matéria ressaltou as obras de Carlos Reis[228] e de João Reis[229].

Por fim, a *Revista Americana* também divulgou uma matéria sobre o certame e fez elogios acerca da seleção das obras expostas de Carlos Reis, que permitiram traduzir o melhor de sua arte, sendo também afirmadas que pertencem aos museus de arte e coleções particulares, ao contrário dos artistas que, em geral, expõem somente obras que não foram vendidas na Europa[230]. Posteriormente, ao analisar de forma crítica as obras de Carlos Reis, a matéria relatou sobre o estilo artístico do artista, de forma a exaltar a qualidade do seu trabalho e reiterar o status de ser considerado um

---

228 Segundo Adalberto Pinto de Mattos, Carlos Reis possui espírito cintilante que "(…) revelou ao publico da nossa cidade, as suas qualidades polymorphas como pintor." Ainda mais, a matéria mencionou que todos "(…) os generos lhe sao familiares. A sua arte é radiosa, communicativa, enche de satisfação o contemplador; o contraste existente entre o "Mercado de "ouça" e "Commungantes" é digno de um verdadeiro artista, de um mestre cuja alma é acessivel aos varios sentimentos humanos. Pantheista, concebeu obras como "O Castanhal"; figurista interpretou com raro saber; "Duas infelizes", "Annunciando a festa"; "O Pilla" e outros quadros onde a sua recepctividade é clara e insophismavel. Como pintor de natureza morta executou "Crystaes" e o ambiente de "Mercado de Louça". Pintor de genero, transmudou a sua oficina para a tela: "Canto do meu atelier"; como retratista, Carlos Reis é invejavel. O retrato de sua Mãe, é uma verdadeira joia que honraria o museu a que pertecesse: o retrato de Senhorita, que mandou ao Salão de Bellas Artes e que lhe valeu a medalha de ouro, é outro primor. Toda a série que expoz na "Galeria Jorge" era magistralmente executada. Dona Julia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, Carlos Americo dos Santos, Alexandre Albuquerque, Rainho e Epitacio Pessoa foram pintados pelo artista com um talento que só os privilegiados se podem orgulhar de possuir." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.25.

229 "(…) *João Reis* apresentou, por sua vez, um conjuncto apreciavel; segue a estrada brilhante de seu progenitor e os seus trabalhos despertaram attenção pela maneira segura e simples por que são executados. "Espumas do Mar" trazia um sabor especial de encanto; "Prenuncios" revela já um desenhador consciencioso, um interprete sincero dos motivos abraçados. "Poente" foi o melhor quadro apresentado pelo moço artista; a paizagem é sentida, as massas são jogadas com capricho de uma planimetria sobria. Joga os planos para longe, enriquece a paizagem bem machada nos seus contrastes." *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.25.

230 "Ao contrário do que geralmente fazem os pintores estrangeiros, que trazem ou enviam para o Brasil, afim de serem aqui apresentados ao publico, os trabalhos que não encontram compradores quando exhibidos na Europa, o pintor portuguez Carlos Reis expoz, no Gabinete Portuguez de Leitura, quadros que representam o melhor da sua arte, havendo mesmo, entre elles, alguns que pertencem a museus de arte e a colleções particulares." Bellas-Artes. Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, p.127.

mestre de sua época[231]. Novamente destacaram-se as seguintes obras *Annunciando a festa*, *Ciganas*, *Commungantes*, *A Largatixa*, *Paizagem de outomno*, e exaltou, também, o *Retrato de minha mãe*, cuja tela é considerada uma jóia de arte. As demais obras supracitadas foram elogiadas pela *Revista Americana* por não apresentarem nenhum subterfúgio decorativo ou algum tipo de acessório que favorecessem o engradecimento da obra, o que enaltece o real valor artístico de Carlos Reis.[232] Ademais, ressaltou também o período no qual o artista viveu em Lousã e como isso implicou positivamente na qualidade do seu trabalho[233]. Por último, a matéria destacou que nas telas de Carlos Reis há a presença da habilidade artística do desenho, tendo contribuído para os jovens pintores brasileiros que visitaram a exposição, a noção de melhor avaliarem a importância da

---

231 "Carlos Reis dedica-se á paizagem, á pintura de genero e ao retrato e é considerado em Portugal, com toda a razão, um mestre; como pinturas de mestre devem ser, portanto, admirados e observados seus trabalhos, na actual exposição. Ha nos retratos de Carlos Reis uma harmonia discreta de tons e uma naturalidade agradavel de *poses*; parece que o seu pincel surprehendeu cada modelo num attitude ou num movimento perfeitamente commodo e natural. E essa naturalidade se observa em tudo, desde a expressão do olhar até as minudencias de indumentaria, desde a posição da figura até as dobras dos pannejamentos. E´ essa a impressão que causa o *Retrato do Conselheiro Silva Mattos*, uma obra magnifica, em que as qualidades de tecnhica rivalisam com as qualidades artisticas. Bellas-Artes. Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, p.127.

232 "(…) No *Retrato de minha mãe*, Carlos Reis reproduziu, com excellente technica, um mixto de sinceridade e carinho, as rugosidades do rosto e a expressão bondosa do olhar de sua progenitora. A não serem os varios estudos de cabeças de typos ou caracteristicos de portugal, é o unico retrato que Carlos Reis dispensou de qualquer composição ou de acessorios decorativos, para concentrar toda a attenção no modelo. Essa pequena tela é uma joia de arte. De uma grande sinceridade e primorosamente desenhados e modelados, os retratos de Carlos Reis não são ricos, contudo, dessas pequenas qualidades de detalhe, a que tantos retratistas recorrem para boa impressão do observador, essas pequenas mentiras, que constituem, muitas vezes, todo o encanto de uma tela, um toque de luz convencionalmente reforçado ou um contraste de côres intencionalmente rebuscado. Porém, a ausencia de taes recursos ardilosos torna mais solido e mais real o valor do pintor. O melhor dos quadros de genero é, sem duvida, *Annunciando a festa*, que representa uma scena de aldeia de Portugal. Tres musicos percorrem o povoado, soprando com enthusiasmo os instrumentos, ao rythmo de fortes pancadas no bombo, para que o barulho chegue aos ouvidos de todos os habitantes. As figuras, illuminadas pelo sol poente, são bem lançadas e movimentadas, num excellente *plein-air* cheio de vida e de calor, com lindos effeitos de luz nos rostos e nas vestimentas. A composição se tornaria ainda mais agradavel si a tela abrangesse menor porção do bombo, levado pela figura que vae á frente. *Ciganas* é outro quadro de valor, quanto ao desenho e á harmonia de côres, difficil de se obter, devido aos matizes das roupas. Observa-se, porém, a falta de effeitos de ar livre, como requer o ambiente. As duas figuras de ciganas parecem ter sido pintadas dentro de um *atelier*. *Commungantes* é uma tela que, por si só, significaria um attestado da pericia do pintor, tal é a analyse magistral das tonalidades, nos vestidos brancos das duas meninas, ajoelhadas deante de um altar. Na *Paizagem do outomno* predomina um sentimento suave melancolia; sob um céo nublado e frio, os verdes das folhagens parecem procurar as meias-tintas e, ao fundo, as collinas esfumam-se num acinzentado macio. Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, pgs.128-129.

233 "(…) Alguns aspectos de Louzã, Portugal, forneceram a Carlos Reis motivos para lindas paizagens, nas quaes as côres são de grande justeza e os longes muito bem resolvidos." Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, p.129.

técnica do desenho, antes de utilizarem o pincel nos seus trabalhos, em especial nos casos de modelo de figuras[234].

2.1.13. Exposição das Aquarelas dos artistas Gameiro de 1920 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Os periódicos cariocas noticiaram os passos de Roque Gameiro e sua filha Helena Gameiro desde Lisboa até a capital do Brasil, onde realizaram a exposição de aquarelas, tendo a inauguração ocorrido no dia 23 de agosto de 1920 no Gabinete Português de Leitura, que permaneceu aberta ao público até o dia 12 de setembro de 1920.

Posto isto, no dia 25 de junho de 1920, o jornal *A Noite* em uma nota divulgou a ida dos artistas portugueses rumo ao Rio de Janeiro, em um paquete do porto de Lisboa, a fim de apresentarem os seus trabalhos no Brasil. Além disso, a nota acrescentou que Alfredo Roque Gameiro aproveitou a oportunidade dessa viagem para colher a maior soma de elementos possíveis para o seu trabalho de ilustração, que irá realizar no livro *História da Colonização Portuguesa*[235]. Posteriormente, a notícia complementou que os trabalhos expostos serão os mesmos apresentados na Galeria Bobone[236], em Lisboa, cuja repercussão na época foi notória dentro do meio artístico, além de ter apontado algumas considerações sobre a vida de Roque Gameiro que foram fundamentais para incutir a formação do seu estilo artístico[237].

---

234 "A perfeição do desenho, que se observa nos quadros de Carlos Reis, é uma qualidade muito apreciavel nos tempos atuaes, pois o impressionismo exaggerado e a fascinação das notas de côr têm prejudicado enormemente o sentimento e a pureza das linhas; e isso se verifica principalmente nos artistas moços. A exposição do mestre lusitano deve ter sido especialmente proveitosa aos nossos jovens pintores, muitos dos quaes, menosprezando sabios conselhos de seus professores, cuidam pouco do desenho, procurando com precipitação desenvolver a technica do pincel. Terão verificado que a correcção do desenho é de uma importancia primordial, mórmente tratando-se de figuras. Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, p.129.

235 O aguarellista Roque Gameiro vem ao Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de jun. 1920, ed. 3067, p.1.

236 "(…) provocaram o elogio caloroso e unanime da imprensa daquella capital. Essa exposição foi mesmo classificada como o maior sucesso artistico dos ultimos tempos." O aguarellista Roque Gameiro vem ao Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de jun. 1920, ed. 3067, p.1.

237 "(…) Natural de Minde, districto de Santarem, pequena localidade onde se fabrica o burel e saragoça para o trajo da gente do campo tão caracteristica. Roque Gameiro teve, assim, o seu berço embalado num ambiente puramente portuguez, bem typico, bem nacional. E o que viu, ao dar os primeiros passos, reflecte-se agora em toda a sua obra, nas suas aguarellas cujos motivos são sempre bem lusitanos, desde as figuras que traça, emprestando-lhes relevo e côr, ás paizagens, aos recantos, aos golpes de vista, aos simples apontamentos, sempre curiosos, sempre cheio de arte e suavidade e, sobretudo, verdadeiros e impregnados duma simplicidade encantadora." O aguarellista Roque Gameiro vem ao Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de jun. 1920, ed. 3067, p.1.

No dia 22 de julho de 1920, o jornal *A Noite* publicou uma matéria oriunda de Lisboa, escrita por Jayme Victor, no dia 2 de julho de 1920, intitulada "O intercambio artistico luso-brasileiro - Roque Gameiro e Helena Gameiro visitam o Rio". Desta feita, a notícia destacou dois pontos relevantes sobre Roque Gameiro, sendo o primeiro relacionado sobre a paisagem portuguesa que influenciou no seu perfil artístico, verificado nas 170 aquarelas[238] da exposição que representou, como se observou, a tradução da alma portuguesa[239]; e o segundo ponto diz respeito aos objetivos principais que levaram Roque Gameiro ter visitado o Rio de Janeiro, ou sejam, a oportunidade de estudar de perto a paisagem, os tipos e os costumes do Brasil, com o propósito final de contribuir na ilustração do livro a ser publicado -*História da Colonização Portuguesa no Brasil*-[240], como acima mencionado, tendo sido a cargo da competência de Carlos Malheiro Dias, escritor português que, segundo a matéria, partiram juntos para o Rio de Janeiro. Além disso, Roque Gameiro aproveitou a

---

[238] "(…) obras de arte que são todo o coração do artista e nas quaes palpita a alma portugueza, em que o sol de Portugal aquece choupanas de velhos e illumina as faces das mais lindas aldeãs, em que vibram os tons fortes de verde metallico das paizagens, em que as marinhas, as procissões e os cirios, os casebres rusticos com os seus portões e as suas latadas, as ermidinhas caiadas de branco, com os seus sinos e a sua poesia, typos populares, costumes, tradições, ruinas, poeticos recantos, trechos encantadores da vida regional, "manchas" de um flagrante pittoresco, vetustos solares, tudo, em summa, que constitue em Portugal, mais do que a vida de hoje, a vida do que foi, tudo isto se desdobra por essas cento e sessenta aquarellas." O intercambio artistico luso-brasileiro - Roque Gameiro e Helena Gameiro visitam o Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1920, ed. 3094, p.1.
Sobre a vida e o estilo artístico de Roque Gameiro, há outro periódico, *O Jornal*, que publicou o seguinte trecho: "A vida de Roque Gameiro tem sido, toda ella, consagrada á aguarella e o artista nunca foi nem nunca pretendeu ser outra coisa senão um aguarellista. Cultivar esse genero de pintura é, a nosso vêr, ter qualidades especiaes para vencer difficuldades. Na aguarella tudo tem de ser feito numa só vez. O genero não comporta hesitações e muito menos raspagens ou o recurso das tintas accumuladas. Requer, por isso, ao lado do talento necessário a todos os artistas de valor, uma qualidade essencial: muita paciencia e uma segura visão para as tonalidades. Além disto o aguarellista, para obter os valores brancos, joga apenas com a côr do papel, difficuldade só por si digna do maior respeito. Há, certamente, quem faça da aguarella conceito diferente, mas a vida sem divergencias, seria de uma insupportavel monotonia." Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.

[239] "(…) através do homem, do céo, dos luares, das noites, dos rios, do mar, da belleza da mulher, da forte musculatura dos montanhezes, dos risos, da Historia, dos idylios, dos preconceitos, de tudo isto que é Portugal, de tudo isto que foi Portugal." O intercambio artistico luso-brasileiro - Roque Gameiro e Helena Gameiro visitam o Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1920, ed. 3094, p.1.

[240] Desta feita, é oportuno esclarecer que o primeiro objetivo da viagem foi consolidado em um livro denominado *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, de 1500 a 1580, em uma edição comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil, em três volumes, tendo como direção artística Roque Gameiro. MALHEIRO, Carlos Dias. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1006JC335/historia-da-colonizacao-portuguesa-do-brasil>. Acesso em 21 de jun. 2018.
Há também uma nota no *O Jornal* que informou que Roque Gameiro irá ilustrar um livro do sr. Carlos Malheiro Dias sobre a colonização portuguesa e o Centenário da Indepência do Brasil, sobretudo relatou que "(…) esse trabalho e a sua exposição constituem o objectivo principal da viagem do sr. Roque Gameiro ao Brasil, paiz que elle de ha muito deseja conhecer". Exposição Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 de jul. 1920, ed. 407, p.3.

oportunidade para realizar uma exposição de suas aquarelas, juntamente com os trabalhos de sua filha, Helena Roque Gameiro.

Posteriormente, no dia 1 de agosto de 1920, foi publicado, novamente, uma matéria no jornal *A Noite* sobre a intenção da viagem de Roque Gameiro, tendo sido ressaltado também o conteúdo da exposição - uma coleção de obras que retratem cenas e costumes populares portugueses[241] -, em especial no período de D. João VI, tema de interesse para a colônia portuguesa residente no Rio de Janeiro. Além disso, a notícia informou que Roque Gameiro não teve a intenção de lucrar com a exposição, tendo em vista que muitas das obras expostas[242] já foram adquiridas em Portugal, inclusive por famílias brasileiras residentes em Lisboa. Nesse ponto, percebe-se que há um elo intenso entre Brasil e Portugal[243].

Cumpre salientar também que a matéria informou que Roque Gameiro hospedou-se no Hotel Internacional, em Santa Teresa, região com vista privilegiada para a Baía de Guanabara, sendo aguçado, de certa forma, o seu olhar para a natureza carioca. Dito isso, a notícia ressaltou que Roque Gameiro comunicou ao jornal o seu desejo de conhecer os aquarelistas brasileiros, tendo mencionado, segundo suas palavras, que o Brasil, como todos os países de águas e névoas, tais como a Inglaterra, é capaz de fornecer um vasto manancial para a aquarela, onde tudo é leve e transparente como as águas e as atmosferas que reproduz[244]. Por fim, a matéria relembrou

---

241 Também informou *O Jornal* que as "(…) aguarellas do sr. Roque Gameiro são verdadeiros mimos em que o artista reconstróe figuras e aspectos da historia de Portugal e, a par disso, typos e costumes, aspectos do Portugal moderno e do Portugal antigo. São trechos de praias com o mar cheio de movimento, são pedaços de campo palpitantes de vida na faina do trabalho rude." Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.

242 Das obras a serem contempladas, há "(…) o retrato de sua filha mais velha que na nossa exposição de 1908 lhe grangeou, justamente, o Grad-Prix. As télas, talvez umas cento e sessenta contando tambem as de sua filha D. Helena, são de varias dimensões attingindo as maiores um metro e tanto e figuraram já, algumas dellas, na recente exposição de Lisboa, que foi visitada pelo nosso embaixador naquella capital e que provocou os maiores applausos dos visitantes e da imprensa portugueza." Roque Gameiro no Rio - Esse grande aguarellista fala-nos da sua próxima exposição e da de sua filha a illustre artista Helena Gameiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.1.

243 Sobre a relação Brasil e Portugal, a título de conhecimento, vale citar que Roque Gameiro recordou para o jornal *A Noite* que esteve em Leipzig, na Alemanha, por ocasião de seus estudos, e publicou um anúncio em um jornal da cidade para conhecer algum patrício que por ventura residisse na cidade, haja vista a nostalgia que sentia pelo seu país. E surpreendentemente quem apareceu primeiro foi um estudante brasileiro, tendo sido travado entre ambos uma grande amizade. Roque Gameiro no Rio - Esse grande aguarellista fala-nos da sua próxima exposição e da de sua filha a illustre artista Helena Gameiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.1.

244 Roque Gameiro no Rio - Esse grande aguarellista fala-nos da sua próxima exposição e da de sua filha a illustre artista Helena Gameiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.1.

brevemente o início da carreira de Roque Gameiro[245] e acrescentou o elogio que o artista fez ao povo brasileiro por ter recebido notável acolhimento, em especial a imprensa local e a intelectualidade artística, cuja última Roque Gameiro manifestou a pretensão de conhecer pessoalmente. Com essa intenção por parte de Roque Gameiro, o Sr. Dr. Bruno Lobo, diretor da Sociedade Brasileira de Belas Artes, tencionou apresentar os artistas brasileiros ao artista português em um chá promovido por essa instituição.

Novamente, *A Noite* publicou uma matéria no dia 19 de agosto de 1920, a respeito do certame a ser inaugurado brevemente no Gabinete Português de Leitura, com a apresentação de aproximandamente 200 obras da coleção dos artistas, tendo sido informado que esse evento artístico está longe de ser uma exposição banal, com vistas puramente a resultados mercantis, uma vez que a nota ressaltou em se tratar de Roque Gameiro, um artista de grande peso artístico no mundo das artes, sendo considerado o primeiro aquarelista português e um dos primeiros do mundo. Além do mais, a notícia destacou novamente a tarefa de Roque Gameiro em ilustrar o livro sobre a História da Colonização Portuguesa no Brasil, por ser considerado além de um grande artista, um estudioso sobre o assunto, haja vista os 70 quadros já ilustrados sobre esse tema[246].

---

[245] "(…) E o consagrado artista, que aos 18 annos, quando alumno da Escola Pollyechnica, se entretinha em pintar barcos, conseguindo até uma menção honrosa, reproduzindo o couraçado "Vasco da Gama" por occasião do Centenario de Pombal, falou-nos, com modestia, dos seus triumphos que attribue á grande sinceridade que põe na sua obra. Unico aguarellista que, durante sete ou oito annos, foi, antes do D. Alves de Sá, o mantenedor de duas medalhas de honra que costumam ser dadas apenas aos pintores a oleo, tem sempre concorrido ás exposições artisticas de sua especialidade. E é para notar ser Portugal um dos raros paízes onde, de ha dez annos para cá, se realizam exposições de aguarellas, exclusivamente." Roque Gameiro no Rio - Esse grande aguarellista fala-nos da sua próxima exposição e da de sua filha a illustre artista Helena Gameiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.1.

[246] "(…) Mas ha um aspecto particularmente grato a nós, brasileiros, nessa magnifica exposição, que é como que o titulo com que Roque Gameiro se nos apresenta para demonstrar a capacidade com que se vae entregar á delicada e importante tarefa de illustrar o grande livro sobre a colonisação portugueza do Brasil. Esse periodo historico já foi longamente estudado por Gameiro, que apresenta nada menos de sessenta quadros-illustrações, reproduzindo magnificos aspectos dessa época curiosa e ainda insufficientemente conhecida; e por esses quadros se poderá calcular o carinho e a competencia com que o eminente artista lusitano vae entregar-se ao trabalho que lhe foi confiado." A Exposição Gameiro - Uma grande exhibição de arte. *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 de ago. 1920, ed. 3122, p.2.

Segundo o jornal *A Noite* foi aberto primeiro a exposição de Roque Gameiro e a sua filha Helena Gameiro[247] para a imprensa no dia 21 de agosto de 1920 (fig.30), tendo sido retratado como um grande acontecimento artístico na capital, além de ter ressaltado a qualidade das obras expostas pelos artistas. Ainda mais, a notícia informou que todos os convidados elogiaram calorosamente Roque Gameiro e Helena Roque Gameiro[248] pela qualidade das obras, tendo sido ratificado a consagração de seus nomes no Brasil. Por meio de suas aquarelas, a notícia destacou a série denominada *Illustrações*, na qual Roque Gameiro reproduziu os usos, costumes e episódios do tempo de D. João VI no Brasil. No mais, nesse mesmo periódico há uma pequena nota sobre uma homenagem proferida aos dois artistas portugueses pela diretoria do Orfeon Club Português, local que foi empenhado a prestar homenagens para todas as figuras lusitanas relevantes no Rio de Janeiro[249].

---

[247] Sobre esses dois artistas, a notícia acrescentou que "(…) Roque Gameiro é o artista impeccavel que a fama aureolou, cercando-o das admirações geraes, e Helena Roque Gameiro é, com pouco mais de vinte annos, a primeira portadora da medalha da Sociedade Nacional de Bellas Artes de Lisboa, que vem ao Brasil. Columbano collocou os trabalhos dessa pintora, que nos visita, entre os dos melhores mestres que figuram no Museu de Arte Contemporanea, na capital portugueza. Os seus cartões, vendidos sempre por alto preço, como os trabalhos de seu pae, são julgados superiores á famosa artista allemã V. Klein." Roque Gameiro e sua filha Helena expuzeram, hoje, as suas aquarellas, especialmente para a imprensa. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de ago. 1920, ed. 3124, p.1.

[248] As obras de Helena Gameiro são baseadas em "(…) flores frescas, cheias de viço, com matizes tão finos e tão meigos que enlevam o olhar e chegam a fazer acreditar na existencia do seu perfume naquelle ambiente de arte honesta." Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.
Como também "(…) sentir-se-á da arte de Roque Gameiro para a de sua filha uma evolução na maneira de pintar. As aguarellas da senhorita Helena Gameiro são feitas com techica mais larga e não são tão detalhadas como as de seu pae. Aprecia-se no consagrado illustrador portuguez a maneira da aguarella antiga e em sua filha a maneita de aguarella moderna. A senhorita Helena Gameiro tem certa predilecção pelos assumptos de natureza morta, a avaliar pelo numero de trabalhos desse genero por ella apresentados. As flôres fazem o encanto de seu espirito e as rosas devem-lhe ser muito gratas, tal a delicadeza e a perfeição com que ella as reproduz. Nem nos parece justo chamar natureza morta a flôres tão cheias de frescor e de viço." A Exposição dos Aguarellas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de ago. 1920, ed. 432, p.3.

[249] "A directoria actual do Orfeon Cub Portuguez, que sempre se tem empenhado em prestar homenagem a todas as figuras lusitanas de destaque em vista a esta capital, foi convidar os illustres aguarellistas Roque Gameiro e sua filha Helena Gameiro para assistirem a um chá dansante em sua honra. Essa homenagem do Orfeon terá logar nos salões da sua sede e com todo o brilhantismo na tarde de domingo, 19 do corrente." Homenagem aos aguarellistas Gameiro, um festival no Orfeon Club Portuguez. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1920, ed. 3145, p.5.



Figura 30 - À esquerda o Sr. Presidente da República e Exma. senhora, o Sr. Embaixador Português e os pintores Roque Gameiro e Helena Gameiro na inauguração da exposição no Gabinete Português de Leitura. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 28 de ago. 1920, ed. 937, p.23.

Posto isto, há também outro periódico carioca, *O Imparcial*, que publicou algumas edições acerca da exposição tratada. Nesse sentido, cumpre ressaltar, em especial, a edição 1564 divulgada no dia 2 de agosto de 1920, na qual frisou um apontamento de Roque Gameiro sobre os artistas do Rio de Janeiro, tendo elogiado o movimento das belas artes no Brasil, em especial os artistas da capital, e lamentou que esses artistas ainda não eram conhecidos à altura de seus méritos como deveriam ser notórios em Portugal[250]. Novamente, há menção de reiterar a intenção da viagem do diretor da Escola de Artes Aplicadas de Lisboa, Roque Gameiro, e sua filha Helena Gameiro para o

[250] "(…) Ainda se referiu com carinho aos artistas do Rio e ao movimentos das belas artes no Brazil, lamentando não sejam elles conhecidos ainda à altura do seu merito, como deviam ser em Portugal. Estas expressões de carinho e enthusiasmo pela nossa terra, o grande artista ainda as renovou na palestra attrahente com que nos deliciou algumas horas de hontem, quando em companhia de sua gentilissima filha deu a honra de receber-nos para saudal-os, no Hotel Internacional, em Santa Thereza." Um grande pintor portuguez que nos visita, Roque Gameiro e a historia da colonisação portugueza no Brasil. As proximas exposições do artista e de sua filha. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 2 de ago. 1920, ed. 1564, p.1.

Rio de Janeiro, com o propósito de registar o ambiente nacional que serão destinados às ilustrações de Roque Gameiro para o livro *História da Colonização Portuguesa no Brasil*, uma homenagem ao Centenário de Independência do Brasil de 1922, sendo informado que o primeiro volume foi publicado em 1922[251].

Diante dessa intenção de viagem para o Rio de Janeiro, Roque Gameiro[252] junto com a sua filha aproveitaram a estadia para expor os seus trabalhos no salão do Gabinete Português de Leitura. Importante salientar que foram trabalhos de aquarelas que apresentaram cenas e costumes da vida rústica lusitana, conforme supracitado, e ademais houve destaque na imprensa sobre o local da exposição[253] e também sobre o processo de conservação das obras que foram expostas[254]. Em seguida, foi publicada uma nota sobre o dia da inauguração da exposição, 23 de agosto de 1920, e *O Imparcial* divulgou a presença do presidente da República brasileira, Sr. Epitácio Pessoa, acompanhado de sua esposa e artistas, com o propósito de apreciarem a coleção das obras dos

---

[251] A respeito da publicação desse livro, o primeiro volume foi publicado somente em 1923, logo após o ano comemorativo do Centenário da Independência do Brasil. Com o intuito de estreitar as relações entre os dois países, foi realizada, segundo a notícia, "(…) uma homenagem carinhosa e eloquente, quizeram os portuguezes deixar assignalados mais vivamente os laços que unem as duas patrias irmãs, relembrando a gloriosa parte que cabe a Portugal, na formação da nossa grandeza nacional. (…) O seu primeiro volume, agóra publicado, de que temos á vista um exemplar, gentilmente remettido pela Sociedade Editora, consta uma ampla introdução de autoria daquelle illustre escriptor e os quatro capitulos seguintes: 1º - A era Manoelina, por Julio Dantas; 2º - A arte de navegar dos portuguezes, pelo prof. Luciano Pereira da Silva; 3º - Os falsos precursores de Alvares Cabral, pelo prof. Duarte Leite; 4º - "Duarte Pacheco Pereira", pelo prof. Luciano da Silva Pereira. Todo o volume é magistralmente illustrado pelo pincel e pelo lapis de Roque Gameiro, em cujos artisticos trabalhos não se sabe o que admirar mais, se a belleza da concepção, se o primor de feitura. O trabalho typographico e lithographico honra tambem as artes graphicas portuguezas, tal a sua nitidez e perfeição. Com esse conjuncto de qualidades, a Historia da Colonização Portugueza realiza, sem duvida, uma obra monumental, que ha de perdurar como um testemunho expressivo da fraternização dos dois povos." Historia da Colonização Portugueza no Brasil. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1923, ed. 1498, p.3.

[252] Além disso, a notícia também mencionou que os primeiros trabalhos de Roque Gameiro "(…) figuraram em 1892, no Gremio Artistico, onde alcançou immediatamente uma 1ª medalha. Desde então, assignala uma folha lusitana, a sua obra é continua e cada vez mais brilhante: quer nas exposições annuaes quer nos progressos de sua tecnhica e quer na cathedra de professor da Escola Machado de Castro. Em 1901 recebeu a Medalha de Honra de bellas artes, a mais alta recompensa, conferida a artistas de além mar, tornando a alcançal-a em 1910." As proximas exposições do artista e de sua filha. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 2 de ago. 1920, ed. 1564, p.1.

[253] "(…) Entra-se na exposição e respira-se sentimento e idealismo. Não ha ali arrebatamentos, mas suavidade e harmonia. A luz que illumina aquellas aguarellas é uma luz muito meiga e muito tenra. Espiende em algumas, com mais intensidade, a acção bemfazeja do sol, aquecendo a terra e enchendo de alegria os campos onde as searas vicejam." Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.

[254] "(…) A visita do sr. Roque Gameiro ao Rio de Janeiro, veiu reivindicar para a aguarella o conceito e o logar que lhe compete, principalmente com o processo de conservação descoberto pelo artista e com o qual a aguarella resiste, tanto ou mais do que o oleo, á ação destruidora do tempo. Todas as aguarellas expostas pelo sr. Roque Gameiro e sua filha estão emolduradas por esse processo." Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.

artistas Gameiro. O jornal também ressaltou que, no primeiro momento, as aquarelas causaram positivamentte impressão pelo rigor técnico e pela riqueza de efeitos, embuídas por um cunho muito pessoal[255].

Alguns dias depois, *O Imparcial* publicou uma nota sobre a saída da exposição de Roque Gameiro e Helena Gameiro do Rio de Janeiro para São Paulo, o que veio a contribuir para ampliar a visibilidade do trabalho dos artistas lusitanos no Brasil[256]e, posteriormente, o periódico informou o retorno dos artistas para Lisboa, no dia 27 de outubro de 1920[257]. Por fim, cabe ressaltar que *O Imparcial* e *O Jornal* publicaram em uma nota sobre duas aquarelas que os artistas Gameiro ofereceram para a Sociedade Brasileira de Belas Artes, sendo uma delas a vista do alto do morro de Santa Teresa no Rio de Janeiro, local aonde ficaram os artistas hospedados[258]. Há também uma outra informação a respeito dos quadros vendidos na exposição, cujo Sr. Rego Barros adquiriu mais de 6 quadros expostos[259].

Com o intuito de examinar a qualidade artística das obras, é fundamental ressaltar uma nota publicada no *O Jornal* pelo articulista Ronald de Carvalho a respeito da exposição dos artistas Gameiro, na qual discorreu sobre a técnica da aquarela e do artista aquarelista.[260] Além disso, em

---

255 Notas de Arte. Inaugurou-se, hontem, a exposição Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 24 de ago. 1920, ed. 1585, p.1.

256 Notas Sociaes. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 26 de set. 1920, ed. 1618, p.10.

257 Os Aguarelistas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1920, ed. 489, p.3.

258 Conforme a nota, a saber: "Os consagrados artistas portuguezes Sr. Roque e senhorita Helena Gameiro, cuja exposição, tão grande exito alcançou, acabam de offerecer á Sociedade Brazileira de Bellas Artes, duas lindas aguarellas suas. A pintura offerecida pelo Sr. Roque Gameiro, de tanto maior valor quanto é a unica impressão da natureza brazileira notada pelo autor - representa uma vista tirada do alto do morro de Santa Thereza." Sociedade Brazileira de Bellas Artes. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de out. 1920, ed. 5887, p.2. E também semelhante teor em outro periódico: "Os aguarellistas portuguezes sr. Roque Gameiro e senhorita Helena Gameiro offereceram á Sociedade de Bellas Artes dois trabalhos seus. A aguarella do sr. Roque Gameiro é uma das poucas que elle aqui deixou das muitas executadas. Apresenta um aspecto da cidade do Rio de Janeiro, visto de Santa Thereza." Offerta a´ Sociedade Brasileira de Bellas Artes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 de out. 1920, ed. 498, p.3.

259 Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431 p.3.

260 Sobre a técnica da aquarela e o aquarelista, a nota informou que: "(…) A graça da aguarela está na sua espontaneidade, no vigor com que o artista transmitte as suas impressões, na singeleza do tom e, especialmente, na riqueza das meias-tintas velludosas e finas. O aguarelista deve ser, antes de tudo, um poeta sensivel, capaz de comprehender os effeitos subtis da natureza, sem esforço e sem robuscas penosas. E ´mister, além disso, que haja da parte do artista uma certa frescura de alma, uma suave ingenuidade de sentimento e um grande amor á simplicidade. Não sendo possivel empregar na sua factura as massas, as empastações peculiares á pintura a oleo, torna-se necessario que o aguarelista possua uma leveza de pincel e uma acuidade de vista consideraveis, assim como segurança no desenho e rapidez na execução. Nada ha mais desagradavel que uma aguarela castigada, meticulosa, onde se perceba accentuadamente a mão do autor." As Aguarelas de Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1920, ed. 453, p.1.

uma outra nota, o articulista salientou sobre a importância dos artistas brasileiros visitarem tal exposição, em especial os retratos colocados na entrada do salão do Gabinete Português de Leitura[261]. Em seguida, Ronald de Carvalho analisou criticamente alguns trabalhos expostos no certame, tendo revelado que nem todas as obras de Roque Gameiro são dignas de incondicionais

[261] "(…) Ainda registrando impressões sobre os trabalhos dos aguarellistas sr. Roque Gameiro e senhorita Helena Gameiro, devemos salientar em meio de tudo quanto está exposto no Gabinete Portuguez de Leitura, os retratos collocados à entrada. Poucos retratistas a oleo lograrão obter colorido tão agradavel e tão forte relevo para as figuras. A expressão é tambem magnífica. Esses retratos não devem passar em despercebido, mesmo aos nossos artistas que cultivam a aquarella." As Aquarellas dos Artistas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 de ago 1920, ed. 434, p.3.

aplausos, mesmo sendo considerado um mestre raro em sua especialidade[262], bem como analisou de forma positiva a qualidade artística de Helena Gameiro e citou algumas obras de sua autoria[263].

---

[262] A respeito das obras de Roque Gameiro, a nota informou que na "(…) presente exposição que faz o sr. Roque Gameiro das suas aguarelas nem tudo é digno de incondicional aplauso. Sem duvida, o artista portuguez é um mestre, e um mestre raro na sua especialidade. Ha, porém, encontre os seus trabalhos, alguns que incidem naquelle reproche por mim acima feito. Falta nestes a graça que sobra nos outros, aquelle fino sentimento das galas da natureza, aquella espontaneidade de factura caracteristicos do seu temperamento. Para não mencionar outros, basta o citar o quadro n. 20, denominado *"Onde"*, que é uma paizagem espiritualizada, ou melhor, fantaziada, de um effeito tão artificial que espanta na obra de um artista como o sr. Gameiro. Taes defeitos, entretanto, que eu desejara não encontrar na sua producção fecunda, em nada diminuem a excellencia da sua mostra. O sr. Roque Gameiro é um verdadeiro poeta pelo sentimento, pela ternura da sua emoção, pelo delicioso lyrismo do seu espirito. Possuindo uma technica admiravel, de par com um aturado amor da sua arte, o aguarelista portuguez apresenta certos quadros realmente notabilissimos. O *"Retrato"* (102), por exemplo, é uma das obras mais fortes e solidas que tenho visto no genero. Estão reunidas nelle todas as qualidades de pintor. A visão das coisas se combina, ali, com um penetrante poder de psycologia, a habilidade do artista não se avantaja á intelligencia do homem, que conhece bastante o mundo para saber interpretar os meandros da alma humana vigorosamente. A mascara tem volume, tem vida e energia. Paira em torno della uma indefinida atmosphera de sonho e intimidade. A expressão é magnifica, o modelado é seguro, o caracter geral impressivo. Tudo isso me leva a affirmar ser este o melhor e mais significativo trabalho do sr. Roque Gameiro. Já não se póde dizer o mesmo do *"Retrato de minha filha Raquel"*, composto friamente, sem naturalidade e sem doçura. Nas scenas de costume mostra-se o sr. Gameiro um illustrador interessante, valendo apontar *"No cáes de Guindaes*" (39), talvez a mais curiosa de todas como feitura pintorica. Seria proferivel, comtudo, que o expositor as agrupasse separadamente, afim de não obrigar o espectador a passar violentamente da realidade das paizagens e dos motivos de genero para a fantazia da anecdota historica. Como paizagista, o sr. Roque Gameiro é, na verdade, finissimo. Seus estudos de luz e sombra, como *"Na Praia"* (19), *"Praia da Adraga"* (125) e *"Na Praia Grande"* (126) são, por via de regra, esboços com leveza inimitavel. O ultimo, com especialidade, é de sorprehendente effeito. Sem o mais longinquo apparato, sem aquellas ondas recurvas e aquellas espumaradas argentinas tão caroaveis aos marinhistas scenographicos, apenas com uma faixa de mar azul, uma toalha de areia batida de sol e duas tendas rusticas, onde se abrigam algumas pessoas, conseguiu o artista uma obra prima de colorido e de luz. Convém accentuar, ainda, a encantadora impressão que o sr. Gameiro colheu na *"Praia da Adraga"* (7), envolta em mollinhosos fumos de bruma e humidade. Não direi, a exemplo do pintor, que seja esta a sua nota mais requintada. Máo grado a sua real belleza, não lhe são porventura inferiores *"A minha casa em Collares"* (12), *"Estudo de Pinheiros"* (23), *"A Ericeira, vista de São Julião"* (34) e varias outras paizagens de aguas e terras. Para se ajuizar da sua mestria como pintor de genero, é sufficiente examinar aquelle seu *"Observando"* (112), que é uma peça de museu. O sr. Roque Gameiro correspondeu perfeitamente á expectativa dos nossos criticos e artistas. Talvez tenha exposto demasiadamente, mas a excellencia incontestavel de alguns dos seus quadros, salva com vantagem a abundancia da colheita." As Aguarelas de Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1920, ed. 453, p.1.

[263] "(…) Da senhorinha Helena Gameiro, como aguarelista, nada mais posso adiantar daquillo que a nossa critica avisada tem affirmado. Ella é uma artista de apreciaveis dotes de sentimento, possue uma technica toda sua, sabe exprimir com primor os encantos da natureza. Não desmente, antes continúa, as tradições do seu illustre pae. Alma romantica, alma feminina antes de tudo, o que a attráe são os aspectos amaveis das coisas: as flôres de finos matizes, as arvores de luminosa folhagem, as velhas casas da sua terra bucolica e sentimental, as aguas tranquilas dos tanques nos solares antigos, as trepadeiras floridas ao longo dos muros cheios de musgo sedoso e aromatico. Da sua exposição podem ser citados, ao acaso, *"A barra azul"* (3), *"Casas saloias"* (9), *"Pateo saloio"* (20) e *"Torreão"* (55). Sua obra não desmerece na companhia dos trabalhos do sr. Roque Gameiro. Não estará, por ventura, ahi, o seu maior elogio?" As Aguarelas de Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1920, ed. 453, p.1.

Anos mais tarde, a Revista *O Malho* publicou sobre essa exposição uma pequena análise do perfil artístico de Roque Gameiro[264] e Helena Gameiro[265], tendo informado, inclusive, algumas obras que foram expostas no certame, respectivamente (fig.31 e 32).



"Porta dos Jeronymos" — Aquarella de Roque Gameiro.

Figura 31 - *Porta dos Jeronymos* de Roque Gameiro. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24.

[264] "(…) Roque Gameiro nos deu o bello coefficiente de 137 trabalhos, todos rigorosamente tratados, como documentação. As obras de Roque Gameiro são rigorosas, obedecem ao criterio da exactidão nos menores detalhes. Como exemplo citamos a "Porta dos Jeronymos", que, apezar da factura desenvolvida, é de um vigor absoluto. Na grande copia de trabalhos apresentada pelo pintor, o feitio de illustrador emerito prevalece." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p. 24.

[265] Em relação à Helena Gameiro, mesmo com a capacidade artística de ser a sucessora de seu pai Roque Gameiro, preponderou "(…) ao nosso ver mais emotiva, de technica mais larga. Os seus assumptos são mais de artista. Seu pae preocupa-se com o caracter documental, ao passo que ella procura mais o sentimento. "Rosas côr de rosa", "O ultimo olhar", "Ao espelho", "No meu jardim", "A oração", "Sol de chuva" e "No meu terraço" confirmam plenamente o nosso pensar. Dos 53 trabalhos apresentados pela gentil artista, podemos dizer que são todos bons e, assim fazendo, não praticamos nenhuma amabilidade." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p. 24.



Figura 32 - *Ultimo olhar* de Helena Gameiro. Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24.

2.1.14. Exposição Domingos Maria Xavier Rebelo de 1920 no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Nascido em 3 de dezembro de 1891, na cidade portuguesa Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, nos Açores, Domingos Rebelo estudou no Instituto Fischer, local aonde teve contato com a educação Cristã e que, posteriormente, essa proximidade com o ensino religioso surtiu efeito na sua carreira artística, como pode ser visto em algumas obras do artista. Em seguida, cursou a Escola de Arte e Ofícios Velho Cabral, onde teve contato com o pintor Viçoso May e que anos mais tarde seria o responsável em subsidiar a sua ida a Paris, com o intuito de estudar na Académia Julian. Com apenas 15 anos, Domingos Rebelo conviveu com Jean-Paul Laurens, Albert Laurens e Naudin, além de ter convivido com outros mestres como Jobbé-Duval e Bonnat, na Grande Chaumière. Segundo afirmou a pesquisadora Dra. Catarina Castanho Guimarães, o artista açoriano estudou em Paris na mesma ocasião de outros artistas portugueses, como Amadeu Sousa Cardoso, Santa Rita Pintor, Dórdio Gomes e Emmérico Nunes, e durante os 6 anos que permaneceu em Paris absorveu toda a atmosfera da originalidade dos modernistas Cézanne, Matisse e Modigliane[266].

[266] GUIMARÃES, Catarina Castanho. *Domingos Rebelo: Homem da Europa ou da sua terra natal? Novembro de 1997*. Disponível em: <http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115123020401/esdr/escola/historia/vida.pdf>. Acesso em 24 de ago. 2018.

Antes de Domingos Rebelo chegar em solo carioca e com o intuito de realizar a sua exposição individual na capital do Brasil, há uma mesma publicação tanto no *Correio da Manhã* quanto no periódico *O Paiz* que mencionam sobre a partida do artista, de Lisboa para o Rio de Janeiro, programada para o dia 13 de julho de 1920, a bordo do *Ordunha*[267].

Em 01 de agosto de 1920, o periódico *A Noite* publicou uma nota a respeito da vida artística do pintor açoriano Domingos Rebelo[268] que chegou ao Rio de Janeiro para expor o seu trabalho. Posteriormente, a *Gazeta de Notícias* também divulgou uma nota sobre a exposição do artista, na qual informou que será realizada em breve e a capital do Brasil terá a oportunidade de apreciar o talento de Domingos Rebelo[269]. Tendo definido o local da exposição, Gabinete Português de Leitura, *A Noite* divulgou alguns aspectos sobre o estilo artístico do pintor açoriano, bem como informou alguns quadros expostos no certame, *Os romeiros* e *Os foliões*[270]. É oportuno ressaltar que nessa exposição que, assim como salientou o pesquisador Dr. Arthur Valle segundo as palavras do crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos, em um texto denominado "intercâmbio

---

[267] Nota. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1920, ed. 7787, p.1.; O pintor Rebello vem ao Brasil. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1920, ed. 13043, p.2.

[268] A saber: "(…) Partindo em 1907, para Paris, afim de cursar as bellas artes, entrou na Academia Julian, onde estudou sob a direcção do grande pintor historico Jean Paul Laurens durante tres annos. Em seguida trabalhou com os pintores: Baschet, Royer, Guillonet, e, ultimamente, com Bernard Maudin. Em 1912 concorria ao "Salon des Humoristes" com algumas illustrações a tempera, para o "D. Quixote" de Cervantes. Em 1916 expoz na Socidade Nacional de Bellas Artes de Lisboa, obtendo uma 3ª medalha e elogiosas referencias da critica. Nessa época habitava os Açores, procurando traduzir duma maneira realista, o pittoresco da paisagem e costumes do povo michaelense, interessando-se especialmente, por reproduzir o caracter religioso, que é, talvez, a caracteristica principal da alma do povo açoreano. Dahi o artista realisar, em junho ultimo, na Sociedade de Bellas Artes de Lisboa, uma exposição regionalista michaelense, que mereceu da critica portugueza as melhores referencias. O nosso distincto hospede pretende fazer dentro de breves dias exposição de seus trabalhos." Exposição de Pintura a do artista portuguez Domingos Rebello. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.4.

[269] "A nossa Capital hospeda desde alguns dias mais um distincto artista portuguez, o illustre pintor açoriano Sr. Domingos Rebello. Ao que sabemos, S.S. realisará opportunamente uma exposição de trabalhos seus nesta Capital, proporcionando-nos assim occasião para apreciarmos as producções do seu festejado talento." Vida Artistica. O pintor Domingos Rebello. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 de set. 1920, ed. 244, p.2.

[270] Assim, conforme alude a nota: "Na proxima semana deve ser inaugurada, no pavimento terreo do Gabinete Portuguez de Leitura, a série de quadros do artista açoreano Domingos Rebello. Para quem conheça a paizagem e os costumes dos Açores, onde as proprias figuram fazem evocar a expressão peculiar ás taboas de Nuno Gonçalves, onde tudo é duma rara excepcionalidade, absolutamente typico e bem diverso da metropole, o genero cultivado por Domingos Rebello constitue uma curiosidade interessante em materia de arte. Diz-nos a imprensa portugueza que ha nas télas deste pintor, tão cheias de contrastes o detalhes caracteristicos que as individualisam, uma religiosidade campezina que atrae e enternece. Entre os quadros que traz, destacam-se, segundo nos diz ainda a mesma imprensa, "Os romeiros", grupos tradicionaes dos Açores, que abalam das suas aldeias para a execução de uma volta á ilha, em penitencia, cantando orações e desfiando rosarios, e "Os foliões", que são uma das notas mais pittorescas dos festejos do Senhor Espirito Santo, numa alegria religiosa que seduz, num symbolismo bizarro que passa de gerações a gerações. A exposição Domingos Rebello promette, pois, alcançar um grande exito." Exposição do pintor açoreano Domingos Rebello. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 de set. 1920, ed. 3146, p.5.

artístico" publicado na Ilustração Brasileira, o "jovem artista português Domingos Rebello" expusera no Gabinete um conjunto de cerca de 50 trabalhos[271].

Com obras que retratam os costumes, tradições e usos regionais dos Açores, Domingos Rebelo realizou o *vernissage* no dia 15 de setembro de 1920, em um dos pavimentos do Gabinete Português de Leitura[272], tendo a inauguração sido realizada no dia seguinte[273]. Posteriormente, há uma matéria publicada pelo *O Jornal* que elogiou a região dos Açores por sua natureza e pelo seu povo, sendo cenário propício de inspiração para as obras de Domingos Rebelo. No entanto, a mesma nota ressaltou que nem todas as obras do pintor açoriano foram impregnadas de alma e sentimentos, conforme assim desejava, mas que este julgamento não retirou totalmente a qualidade artística de sua coleção. E, por fim, a nota ressaltou que a exposição também é uma grande oportunidade para os imigrantes que nasceram nos Açores e que vivem no Rio de Janeiro visitarem

---

271 VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p. 44.

272 Segundo informou *A Noite*: "O pintor açoreano, Sr. Domingos Rebello, que a critica portugueza cumulou elogios e ao qual nos referimos, ha dias, convidou hoje a imprensa para assistir á "vernissage" dos seus quadros, todos elles regionaes e curiosos sobre typos, usos e cosumes dos Açores. Em cada téla exposta mostra-se bem gravado o influxo de uma alma de artista que sabe dar toques de luz, excepcionaes e bizarros, a tudo quanto a sua observação minuciosa detalha num encantamento de côres. No genero que cultiva, bem regionalista, profundamente ilhéo, é Domingos Rebello, incontestavelmente, o unico pintor consagrado e, como tinhamos previsto, os seus quadros "Romeiros" e "Foliões", quer pela tecnhica, quer pela expressão do conjunto dos costumes tradiccionaes que traduzem, mereceram os mais sinceros applausos, como aliás todos os outros trabalhos apresentados. A exposição que vae ser aberta amanhã, ao publico, e pela qual ha grande interesse, está installada no pavimento terreo do Gabinete Portuguez de Leitura." Exposição do pintor açoreano Domingos Rebello, no Gabinete Portuguez de Leitura. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1920, ed. 3149, p.2.

273 Conforme publicado: "Está annunciado que será aberta hoje, no edifício do Gabinete Portuguez de Leitura, a exposição do joven pintor portuguez sr. Domingos Rebello." Exposição Domingos Rebello. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1920, ed. 456, p.3.
Assim como em outro periódico: "O pintor portuguez Domingos Rebello inaugurou hontem, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, uma exposição de trabalhos seus. Consta de 50 telas entre as quaes se notam trabalhos de merito." Exposição de Domingos Rebello. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1920, ed. 1609, p.5.

a exposição para "matar saudades evocando trechos da terra distante - Ponta Delgada, Feiteiras, Achada, Furnas, Achadinha"[274].

2.1.15. Exposição de Arte Portuguesa de 1920 no salão da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro

A Exposição de Arte Portuguesa de 1920 foi noticiada pela imprensa carioca, por meio de alguns períodicos, a começar pelo *O Paiz*. Nele há duas publicações referentes a esse certame, sendo que a primeira nota mencionou o pedido de intervenção, por meio dos Srs. Fernando Santos e Alberto Carvalho, em realizar uma grande exposição de arte portuguesa no Rio de Janeiro, no momento que visitaram o presidente da República do Brasil, em maio de 1920.[275] Em seguida, no mês de outubro de 1920, foi publicado uma notícia a respeito da abertura desse certame no salão da Escola Nacional de Belas-Artes, que contou com a presença do embaixador de Portugal, bem como informou as obras que foram expostas no certame[276]. Nesse mesmo sentido, há uma publicação do

---

[274] Na íntegra: "As ilhas portuguezas são perolas preciosas, formando verdadeiro collar maravilhoso com que se adorna a formosa terra lusitana. A natureza caprichosa dessas ilhas não são muito conhecidas no nosso meio. De conformação geologica accidentada, a ilha do S. Miguel, com os seus montes e valles, com as suas estradas bordadas de flores e madressilvas, com os costumes caracteristicos da sua gente laboriosa e boa, é um rincão de terra cheio de encanto e poesia. A exposição que vem de ser franqueada ao publico pelo pintor michaelense, sr. Domingos Rebello, versa, quasi toda sobre assumptos colhidos nesse ambiente magnifico. Tanto quanto lhe foi possivel, transportou o artista para as suas telas alguns dos costumes desse povo, colhendo aspectos dessa natureza accidentada em cujo tamanho o homem açoriano conquistou a rijesa de caracter que lhe é propria, a pureza da alma na maneira de sentir e a inexcedivel bondade do seu coração. Interpretar tal natureza e tal gente, não constitue tarefa facil. Bem desejariamos que todas as telas do sr. Domingos Rebello, fossem impregnadas de mais sentimento, mais alma e mais vida. Infelizmente, ao lado de trabalhos muito interessantes, ha alguns para os quaes justo fora reclamar mais vigor em harmonia com a grandeza do assumpto, amplitude, levesa e transparencia de ambiente, esse sentimento que irrompe do interior das pessoas e das coisas, esse espirito que dellas irradia para illuminal-as interiormente, dar-lhes vida e impol-as á admiração de quem as contempla. Os filhos de S. Miguel, que são muitos no Rio de Janeiro, têm na exposição do sr. Domingos Rebello, ensejo de matar saudades evocando trechos da terra distante - Ponta Delgada, Feiteiras, Achada, Furnas, Achadinha… De que o artista tem qualidades muito apreciaveis, diz-nos a sua maneira larga de pintor, a delicadeza e o agradavel effeito de luz exterior observado no seu canto de "atelier". Admirador dos encantos da terra brasileira, da nossa luz, do nosso mar e da nossa floresta, o sr. Domingos Rebello juntou aos assumptos de regionalismo açoreano, pedaços da nossa cidade. A exposição está installada no primeiro pavimento do edifício do Gabinete Portuguez de Leitura." Exposição Domingos Rebello. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1920, ed. 457, p.3.

[275] Uma grande exposição de arte portugueza no Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1920, ed. 1300, p.2.

[276] Assim, conforme divulgado: "(…) na seção de quadros a óleo - *Manhã de março* de Antonio Sande; *O pote da India* de Albertina Rodrigues; *O velho sobreiro* de Alves Cardoso; *Primeiros cuidados* de Adelaide Lima Cruz; *Villa de Moinhos* de Ezequiel Pereira; *Frutas* de Frederico de Carvalho; *Igrejas* de Fernandes Tavares; *Regateira* de Joaquim Costa; *Praia do Pinheiro* de João Trigoso; *Onda* de José Leite; *Lêdo surprehendido* de Martinho da Fonseca. No segmento das aquarelas tiveram presentes obras de Alberto Souza, Alvaro da Fonseca, João Marques, Raul Carapinha. Enquanto na seção de pastel obras de Mattoso da Fonseca, Batistim, D. Carlos I e nos desenhos obras de Martinho. Por fim, na seção de esculturas de Costa Motta, Francisco Santos, Simões de Almeida, José Pereira, Vaz Junior e Raul Xavier." Bellas Artes, Arte Portugueza. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de out. 1920, ed. 13144, p.5.

crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos na *Ilustração Brasileira*, em outubro de 1920, na qual mencionou que essa exposição de arte portuguesa foi tão aguardada dentro do projeto que ele denominou "intercâmbio artístico" entre Brasil e Portugal[277].

Desta feita, *O Jornal* publicou uma nota no dia 17 de agosto de 1920, na qual mencionou que João Figueiredo Ursprung possuía a intenção de expor na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro uma coleção de obras de arte com cerca de 400 trabalhos em pintura e escultura, que trouxe de Portugal, como a *Procissão,* de José Malhoa; uma grande paisagem de Silva Porto; *A regateira*, de Joaquim Costa; um pastel *A resposta do inquizidor*, do rei D. Carlos; *Ultimo adeus à aldeia*, de José Malhoa; *A bacchante* e *Na intimidade*, do escultor Francisco dos Santos; *A severa*, do escultor Moreira Rato; *Os catraeiros* e *O vaqueiro*, do pintor e restaurador Luciano Freire; uma cabeça e quadros de natureza morta do consagrado Columbiano; *A virgem,* de Carlos Bomvalot; trabalhos de Casanova, o mestre de D. Carlos; Evaristo Catalão, Simões de Almeida Sobrinho, Costa Motta (tio e sobrinho); Simão da Veiga, Ernesto Condeixa e David de Almeida[278].

Além disso, a notícia evidenciou que o objetivo do Sr. João de Figueiredo Ursprung foi fomentar o intercâmbio artístico luso-brasileiro, propondo o envio de trabalhos de artistas portugueses para o Rio de Janeiro e, em contrapartida, trabalhos de artistas brasileiros para Lisboa. Diante desse objetivo, *O Jornal* publicou uma outra nota sobre esse movimento de intensificação artística entre Brasil e Portugal, impulsionado por João de Figueiredo Ursprung, que veio com objetivo de fortalecer os laços entre os dois países que falam a mesma língua e que valorizam a cultura, como assim foi dita, da boa arte. Posteriormente, *O Jornal* informou que a exposição foi inaugurada no dia 14 de outubro de 1920, no salão nobre da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, e contou com a presença elevada de artistas, amadores e colecionadores. Desse modo, descreveu a matéria que o certame provocou no espírito dos visitantes a mais agradável impressão,

---

277 "Por mais de uma vez se tem falado em intercâmbio artístico entre Brasil e as nações europeias ou sul-americanas, mas tem ficado sempre em projeto. Agora, sem "reclames" e sem auxílios, o Sr. João de Figueiredo, conceituado negociante em Lisboa e amigo dos artistas portugueses, afrontando o resultado prático da questão, nos traz perto de 250 obras de valor." *Ilustração Brazileira*. Rio de Janeiro, out. 1920, n/p. In VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p.44.

278 Uma grande exposição de arte portugueza. A missão do sr. Figueiredo Ursprung, o intercambio artistico luso-brasileiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1920, ed. 426, p.3.

por ter reunido trabalhos de grande valor artístico de artistas portugueses consagrados e também da nova geração[279].

Posteriormente, na edição seguinte, *O Jornal* publicou o busto de Ruy Barbosa, trabalho feito pelo escultor Pinto do Couto (fig.33). Em seguida, o mesmo periódico informou que o certame foi encerrado no dia 04 de novembro de 1920, e nessa mesma edição há a informação sobre o retorno das obras que não foram adquiridas para Lisboa[280].

[279] A notícia ainda afirmou que esse intercâmbio artístico entre as duas nações foi também intercedido pelos "(…) conselhos de filhos do Brasil quando de passagem por Lisboa." E "(…) os primeiros resultados desse esforço, os frutos dessa formosa iniciativa apparecem hoje. Os bem intencionados não poderão, de boa fé, negar o seu aplauso a tão digno movimento. A exposição de arte portugueza apresenta producções de novos e consagrados trabalhos de pintura e esculptura." De fato, mesmo que o sr. Figueiredo Ursprung não tenha selecionado uma coleção maior de obras de arte portuguesa, a matéria destacou, novamente, que "(…) o seu desejo não foi nem só collocar quadros, mas entrelaçar nomes dos artistas de cá e de lá, tornar conhecidas e approximar as novas gerações de artistas de Portugal e do Brasil." Bellas-Artes, A Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 de out. 1920, ed. 484, p.3.

[280] O encerramento da Exposição de Arte Portugueza, Grande exposição de Arte Portuguesa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de nov. 1920, ed. 506, p.3.

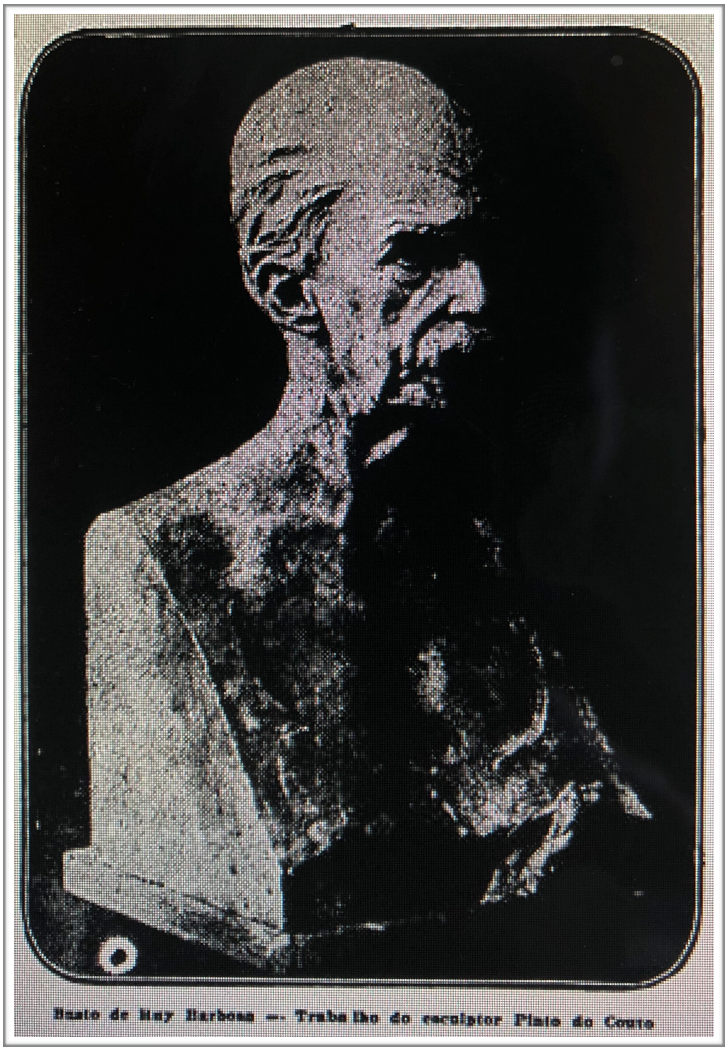


Figura 33 - Busto de *Ruy Barbosa* do artista Pinto do Couto. Fonte: Bellas-Artes. Um busto de Ruy Barbosa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 de out. 1920, ed. 485, p.3.

Há também outra notícia publicada no *O Jornal* com relação ao certame em análise, na qual mencionou que João de Figueiredo Ursprung ofereceu a tela *Virgem Mãe*, de Carlos Bomvalot, para Beneficência Portuguesa, por intermédio do procurador José Custodio Velloso, na ocasião de sua visita a essa instituição, gesto realizado para contribuir com o património artístico da Beneficência Portuguesa[281]. Além disso, foi divulgado em uma outra nota sobre a venda das obras expostas no

[281] Um offerta a´ Beneficencia Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1920, ed. 489, p.3.

certame[282] e que o organizador desse certame prontificou-se a levar obras de artistas brasileiros para Lisboa, logo após o encerramento da exposição, ocorrido no dia 4 de novembro de 1920[283].

Um dia antes de regressar para Lisboa, João de Figueiredo de Ursprung relatou sobre os resultados dessa grande exposição de arte portuguesa, realizada por iniciativa própria e que, apesar de não ter logrado êxito completo, segundo constou na notícia, a verdadeira missão dessa iniciativa foi fortalecer o intercâmbio artístico luso-brasileiro, como foi observado na interação estabelecida entre a arte portuguesa, os amadores e colecionadores do mercado das artes durante a exposição. Além disso e segundo a matéria, o sr. João de Figueiredo Ursprung confessou ter sido bem acolhido pelos brasileiros e portugueses residentes no Rio de Janeiro, bem como salientou ter satisfeito o seu desejo de conhecer essa terra grande e rica, dito por ele, de um povo irmão e amigo, tendo obtido uma ideia segura da cultura artística brasileira. Por fim, afirmou o propósito de realizar no ano seguinte uma nova exposição de arte portuguesa com obras de grandes nomes de artistas portugueses[284].

Importante ressaltar que no dia 20 de novembro de 1920, houve uma matéria nesse mesmo periódico, *O Jornal*, que discorreu sobre o impacto que essa exposição apresentou em Lisboa. De forma negativa, a exposição organizada pelo sr. João de Figueiredo Ursprung assim foi avaliada em Portugal, diferentemente da avaliação desse jornal, que afirmou que o propósito desse movimento foi compensador ao permitir reunir em um único espaço artistas e colecionadores, apesar de ter apresentado algumas falhas na composição da escolha das obras que foram expostas. Segundo essa visão, o organizador do evento afirmou que apresentou trabalhos heterogêneos entre si, o que veio a contribuir em uma exposição desequilibrada, conforme dito pelo próprio sr. João de Figueiredo

---

[282] Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 de out. 1920, ed. 498, p.3. Em uma nota de imprensa divulgada posteriormente, tem-se conhecimento de quem foram os compradores e as respectivas obras adquiridas, a saber: "(…) pelo sr. Raul Machado Bittencourt - *Supplica*, de David Mello; pelo sr. Domingos da Silva - *Sol Poente*, de Ribeiro Junior, *Vista da cidade de Lisboa*, de João Vaz, *Rua Abbade João*, de Albertino Guimarães; pelo sr. José Rainho Carneiro - *Irmãos*, de Martinho da Fonseca. Os quadros que não foram adquiridos passaram para o porão e vão ser encaixotados afim de voltarem para Lisboa." O encerramento da Exposição de Arte Portugueza, Grande exposição de Arte Portuguesa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de nov. 1920, ed. 506, p.3.

[283] "(…) Como foi noticiado, o sr. Figueiredo Ursprung, o organizador desse certamen, levará daqui para Lisboa trabalhos de varios artistas brasileiros para expol-os naquella cidade." O encerramento da Exposição de Arte Portugueza, Grande exposição de Arte Portuguesa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de nov. 1920, ed. 506, p.3.

[284] "(…) Realizarei uma exposição solida com obras de Columbano, Souza Pinto, José Malhôa, Velloso Salgado e outros consagrados mestres da arte em Portugal. Não me limitarei á pintura e trarei tambem algumas peças dos mais notaveis esculptores da minha terra." E ainda o sr. Figueiredo Ursprung acrescentou que teve a satisfação de colocar, depois do fim da exposição, "os tres grandes quadros desse artista: *A Procissão*, *O ultimo adeus á aldeia* e a *Varanda dos rouxinoes*." A Grande Exposição de Arte Portugueza - uma palestra com o sr. Figueiredo Ursprung. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1920, ed. 520, p.3.

Ursprung[285]. Como prova do desejo de alterar essa imagem, o mesmo propôs retornar ao Brasil no próximo ano com uma exposição à altura dos grandes artistas portugueses,[286] de acordo com a envergadura dos grandes mestres[287]. Afirmou também a matéria que os três quadros de Malhoa *A Varanda dos rouxinóes*, *A procissão* e *O ultimo adeus à aldeia* permaneceram no Rio de Janeiro[288]. E, por fim, novamente a matéria informou o intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal, especificamente citou obras de artistas brasileiros a serem expostas em Lisboa[289].

Posteriormente foi publicado no *O Jornal* uma matéria sobre as exposições realizadas no ano de 1920, no Rio de Janeiro, que veio novamente discorrer sobre a repercussão desse certame que não foi bem avaliado, por ter confirmado sobre a não tão boa seleção das obras que foram expostas, em oposição do sucesso angariado pelos artistas Gameiros que realizaram no mesmo ano uma exposição no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, além de ter inserido na nota uma fotografia do retrato do sr. *Jorge de Souza Freitas* de Carlos Reis (fig. 34), dono da Galeria Jorge e impulsionador da arte no Brasil[290].

---

285 Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p.3.

286 A saber: "(…) está na sua resolução de voltar ao Brasil no proximo anno e trazer, para uma exposição mais homogenea, obras dos grandes mestres portuguezes: Columbano, Malhôa, Souza Pinto, Carlos Reis, Teixeira Lopes, Condeixa, Velloso Salgado, Souza Lopes, Luciano Freire, João Trigoso e Constantino Fernandes. Trará também algumas telas de Silva Porto, Assumpção e Lupi. E achamos que deve ficar por ahi, isto é, trazer só trabalhos na altura do meio." Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p.3.

287 Baseado no nível dos grandes artistas portugueses, a notícia ainda pontuou uma crítica, a saber: "Vae o sr. Figueiredo Ursprung voltar ao Brasil com trabalhos de artistas portuguezes. Volte e bem vindo seja. Mas traga obras dos mestres. Não nos volte com arte a granel, com arte como essa que ainda queria deixar ahi para expor novamente quando voltasse. Não. Arte só muito bôa, mesmo porque o resto não chega a ser arte…" Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p. 3.

288 E com grande elogio sobre esses três trabalhos de José Malhoa, a notícia informou que "(…) seria de lamentar que essas três peças valiosas o grande artista portuguez, essas tres soberbas telas do consagrado pintor José Malhôa, voltassem para Portugal. Felizmenté que ellas ahi ficam, concorrendo para o engradecimento do nosso patrimonio artistico." Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p.3.

289 "(…) Propunha-se o sr. Figueiredo Ursprung a levar daqui para expor em Lisboa trabalhos dos principaes artistas brasileiros. E o seu desejo continu´a de pé. De receber esses trabalhos de parlamentar com os nossos artistas e de remettel-os para Lisboa, ficou encarregado o presidente da Sociedade de Bellas Artes." Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p.3.

290 "No edificio da Escola de Bellas Artes tivemos, além do salão annual, a Grande Exposição de Arte Portugueza, na qual, como assignalámos, devia ter havido melhor selecção. (…) Não podia ter sido maior nem mais completo o exito da exposição que os aquarellistas Roque Gameiro e Helena Gameiro que realizaram no edificio do Real Gabinete Portuguez de Leitura. Tambem se realizou nesse mesmo local a exposição do pintor regionalista portuguez Domingos Rabello. (…) O retrato que publicamos, do sr. Jorge de Souza Freitas, incontestavelmente um grande impulsionador da arte no Brasil, é reproducção photographica de uma téla do professor Carlos Reis, o consagrado pintor portuguez, que este ha pouco tempo no Rio de Janeiro." A Arte no Anno de 1920, As exposições que se realizaram no RJ. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27 de nov. 1920, ed. 558, p.3.



Figura 34 - Reprodução fotográfica do retrato *Sr. Jorge de Souza Freitas* de Carlos Reis. Fonte: A Arte no Anno de 1920, As exposições que se realizaram no RJ. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27 de nov. 1920, ed. 558, p.3.

Por fim, no ano de 1921, houve uma nota de imprensa publicada pelo *O Jornal* na qual afirmou que o Rio de Janeiro teve a oportunidade de ter apreciado nessa exposição de 1920, as obras do pintor português Martinho da Fonseca, discípulo de Columbano, cujo quadro *Irmãos* ficou reunido na coleção do brasileiro sr. José Custódio Velloso. Além disso, a notícia elogiou esse artista lusitano que, mesmo jovem, já era considerado um artista de reputação na pintura a óleo e na aquarela (fig.35). No final da nota, há a reprodução de uma de suas obras, *Flôres do campo* (fig.36), que é destacada por apresentar, segundo a notícia, o espírito, a graça e a expressão que se associam a suavidade das linhas e a segurança absoluta do desenho[291].

[291] A Arte em Portugal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1921, ed. 574, p.3.



Figura 35 - Fotografia do pintor português Martinho da Fonseca. Fonte: A Arte em Portugal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1921, ed. 574, p.3.



Figura 36 - *Florês do campo* de Martinho da Fonseca. Fonte: A Arte em Portugal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1921, ed. 574, p.3.

A Revista *O Malho* divulgou uma matéria sobre as exposições portuguesas que foram realizadas no Rio de Janeiro e, sobretudo, destacou a exposição de arte portuguesa de 1920, na qual ressaltou alguns nomes de artistas portugueses[292] que participaram desse certame, em especial uma parte dedicada sobre as obras do ilustre artista José Malhoa, que recebeu elogios reiterados sobre o seu particular estilo de pintar[293]. Mais tarde, a Revista *O Malho* publicou novamente um artigo escrito pelo mesmo crítico de arte Adalberto Pinto de Mattos sobre as exposições realizadas no Rio de Janeiro, e com relação a esse certame, a Revista enumerou também os artistas que participaram dessa exposição[294].

2.1.16. Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil de 1922 no Rio de Janeiro

No ano da comemoração do Centenário da Independência do Brasil em 1922 foram realizados diversos eventos, em especial a Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Nesse

---

[292] "(…) Na magnifica exposição, realisada na Escola Nacional de Bellas Artes, pelo Sr. João Figueiredo, em 1920, figuraram nomes aureolados de artistas portuguezes assignando obras de grande merecimento; em tão grande mostra estavam representados: Condeixa, o pintor dos homens do mar; Salgado, Columbano, o grande artista nunca ultrapassado; Antonio Manoel Sande, Alves Cardoso, Leitão de Barros, Evaristo Catalão, João Vaz, João Trigoso, Luiz da Veiga e Luiz Porto, o maior paizagista de Portugal e mestre Carlos Reis - o verdadeiro. Citamos os nomes acima ao acaso, pois muito dificil seria citar todos os autores que o Sr. João Figueiredo nos trouxe." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, pgs.24-25

[293] "(…) Em uma interessante mostra de arte portugueza, realisada na Escola Nacional de Bellas Artes pelo Sr. João de Figueiredo, entre outros quadros de notaveis artistas portuguezes, figuravam télas de José Malhôa: "A varanda dos rouxinóes", sem favor, é daquellas obras que basta vêr uma vez para nunca mais esquecel-a. De encanto particular, fica para sempre na retina. De finura de côr, seduz; de composição simples, faz pensar, evoca o bem estar que aquella gente simples desfructa, ouvindo os gorgeios da passarada… "Emigrante" é, a nosso vêr, a obra capital dos ultimos tempos da vida de Malhôa; de um vigor grandioso, representa um momento unico na alma daquella figura que caminha para o desconhecido… Em tão bella composição encontra-se a crystalisação de uma alma torturada, um turbilhão indescriptivel; uma enorme saudade sente-se naquelle ultimo olhar do infeliz, que abandona a aldeia natal em busca de ambiente mais propicio e farto, mais compensador… Em José Malhôa percebe-se uma qualidade que a muitos passa despercebida: é que, sendo senhor de uma technica maravilhosa, não abusa della, como é commum entre outros artistas nas suas condições, e que lançam mão de tão precioso recurso para tornal-o assumpto de trabalho. Malhôa ama a technica, mas ama tambem os motivos que abraça para pintar. Tudo para Malhôa póde servir para motivo de um quadro. O seu espirito está sempre vigilante, alerta para os motivos que passam pela sua palheta encantada; como verdadeiro artista, não conhece o "feio" que o burguez aborrece; como estheta, a sua inspiração vê de fórma differente; o que para uns é imprestavel, para elle é um motivo seductor, um argumento de Arte pura, para onde translada a sua alegria e o sentimento portuguez dos seus typos campanholos." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, pgs.23-24.

[294] "(…) João Figueiredo realisou a sua grande exposição de arte portugueza, onde se viam Columbano, Condeixa, Malhôa, Carlos Reis, Salgado, Antonio Manoel Sande, Alves Cardoso, Leitão de Barros, Evaristo Catalão, João Vaz, João Trigoso, Luiz da Veiga e Silva Porto, o maior paizagista de Portugal." Bellas Artes - Julio Dantas e os Artistas Brasileiros. *O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de jul. 1923, ed. 1086, p.53.

sentido, cabe mencionar que vários periódicos na ocasião noticiaram sobre esse grande evento, a iniciar com o *Jornal do Commercio*.

Nesse sentido, o *Jornal do Commercio* publicou algumas notas referentes ao certame em análise, sendo uma em especial publicada no dia 4 de março de 1923, na qual discorreu sobre a exposição com detalhes relevantes das obras e dos artistas envolvidos. Desta feita, o início da notícia destacou uma comparação acerca da presente exposição com as anteriores exposições portuguesas realizadas no Rio de Janeiro, sendo ressaltado que algumas obras de artistas portugueses permaneceram no Brasil, tanto na Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro quanto em coleções particulares[295]. Em seguida, a nota informou sobre o pavilhão português instalado nessa exposição de 1922, sendo mencionado que Portugal foi a única nação que organizou uma mostra que conseguiu reunir os trabalhos dos seus principais artistas, com o intuito de honrar à altura a comemoração do Centenário de Independência do Brasil[296].

Nas linhas seguintes, a matéria elucidou duas críticas relevantes sobre a estrutura do pavilhão de Portugal, quais sejam, a luz não era suficiente para o exame das obras expostas e não havia numeração das obras, o que dificultou a consulta ao catálogo[297]. Além disso e de forma surpreendente, a nota ressaltou que não houve a presença de obras de alguns artistas portugueses de grande valor, como o pintor José Malhoa, considerado talvez, segundo destacou o periódico, o

---

[295] "(…) grande pintor Malhôa, que na exposição em 1906 aqui realizou no Gabinete Portuguez de Leitura deixou tão profunda impressão e tão numerosa serie de admiradores conquistou. Em 1902 realizou-se aqui no velho edificio do Lyceu de Artes e Officios, uma exposição de arte portugueza, promovida, se bem nos lembramos, pela Sociedade de Bellas Artes de Lisboa e, nessa exposição, tiveram a mais cabal representação artistas como Columbano, Salgado, Malhôa, Ramalho, Condeixas, João Vaz, Jorge Collaço e outros; e em 1908, na Exposição, realizada na Praia Vermelha, o pavilhão portuguez alli levantado e decorado por Jorge Collaço, foi um dos que mais atractivo e maior destaque tiveram. O tecto do salão nobre desse pavilhão foi decorado com motivos portuguezes pelo notável marinhista João Vaz e nelle se reunio uma colleção muito numerosa e muito representativa das qualidades características do movimento artístico de Portugal então. Essa exposição foi muito completa e, com os magníficos especimes de sua respectiva arte, nella reunidos, pudemos fazer idéa cabal do grande valor de Columbano, de Malhôa, de Salgado, de João Vaz, de Antonio Camerio e de outros, dos quaes ficaram muitos quadros, não só a nossa Escola de Bellas Artes, como em muitas collecções particulares." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[296] Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[297] Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

artista mais português[298]. De fato, sobre a ausência das obras de José Malhoa, o Catálogo Oficial da Seção Portuguesa de 1922 confirma esse apontamento.

Com relação à exposição de 1922, a mesma nota publicada no *Jornal do Commercio* abordou que Columbano[299] enviou 04 retratos[300], sendo um deles que chamou mais a atenção dos jornalistas - a obra *Sr. Diniz Bordallo Pinheiro* -, pintado somente de uma única cor e "modelado com extrema sciencia e finura, com *pâtes sur pâtes*, como numa esculptura"[301]. Ademais, a notícia ressaltou o perfil de alguns artistas portugueses que participaram dessa exposição, como José

---

[298] "(…) Pela leitura deste e por uma vista geral pelos trabalhos expostos, nota-se logo a ausencia de alguns artistas de valor e cuja representação no momento actual muito prazer nos causaria, como o grande pintor Malhôa, talvez o artista mais caracteristicamente portuguez, e que em 1906 aqui realizou no Gabinete Portugez e Leitura deixou tão profunda impressão e tão numerosa serie de admiradores conquistou." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p. 6.

[299] A nota de jornal ressaltou ainda que "(…) em 1908, fallando da secção portugueza da exposição então realizada na Praia Vermelha, dissemos que, sendo já então Columbano Bordallo Pinheiro mestre consagrado nos grandes centros artisticos da Europa, como Paris, onde esteve, na Exposição Universal, de 1900, uma medalha de ouro; como Berlim e na Hespanha, na Exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos, seria quasi presumpção querer criticar-lhe a obra, mas que não podiamos furtar-nos ao prazer de exprimir o encanto que os seus trabalhos despertam, a impressão profunda e fascinante que elles exercem em quantos os admiram. E dissemos mais que elle era principalmente um pintor de figuras, um retratista evocador, como dizia Thoré-Burger, desses que têm a penetração espiritual, a qual não se pôde fazer um bom retrato, por melhor pintor que se seja. Os seus retratos, os seus quadros, são, por assim dizer, impressões humanas, documentos fixados na tela que fazem parar o espectador e indagar a individualidade dos retratados." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[300] A notícia citou que os quatro retratos de Columbano são trabalhos "(…) de valor como tudo quanto pinta, com o effeito notavel que consegue com as suas figuras expressivas, emergindo do fundo escuro, que têm cousa de espectral e de intensa vida, numa maneira larga e firme." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[301] Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

Veloso Salgado[302], Carlos Reis[303] e Luciano Freire[304]. Cumpre ressaltar que esse último artista foi responsável por realizar uma cópia do quadro do artista português quatrocentista Nuno Gonçalves, *Infante* (fig.37), obra destinada para ser oferecida ao Brasil e que hoje encontra-se nas reservas do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro[305]. Além disso, informou que alguns painéis[306] expostos

---

302 " (…) nosso velho conhecido é o Sr. José Velloso Salgado, que é um mestre muitas vezes medalhado no *Salon* de Paris e outros centros artísticos, e que é consagrado como um pintor emerito e que, embora não possua a qualidade de profundo psychologo, de um ledor de almas, é um artista eminente. E são dignos de nota os retratos que expõe." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

303 "(…) O Sr. Carlos Reis tem na exposição diversos trabalhos, paisagens com figuras e retratos. Carlos Reis nestes ultimos tempos conviveu tanto comnosco, deu-nos tantos ensejos de vêr a sua obra em todos os generos, que fallar do que elle tem na exposição seria ter de repetir o que já tantas vezes temos dito, que Carlos Reis não é nem um pintor amaneirado, nem um pintor regionalista, como não é especialmente um paizagista nem um pintor de figura. E´simplesmente um pintor, pintor que estudou, que se preparou para interpretar do modo mais convincente e mais impressionante os motivos que escolhe. Da sua estadia em França apprehendeu as finuras de technica que distinguem a pintura franceza moderna; possue uma individualidade propria e é senhor de uma arte apurada, segura e solida, de elegancia de linhas, de boa côr e grande sentimento. Destacaremos apenas dos trabalhos por elle expostos e todos excellentes: o retrato da Sra. D. Branca de Gonta, cuidadoso de desenho e sobriedade de côr, cheio de nobreza na postura e dignidade na expressão, mostrando como a personalidade da retratada impressionou o artista e o retrato de Mme. G. B., busto de perfil, de execução mais summaria e impectuosa, com extrema facilidade, singular subtileza e penetração, nominalmente um retrato, mas que é um quadro, como dizia Ruskin que todo bom retrato deve ser uma joiasinha de graça e finura." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

304 "(…) O Professor Luciano Freire merece menção especial pelos seus trabalhos originaes e pela excellente copia do celebre quadro de Nuno Gonçalves, que viveu nos annos de 1435 a 1481 e foi pintor da Camara do Rei D. Afonso V, quadro conhecido por "S. Vicente" ou "Paixão do Infante". Desse quadro, que é uma reunião de retratos de personagens da época, pintados com certo realismo, falla Bryan no seu famoso diccionario, dizendo que Nuno Gonçalves deve ter estudado na Italia, porque foi um bom imitador dos grandes mestres desse paiz. E´ uma bella dadiva á nossa Pinacotheca." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

305 Essa réplica foi proposta "(…) pelo proprio e insigne director do *Museu de Arte Antiga* (Dr. José de Figueiredo): o polytico de Nuno Gonçalves seria copiado pelo seu benemerito restaurador, o professor Luciano Freire, e doado ao Brasil, como sendo o sublime monumento de arte em que mais alta e gloriosamente se representavam o genio e a missão da raça: galeria de retratos dos communs antepassados, daquelles homens formidaveis que emprehenderam os descobrimentos dos mundos novos, e para cujos rostos se tinham levantado os olhos azues de Colombo, os olhos castanhos dos capitães, dos pilotos e dos marinheiros das frotas temerarias, devotas de S. Vicente, patrono de Lisboa. (…) Sem dúvida, o Brasil guardará a dadiva preciosa como o certificado das suas origens gloriosas e venerará comnosco nesse sublime painel a memoria dos antepassados heroicos, que nos legaram o exemplo do que podem a fé e o patriotismo." Portugal offerece ao Brasil a copia do painel do Infante, do polyptico de Nuno Gonçalves." Para comemorar o Centenário. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11 de nov. 1922, ed. 46, p.15.

306 "(…) como o grande quadro de composição de Ernesto Condeixa - "O Samorim de Calicut recebendo Vasco da Gama depois de sua chegada á India"; o retrato de Guerra Junqueiro, por Antonio Carneiro; o "Chalie de Cachemira" e o retrato do Sr. G. B., por João Reis que trilha brilhantemente nas pegadas do pai; o grande quadro "Barco em Perigo", tão palpitante de vida e de sentumento do Sr. José Nunes Ribeiro Junior, bem como o seu quadro - "Ao Espelho" e os outros trabalhos do mesmo artista; os quadrinhos, simples cartões de visita, de Sousa Brito; todos os trabalhos de João Vaz, um velho amigo nosso sempre muito apreciado; as finas paizagens de Antonio Saúde; todos os trabalhos de Sr. Antonio Carneiro, conhecido velho desta secção e sempre aqui muito apreciado; o quadro "Descanso do modelo", da Sra. Emilia dos Santos Braga, fino estudo do nú, no qual se sente a influenza francesa." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

impressionaram os colunistas do *Jornal do Commercio* que tiveram presentes no certame. Ainda assim, a nota acrescentou mais informações acerca dos trabalhos expostos nas seções de escultura[307], de arquitetura[308] e de ourivesaria[309].

[307] "(…) A seccção de esculptura comprehende obras notaveis e de valor. Naturalmente o nome de Antonio Teixeira Lopes vem-nos instinctivamente á penna. O admiravel esculptor da *Viuva*, da *Caridade*, do *Caim*, da *Historia da Rainha Santa*, das *portas da Igreja da Candelaria*, cuja obra temos tido, mais de uma occasião, de vêr e de admirar, é representado por reproducções e reducções em bronze de algumas de suas obras já conhecidas, como o *Caim*, da *Caridade*, a *Viuva*, *Saudade*, *Homem e Mulher*, bustos de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz e dous baixos-relevos. Teixeira Lopes ha muito que é objecto de admiração de quem escreve esta secção que deu provas disso, não só aqui, como em noticia especial que ha annos escreveu sobre elle na Revista londrina *"The Studio"* e que só lamenta que tenha sido impossivel ao grande artista ter realizado a sua visita ao Rio de Janeiro, conforme fôra annunciado. Nesta secção, ainda se notam o busto, em gesso, do Sr. Dr. Antonio José de Almeida, modelado pelo esculptor Costa Mota Sobrinho, a bordo do vapor "Porto", quando o illustre Presidente de Portugal demandava o porto do Rio de Janeiro, em visita ao nosso paiz e que é muito fiel e de bom modelado; as estatuas - em bronze - *David* - por Thomaz Costa, de que já fallamos por occasião da Exposição de 1908 e a *Venus Anadyomene*, em marmore, do mesmo; o retrato de *Mlle. Agnès Souret*, em bronze; o *Crepusculo*, de José Netto (gesso); *Cabeça de Velho* (gesso), de Souza Caldas; *Velho* (em marmore), de Julio Vaz Junior; *Ultima Rosa*, bronze, de João Silva. Mas, o maior expositor, nesta secção, é Rodolpho Pinto do Couto que foi discipulo de Teixeira Lopes e é um pouco nosso, porque, ha muitos annos, se acha domiciliado aqui. Pinto do Couto tem um retrato em bronze do Sr. Daudt; uma *Velha Mestiça*, estudo de raça, também em bronze; *Cabeça de Velha* e *Cabeça de Criança*, tambem em bronze, em que demonstra as suas qualidades de modelador emerito e expressivo; mas, os seus trabalhos, que mais prendem a attenção, são o busto, em marmore, do pintor Souza Pinto e o retrato do Sr. Augusto Petit, uma bella cabeça, de que o esculptor soube aproveitar-se com extrema arte, mostrando toda a segurança da sua technica, grande fidelidade ao seu modelo e expressão cheia de vida." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[308] "(…) São dignos de exame os trabalhos de architectura expostos; a "vitrine" com rendas de Peniche, a toalha de chá, estylo D. João V; o leque estylo do seculo XVIII; o lenço (estilo gothico) e o leque orchideas, desenhos todos da fallecida artista D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e execução de sua cunhada D. Emilia Bordallo Pinheiro; e as caricaturas de Francisco Valença e de Raphael Bordallo Pinheiro, esta ultima que representa uma idéa carinhosa para com a memoria desse fallecido artista e dos personagens caricaturados por elle, tambem já falecidos e de quem elle foi amigo e companheiro." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

[309] "(…) Como na exposição anterior, uma grande parte da exposição é occupada por uma secção de ourivesaria com numerosas peças interessantes, tanto pelos motivos, que as inspiraram, como pelo primor da factura. Na primeira exposição foi a conhecida ourivesaria de Lisboa, a casa Leitão & Irmão, que constitui essa secção e, além de tirar os seus motivos, como actualmente a Casa Reis, na architetura manuelina e do tempo de D. João V, inspirou-se, para a confecção de uma infinidade de obras interessantes, de que ficaram muitos exemplares, em objectos populares, como bilhas, cantaros, jarros e outros utensillios caseiros. As obras, ora expostas pela Casa Reis, constituem verdadeiros primores de desenho e cinzeladura e acham-se minuciosamente descriptos em uma bella monographia do illustre escriptor João Grave." Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.

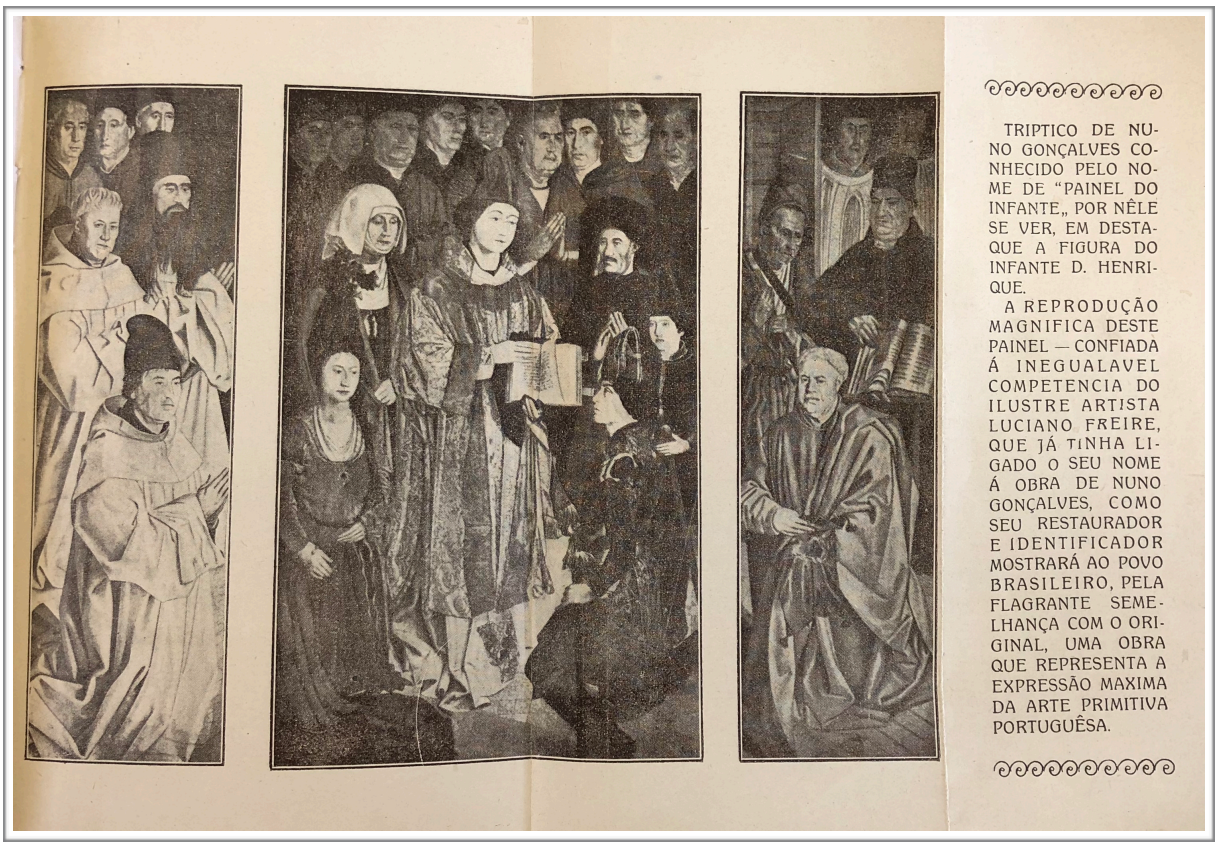


Figura 37 - Réplica da obra *Infante* de Nuno Gonçalves por Luciano Freire. Fonte: Catálogo Oficial da Seção Portuguesa de 1922.

Em uma publicação posterior, o *Jornal do Commercio* anunciou que o Diretor da Receita Pública do Brasil indeferiu o requerimento de Adriano Ramos Pinto & Irmão que solicitavam a isenção de direitos para uma taça artística de prata vinda de Portugal e consignada ao Comisário Geral de Portugal na Exposição do Centenário, uma vez que não há disposição legal que permitiria tal concessão.[310] Em seguida, há uma nota publicada sobre a visita da esposa do presidente da República do Brasil, a Sra. Arthur Bernardes, no pavilhão de Portugal da Exposição do Centenário.

Outro periódico que noticiou sobre a Exposição do Centenário da Independência do Brasil foi *O Paiz*. No dia 16 de agosto de 1921, praticamente um ano antes da abertura da exposição - 07 de setembro de 1922 - *O Paiz* publicou uma nota referente à entrevista que o artista português Jorge Colaço concedeu ao jornal sobre a representação de Portugal nas festas de independência do Brasil, tendo alegado, inclusive, a necessidade de seu país festejar no Brasil essa importante data, uma vez que frisou ser necessário Portugal tratar de conquistar sentimentos no Brasil e não vê-lo apenas

[310] Varias Noticias. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 10 de abr. 1923, ed. 97, p.4. A mesma nota também foi publicada pela *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de abr. 1923, na edição 84, p.6.

como mercado. Mais ainda, informou a notícia que Jorge Colaço considerou conveniente que o pavilhão português seja construído mediante a realização de um concurso entre os arquitetos portugueses[311]. Posteriormente, *O Paiz* divulgou que os arquitetos que obtiveram o primeiro lugar foram Alfredo de Assumpção Santos e os irmãos J. e C. Rabello de Andrade[312].

Em seguida, *O Paiz* em uma nota publicou que foi encaminhado uma proposta do Ministro do Comércio para a Câmara dos Deputados sobre a represenção de Portugal na Exposição do Centenário de Independência do Brasil. Nessa proposta há o pedido de concessão de créditos no valor de 2.500 contos de réis, para que o país possa participar do certame.[313] Posto isto, posteriormente foi publicado uma nota que veio a revelar a aprovação da lei que concedeu tal benefício económico para Portugal, com o intuito de ser representado na Exposição do Centenário da Independência do Brasil[314].

Em 24 de fevereiro de 1922, foi noticiado pelo jornal *O Paiz* a posse solene do terreno localizado na Avenida das Nações pelo governo português, aonde foi construído o Pavilhão de Honra português, local que abrigou a arte portuguesa[315]. A notícia relatou que estiverem presentes autoridades públicas, como o embaixador Dr. Duarte Leite e o prefeito municipal do Rio de Janeiro, o Sr. Carlos Sampaio[316]. Além desse pavilhão português, há de se mencionar também que houve a construção de um outro pavilhão, o das industrias portuguesas, sendo composto por fachadas em azulejo de Jorge Colaço[317] e a arquitetura do edifício erguido no estilo barroco português da época de D. João V, conforme mencionou a notícia publicada no dia 27 de maio de 1923. Ademais, a

311 Portugal na Exposição de 1922. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de ago. 1921, ed. 13449, p.2.

312 Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

313 Noticias de Portugal - Portugal na Exposição de 1922, no Rio. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de ago. 1921, ed. 13461, p.2.

314 Portugal na Exposição de 1922 no Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de set. 1921, ed. 13492, p.6.

315 "(…) das maravilhas artisticas no Pavilhão de Honra, estatuas, quadros, pratarias e essa admiravel reproducção do triptico de Nuno Gonçalves, tambem chamado o "Painel do Infante", e que vai ser offerecido ao Brasil." Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

316 Noticias - Portugal na Exposição do Centenario. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de fev. 1922, ed. 13641, p.8.

317 "(…) Foi solemnenemente inaugurado e está fraqueado ao publico um dos maiores e mais bellos palacios que opulentam a Avenida das Nações, o Pavilhão das Industrias Portuguezas. Basta contemplar a imponente fachada do palacio, para se ter um deslumbramento com os admiraveis paineis externos, executados em azulejo por Jorge Colaço e que representam scenas da batalha de campo de Ourique, Aljubarrota com a Ala dos Namorados, o Cruzeiro do Sul com a descoberta do Brasil e Sagres com o Infante e o seu sonho atlantico." Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

matéria divulgou com detalhes a estrutura desse pavilhão[318] como também exaltou a importância do valor de Portugal, como sendo um país enobrecido de histórias e culturas[319] e, por fim, a matéria enalteceu o orgulho que todos, colónia portuguesa no Brasil e colónia brasileira em Portugal, sentiram pelos objetos artísticos expostos no Pavilhão de Honra[320].

Há uma outra nota publicada no *O Paiz* sobre o retorno do pintor português João Reis a Portugal, tendo deixado algumas obras no Rio de Janeiro, além de ter ressaltado a qualidade dos

---

[318] "(…) Pavilhão das Industrias, que tem 80 metros de fachada uma área de 4.000 metros quadrados, sendo, portanto, o maior palacio dentre os que foram erguidos na Avenida das Nações pelas representações estrangeiras. O projecto do palacio é dos architectos portuguezes Alfredo de Assumpção Santos e dos irmãos J. e C. Rabello de Andrade, jovens artistas, que obtiveram o primeiro logar no concurso aberto pelo Commissariado Geral Portuguez. A architetura, que é de um extraordinario effeito, não só no seu imponente conjunto como nas suas preciosas minucias, obedece ao estylo barroco portuguez do seculo XVIII, da época de D. João V. (…) O pavilhão é construido, na sua maior parte, com material vindo de Portugal. O seu esqueleto é de ferro e foi preparado nas principaes officinas metalurgicas de Lisboa, como tambem toda a ornamentação da esculptura; os azulejos, os ladrilhos, e outros acessorios, vieram igualmente de Portugal. (…) Toda a parte ornamental da architectura foi executada em Lisboa pelo Sr. Costa Motta Sobrinho, auxiliado pelo seu tio, o Sr. Costa Motta e o Sr. José Maior Missão. Já fizemos referencia aos maravilhosos azulejos externos do grande pintor e insigne ceramista que é Jorge Colaço. Quando se penetra no vasto, claro vestipulo, o que primeiro chama a attenção são seis alizares, tambem de azulejos, representando a Olaria, a Lavoura, os Cesteiros, a Rega, a Cortiça e o Vinho. Da decoração interna encarregou-se o Sr. Leal da Camara, cujo talento principalmente se revela na sala, em que colocou a porta da Aldeia Portugueza na Flandres. No centro da nave principal, a certa altura, vê-se o apparelho com que os aviadores lusitanos fizeram a ultima etapa da sua travessia entre Lisboa e o Rio de Janeiro. Elle recorda, assim suspenso, a portentosa façanha de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, unindo Portugal ao Brasil em arriscadissimo voo, através das solidões do Atlantico. (…) Tambem é muito copioso e variado o contingente fornecido pela Escola de Bellas Artes de Lisboa com todos os seus trabalhos escolares de architectura, esculptura, pintura e desenho." Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

[319] "Não são só os portuguezes que aqui vivem, identificados comnosco, comnosco trabalhando para o engrandecimento do Brasil: são todas as pessoas, indistinctamentes, que visitam os pavilhões lusitanos, o de Honra, com os mais valiosos objectos de arte, e o das Industrias, agora aberto, que recebem a impressão inapagavel de que Portugal é, cada vez mais, um paiz de solida e grande civilização, de alta cultura, um paiz, emfim, de que o presente não é inferior ao passado e que, por isso mesmo, póde contar com o futuro. Não ha em Portugal decadencia, mas sim actividades constructoras, todo um magnifico movimento de ascensão. Essa confortadora verificação tem sido o acontecimento maximo do Rio de Janeiro nestes ultimos dias. Uma vibração de enthusiasmo, a luz das maiores esperanças encheu todos os corações. E é assim que estamos atravessando um fremente, um delicioso, um incomparavel momento de orgulho, para a Raça! Estamos sentindo o seu valor formidavel, estamos comprehendendo que o seu papel e a sua acção devem ser cada vez maiores no mundo!" Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

[320] "(…) Portuguezes do Brasil, que somos nós, e brasileiros de Portugal, que são os nossos irmãos da colonia lusitana, todos nos orgulhamos dessa alta representação industrial, depois que as galerias illustres do Pavilhão de Honra nos mostraram a fina esthesia artistica dos seus lavores de prata, suas telas de doce colorido, suas linhas esculpturaes dos bronzes, dos marmores, da madeira, trabalhos pelos artistas mais espirituaes." Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.

seus trabalhos[321]. Em 14 de outubro de 1927, *O Paiz* publicou em uma nota o prazo da prorrogação da desmontagem dos pavilhões portugueses na Exposição do Centenário do Rio de Janeiro, 12 de março de 1928, tendo permanecido, portanto, no capital do Brasil por quase 5 anos[322].

Na Revista *O Malho* há uma menção acerca da qualidade dos trabalhos expostos no certame, tendo sido afirmado que foram selecionadas as obras mais representativas da arte portuguesa contemporânea. Além disso, a matéria salientou na altura quem foram os encarregados pelo intercâmbio luso-brasileiro - Julio Dantas e João de Barros -, bem como informou que Julio Dantas criou uma medida fomentadora de incentivo fiscal, mas que, segundo elucidou o periódico, não foi aplicada na prática[323].

Na *Revista da Semana* há uma matéria acerca dessa exposição, que focou exclusivamente sobre as obras de Roque Gameiro no Pavilhão de Honra. Novamente não faltaram elogios[324] sobre

---

321 "Parte hoje, de volta á Patria, o pintor portuguez Sr. João Reis, que na sociedade carioca, pelo encanto da sua arte aprimorada e alta e pelas qualidades de espirito e de coração, tão fundas sympathias pode suscitar. No Rio de Janeiro deixa o senhor João Reis, além dos quadros pertencentes já a collecções particulares, uma tela que figurará na admiravel exposição de arte portugueza do pavilhão a erguer-se na Avenida das Nações, e em relação á qual, já *O Paiz*, na secção competente, se referiu com os merecidos elogios." Viajantes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de nov. 1922, ed. 13901, p.5.

322 Os pavilhões de portugal na Exposição do Centenario da Independencia; A sua desmontagem será feita em fevereiro. *O Paiz* Rio de Janeiro, 14 de out. 1927, ed. 15699, p.7.

323 A saber: "(…) Presentemente estão em exposição no Pavilhão de Honra os mais representativos especimens da arte portugueza contemporanea. Recordamos tudo isso da terra de Julio Dantas porque a ella estamos ligados pelo sangue; recordamos porque não podemos tratar do illustre hospede sem trazer á baila a arte portugueza, uma das mais evocadoras entre as muitas que até nós têm chegado. Julio Dantas e João de Barros têm sido os verdadeiros pioneiros do intercambio entre as duas nações, mas do que nunca ligadas entre si sobre tão complexa questão; aqui mesmo temos batalhado para que elle se torne uma realidade; e, a esse respeito, escrevemos: "Em Setembro de 1918, o illustre escriptor Julio Dantas apresentou um projeto de lei isentando de todos os direitos as obras de arte brasileiras que se destinassem a exposição em territorio portuguez. Quando por intermedio do telegrapho nos chegou tão grata nova, grande foi o jubilo dos nossos artistas. Projectaram-se mil e uma medidas para corresponderem a tão significativa homenagem do povo irmão, não se fazendo, porém, cousa alguma de positivo, a não ser uma barulhenta sessão no Centro Artistico Juventas, em que muito se discutia o assumpto." Bellas Artes - Julio Dantas e os Artistas Brasileiros. *O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de jul. 1923, ed. 1086, p.53.

324 "Roque Gameiro, o grande mestre da aguarella, cuja exposição de ha tres annos no salão do Gabinete Portuguez de Leitura constituiu um dos maiores exitos registrados nos annaes artisticos da nossa capital, mandou ao pavilhão de honra de Portugal na Exposição do Centenario apenas seis trabalhos, que pelo seu numero discreto contrastam com a opulenta abundancia com que o artista maximo da pintura a tinta d´ agua se nos apresentou na exposição memoravel de 1920. (…) Não ha talvez hoje na Europa um aguarellista capaz de assim pintar, com este realismo, esta pericia, esta luminosidade. Entre as diversas manifestações da arte contemporanea portuguesa, reunidas no pavilhão de honra de Portugal, a aguarella é talvez a mais perfeitamente representada, se não pelo numero de trabalhos, incomparavelmente menor que o da pintura a oleo, pela categoria dos expositores e a qualidade seleccionada da obra exposta. (…) Por hoje limitamo-nos a dedicar esta pequena nota ao mestre aguarellista tão justamente admirado e estimado no Brasil." Roque Gameiro no Pavilhão de Honra de Portugal. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 de jan. 1923, ed. 05. pgs. 20-21.

suas obras[325] e os seus atributos artísticos, sendo considerado, mais uma vez, o artista máximo da técnica da aquarela, como também a nota recordou sobre o sucesso da exposição individual que realizou em 1920, juntamente com a sua filha Helena Roque Gameiro. Além disso e novamente, a matéria comentou com tom de lástima a ausência das obras de José Malhoa no Pavilhão de Honra[326].

Uma outra revista que deu destaque para esse certame foi *America Brasileira* por ter elogiado[327] o presente certame e ter elencado, em suas observações, as seções da exposição de arte

---

[325] "(…) E, todavia, o recanto de sala em que estão expostas quatro das suas obras atrahe os olhares dos visitantes, prende-os longamente contemplação dessas maravilhas minudenciosas, em que a arte de Roque Gameiro, o illustrador prodigioso da *Historia da Colonização Portuguesa do Brasil*, attingiu o maximo da perfeição technica. Os dois assumptos, da epopeia dos descobrimentos, a *Visita régia á nau da India* e o *Carregamento das especiarias em Calecut*, constituem não só pela arte eximia, pela pericia surprehendente, como pela sciencia da indumentaria duas obras de muzeu. Não são apenas obras de arte, mas documentos. Os longos estudos dedicados pelo pintor insigne aos assumptos que se relacionam com a sua tarefa de illustrador da *Historia da Colonização do Brasil* encontram nestes trabalhos de paciente reconstituição historica o seu mais eloquente atestado. A par desses dois quadros, dignos de figurar como joias na galeria do mais exigente collecionador e que elevam Roque Gameiro á altura de um verdadeiro Meissonier da aguarella, o artista expõe mais uma scena da *Morgadinha dos Cannaviaes*, interpretada com aquelle mesmo sentimento de época, aquella sábia minucia de pormenores que avultam entre os predicados do illustrador *Pupillas do sr. Reitor*; e finalmente manda ao Brasil essa outra e suprema maravilha technica, de colorido, de perspectiva, que é a *Porta da Villa de Óbidos*. Diante desta obra prima o encantamento immobilisa-nos. Cada detalhe desta pintura magistral avulta e solicita a attenção." *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 de jan. 1923, ed. 05. p.21.

[326] "(…) Isto não significa que a pintura a oleo não se encontre dignamente representada no pavilhão de Portugal; mas não ha meio de occultar a falta que alli faz, por exemplo, a obra de um pintor como Malhoa, quando os bons aguarellista estão *au grand complet*." *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 de jan. 1923, ed. 05. p.21.

[327] "(…) O que Portugal expõe, no seu pavimento de honra da Exposição, exprime no seu conjuncto uma tal cultura, um tão elevado gráo de perfeicção, um sentimento nobre e tão profundo da bela, uma arte, emfim, tão excelsa e explendorosa, que ao mais preconcebido se impõe o respeito e a admiração. Os portuguezes conseguiram nesse certamen da bella emulação, alcançar indiscutivelmente o primeiro logar, merecendo sem restricção os maiores louvores. (…) A exposição de arte portugueza, victoriosa affirmação, vem encher de legitimo orgulho todos os verdadeiros brasileiros, que não querem renegar o glorioso sangue que lhes corre nas veias." A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

do Pavilhão de Honra: escultura[328], ourivesaria[329] e pintura[330]; com ênfase nas principais obras que enaltereceram a exposição e corroboraram o valor da arte portuguesa. Outra vez, há uma passagem sobre a réplica *Triptico do Infante*, obra de Nuno Gonçalves, realizada pelo pintor Luciano Freire, cuja obra é considerada por Guerra Junqueira como os Lusíadas da pintura[331].

No que se refere à arte da ourivesaria, é oportuno mencionar que a imprensa jornalística divulgou algumas notas a respeito da exposição de ourivesaria instalada no Pavilhão de Honra. Diante disso, no dia 04 de janeiro de 1923, o *Jornal do Commercio* noticiou que o Pavilhão de

---

328 "Convem destacar dentre os trabalhos de esculptura um expressivo busto em marmore de Julio Vaz Junior e o *Caim*, de Teixeira Lopes, que já conheciamos, tendo sido varias vezes reproduzido." A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

329 "(…) A parte de ourivesaria confirma a superioridade portugueza nessa arte sobre qualquer outro paiz. (…) A arte portugueza attinge á uma subtileza que parece chega a transformar a propria materia lavrada.(…) Entre tantas maravilhas, a "Salva da Batalha" merece especial menção, pela harmonia formal, pela inspiração que nella se patenteia, reflexo de um patriotismo intenso, e que é "um cantico em estrophes gravadas nas duras penhas ao Deus que guiou os exercitos portuguezes ao triumpho." (…) A conhecida casa Antonio Maria Ribeiro, do Porto, afamada no genero, acaba de realizar um trabalho monumental de ourivesaria, denominado "Relicario de Portugal", que brevemente nos será enviado. Quando Leal da Camara formulou a sua poetica idéa de trazer ao Brazil um cofre contendo terra de Portugal, o grande artista Antonio Ribeiro, concebeu e tratou de realizar um cofre precioso, que fosse destinado ao fim em vista, e traduzisse ao mesmo tempo uma synthese expressiva da gloriosa historia portugueza. Este trabalho, no dizer do grande artista que executou, "foi idéalizado para enaltecer a nobre raça a que pertencemos, e fixar, na prata cinzelada, filigramas, marfim e esmaltes, alguns dos maiores episodios da nossa historia, e principalmente a heroica travessia aerea Lisboa-Rio, como o melhor traço de união moral entre as duas patrias irmãs, servindo tambem de abençoado involucro á sagrada terra de Portugal a offerecer ao Brazil." A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

330 "A exposição de pintura não lhe é em nada inferior. Embora não seja completa, o que muito lastimamos, pois faltam obras de Souza Pinto, ella constitue uma magnifica affirmação de vitalidade victoriosa. (…) Todavia dominam dous retratos de Velloso Salgado, varios quadros de Carlos Reis, entre os quaes o seu admiravel *Baptizado na aldeia*; a vigorosa téla de J. Ribeiro Junior, o *Barco em perigo*, dramatica e empolgante, e tantos mais acima dos quaes fulgeo nome de Columbano. Os retratos de Columbano bastariam para dar a Portugal o primeiro logar nas exposições artisticas do nosso certamen internacional. Dão-nos a medida da alma artistica luzitana, pertencendo a grande familia nacional pela psychologia aguda que exprimem, pelo seu realismo profundo, penetrante que analysa e disseca com tanta minucia, e tanto requinte que chega a alcançar a essencia da materia viva, que é a propria vida. Columbano, digno filho da gloriosa geração pictural portugueza, possue a mesma força investigadora, a mesma agudez visual, a mesma synthese realizadora que tinham seus antepassados espirituaes, chegando a levar essa sciencia extraordinaria que lhes é propria, além dos limites attingidos, onde a precisão rigorosa chega a se confundir com o vago. Dahi essa selecção nos valores, essa quasi imperceptivel deformação, esse discernimento subtilissimo no intensificar certos elementos, para maior força, expressão (e sendo expressão: - verdade), fazendo desse representante typico de uma grande raça de pintores, um moderno." A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

331 "No meio dessas maravilhas contemporaneas brilha uma velha joia, embellezada por mais de quatro seculos de admiração universal. Portugal offereceu ao Brazil, no jubiléu, da sua maioridade, a replica de uma das suas mais bellas obras de arte antiga, - realizada pelo grande pintor Luciano Freire, sobre o *Triptico do Infante*, do genial Nuno Gonçalves. Este presente, além de ser uma manifestação de belleza, é uma expressão nacional. A veneranda obra do grande Nuno tem para nós o mais alto significado. E´como um testemunho de um passado fertil em glorias, em belleza, em vontades varonis de que a descoberta do Brazil, fructo do esforço esclarecido do Infante Don Henrique, é o coroamento maravilhoso. (…) Não podiamos receber mais bello e significativo presente do que esse soberbo painel que Guerra Junqueira definio: os Luziadas da pintura". A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

Honra será fechado por alguns dias para receber as peças de ourivesaria portuguesas[332] enviadas do Porto, por meio da antiga ourivesaria Casa Reis & Filhos. A notícia também frisou que o Pavilhão de Honra de Portugal será um verdadeiro templo da arte, com obras artísticas que englobam não somente pintura, escultura, tapeçaria e rendas, mas sobretudo e, agora a completar, a ourivesaria. Por fim, a nota esclareceu que os dois primeiros dias após a inauguração da exposição de ourivesaria portuguesa serão abertos apenas para a imprensa, artistas, autoridades e pessoas de representação, por meio de convites pessoais a serem distribuídos[333].

Posteriormente, no dia 06 de janeiro de 1923, foi noticiado a inauguração da exposição de ourivesaria portuguesa das peças da casa do Porto, Reis & Filhos, para o público em geral. A nota

---

[332] "(…) Constará essa exposição de varias peças cinzeladas e buriladas, taes como salvas de prata, em estylo manuelino e D. João V, faqueiros, em artisticos arcos de castanho entalhado, taças, jarras, bacias, salientando-se entre todas uma monumental peça de tres metros de alto, denominada "Altar da Patria"". Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de jan. 1923, ed. 3, p.2.

[333] Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de jan. 1923, ed. 3, p.2.

do *Jornal do Commercio* analisou detalhamente algumas peças de ourivesaria[334]

[334] "(…) *Prato Camoneano* - Grande tríptico representando episodios dos "Lusiadas". Ao centro, e ladeado pelas opulentas arcarias da Batalha, vê-se o Concilio dos Deuses, Jupter no seu throno, Venus, Marte e Baccho discutem a sorte da Armada Portugueza. Na parte superior destaca-se o busto de Camões, avultam, á esquerda, o Gigante Adamastor e á direita, symbolicamente, os ventos Noto e Bóreas. Nos dous medalhões lateraes, salientam-se Diana e Vasco da Gama na Ilha dos Amores e Venus applacando a tempestade. A parte inferior representa as Caravellas lusitanas a caminho da India. Magnifica, original e riquisima composição de arte, em prata e marfim. *Premio de Football* - D. João V - Sobre um plintho de prata polida, ergue-se a Cruz de Christo em prata fôsca, tendo ao centro o escudo das Quinas. Por entre ramos de louro e de carvalho, que nascem sob um escudo de D. João V ressalta a figura de um jogador de "football" em attitude de jogar, figura admiravelmente esculpida em marfim, com as vestes em prata patinada a côres. Completa esta original e artística composição, servindo-lhe de fundo uma superficie de mogno vermelho rematada por uma cercadura de folhagens de louro em que se destacam em prata cinzelada os sete castellos do brazão de Portugal. *Taça Renascença* - Premio de corridas hippicas - Firma-se num soco de alabastro de Vimioso, ornado com festões e corôas de folhas de carvalho. Da base admiravelmente cinzelada eleva-se uma columna de marfim revestida de troncos de loureiro em prata, junto da qual se vê um "jockey" no momento de alcançar a méta. A columna serve de supporte á taça - de que dois cavallos num desapoderado galope, formam as azas originalissimas - sustentando esta no bordo superior e sobre um formoso escudo uma soberba figura alada toda esplendente da brancura do marfim symbolizando a Victoria. *Caravella Portugueza* - Do Seculo XVI - Assenta sobre uma ampla base, talhada no nosso bello alabastro de Vimioso, e é sustentada por quatro tritões, esculpidos em bronze dourado. Sobre o envasamento de prata cinzelada encapella-se um agitado mar batendo com suas ondas os flancos da nau, que parece mover-se, a esse impulso. A´ prôa tres nereidas formando um grupo encantador pela originalidade e linhas plasticas, admiravelmente esculpido em marfim, - puxando-a pelas corretãs de bordo, levam-n´a brandamente sobre as aguas: "Para estorvar que a Armada não chegasse aonde para sempre se acabasse…" Nas velas de marfim infladas de vento sobresae, em esmalte vermelho e ouro, a Cruz de Christo inseparável dos heroicos navegadores portuguezes. *Salva Renascença* - Pela finura do desenho e delicadeza da composição, pelo rythmo e pureza das suas linhas, pelo virtuosismo da sua technica em que se nota uma rara subtileza de cinzel e ainda por um senso plastico levado ao mais alto requinte, esta peça duma pura belleza constitue uma obra prima da ourivesaria contemporanea. *Amphora Mondego - Premio de "Football"* - Sendo uma das peças mais bellas desta collecção valorisa-se ainda pelo regionalismo da Arte, que é nitidamente portugueza. Inspirada nas fórmas da conhecida bilha de Coimbra, repousa sobre um bloco de marmore amarello de Cintra. No pé da *Amphora*, com bordadura de folhagem de louro, resalta um grupo de tres jogadores de "foot-ball", figuras verdadeiramente esculpturadas, em marfim e prata, salientando-se pelo movimento que as anima e pela expressão das mascaras. Ao alto na parte inferior do bojo que é graciosamente circumdado de folhas de carvalho, vê-se a bola que os jogadores esperam decididamente para o ataque. *Custodia Renascença* - Como ourivesaria religiosa moderna é uma das mais belas e sumptuosas peça que entre nós se tem criado e de uma originalidade absoluta. Da base, em que figuram, em marfim, medalhões a baixo relevo representando scenas da paixão de Christo, elevam-se columnas de marfim recobertas de finissimas filigranas e esmaltes que sustentam a Cruz de Christo motivo essencial desta peça admiravel. Os braços da cruz terminam por entre medalhões tambem em marfim, tendo primorosamente esculpidas as imagens sagradas do Coração de Jesus e Coração de Maria, S. José e Virgem Maria, e entre elles e sobre aureolas refulgentes, adoraveis grupos de anjos imprimem-lhe um encanto especial. A ornamentação, em filigrana, é constituida por espigas de trigo e cachos de uvas que symbolisam o pão eucharistico e o vinho do santo sacrificio da missa, e esplendidas e grandes amethystas completam a riqueza desta obra de arte rara e magestosa. *Calice Renascença* - Na sua rica decoração esta peça é sensivelmente identica á da *Custodia*. Na base, recoberta de finissimas filigranas, e entre esplendidas amethystas, vêm-se quatro bellos medalhões em marfim, primorosos baixos relevos reproduzindo os motivos da paixão. A columna de marfim recoberta de filigrana e esmaltes sustenta a taça, muito elegante pelo adorno em que reapparecem ainda entremeados daquellas pedras lithurgicas os baixos relevos representando os quatro Evangelistas entre guarnições de filigranas de uma incomparavel pureza de factura.

[335] expostas no certame, com notoriedade para a peça *Altar da Patria* (fig.38)

[335] *Salva Batalha* - E´uma reproducção architectonica do grandioso monumento que celebra o heroico feito do Aljubarrota. Os arcos das Capellas dos Infantes, com suas ogivas enfloradas, formam uma rosacea de oito vãos, dentro dos quaes avultam em perspectiva, nitidamente cinzelados, detalhes monumentaes do Mosteiro, como o Tumulto dos Infantes, as janellas claustro real, a sala do Capitulo e a fachada principal, a porta lateral da Igreja, o portal das capellas imperfeitas e as naves interiores do claustro. Artisticamente dispostos e trabalhados com extraordinaria segurança de cinzel, todos este pormenores são ligados por uma cercadura, muito bella pela sua originalidade, inspirada nas galerias, gradeamentos e frisos do Monumento admiravel. *Salva Vasco de Gama - E das glorias maritimas de Portugal* - E´ uma reproducção historica representando a chegada de Vasco da Gama a Calicut e a vassalagem do Samorim. A moldura deste quadro é uma synthese da famosa janella da casa do Capítulo, do Convento de Christo de Thomar, com os seus troncos de polipeiro, cordas, cadeados, pedaços de coral curvos e guizeiras. A beira da salva é formada por um tronco de hera que se entrelaça numa flamula onde se leem os nomes dos nossos principaes Navegadores e por uma fileira de espheras armilares. Na parte superior, salienta-se o escudo de D. Manoel I, encimado pela Cruz de Christo. E ´um trabalho de technica admiravel em que o cinzel attingio o raro e maximo vigor de relevo. *Salva Aljubarrota* - O centro desta salva é constituido por um baixo relevo que representa a batalha de Aljubarrota. O Condestavel D. Nun´Alvares, tendo á sua direita a Ala dos Namorados, e os soldados de Dom João I de Portugal, derrotam o enorme exercito de João I de Portugal, derrotam o enorme exercito de João I de Castella, emancipando definitivamente a Patria lusitana. O bordo da salva é formado por doze arcaturas ogivaes, reproduzidae da Capella Dom João I, da basilica maravilhosa da Batalha. A meio dos arcos destacam-se, em primores da execução, os escudos com as divisas: De D. João I, *Por bem*; de D. Duarte, *Tan que seray*; de D. Pedro, *Desir*; do Infante D. Henrique, *Talent de bien faire*; de D. Affonso V, *Jámais*; VII *E rodisio*; de D. João II, *Pola ley e pola grey*. E´ uma obra admiravel de composição, de desenho e factura." O Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza - O Altar da Patria - O Prato Camoneano - A Caravella Portugueza - As outras peças expostas. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 de jan. 1923, ed. 05, p.2.

[336], verdadeiro símbolo do triunfo dos descobrimentos da época áurea de Portugal e que hoje encontra-se no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Na própria nota, há a menção sobre essa peça artística que ficou conhecida como uma das produções de representatividade da

---

[336] A notícia ressaltou com minúcias a peça *Altar da Patria*, a saber: "O "Altar da Patria", que está avaliado em oito mil libras, é indiscutivelmente uma das mais bellas e das mais perfeitas peças que produziram as officinas da Casa Reis. Essa maravilhosa obra de metal mede dous metros e trinta centimetros de base. A variedade dos materiaes que serviram na sua construção empresta-lhe, com inesperados effeitos de côr, uma forte originalidade. Os conhecidos joalheiros portuenses quizeram com o "Altar da Patria" associar-se as festas com que o Brasil commemora o primeiro centenario da sua independencia, trazendo da Europa para a America, atravez dos mares que á celebres naves portuguezas outr´ora percorreram em todas as direcções, uma deslumbrante amostra de belleza da afamada ourivesaria lusitana. Depois do luminoso periodo dos seculos XV e XVI, nenhum outro trabalho de maior importancia apresentaram os ourives portuguezes. O "Altar da Patria", com a sua arrojada concepção, resuscita os navegadores intemeratos, os conquistadores do imperio colonial lusitano, heróes valorosos, os grandes poetas, as figuras historicas que venceram pela espada, pela fé, e pelo genio, - emfim, a alma maravilhosa da raça portugueza. Nas habels mãos dos lavrantes lusitanos, a praia torna-se ductil, malleavel, acceitando todas as fórmas. As divindades mythologicas, despertadas pelas cinzelagens de fina subtileza e apurado relevo ou as figuras illustres da historia de Portugal, que gloriosamente se projectam na sombra dos seculos passados, adquirem alma, sensibilidade, vida nas evocações do notavel trabalho. Nessas figuras, o tom ligeiramente dourado do marfim allia-se á brancura admiravel da praia. Pela perfeição do modelado, pelo rigor da expressão, pelo movimento, pela finura do cinzel, essas figuras são perfeitíssimas esculpturas. A base do maravilhoso exemplar, a que, com felicidade, foi dado o nome expressivo de "Altar da Patria" e que pela ornamentação, pela modelar execução, pelos feitos epicos que representa é tão typicamente portuguez, foi talhada em marmore negro de Cintra. Nesta obra extraordinaria, os portuguezes destemidos partem para o Desconhecido, a bordo dos galeões, das naus e das frageis fustas. Vêem-se nos quatro supportes que assentam sobre a base, outras tantas caravellas cortando as ondas agitadas e seguindo as suas glorias rotas. As brancas velas, marcadas com as cruzes de Christo, surgem á luz forte do dia. Uma longa corda de prata cerca as graciosas curvas do marmore. Pela graça decorativa, pela perspectiva e pelo equilibrio das proporções essa parte é admiravel. Sobre a base apparece, como a corolla de uma bizarra flor, a larga taça em que tumultua um agitado mar, banhando com a agua das suas ondas revoltas varios grupos mythologicos. Venus, erguida, acompanhada das filhas de Nereu, apparece numa attitude em que a alegria da mocidade estua, como querendo evitar que os arrojados marujos sejam victimas de ciladas e insidias. Dos lados oppostos, duas proas de naus surgem da profundidade dos mares, conduzidas por sereias. Estas allegorias de tão clara forma e perfeito symbolismo sobresahem extraordinariamente. As figuras de tão apurada modelação foram esculpidas em marfim, processo absolutamente novo em ourivesaria. Ao centro da lindissima taça está, o envasamento, cercado por larga corda de prata e ornamentado com requintado gosto, com escudos e lanças, alternando com as Quinas e a Cruz de Christo. Dahi se ergue a parte architectural de notavel obra e que é formada por um tronco de palmeira - symbolo da vegetação tropical - ladeado por quatro columnas do mais rigoroso estylo manuelino, transportado do convento dos Jeronymos e presas entre si por calabres de bordo. Encostadas a estas columnas separadas umas das outras e que tanto se destacam na obra monumental, com seus perfeitos entalhamentos, seus graciosos capiteis, suas canneluras torcidas, sua decoração modelar, abriram-se as potentosas evocações dos quatro maiores portuguezes das gloriosas épocas: Camões, Vasco da Gama, Infante D. Henrique e Pedro Alvares Cabral. O tronco da palmeita sustenta um largo recipiente em que se abraçam plantas de forte folhagem; destas folhas partem varias ramificações e raizes de coraes presas por cordagens e formando as tenues azas deste exemplar positivamente modelar. Esta parte é terminadas por espheras armillares e pelo escudo real do glorioso reinado de D. Manoel I reproduzido da historia janella do convento de Thomaz e dominado pela illustre Cruz de Christo. Da parte alta do vaso, cercado por um friso estylisado de arcaduras manuelinas e escudos das Quinas e da Cruz de Christo - o que sobremaneira realça a graça decorativa da composição - parte um largo jacto de agua, sustentando duas grandes figuras representando o Zudo e o Ganges, supportando aos hombros rudes polypeiros de coral em que se firma a esphera armillar - magnifico pedestal da Fé, subindo no espaço, na apotheose da claridade, levantando uma cruz, symbolo de inalteravel crença, de redempção e de triumpho eterno. Esta composição toda allegorica é maravilhosa, pela esplendida belleza e pela perfeição das formas. Foi positivamente, pela energia inquebantavel, pela força, pela fé, em Deus e pela fé no futuro que os portuguezes assombraram o mundo. Esta indestructivel fé conduzio-os aos grandiosos triumphos, por entre perigos de toda a especie, amarguras, sofrimentos, luctas, inspirando-lhes a gloriosa epôpea maritima." *Jornal do Commercio*, Rio de Jan., 06 de jan. 1923, ed. 5, p.2.

moderna ourivesaria portuguesa, tendo constatado o talento dos artistas lusitanos que não só foi verificado pela imaginação da projeção da peça, rica em iconografias, como também pelo cinzel preciso[337].



Figura 38 - *Altar da Pátria* de António Maria Ribeiro (Casa Reis & Filhos). Fonte: <http:// arquivo.cm-mafra.pt/viewer?id=167544&FileID=3070>.

[337] O Centenario - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza - O Altar da Patria - O Prato Camoneo - A caravella portugueza - As outras peças expostas. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 de jan. 1923, ed. 5, p.2.

No dia seguinte, há uma outra nota publicada pelo *Jornal do Commercio* a respeito da repercussão da exposição dos trabalhos de ourivesaria Casa Reis & Filho, sendo mencionado o êxtase que os visitantes tiveram ao se depararem com as peças expostas. Além disso, citou novamente as peças de grande notoriedade, como *Altar da Pátria*[338]; *A Caravela Portuguesa do Seculo XVIII*; *O Prato Camoneano*; *A Taça Renascença*; a salva *Batalha*; a ânfora *Mondego*; as salvas *Vasco da Gama*; *Renascença* e *Joannina*.

No tocante à exposição de ouriverasira portuguesa, o *Jornal do Commercio* publicou mais uma vez, no dia 12 de junho de 1923, uma nota que mencionou a participação de mais

[338] "(…) com suas caravellas enfunadas, o seu Neptuno terrifico, as Quinas, Camões, Vasco da Gama, D. Henrique e Cabral, é uma recapitulação grandiosa, em prata, lavrada com amor e arte, das glorias de Portugal." O Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Inauguração da Exposição de Ourivesaria. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 07 de jan. 1923, ed. 6, p.2.

expositores[339], com destaque acentuado para a Ourivesaria Alliança

[339] "(…) O outro expositor dessa secção é o Sr. Joaquim Alves da Silveira, que num quadro exhibe objectos de ouro e prata esmaltados. Na secção de ceramica encontram-se os seguintes expositores: João Pinto das Neves Alleluia, com faianças artisticas; Affonso Paes d´Armelo, com estatuetas de barro; Rodrigo de Castro, com baixos relevos em terra cotta; a ceramica Arcolena, com quadros de azullejos decorativos; a Companhia da Fabrica Ceramica Lusitania, com ceramica artistica e de construcção; Manoel Pedro da Conceição, com louça decorativa de faiança; Alfredo Canali Corrêa, com faianças diversas; a Empreza Artística Teixeira Lopes, com reproducções de esculptura em barro cozido; a Empreza Ceramica de Lisboa, com ceramica de decoração e de construcções; a Empreza Ceramica de Villa Real, com toalhas do typo Marselha; a Empreza de Louças e Azulejos Limitada, com louças e azulejos, placas e *panneaux* em barro cozido e vidrado; a Fabrica Ceramica das Devezas, com um painel de azulejos intitulado "O grito do Ypiranga"; a Fabrica de Porcellana da Vista Alegre, com porcellana de fantasia e para uso domestico e industrial; Goarmon & C., com mosaicos; o Governo de Macáo com louças; Jeronymo Pereira Campos & Filhos, com productos ceramicos de construcção; Madeira Industrial C. Limitada, com telhas; Julio Pereira, com estatuetas e *bibelots* de barro cozido e pintado; Pedro Jorge Pinto, com quadros de azulejos decorativos; Daniel Ribeiro, com louça preta, e Antonio de Oliveira Rocha, com productos refractarios em grés, para construcção." O Centenario - O Pavilhão das Industrias Portuguezas - A secção de ourivesaria - Os monstruarios de ceramica. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 12 de jun. 1923, ed. 160, p.2.

340

340 "(…) A ourivesaria Alliança occupa toda a sala e entre os objectos expostos destacam-se os seguintes: Uma joia que pertenceu á Rainha Senhora Dona Maria Pia. Essa joia, em ouro massiço e pedras preciosas, primorosamente lavrada pelo inolvidavel artistas Raphael Zacharias, é uma evocação quinhentista. De uma grande delicadeza de execução e de uma inaudita minucia de forma, na pureza de suas linhas, nos esmaltes preciosissimos, é bem uma joia regia, opulenta e artística. As figurinhas dos santos, pousados no alto do capiteis, analysados com lente, revelam extraordinarios detalhes e são de uma cinzelado firme e admiravel. *O Decepado*: (salva) - é uma allusão ao feito glorioso do alferes Duarte de Almeida, na batalha de Tózo, o qual com duas mãos decepadas poude ainda sustentar entre os dentes a haste da bandeira portugueza. A ornamentação da cercadura em gryphos, flores e folhagens, é leve e delicada, fazendo sobresahir o grupo onde se degladiam os guerreiros, obrigando-os a vergar os cavallos com o impulso da furia que os anima. A anatomia dos rostos é primorosamente trabalhada: a pericia do artista desenvolveu-se tambem na expressão das attitudes, no estudo das armaduras dos cavallos e dos cavalleiros, observadas com uma minucia especial, que lhes não altera as proporções. E´ natural a posição da haste entalada entre o peito e o braço do alferes-mór; a attitude do ferido levantado os côtos em chaga contra o guerreiro que lhe vibra golpes e tenta derrubal-o da montada não tem exaggero - mostra acurado estudo, consciencia de trabalho e conhecimento de technica; *Salva Camoneana*: - O seu desenho é elegantissimo pelo rendilhado leve e precizo, no estylo manuelino e fez sobresahir ao centro os episodios mais salientes dos Luziadas, que cercam um medalhão com o busto de Camões. E´ uma apotheose ao poeta e ao poema. O fundo do scenario em que se desenrola a mythologia do poema é o mar. Enquadra cada episodio uma verdadeira filigrana ornamental, estudada no grande modelo allusivo dos pronymos, cujos floreados botaréos, columnas, capiteis e arcadas os separam num desenho uniforme e harmonioso. Os seis quadros, donde resaltam os episodios mais graciosos e commoventes da epopéa, são ligados ao medalhão central pelo escudo das armas nacionaes e da Cruz de Christo que "então percorrem nas velas dos galeões todos os mares, como agora todos os pontos cardeaes, pejada atravez as brumas da atmosphera pelos navegadores lusitanos". As figuras desses quadros surgem em relevo, de um fundo cavado de ondas, revoltas e sombrias, coloridas pelos tons suaves de luz dourada, emergindo de nuvens leves e diaphanas, numa combinação de raios que lhes aureolam as feições de uma expressão dominada pelo reflexo dos alexandrinos do poeta; *A Partida de Cabral* é outra salva de grande valor. O Rei afortunado assiste á partida da esquadra commandada por Cabral. A alegria estampa-se em todos os rostos; a esperança manifesta-se nas attitudes de todos os portuguezes; *A Descoberta do Brasil* é outra salva que reproduz o aspecto inesperado do novo continente, a sua flóra, a sua fauna, os caracteristicos ethnicos dos aborigenes, a sorpresa que se desenha no rosto do grande nauta e dos seus marinheiros, fitando com uma curiosidade natural o aspecto da praia, da bahia, da vegetação tão differentes da Europa e mesmo da India; *A Salva da Independencia*, é composta sobre motivos do mosteiro da Batalha; as arcarias de rebordo são baseadas nos tumulos dos infantes, circumdadas de um entrelaçamento de coraes e algas, e enlanceados por um cordeame com bocas, servindo de fundos a espheras auriculares e arcados esmaltados com os brazões dos Estados do Brasil. Os fundos das arcarias representam baixos relevos, inspirados nos vitraes do mesmo monumento. Ao centro sobresahe um grupo allegorico de figuras em attitudes energicas e nobres, representando a independencia do Brasil; *O Grito de Ypiranga* é outra salva, tambem em estylo manuelino, copia do quadro de Pedro Americo. Orla-a uma arcadura formada pela folhagem da planta do fumo que dá grande relevo á scena, entre cujos personagens avulta a figura de D. Pedro I, no momento em que proferio o grito de "Independencia ou Morte". A Salva *"Patriarcha da Independencia"* é recortada em estylo D. João V; separa a orla do centro um friso delicadamente cinzelado, em cujo fundo sobresahe o busto de José Bonifacio de Andrade e Silva, ladeado de moedas coevas, por entre as quaes precizamente emergem ramos de varias plantas sul-americanas; *Salva Allusia ao Século XVII* - Inspira-se nos recórtes e floreados leves, proprios da referida época, em que os felizes da vida apenas jogavam os fructos das lutas insanas de seus avós, preparando a renascença. Parece ter sido cinzelada por um artista contemporaneo do Rei magnanimo. Attrahe pela belleza do dezenho e pela pericia do artifice;

[341], cuja peça *Tinteiro Monumental* (fig.39) foi oferecida ao presidente da República, Sr. Arthur Bernardes, por intermédio da Câmara Portuguesa de Comércio do Rio de Janeiro. A matéria também acrescentou que o presidente da República do Brasil esteve presente no dia da inauguração da seção de ourivesaria, que pode constatar a riqueza das peças expostas, tendo elogiado e afirmado que as peças traduzem delicadeza e perfeição no acabamento dentro da variedade dos desenhos projetados, sendo de fato uma arte à altura de outros estilos artísticos. Ademais, a própria equipa do periódico exaltou a grandiosidade da indústria de ourivesaria portuguesa, por ter conseguido se expandir no mercado e, ao mesmo tempo, mantido o toque de criatividade na arte dos metais preciosos.

---

[341] *Salva Manuelina* - A ornamentação dessa salva é formada do floreado que envolve a porta das capellas imperfeitas da Batalha, entrelaçado de cores e de algas que circumdam os escudos de D. Manoel e das Cruzes de Christo, Aviz e São Thiago. O fundo é um matiz de coraes, surgindo das ondas entre os recortes dos busios e o sulco das caravellas. No mesmo estylo ha ainda as salvas allusivas á "Musica" e á "Vida", aquella com o genio da harmonia ao centro, desferindo o som de um violino, circumdado por allusões á musica antiga; esta, com perfeito grupinho de crianças e, ao centro, uma figura simples de mulher, em uma expressão bucolica, que parece colhida nas georgicas de Virgilio ou Pastoris de Florian. A poesia e a arte estão ahi em perfeita comunhão. *A Taça Luso-Brasileira* - Allusiva á approximação entre dous paízes, da mesma raça e da mesma lingua, assenta num sóco de marmore, octogono, contornando pelas caravellas de 1500, navegando em varios rumos, resaltando entre ellas as cruzes de Christo e as symbolicas espheras de D. Manoel. Do centro levanta-se um pedestal formado por uma das columnas da Batalha, através do qual se abraçam as figuras dos dous paizes, empunhando as bandeiras nacionaes. O capitel é ornamentado de algas, matizadas artisticamente, de perolas, coraes sobre que assenta a taça, ornamentada na frente pelos escudos das duas nações, servindo-lhes de azas dous ramos de polipos, tambem rematados pela esphera circular e pela Cruz de Christo. *A Arca Pedro Alvares Cabral* - E´de páo preto, ornamentada com ferragens artisticas, em prata axidada e esmalte. Os trabalhos de filigranas constituem um verdadeiro exito para a ourivesaria Alliança que conseguio o maior tamanho até hoje obtido em objectos dessa natureza, como sucede com "Relicario aos Navegantes". Foi uma dessas preciosidades que o chefe da ourivesaria Alliança offereceu a Sra. Arthur Bernardes, na sua visita, sabado ultimo, ao Pavilhão das Industrias Portuguezas. O esmalte occupa um lugar saliente em todas as variedades de joias e baixellas, dando mais vida aos traços do desenho e maior realce á materia prima em que é applicado. Por isso a ourivesaria Alliança lhe está dedicando especial attenção. No meio da grande profusão de trabalhos avulsos proprios não só para ornamentação, como para uso individual, sobresahe o "Tinteiro Monumental", com uma torre ao centro, baseada em motivos do mosteiro da Batalha, no qual se vê um unico relogio. A base é de marmore nacional preto, copiando a esplanada da torre de Belém, com as respectivas vigias. Aos lados estão os tinteiros de crystal, com guarnições e tampas em motivos manuelinos. Esse bello objecto de arte, segundo nos informaram, vai ser offerecido ao Sr. Dr. Arthur Bernardes, por um grupo de admiradores do Chefe da Nação. Ha ainda a notar nos mostruarios da ourivesaria Alliança, baixellas para mesa, centros de mesa, serpentinas, compoteiras, biscouteiras, queijeiras, mantegueiras, saladeiras, espargueiras, serviços para conservas, prato para frutas, terrinas, pratos cobertos, argolas, apanha-migalhas, salvas para copos, campainhas, paliteiros, canecas para agua e vinho, cestos para pão, etc., candieiros manuelinos, lamparinas para oratorio, cinzeiros com phosphoreiras, lamparinas electricas, serviços para chá e café, objectos para "toilette", artigos para escriptorio, alfaias para igreja, etc. Eis, em resumo, o que é a exposição da ourivesaria Alliança do Porto." O Centenario - O Pavilhão das Industrias Portuguezas - A secção de ourivesaria - Os monstruarios de ceramica. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 12 de jun. 1923, ed. 160, p.2.

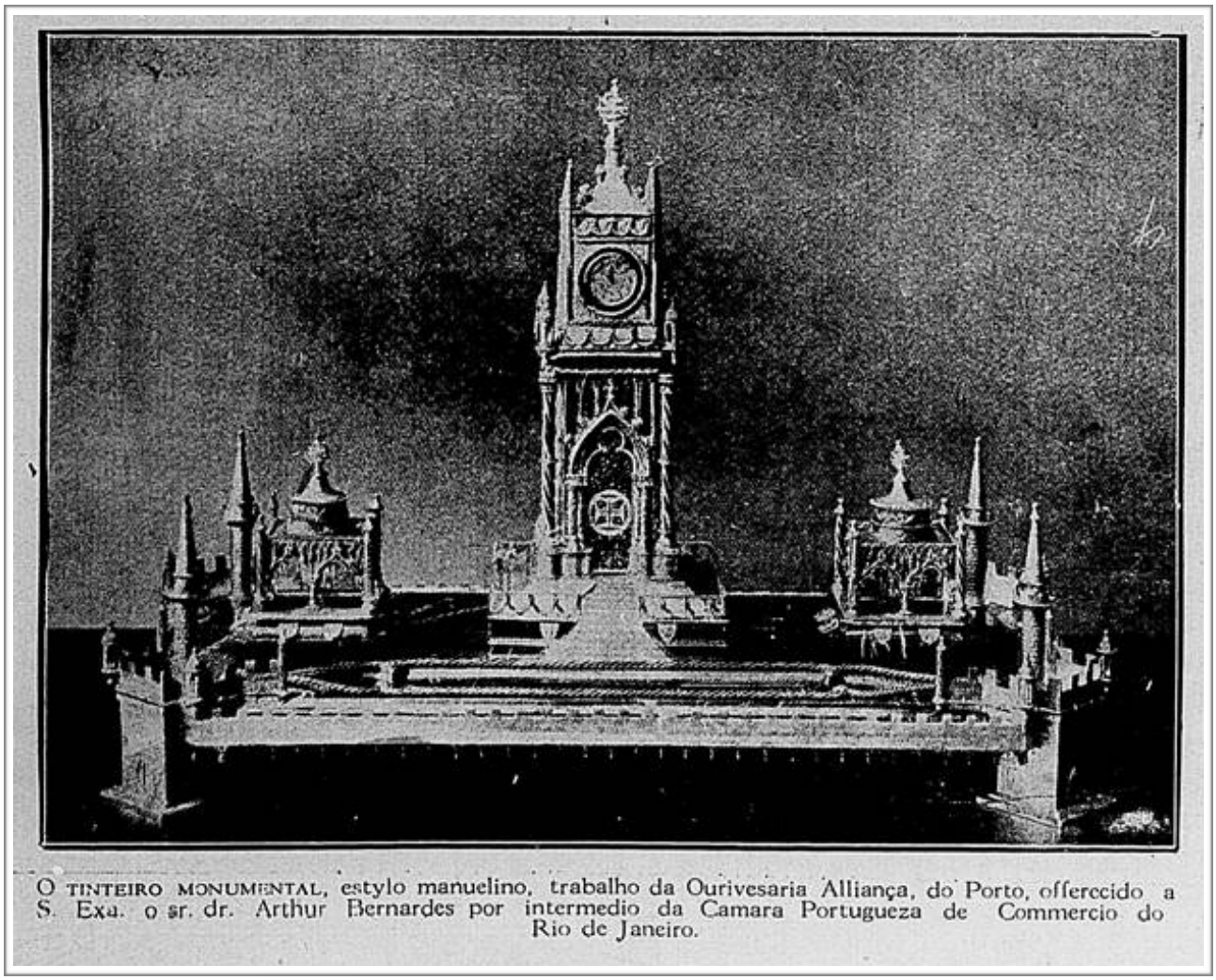

O TINTEIRO MONUMENTAL, estylo manuelino, trabalho da Ourivesaria Alliança, do Porto, offerecido a S. Exa. o sr. dr. Arthur Bernardes por intermedio da Camara Portugueza de Commercio do Rio de Janeiro.

Figura 39 - *Tinteiro Monumental* da Ourivesaria Alliança. Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 06 de out. 1923.

Do mesmo modo, *O Paiz* divulgou uma nota acerca da exposição de ourivesaria portuguesa realizada no Pavilhão de Honra, cuja análise também foi descritiva para as salvas[342] e outras peças[343] presentes no certame, com destaque mais uma vez na iconografia da peça *Altar da*

---

342 "(…) Em torno, em cavalletes ricos de madeira esculpida, estão as seis grandes salvas. A *salva manuelina* é formada por varios sectores, sobrepostos de arcaria reproduzida do claustro dos Jeronymos. Por entre ellas se agita o mar, cujas ondas vão até o rebordo recurvo da peça. Nelle velejam as caravelas da India, em varios sentidos, em torno da bella rosacea central do mesmo estylo. A *salva Renascença* é, pela delicadeza do desenho e da concepção, uma das mais lindas peças do mostruario. A pureza das linhas, a perfeição de technica do cinzel que a creou, o seu elevado censo plastico, de alta finura, fazem della, no melhor estylo Renascença, uma rara obra de ourivesaria. A *salva Vasco da Gama* representa a chegada do grande almirante á Calicut e a vassalagem do Samorim. A moldura é no estylo da famosa janela da Casa do Capitulo, no convento de Christo, em Thomar, onde se entrelaçam os troncos de polipeiro, as cordas, os cadeados, os coraes curvos e guizeiras; e a beira é formada de uma haste de hera entrelaçada de uma flammula em que se inscrevem os nomes dos principaes navegadores portuguezes, intercalados por espheras armilares em alto relevo. No cimo, o escudo de D. Manoel I, encimado pela cruz. A *salva da Batalha* está vasada no estylo do monumento que commemora a batalha de Aljubarrota. Uma rosacea de oito vãos, tirados dos arcos enflorados das capelas dos Infantes, se alongam para a peripheria, tendo em cada um desses vãos os detalhes nitidamente cinzelados dos seguintes motivos architectonicos do mosteiro: Tumulo dos Infantes, Janelas do Claustro Real, Sala do Capitulo, Fachada principal, Porta lateral da igreja, Portal das Capelas Imperfeitas e naves interiores do Claustro. Estes pormenores são ligados entre si por uma cercadura inspirada nas galerias, enquadramentos e frisos do monumento. A *salva Aljubarrota*, porém, composta do mesmo assumpto que a precedente, é inspirada directamente no historico dos acontecimentos, pois tem ao centro um baixo relevo representando a batalha. Em torno está o condestavel Nun´Alvares, á esquerda da ala dos Namorados com os soldados de D. João I, de Portugal carregando sobre os soldados de D. João I de Castella. O bordo é formado por 12 arcadas ogivaes, tiradas da capela de D. João I, cercando os escudos com as divisas de D. João, de D. Duarte, de D. Pedro, do Infante D. Henrique, de D. Affonso V, de D. João II, a mais celebre e que é - *Pola lei e pola grey*. A ultima grande salva é a *Salva de Christo*, e que não consta dos catalogos, por ter sido a derradeira na confecção da officina da casa Reis. E´a mais impressionante, pela austeridade e pelo primor inexcedivel da execução. Formada ainda dos motivos architectonicos do Convento de Christo, em Thomaz, a peça toda ostenta, em relevo, uma harmonia e uma doçura, na combinação dos ornatos, verdadeiramente notaveis, vendo-se os instrumentos de supplicio, as hastes de roseira, as cordas, as flammulas com as inscripções religiosas. Essa salva foi a primeira a ser adquirida, e - coisa notavel - teve logo mais dois ou tres pretendentes, apesar de seu alto valor." Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.

343 A saber: "(…) Dentro de uma caixa de cristal está a *Custodia Renascença*, de ouro e marfim, de columnas e filigranas, obra rica, de um metro de altura, e mais um calice e uma patena de oro massiço, esplendidamente trabalhados. Sobre uma peanha de caryatides, a *Caravellha Portugueza do seculo XVI*, em prata cinzelada, o cordoame de ouro e as enfunadas velas, com as cruzes, de marfim. Tres sereias arrastam a embarcação. A *taça Renascença*, bello trabalho de grande valor, eleva-se sobre uma columna alta, de linhas elegantes, com a figura da Gloria no cimo e dois corpos de cavallo estirados no sentido lateral. No sopé, um cavallo montado atravessa a seta do vencedor. A taça é toda ornamentada ao sabor do estylo. A *amphora Mondego* e o *premio estylo D. João V*, são destinados ao football. São duas peças lindas, principalmente a primeira, onde tres figuras de jogadores estão graciosamente executadas. Ha ainda o *prato Camoneano*, um bello oval de 0m,87, disposto com gosto excepcional. A sua fórma elliptica reproduz-se ao centro, onde ha uma linda allegoria em baixos relevos de tres ou quatro profundidades, dentro de tres dens de columnas e arcos manuelinos. Representa-se ahi o Concilio dos Deuses, presidido por Jupiter. No frontão superior estão ainda allegorias maritimas e os versos, inscriptos em um laço - *Aquelle cuja lyra sonorosa - será mais afamada que ditosa*. As *baixelas* principalmente a *D. João V*, de fórma classica, refulgem de prata lavrada e de cristaes espessos lapidados. E as *joias*, especimens delicadissimos de desenhos, de diamantes sobre fina estructura de prata e almofadas de esmalte, brilham á luz meridiana, recordando pelo estylo, e o sabor antigos, a era fautosa que marcou no mundo occidental um tempo de vida heroica e sumptuosa na historia do povo lusitano." Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.

Pátria[344]. Desta feita, cabe informar que no início da nota há outra vez uma passagem a respeito da grandiosidade da ourivesaria portuguesa[345], sendo afirmado que mesmo em tempos de crise social, esse estilo artístico permaneceu com virilidade no cenário do mercado de artes. Em seguida, a nota ressaltou que foi na era manoelina que a ourivesaria portuguesa soube aflorar a sua melhor versão, sendo também comparada com a ourivesaria espanhola[346].

Por fim, cumpre esclarecer que os demais periódicos focaram mais em publicar notas a respeito das formalidades com que Portugal adotou para participar do presente certame, como o caso da aprovação da verba pelo governo português acima relatado; o concurso para selecionar a

---

[344] "(…) E´ preciso, em primeiro logar, citar o *Altar da Patria*, peça de audaciosa concepção, lindamente estylizada, que é o *clou* da exposição de ourivesaria portugueza, não só pela significação civica como pela imponente belleza e perfeição da modelagem. Com essa joia, que mede dois metros de altura e um metro e trinta de base, quizeram os notaveis joalheiros do Porto concorrer para a homenagem esplendida e commovida que Portugal quiz prestar ao Brasil por occasião do seu primeiro centenario. O motivo iconographico do Altar da Patria resume todo o passado das glorias portuguezas, com as suas maximas figuras historicas, as suas caravelas descobridoras, seus trechos de mar revolto, heróes, navegadores e poetas, inscripções e legendas, tudo harmoniosamente combinado em um bello e elegante equilibrio de linhas plasticas que o mais agil cinzel conseguiu. As figuras e as velas de reflexo alourado do marfim, a silhueta das náos que a prata malleavel docemente destaca, as columnas de supporte do sacrario, os bráceis de torso que levantam as cruzes, em ouro puro, nymphas, e tritões, a alta figura symbolica da Fé, que encima o formoso conjunto, tudo evoca na vibração artistica do trabalho admiravel o deslumbramento de uma época que ficou, como um sonho maravilhoso, no passado dos nossos maiores. Ali estão as passagens dos Lusiadas, com as caravelas e o mar povoado de figuras mythologicas das estancias camoneanas, e as quatro figuras singulares da historia portugueza - o infante D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e Camões, em torno das columnas centraes, reproduzidas dos Jeronymos; as arcarias que formam as asas dos motivos architectonicos do convento de Christo, de Tomar. E´ esse o symbolismo artistico do Altar da Patria." Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.

[345] "(…) Comprehende-se, por isso, o orgulho patriotico com que os portuguezes do Brasil e os proprios brasileiros, diante das peças maravilhosas de ourivesaria que a Casa Reis, do Porto, trouxe para a exposição do Rio de Janeiro, exclamam: - "A raça que conserva os primores desta nobre arte não póde ser uma raça decadente!" E, realmente, no pavimento alto do pavilhão portuguez, estamos diante de trabalhos de ourivesaria que honrariam os artistas mais perfeitos do mundo." Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.

[346] "(…) Foi, porém, na éra manoelina que ella se revelou original, caracteristica, sumptuosa e magnifica, recebendo a expressão geral do seculo, em que a vida portugueza foi o centro de uma riqueza e de um fausto realmente fabulosos. As baixelas dessa época de milagre e de esplendor, ainda hoje attestam, á sombra dos museus ou reproduzidas pelos aurifices modernos, a intelligencia do luxo e o gosto das combinações no trabalhar a prata e o ouro, os cristaes e os esmaltes. Mas, sobretudo, a filigrana, fruto das imaginações delicadas, onde o sangue estuante portuguez cedeu ao methodo herdado ao temperamento oriental dos povos conquistados, tornou-se o requinte, a graça esquisita daquella extincta grandeza, onde principes e dignatarios puderam accumular maravilhas de bijouteria (…) pela excellencia de sua factura, ainda que com o caracter imitativo das obras arabes, e só a eclosão manoelina, mais tarde, pode dar aos cinzeladores lusos o surto em que se libertaram das ascendencias de uma esthetica limitada a preceitos rudimentares, acompanhando deslumbradamente os motivos novos que dominavam os estylos das artes maiores, emquanto que a ourivesaria hespanhola conservara o caracter mouro que invadira a peninsula iberica. (…) Assumptos bebidos nos monumentos de arte portugueza, nas duas alas se dispõem os mais lindos objectos que a allegoria e o symbolo puderam inspirar os artistas lavrantes, e todos sem excepção, correspondem aos motivos architectoraes que a éra manuelina deixou em Portugal, em que verdadeiramente se creou um estylo, o ogival reflorido, de ornamentos bizarros e linhas bellas." Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.

equipa responsável em construir os pavilhões portugueses; a escolha da comissão organizadora do evento[347], bem como a irregularidade ocorrida pelo conselheiro Lisboa Lima[348]; o pagamento de indenizações por contratempos imprevistos[349] e os transtornos extraordinários[350]; e, por fim, o envio dos objetos pelo navio *Porto* para o Rio de Janeiro. Desta feita, as referências foram pautadas pelo *Jornal do Brasil* e periódicos como *Gazeta de Notícias*, *O Brasil*, *O Imparcial*, *A Rua*, *A Noite* e *O Jornal*, que seguiram a mesma linha editorial das formalidades supramencionadas.

Portanto, no tocante ao que foi abordado nessa exposição, é importante esclarecer que, tendo como fonte o Catálogo Oficial da Seção Portuguesa de 1922, alguns artistas que foram mencionados na nota de imprensa local não constam nesse catálogo, o que se leva a questionar sobre a fidedignidade da imprensa carioca com relação à publicação e avaliação do presente certame. Posto isto, artistas portugueses como Columbano Bordalo Pinheiro, Carlos Reis, João Reis, Sousa Brito, Rodolpho Pinto do Couto e Francisco Valença foram citados nas notas, inclusive na maioria deles de forma elogiosa, mas que não foram mencionados no catálogo. Do mesmo modo, verifica-se que na seção de ourivesaria portuguesa também ocorre a mesma questão, nos quais Casa

---

347 "Já se encontra nesta Capital, tendo visitado hontem o director da representação estrangeira, o Sr. Coronel Alfredo Lisboa de Lima, director geral do Ministerio das Colonias e comissario geral de Portugal na Exposição do Centenario." O comissario de Portugal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de set. 1922, ed. 227, p.7.

348 "O Sr. Lisboa Lima, ex-Commissario de Portugal na Exposição do Centenario do Brasil, telegraphou á Camara dos Deputados protestando contra as accusações que lhe são feitas, as quaes desmente categoricamente. Na Camara continuou a discussão sobre a extincção do Commissariado e sobre o credito de seis mil contos aberto para esse fim. Os representantes de todos os partidos perguntaram ao Ministro do Commercio, Sr. Broderode, se esse credito seria sufficiente e se a construcção dos pavilhões acabaria em tempo para estes figurarem na Exposição. O Sr. Broderode disse aguardar esclarecimentos do Embaixador, Dr. Duarte Leite, afim de responder." O caso da exposição - O Sr. Lisboa Lima protesta junto a´ Camara dos Deputados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1922, ed. 303, p.7.
E mais uma nota que foi publicada sobre esse episódio, a saber: "O Sr. Utra Machado em conferencia com o Ministro do Trabalho assentou enviar a nota de culpa dos Srs. Lisboa Lima Reymão e outros responsaveis pelos acontecimentos da Exposição do Rio de Janeiro, em consequencia da syndicancia ordenada pelo governo. Egualmente foi determinado o regresso immediato dos ultimos funccionarios que ficaram arrumando os objectos que estiveram em exposição. O governo tambem ordenou a vinda urgente dos productos coloniaes que figuraram no pavilhão portuguez do Rio, para serem enviados á secção portugueza da proxima exposição de Bruxellas." Portugal na Exposição do Centenario do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de dez. 1923, ed. 291, p.9.

349 A exemplo: "O Estado indemnisou a artista Cacilda Ortigão pelas despezas de representação e exposição de seus trabalhos no Rio, reconhecendo-lhe razão no conflicto com o ex-commissario da Exposição do Centenario, o Sr. Lisboa Lima." Portugal na Exposição do Centenário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de nov. 1923, ed. 285, p.8.

350 Como, por exemplo, na seguinte nota: "O Sr. Lisboa Lima, ex-Commissario de Portugal na Exposição do Centenario, declarou ao jornal "A Capital" não ser elle responsavel pela deterioração das obras artisticas recem-chegadas do Rio. O Sr. Lisboa Lima attribue a culpa ao Embaixador Dr. Duarte Leite." Portugal na Exposição do Centenario. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de mar. 1924, ed. 63, p.8.

Leitão & Irmão e Ourivesaria Alliança do Porto não foram incluídos no catálogo, tendo sido apenas apontados nas notas de imprensa.

A respeito da seção de cerâmica de uso doméstico - porcelana - e artes decorativas, vale apontar que a imprensa carioca citou algumas empresas, sendo que somente as empresas a Fábrica de Porcelana da Vista Alegre e a Cerâmica Arcolena foram citadas no catálogo.

Além do mais, vale ressaltar que a imprensa carioca enfatizou a falta de dois grandes artistas portugueses na exposição, José Malhoa e José Julio Souza Pinto, que inclusive realizaram exposições individuais no Rio de Janeiro e obtiveram grande receptividade pela imprensa local.

2.1.17. Exposição Abílio Guimarães de 1922 no Edifício Liceu de Artes e Ofícios e Trianon do Rio de Janeiro

A exposição do artista português Abílio Guimarães foi noticiada por vários periódicos cariocas, como *O Imparcial*, *A Noite*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias, Jornal das Moças e O Malho*, sendo constatado semelhanças no teor das notas divulgadas sobre o artista e a exposição.

Posto isto, o jornal *O Imparcial* publicou dias antes da inauguração da exposição duas notas sobre a garantia do sucesso que Abilio Guimarães obterá nessa exposição, tendo em vista o histórico artístico conquistado ao longo de sua carreira, como a conquista da medalha de ouro na exposição

de S. Luiz[351][352]. Com esse histórico[353], a notícia publicada no jornal *A Noite* informou que o próprio artista português organizou a sua própria exposição que abrangeu 80 retratos à pena, tamanho natural, de personalidades públicas importantes, como políticos, comerciantes, jornalistas e artistas, realizada no salão de pintura do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, no ano de 1922[354].

---

[351] "Está despertando extraordinário interesse a proxima abertura da exposição de arte organizada pelo distincto artista portuguez Sr. Abilio Guimarães, será inaugurada (…), no salão de pintura do Lyceu de Artes e Officios, á Avenida Rio Branco. Como já tivemos opportunidade de referir, trata-se da exhibição de uma galeria de retratos executados a penna, por aquelle artista. Discipulo de dois maiores artistas da penna - Rafael Bordallo Pinheiro e Roque Gameiro - tem já atrás de si, Abilio Guimarães, um passado brilhante e o nome firmado nos principaes jornaes portuguezes, onde collaborou por largo tempo com exito. Além da medalha de ouro com que os seus trabalhos foram premiados na exposição de S. Luiz, Abilio Guimarães possue tambem outras distincções e diplomas que são a garantia do sucesso da sua proxima exposição." Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 31 de ago. 1922, ed. 1378, p.5.

[352] A saber: "(…) Justamente apreciado, o artista que foi discipulo do grande Rafael Bordallo Pinheiro e do mestre Roque Gameiro, o primeiro aquarelista portuguez, alcançará, por certo, nesta exposição a continuação do triumpho obtido em 1904, na Exposição Internacional de São Luiz, onde os seus trabalhos obtiveram o 1º premio - medalha de ouro. Entre os retratos expostos destacam-se os dos vultos mais em evidencia na politica internacional, nas sciencias, letras, artes, industrias, etc." Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 06 de set. 1922, ed. 1384, p.5.

[353] Ademais, há uma publicação em outro periódico a mencionar que Abilio Guimarães foi também aluno laureado da Escola de Belas Artes do Porto: "Inaugura-se hoje no salão de pintura do Lyceu de Artes e Officios, a exposição de retratos á penna, do insigne artista portuguez Abilio Guimarães, alumno laureado da Escola de Bellas Artes do Porto e discipulo de Raphael Bordallo e Roque Gameiro. Nesta exposição, a primeira feita, no genero, figuram retratos das mais altas personalidades politicas, literarias, das finanças e do commercio. O trabalho apresentado por Abilio Guimarães, artista já consagrado no lapis, através de varios jornaes nacionaes e portuguezes, é inteiramente novo aspecto da sua arte." Vida Artistica. A exposição Abilio Guimarães. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 de set. 1922, ed. 207, p.4.
Além disso, o periódico *O Paiz* publicou uma nota a informar que o artista Abilio Guimarães vive a muito tempo no Rio de Janeiro, a saber: "Este bem conhecido artista portuguez, que ha bastantes annos vive entre nós, vai apresentar ao publico do Rio de Janeiro uma collecção de grandes retratos a penna, trabalho de absoluta novidade, e no qual se revela brilhantemente a habilidade vigorosa e animada de Abilio Guimaraes, discipulo de Raphael Bordallo Pinheiro e Roque Gameiro, e de cujas mãos sairam não poucos jornaes que o talento e a verve dos seus autores celebrizou." Exposição Abilio Guimarães. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 02 de set. 1922, ed. 13831, p.5.
Nesse mesmo sentido, o *Jornal das Moças* afirmou em uma nota que Abílio Guimarães é desenhista e caricaturista e trabalha há anos no Rio de Janeiro, como também informou ter o artista ajudado Rafael Bordalo Pinheiro e Marciano de Carvalho em duas obras, a saber: "O desenhador e caricaturista portuguez sr. Abilio Guimarães que ha bastantes annos trabalha no Rio de Janeiro onde é muito conhecido e admirado, abalançou-se com extraordinario exito a um novo e dificilimo genero de retratoas á penna. A segurança e felicidade da execução, a fineza e vivacidade do traço revelam um artista perfeito, digno discipulo que foi durante largos annos de Rio de Janeiro do grande Rafael Bordallo Pinheiro, a quem acompanhou até ao fim da vida, tendo collaborado com elle na *Parodia* e com Marciano de Carvalho no *Popular*." Exposição de originaes retratos. *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 07 de set. 1922, ed.377, p.11.

[354] Exposição Abilio Guimarães. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 de set. 1922, ed. 3863, p.4.

Posteriormente, o jornal *A Noite* informou sobre o dia da inauguração do certame, 08 de setembro de 1922[355], sendo divulgado em seguida o número específico dos quadros expostos, 74[356]. Depois de alguns dias de exposição, com êxito de público divulgado pelo *Correio da Manhã*[357], os jornais cariocas noticiaram a transferência da exposição do Liceu de Artes e Ofícios para o Trianon, em virtude do novo espaço apresentar uma melhor estrutura para receber o público[358]. Assim sendo, a exposição foi encerrada no dia 16 de setembro de 1922 no edifício Liceu de Arte e Ofícios e inaugurada no Trianon no dia 20 de setembro de 1922[359]. O jornal *A Noite* informou também que no novo local a exposição atingiu também sucesso de público[360]. A *Gazeta de Notícias* em uma nota publicada mencionou que, assim como no edifício Liceu de Artes e Ofícios, a exposição recebeu

---

355 A exposição Abilio Guimarães será inaugurada no dia 8. *A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de set. 1922, ed. 3864, p.6.

356 A saber: "O artista portuguez Sr. Abilio Guimarães, premiado na Exposição de S. Luiz, e que ha alguns annos se encontra nesta capital, inaugurou, hoje, á tarde, uma exposição de retratos a bico de penna. São 74 quadros dessa natureza e em que estão fiel e artisticamente photographadas personalidades de destaque em nosso meio: membros do governo, jornalistas, artistas, commerciantes, etc. A exposição do Sr. Abilio Guimarães occupa todo um amplo salão do 2º andar do Lyceu de Artes e Officios e merece ser vista." Inaugurou-se, hoje, uma exposição de retratos a bico de penna. *A Noite*, Rio de Janeiro, 08 de set. 1922, ed. 3868, p.12.

357 "Tem sido extraordinariamente concorrida a exposição de retratos á penna organizada pelo apreciado artista portuguez sr. Abilio Guimarães que está franca ao publico, todos os dias, das 11 ás 6 horas da tarde, até ao proximo domingo, no segundo pavimento do Lyceu de Artes e Officios, á avenida Rio Branco." Exposição Abilio Guimarães. *Correio de Manhã*, Rio de Janeiro, 12 de set. 1922, ed. 8591, p.4.

358 "Exposição Abilio Guimarães - Para melhor attender à commodidade do publico, a interessante exposição de retratos á penna que o conhecido desenhista Sr. Abilio Guimarães tinha, com pleno successo inaugurado no Lyceu de Artes e Officios, acaba de ser transferida para o vasto salão de espera do Trianon. A grande galeria vae, portanto, continuar a merecer a curiosidade de tão justificada, sobretudo pela maneira nova que o artista imprimiu a todos os trabalhos que a compõem. Entre elles, figura o retrato do nosso director, que é traçado, como todos os outros, com muita semelhança e com processos que modifica completamente os velhos moldes do archaico retrato a crayon." Notas de Arte. *A Noite*, Rio de Janeiro, 18 de set. 1922, ed. 3877, p.4. Nesse mesmo sentido, o jornal *O Imparcial* divulgou a seguinte nota: "Esta magnifica exposição de retrados a penna, que ha dias tem sido apreciada em uma das salas do Lyceu de Artes e Officios, será encerrada hoje, sendo transferidos os seus quadros para a sala de espera do Trianon, onde ficarão expostos. Dado o successo que alcançou no Lyceu de Artes e Officios, é de esperar maior exito ainda no elegante theatrinho." Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1394, p.5.

359 "Na elegante sala de espera do Trianon, gentilmente cedida pelos seus empresarios, inaugurou-se hontem, a interessante exposição de retratos á penna do habil artista Sr. Abilio Guimarães, que ainda ha pouco, no Lyceu de Artes e Officios, alcançou um completo triumpho. A curiosa exposição foi hontem admirada por alguns milhares de pessoas que muito apreciaram os trabalhos, dispensando as mais elogiosas referencias ao expositor. O distincto artista aceita encomendas de trabalhos, podendo para isso ser procurado no mesmo theatro o seu representante." Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1922, ed. 1399, p.5.

360 "Continuam em exposição no aguão do Trianon os quadros do pintor Abilio Guimarães, e que são excellentes retratos a bico de penna de personalidades de destaque no nosso meio. A exposição Abilio Guimarães tem feito justo successo." Exposição Abilio Guimarães. *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de nov. 1922, ed. 3930, p.4.

elogios unánimes sobre as obras expostas[361] do artista português no Trianon, sendo inclusive informado que Abilio Guimarães estava disponível a aceitar encomendas de trabalhos, assim como do mesmo modo informou uma nota publicada no *O Imparcial*[362].

Por fim, há uma nota publicada na Revista *O Malho* que reproduziu três telas de Abílio Guimarães que, possivelmente, estavam presentes na exposição: *Barão de Ramiz Galvão, Conde Paulo de Frontin e Professor Aloysio de Castro*[363] (fig.40).

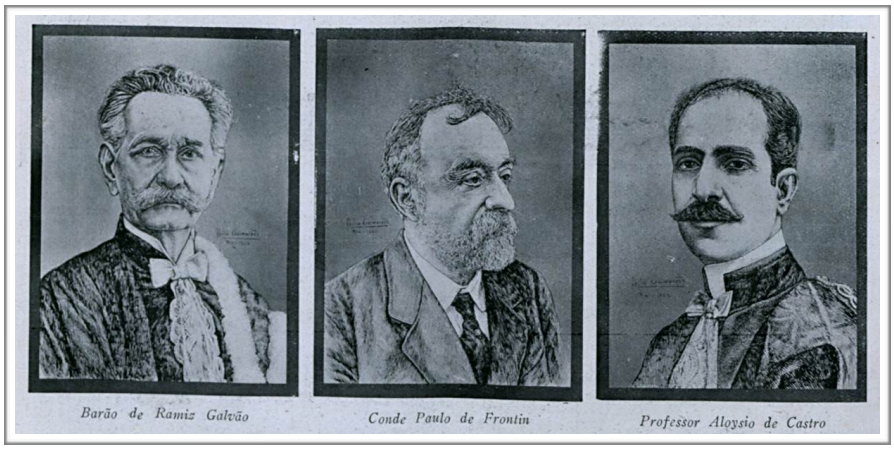


Figura 40 - *Barão de Ramiz Galvão, Conde Paulo de Frontin* e *Professor Aloysio de Castro* de Abílio Guimarães. Fonte: Uma exposição original. *O Malho*, Rio de Janeiro, 02 de set. 1922, ed. 1042, p.23.

---

[361] Há uma nota a mencionar sobre um dos trabalhos expostos de Abílio Guimarães, a saber: "Abilio Guimarães (…) está vendo o seu esforço coroado do maior exito artistico e monetario. Hontem, a sua galeria foi enriquecida com mais um esplendido trabalho - Guerra Junqueiro, o genial poeta - retrato que foi admiradissimo pelas numerosas pessoas que visitaram a exposição e que a Abilio Guimarães dispensaram os mais rasgados elogios." Vida Artística. Guerreira Junqueiro, na exposição Abilio Guimarães. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30 de set. 1922, ed. 230, p.5. Do mesmo modo, Abílio Guimarães foi elogiado pelo jornal *O Paiz*, bem como informou que seus trabalhos estão distribuídos para além Brasil e Portugal, segundo consta na seguinte passagem: "(…) Abilio Guimarães apresenta cerca de 80 trabalhos, todos de valor, não só pela technica, mas tambem pela firmeza de traço. (…) Abilio Guimarães na sua profissão tem numerosos trabalhos dispersos não só no Brasil, mas também em Portugal e na America do Norte, onde, em 1904, na exposição internacional de S. Luiz, foi premiado com a medalha de ouro." Exposição Abilio Guimarães. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de set. 1922, ed. 13837-13838, p.7.

[362] Na última passagem da nota há a menção sobre as encomendas: "(…) Gentilmente cedido pelos distinctos empresarios do Trianon, o elegante theatro da Avenida, abriu-se hontem, na sala de espera daquella casa de espectaculos, a exposição de retratos a penna do habil artista Sr. Abilio Guimaraes, que ultimamente, no Lyceu de Artes e Officios, obteve um completo triumpho. A grandiosa galeria, onde se vêm os vultos mais em evidencia, não só na política, mas tambem nas artes, sciencias, letras, etc., etc., foi admirada por alguns milhares de pessoas, que foram unanimes em tecer os mais rasgados elogios ao distincto artista. Abilio Guimarães que é um artista correctissimo, aceita encomendas dos trabalhos, podendo ser procurado o seu representante no mesmo theatro." Exposição Abilio Guimarães. Abriu-se hontem no Trianon a galeria de retratos á penna. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1922, ed. 222, p.4.

[363] "(…) Reproduzimos tres desses retratos. Por elles, embora diminuidos na gravura, poderão os nossos leitores ter uma pequena idéa do que será a exposição. Numa cronica, ha dias publicada, o Sr. Ruy Chianca, vindo do atelier do artista, escreveu: "A arte magistral de Abilio Guimarães é arte portugueza, filha legitima da de Roque Gameiro e de Rapahel Bordallo." E´ um louvor que consagra." Uma exposição original. *O Malho*, Rio de Janeiro, 02 de set. 1922, ed. 1042, p.23.

2.1.18. Exposição de Prataria da Ourivesaria Aliança do Porto de 1924 na Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro

Por ter conquistado uma grande repercussão na Exposição Internacional do Centenário do Rio de Janeiro, a Ourivesaria Aliança do Porto realizou uma exposição de prataria na Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria em 1924, no Rio de Janeiro, e tal certame teve destaque em alguns periódicos locais.

Nesse sentido, o *Jornal do Brasil* em uma nota divulgou que o Sr. Celestino Mesquita, proprietário e sócio da Câmara Portuguesa de Comério no Rio de Janeiro, solicitou licença para realizar a exposição de prataria no salão da Câmara, sendo aprovado *a posteriori* pela diretoria do estalecimento[364]. Depois de aprovada a realização da exposição neste espaço, os periódicos *O Jornal e* a *Gazeta de Notícias* publicaram a mesma nota a respeito da inauguração da exposição, tendo mencionado o elevado afluxo de visitantes, que incluiu, além da sociedade carioca, a presença da colónia portuguesa no Rio de Janeiro[365].

É notório perceber que o prestígio conquistado da Ourivesaria Aliança do Porto na Exposição Internacional do Centenário em 1922 permitiu não somente a exposição de prataria no Rio de Janeiro como também na cidade de São Paulo, segundo constou na mesma nota publicada nos jornais *A Noite* e *Correio da Manhã*, sendo inclusive atribuída à Aliança do Porto elogios sobre

---

[364] Sobre essa autorização, a notícia informou o seguinte trecho: "(…) O Sr. presidente communicou que a Ourivesaria Alliança, do Porto, tinha solicitado, pelo seu proprietario e socio da Camara, Sr. Celestino Mesquita, licença para realizar no salão nobre da Camara uma exposição das suas pratarias, o que a directoria resolveu conceder, attendendo ao alto sucesso dessa Ourivesaria com as suas bellissimas pratas artisticas, expostas no Pavilhão das Industrias Portuguezas. Ficou deliberado que essa exposição fosse aberta hoje, franqueando-se ao publico o salão nobre da Camara." Camara Portugueza de Commercio e Industria do Rio de Janeiro. *O Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de mar. 1924, ed. 65, p.12.

[365] "Foi hontem muito concorrida a Exposição de pratarias na Camara Portugueza de Commercio, que cedeu o seu salão nobre á Ourivesaria Alliança, do Porto, para esse fim. Dado o successo das pratarias desta casa do Porto no Pavilhão das Industrias Portuguezas, não admira tal concorrencia. Estiveram ali muitos dos homens de mais destaque da colonia portugueza, além de alguns vultos da sociedade brasileira, que todos apreciaram a belleza das idealizações decorativas e a execução perfeita dos artistas. Esta exposição está aberta hoje, das 13 ás 17 horas e todos os dias uteis das 10 ás 18 horas." Exposição de Pratarias. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de mar. 1924, ed. 1596, p.2. e *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de mar. 1924, ed. 66, p.5.

a qualidade das peças de ourivesaria, além de ter informado a elevada venda das peças de arte decorativa em prata[366].

2.1.19. Exposição Carlos Reis e João Reis de 1925 no saguão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro

É importante salientar que, tendo em vista as edições passadas de exposições coletivas e individuais conforme destacado no presente estudo, os artistas Carlos Reis e João Reis atingiram notoriedade no meio artístico carioca e claramente percebeu-se a recepção positiva desses dois artistas na manifestação da produção artística portuguesa em solo carioca. Sendo assim, é relevante mencionar uma nova exposição realizada na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, ocorrida no ano de 1925, na qual contou com a divulgação sucinta, até aonde há conhecimento, de dois periódicos.

Desse modo, o periódico *A Noite* publicou duas notas a respeito desse certame, que apresentou um período curto de exibição, sendo divulgado o dia da inauguração e do encerramento, 05 a 10 de outubro de 1925 e, mesmo com poucos dias de exposição, houve um grande afluxo de visitantes na exposição[367]. Do mesmo modo, *O Paiz* publicou uma nota sobre o sucesso da

---

366 Nesse sentido, a nota informou o seguinte conteúdo: "Tem sido muito concorrida a exposição de pratarias na Camara Portugueza de Comercio, á Avenida Rio Branco, 174, 1º, edificio do Lyceu de Artes e Officios, que cedeu o seu salão nobre á Ourivesaria Alliança do Porto, para esse fim. Dado o sucesso das pratarias desta casa do Porto no Pavilhão das Industrias Portuguezas, não admira tal concorrencia. Trata-se realmente de uma magnifica demonstração de arte, o que, de resto, já tinha sido sobejamente verificado quando a Ourivesaria Alliança expoz os magnificos objectos de arte no Pavilhão das Industrias Portuguezas. O mesmo successo coroou aquella exposição em S. Paulo, onde milhares de pessoas desfilaram deante dos soberbos mostruarios da Ourivesaria Alliança, o que tambem está succedendo no Rio pois o salão da Camara Portugueza de Commercio tem estado cheio de uma multidão elegante, que muito tem admirado os objectos expostos, muitos dos quaes já foram adquiridos." Exposição de pratarias da ourivesaria Alliança do Porto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 de mar. 1924, ed. 4424, p.7. e *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de mar. 1924, ed. 9153, p.3.

367 "Com a presença de grande numero de pessoas gradas, realisou-se hoje, ás 8 horas da manhã, no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, a exposição de "portrais-charge" do festejado artista Carlos Reis. A exposição ficará aberta até sabado próximo, durante todo o dia." Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis. *A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de out. 1925, ed. 4983, p.10.
E "O conhecido pintor Carlos Reis está obtendo successo com a sua nova exposição da portraits-charges, que está installada no saguão do edificio da Associação dos Empregados no Commercio. Essa exposição se encerrará no sabbado proximo." Exposição Carlos Reis. *A Noite*, Rio de Janeiro, 07 de out. 1925, ed. 4985, p.10.

exposição organizada por Carlos Reis e seu filho, João Reis, haja vista a venda de quase todas as obras expostas[368].

2.1.20. Exposição José Almeida e Silva de 1925 no salão nobre do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro

Antes de mais nada, convém mencionar alguns detalhes sobre a carreira artística de José de Almeida e Silva. Em 1864, José de Almeida e Silva nasceu em Viseu e muito novo trabalhou como aprendiz na mercearia de seu pai, José de Almeida e Silva. Com 18 anos, José de Almeida e Silva ingressou na Real Academia de Belas-Artes do Porto, onde estudou entre os anos de 1882 a 1890.

A título de conhecimento, José de Almeida e Silva tornou-se um artista multifacetado, tendo explorado divesos estilos artísticos, como pintura, desenho, escultura e caricatura, além de ter sido humorista, escritor e publicista de assuntos ligados ao Património, Arte e História[369]. Em relação à pintura, o artista português sofreu uma certa influência tardia do Realismo e Naturalismo, conforme os fundamentos de alguns mestres pelos quais estudou: Tadeu de Almeida Furtado, João Correia, António José da Costa, António Soares dos Reis e gerações mais contemporâneas a sua época, como João Marques de Oliveira e José Malhoa. Logo após o término dos estudos na Real Academia de Belas-Artes do Porto, em 1890, José de Almeida e Silva retornou para Viseu e aprofundou o seu talento na ilustração, pintura e ensino, tendo participado sobretudo de algumas exposições nacionais e internacionais, como Lisboa, Porto, Paris e Rio de Janeiro.

No tocante às exposições realizadas no Rio de Janeiro, é notório apurar que o artista José de Almeida e Silva participou de alguns certames, como a Exposição do Centenário da Abertura dos

---

368 Segundo a nota: "Depois de um successo mundano, encerra-se hoje, á tarde, a exposição organizada por Carlos Reis e seu filho, instalada desde segunda-feira na Associação dos Empregados no Commercio. Foi a nota da semana, pela concorrencia extraordinaria e o agrado dos visitantes, entre os quaes se viam muitas pessoas de destaque. Quasi todos os trabalhos foram adquiridos." Bellas Artes. Exposição Carlos Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 de out. 1925, ed. 14965, p.5.

369 Sobre a temática do estilo artístico de José de Almeida e Silva, o texto que acompanhou a exposição de suas obras no Museu da Guarda de Portugal no ano de 2011, na Exposição que reuniu obras de artistas naturalistas e retratistas do início do século XX, destacou a seguinte passagem: "«Com uma sensibilidade muito peculiar, transmuta para as suas obras o interesse pela História e Património, em especial pela paisagem e ruralidade, usando uma linguagem um pouco sentimentalista que se alarga à pintura de género ou mesmo ao retrato», lê-se no texto de apresentação da exposição. Como retratista, Almeida e Silva deixou uma notável coleção de retratos sobre a burguesia e as personalidades da época." PINTURA de José Almeida e Silva no Museu da Guarda. In: O Interior. Secção Cultura. Disponível em: <http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idedicao=620&idseccao=7683&id=32392&action=noticia>. Acesso em 26 de jul. 2018.

Portos de 1908[370] e também na Exposição do Centenário da Independência do Brasil de 1922. É importante frisar que nesses dois certames, José de Almeida e Silva destacou-se como um grande artista, tendo recebido prémios em cada exposição, além dos certames anteriores que participou, como no caso do Grémio Artístico de Lisboa. Em relação à exposição de 1922, o artista português recebeu medalha de prata pela obra *À Lareira*[371].

Posteriormente, no ano de 1925, José de Almeida e Silva realizou uma exposição individual de suas obras no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, tendo sido patrocinada pela Embaixada Portuguesa e pelo Centro Beirão, que ao final do certame foi atribuído também uma medalha honrosa ao artista português. Nessa exposição, a obra *A Canção da Aldeia*[372] esteve presente também, pela segunda vez, na Exposição Retrospectiva da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, no ano de 1937.

Nesse sentido, no que concerne à exposição individual de José de Almeida e Silva no salão nobre do Gabinete Português de Leitura de 1925, há duas notas publicadas no jornal *O Brasil* e *A*

---

[370] Sobre essa exposição, o catálogo oficial de 1908 informa que na seção da relação dos expositores de pintura a oleo, José de Almeida e Silva é o primeiro a ser mencionado com as seguintes obras, a saber: " 1- Almeida e Silva (José de). Praça de Camões - Vizeu. Discipulo da Academia Portuense de Bellas Artes. 1 - A apanha do folhado, 1m,00 x 1m,36. 2 - Uma historia da aldeia, 0m,84 x 1m,06. 3 - Caridade moderna, 0m,82 x 1m,06. 4 - Velha dobrando á lareira, 0m,76 x 0m,91. 5- Boa noite! 0m,88 x 0m,54. 6- Viuvas em oração, 0m,45 x 0m,58. Recompensas: 2ª medalha pelo Gremio Artistico de Lisboa e menção honrosa na Exposição de Paris, de 1900. Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1908: Catalogo Official da Secção Portugueza organisado e elaborado por B. C. Cincinnato da Costa. Editora Lisboa, 1908, p.494. Posteriormente, sabe-se que José de Almeida e Silva recebeu menção honrosa nesta exposição de 1908. COLEÇÕES do Museu de Grão Vasco: José de Almeida e Silva (1864 a 1954). In: GAMUS e Instituto PIAGET de Viseu. Viseu: 2011. Disponível em: <https://issuu.com/imc-ip/docs/catalogo_museu_grao_vasco>. Acesso em 26 de jul.2018.

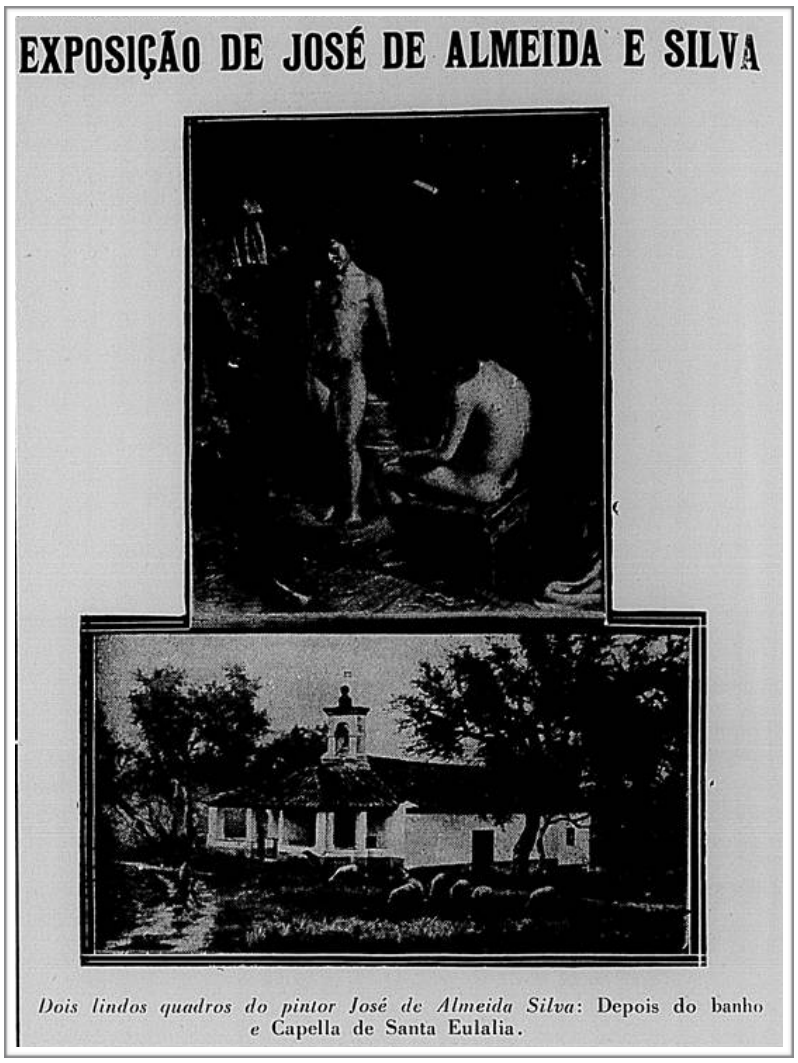
[371] COLEÇÕES do Museu de Grão Vasco: José de Almeida e Silva (1864 a 1954). In: GAMUS e Instituto PIAGET de Viseu. Viseu: 2011. Disponível em: <https://issuu.com/imc-ip/docs/catalogo_museu_grao_vasco>. Acesso em 26 de jul.2018.

[372] Na página 47 da Coleção, há a seguinte passagem: "(…) Almeida e Silva tinha uma especial predileção por diversos locais nos arredores de Viseu onde colhia uma particular inspiração. Um desses lugares era a Aldeia de Santiago, que imortalizou em várias obras e que parece ter sido o palco para uma série de outras, como (…) *A Canção da Aldeia* (1925 - exposta no Rio de Janeiro), em que retrata as gentes das aldeias beirãs e os seus afazeres diários." COLEÇÕES do Museu de Grão Vasco: José de Almeida e Silva (1864 a 1954). In: GAMUS e Instituto PIAGET de Viseu. Viseu: 2011. Disponível em: <https://issuu.com/imc-ip/docs/catalogo_museu_grao_vasco>. Acesso em 26 de jul. 2018.

Noite que informaram sobre a repercussão da exposição e algumas obras que foram vendidas[373]. Já o periódico *Beira-Mar* publicou uma pequena nota e incluiu duas telas de José de Almeida e Silva (fig.41), que possivelmente participaram da exposição, sendo destacado também o estilo artístico do pintor português[374].

[373] A saber: "A exposição de arte portuguesa do pintor Almeida e Silva, no salão nobre do Gabinete Português de Leitura, aberta todos os dias, incluindo os domingos, da 1 hora ás 6 da tarde, continúa a ser muito visitada, merecendo os geraes applausos pelo seu grande valor artístico. Já se venderam muitos quadros, taes como *A virgem no deserto* e *O jantar do pae* ao Sr. José Antonio de Souza; *Couves de penca* e *Cereijeiras em flor* ao sr. Zeferino de Oliveira; *Costurando* ao sr. A. Carneiro Pacheco; *O pão nosso de cada dia* e outros quadros ao sr. Francisco José Lopes, etc." Exposição de Pintura. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de out. 1925, ed. 1261, p.8.
"A exposição de pintura do artista portuguez, Sr. José de Almeida e Silva, no salão do Gabinete Portuguez de Leitura, tem obtido uma concorrencia apreciavel de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade, assim como de escriptores, jornalistas e artistas, destacando-se dos ultimos os professores Dr. Pinto da Rocha e Coelho Netto. Entre os compradores de quadros de maior vulto, contam-se os amadores de arte e capitalista, Srs. Zeferino de Oliveira e José Antonio de Souza, que adquiriu o que tem o titulo "A Virgem no deserto", sem duvida, a tela mais espiritual desse conjunto primoroso. A exposição do Sr. José de Almeida e Silva continua franqueada ao publico durante esta semana." A exposição do artista portuguez, Sr. José de Almeida e Silva. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 de out. 1925, ed. 4991, p.10.

[374] "Apresentamos ao nosso publico, hoje, dois quadros de suggestiva belleza, e por isso mesmo de grande emoção artística. São elles: *Depois do banho* e *Capella de Santa Eulalia - Repêses*. Esses trabalhos pertencem ao artista portuguez José de Almeida e Silva operoso, pela magnifica colectanea de delicada pintura de sua lavra e revelando em todos elles attributos de mestre, descrevendo com o seu pincel inspirado - paisagens, trechos da vida, quadros da natureza que de perto lhes tocam a sua alma jovial e imaginosa. Expõe diversos assumptos, havendo em todos interesse, significação, e graça leve. Não se filia a determinada escola, e elle proprio nos diz que a sua grande mestra tem sido a natureza, o que não é pouco, em se tratando da arte dignificante a que se entrega de longa data o Sr. Almeida e Silva. No seu bello esforço mental ha muito onde se admire o famoso cultor da esthetica. E, se nos quadros de Claude Lorin tudo é claridade, nos do nosso illustre vizitante tudo é encantamento e naturalidade, não havendo o phantastico, mas um lado real estudado atravez de um temperamento cheio de harmonia e de magnifica observação do mundo e das cousas." Exposição José de Almeida e Silva. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 04 de out. 1925, ed. 69, p.2.


EXPOSIÇÃO DE JOSÉ DE ALMEIDA E SILVA

Dois lindos quadros do pintor José de Almeida Silva: Depois do banho e Capella de Santa Eulalia.

Figura 41 - *Depois do banho* e *Capella de Santa Eulalia* de José de Almeida e Silva. Fonte: Exposição José de Almeida e Silva. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 04 de out. 1925, ed. 69, p.2.

Nos demais periódicos, como *Gazeta de Notícias* e *Maçã* há a publicação de duas obras do artista que participaram do certame e uma fotografia dos visitantes na exposição, respectivamente (figs. 42, 43 e 44).


"As Cerejas", da exposição José de Almeida e Silva, no Gabinete Portuguez de Leitura

Figura 42 - *As Cereja*s de José de Almeida e Silva. Fonte: Literatura e Arte. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de out. 1925, ed. 241, p.10.


"A dôr de São Pedro", da exposição José de Almeida e Silva, no Gabinete Portuguez de Leitura.

Figura 43 - *A dôr de São Pedro* de José de Almeida e Silva. Fonte: Literatura e Arte. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de out. 1925, ed. 241, p.10.



Figura 44 - "Visitantes á Exposição do pintor português José de Almeida e Silva, no Gabinete Portuguez de Leiura, a qual tem obtido franco successo." Fonte: Acontecimentos da Semana. *Maça*, Rio de Janeiro, 17 de out. 1925, ed. 193, p.21.

2.1.21. Exposição de Prataria da Ourivesaria Aliança do Porto de 1925 no saguão da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro

Convém salientar que, na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, no ano de 1925 houve, novamente, uma exposição de ourivesaria promovida pela oficina Aliança do Porto. Diante disso, cumpre mencionar que existiram alguns períodicos que noticiaram tal evento, a começar com o jornal *O Paiz*. Na publicação referente aos dias 9 e 10 de novembro de 1925, *O Paiz* noticiou uma pequena nota sobre uma exposição de ourivesaria, bastante visitada, de uma importante "officina Alliança do Porto", por meio do representante Sr. Celestino de Motta Mesquita, com peças de arte decorativa que se destacaram entre medalhões, floreiras, jarrões, taças desportivas, tinteiros, bolsas, candelabros e demais peças de ourives[375]. Posteriormente, esse mesmo periódico divulgou duas notas a respeito da exposição, sendo a primeira mencionado o elevado número de vistantes[376] e a segunda informado alguns nomes de adquirentes que compraram peças

[375] Bellas Artes. Exposição de Arte Portugueza. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 9 e 10 de nov. 1925, ed. 14995-14996, p.4.

[376] "Continua sendo muito visitada a exposição de pratarias portuguezas e muitos e variados objectos artisticos que o senhor Celestino da Motta Mesquita, da ourivesaria Alliança, do Porto, está expondo no saguão da Associação dos Empregados no Commercio." Bellas Artes. Exposição de Pratas Portuguezas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1925, ed. 15008, p.5.

de ourivesaria expostas no certame, assim como foi divulgado a data do encerramento da exposição, 10 de janeiro de 1926[377].

Ademais, *O Jornal* publicou também uma nota acerca da exposição de ourivesaria, mas antes recordou que o Sr. Celestino de Motta Mesquita, proprietário da Aliança do Porto, também expôs no Pavilhão Português das Indústrias da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, no ano de 1922. Em seguida, a nota destacou algumas peças apresentadas nessa exposição de 1925, como um toucador em estilo Luís XVI; uma tradicional candeia portuguesa em estilo regional, salvas alusivas às glórias de Portugal e Brasil e dentre outras peças originais em filigranas[378]. Do mesmo modo, cabe ressaltar que essa mesma nota foi publicada nos jornais *O Paiz*[379] e *O Brasil*[380], tendo sido acrescentado a informação de que as pratarias portuguesas da Aliança do Porto, por conta do sucesso alcançado, ganhou o prémio *Grand Pix* na Exposição Internacional do Centenário de 1922.

Nesse sentido, informou também o jornal *A Noite* uma nota a respeito dessa exposição de prataria, que foi inaugurada no dia 01 de novembro de 1925 e contou com a presença de belos trabalhos de ourives, sendo ressaltado a reputação grandiosa da Ourivesaria Aliança do Porto nos mercados de arte a nível internacional, tendo novamente ressaltado a notoriedade com que alcançou na Exposição do Centenário da Independência do Brasil de 1922, no Rio de Janeiro, conforme

---

377 "(…) adquiriram objectos na Exposição de Arte Portugueza de Ourivesaria, aberta no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, a senhoria Ferreira, Sr. Julio Ottoni, Sra. Balthazar Pereira e Sra. visconde de Moraes, Dr. Andrade Figueira, coronel José Domingos Machado, Dr. Rodrigues Alves Filho, Dr. Alvaro de Carvalho, Annibal Medeiros, Dr. Joaquim de Barros, Manoel Barbosa, Francisco Medina, Dr. Pedro Franklin de Almeida Lima, Pool Kligard, Dr. Oscar Steveson, Ricardo Veiga, Francisco Albuquerque, doutor Jayme Darcy, Zeeferino de Oliveira, Dr. Joaquim de Barros, Manoel Soares Barbosa, Domingos Netto, Dr. Edgar Guaraná, Antonio Sequeira, Dr. Pereira Junior, A. Azevedo, Guappe Bonozzo, Antonio Silva, coronel J. L. Machado, Almeida Rabello, J. Rubens e S. Leitão. A exposição, varias vezes prorrogada em vista do seu exito, será definitivamente encerrada amanhã." Bellas Artes. Exposição de Arte Portugueza. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1926, ed. 15056, p.5.

378 Pratas Artisticas. Uma exposição da Ourivesaria Alliança do Porto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 2108, p.2.

379 A saber: "Amanhã, domingo, realiza o Sr. Celestino da Motta Mesquita, uma exposição de pratas portuguezas no saguão da Associação dos Empregados do Commercio. Já durante a Exposição Internacional do Centenario, no pavillhão portuguez das industrias, a ourivesaria Alliança, do Porto, de que o Sr. Celestino Mesquita é proprietario, deu uma das mais bellas mostras das pratarias portuguezas, tendo alcançado o "grand pix". Entre os novos trabalhos, destaca-se um toucador em estylo Luiz XVI, e uma tradicional candeia portugueza, estylo regional, além de algumas peças muito originaes em filigranas, sem contar com algumas das grandes salvas alusivas ás glorias de Portugal e Brasil, cujo sinzelado honra sobremaneira as pratarias portuguesas, integrando-as na Bella arte dos antigos lavrantes." Bellas Artes. Exposição de Pratas Artisticas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 14986, p.5.

380 Exposição de pratas artisticas. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 1270, p.8.

destacado na presente pesquisa[381]. Em seguida, sob essa mesma temática, *A Noite* em uma nota publicou o sucesso que essa exposição conquistou, haja vista os inúmeros pedidos para prorrogarem o encerramento do certame, tendo em conta o número elevado de pessoas a adquirirem os trabalhos da Ourivesaria Aliança do Porto, considerados peças de arte decorativa de grande valor artístico que, segundo a nota, são conceituados como da mais fina arte e do mais elevado valor que se prestam[382].

Também há uma nota publicada no periódico *Jornal do Brasil*, na qual destacou o sucesso da exposição e exaltou a ourivesaria portuguesa como sendo um dos estilos artísticos mais notáveis

---

381 De acordo com os dizeres da nota: "Será inaugurada no proximo domingo, 1 de novembro, no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, uma exposição de pratarias da Ourivesaria Alliança, do Porto. Parece que não é necessario dizer muito mais para chamar a attenção dos amadores de coisas de arte e dos apreciadores das bellas coisas para essa exposição de pratarias. E´ que tão grande é a fama que gosam os trabalhos de ourivesaria portuense, quanto o nome da Ourivesaria Alliança, o mais importante estabelecimento do seu genero em Portugal e um dos maiores de toda a Europa, com fama que, ha muitos annos já, ultrapassou as fronteiras do paiz irmão a amigo. Ainda uma vez, vamos ter o prazer de apreciar esses bellos trabalhos em filigrana e prata lavrada, trabalhos que parecem feitos por mãos de fadas, mas que, no fim, são feitos pelas mãos habilissimas de artistas, cujas gerações se vêm succedendo através dos seculos. Basta dizer, para se ter idéa do que vae ser essa exposição, que della constam algumas novidades, com um lindo, um maravilhoso e artistico Toucador, em estylo Luiz XVI, e uma tradicional Candela Portugueza, em estylo regional. Além disso, veremos grandes e minusculas e sempre originaes peças de filigranas, algumas das grandes salvas de arte, allusivas ás glorias de Portugal e Brasil, cinzeladas especialmente para o grande certamen da nossa Independencia e que tão grande successo fizeram, tendo alcançado e merecido o "Grand Prix". Mas, o melhor é não anteciparmos mais nada. Procure o publico, procurem os amadores de coisas de arte e os antiquarios ver o que é essa exposição que se inaugura domingo e que é devida ao Sr. Celestino da Motta Mesquita, o cavalheiro distincto que todos conhecem e admiram e que, graças ao seu amor ao bello e ao seu patriotismo, fez da Ourivesaria Alliança do Porto, um verdadeiro templo da arte." Exposição de pratarias artisticas. A Ourivesaria Alliança do Porto vae inaugurar no domingo um bellissimo mostruario dos seus trabalhos famosos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1925, ed. 5008, p.2.

382 A saber: "Mais algumas novidades acabam de chegar para a exposição aberta na Associação dos E. do Commercio. Devia ter sido encerrada no sabbado ultimo a bella exposição de pratarias portuguezas que a Ourivesaria Alliança do Porto, tem installada no saguão da Associação dos Empregados no Commercio. São, porém, tantos os pedidos recebidos pelo Sr. Celestino da Motta Mesquita, proprietario daquelle acreditado estabelecimento e presentemente entre nós, para que prorrogue o encerramento da exposição, que esta ainda permanecerá aberta por mais alguns dias. E´ que, como dizem os interessados, chegou o momento das Festas e do Anno Bom e ha ali uma grande infinidade de objectos da mais fina arte e do mais elevado valor que se prestam, como nenhuns outros, para presentes, desde os mais valiosos aos mais modestos. Só mesmo uma visita á exposição permitte fazer-se uma idéa das maravilhas ali accumuladas. Succede, além disso, que acabam de chegar muitos objectos de estylo regional portuguez, inclusive lindas moringas das Caldas da Rainha. Esses artigos, verdadeiras novidades para o Brasil, estão tambem sendo vendidos, como os demais, a preços irrisorios se os compararmos com o alto valor artistico e perfeitamente garantido que tem tudo que sáe das officinas, universalmente acreditadas, da Ourivesaria Alliança do Porto. Por mais algum tempo, ainda, póde, pois, o publico regalar a vista naquellas maravilhas da mais pura arte da ourivesaria portugueza. Regalar a vista e aproveitar a occasião excepcional para adquirir um objecto de elevado valor artistico." Exposição de Pratarias Artisticas Portuguezas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de dez. 1925, ed. 5060, p.2.

da nova renascença artística de Portugal.[383] Nesse mesmo sentido, o *Correio da Manhã* fez referência em uma nota publicada no dia 22 de novembro de 1925 ao ter afirmado que essa exposição é uma das mais artísticas dentro do seu estilo artístico[384].

Por fim e a título de conhecimento, o *Almanak Laemmert* publicou várias notas de rodapé em suas páginas, por diversas vezes, com o mesmo conteúdo, que infromou sobre a localidade da Ourivesaria Aliança do Porto que possui uma "filial, depósito e exposição" no Rio de Janeiro, no centro carioca, na Rua da Quitanda, nº. 96, 1º andar, com uma exposição permanente de diversos artigos de prata. Posto isto, é importante frisar que, por conta da Ourivesaria Aliança do Porto apresentar um local fixo no Rio de Janeiro, pode-se levar em consideração que nesse período houve uma estreita ligação entre Portugal e Brasil nesse ramo do mercado de artes[385].

2.1.22. Exposição António Carneiro de 1929 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro

Após 15 anos da sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro, António Carneiro retornou à capital do Brasil para expor novos trabalhos, ao todo foram 80 pinturas a óleo, aquarelas

---

[383] "Continua com um grande sucesso de visitantes a exposição de pratas artisticas e outros objectos de arte que a Ourivesaria Alliança, do Porto, está realizando no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, porque realmente a exposição é uma das mais artisticas que se tem realizado neste genero, aliás um dos mais notaveis da nova renascença artistica de Portugal." Bellas Artes. Exposição de Pratas Portuguezas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de nov. 1925, ed. 274, p.6.

[384] "Continua sendo muito visitada a exposição de pratarias portuguezas e muitos e variados objectos artisticos que o sr. Celestino da Mota Mesquita, da Ourivesaria Aliança, do Porto, está expondo no saguão da Associação dos Empregados no Commercio, porque realmente a exposição é uma das mais artisticas que se tem realizado neste genero." Exposição de Pratas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1925, ed. 9456, p.5.

[385] "Tem sempre em exposição n´esta filial a mais completa variedade de Prataria cinzelada, taes como: Faqueiros, Serviços para chá e café, Bandejas, Cestos para pão ou fructa, Fructeiras, Centros de mesa, Saladeiras, Galheteiros, Licoreiros, Canjirões, Garrafas, Canecas, Serviços de lavatorio, Candelabros, Floreiras, Jarras, Queijeiras, Biscoteiras, Guarda-joias de filigrana, Ditos de ébano com incrustações, Tinteiros, Compoteiras, Taças para premios sportivos, etc., além de varias peças monumentaes, de pura Arte Portugueza, que figuram na Exposição de 1922, aonde obtiveram a mais alta classificação. Primoroso sortimento de Joias e artigos de ouro de lei portuguezas." Ourivesaria Alliança do Porto. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, ano 1925, ed. A81 (8), p.786.

e desenhos, alguns com a temática religiosa[386] e outros com aspectos brasileiros, paisagens e retratos.[387] Desta feita, António Carneiro foi recebido pelo Sr. presidente da República, Washington Luis, em uma audiência especial para consagrar oficialmente a sua exposição como sendo um grande evento artístico da cidade do Rio de Janeiro[388]. Nesse sentido, a exposição foi inaugurada no dia 18 de agosto de 1929 na Galeria Jorge, tendo sido destacado as qualidades artísticas do pintor luso pela imprensa local, bem como ressaltada algumas obras do autor, quais sejam: *O Grande*

---

[386] Sobre os aspectos da exposição e o traço religioso em algumas obras do artista, o *Jornal do Brasil* publicou a seguinte nota: "A Galeria Jorge, está prestando mais um relevante serviço ás bellas artes, com a organização da grande exposição de quadros do afamado artista portuguez Sr. Antonio Carneiro, que actualmente offerece á admiração do publico carioca numerosos trabalhos a oleo, aquarella e desenhos. O Sr. Antonio Carneiro, é um pintor consagrado, cujas obras são conhecidas e devidamente apreciadas em Portugal e em alguns paizes europeus. Era necessario que o notavel artista trouxesse ao Rio de Janeiro os seus magnificos quadros para que alguns dos nossos pintores, alumnos da Escola de Bellas Artes, os collecionadores nacionaes e quantos amam a boa pintura, tivessem ensejo de estudar o genero do brilhante mestre lusitano. Entre os quadros do Sr. Carneiro destacam-se os interiores de egrejas, com os extraordinarios effeitos de luz e de sombras a reproducção fiel, em seus minimos detalhes das decorações, dos pulpitos, altares, sacristias, claustros, naves, capellas. Nesses trabalhos, sente-se o ambiente religioso, a impressionante paz dos templos. A collecção do sr. Antonio Carneiro, comprehende muitas paisagens, recantos de aldeias, vistas de edificios antigos e aspectos pittorescos e encantadores de Portugal. Em todos os trabalhos do illustre artista, observa-se uma perfeição incomparavel no desenho e no colorido. Os quadros do Sr. Carneiro agradaram muito as numeroras pessoas que assistiram á inauguração da exposição." Bellas-Artes. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1929, ed. 199, p.8.

[387] A saber: "(…) O nome do illustre pintor dispensa-nos de dizer o que é e o que só espera de uma mostra dos seus trabalhos. Seu grande talento, sua technica, seu sentimento de homem e de artista, já conhecidos no Rio, onde elle esteve em 1914, constituem uma verdadeira alegria para os que amam a arte e vão ser um motivo de insopitavel emoção para os que o não conhecem. A exposiçao do Professor Antonio Carneiro compreenderá 80 trabalhos a oleo, aquarela e desenho, e nella figuram varios aspectos do Rio de Janeiro, que o grande artista esboçou quando aqui esteve e a que a sua arte deu mais vida na evocaçao que o seu temperamento lhe suggeriu." Notas de Arte. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1929, ed. 196, p.6.
Sobre as obras, há também uma outra nota publicada, qual seja: "Antonio Carneiro, o grande mestre portuguez, inaugura sua exposição na proxima segunda-feira. Essa annunciada mostra de arte vem despertando immenso interesse em nossos circulos sociaes, onde de ha muito é admirado o pintor magnifico de <<Camões lendo <<Os Lusiadas>>, aos Frades de São Francisco>>. Por Signal que essa grandiosa concepção será pela primeira vez exhibida no Brasil, devendo causar profunda impressão. Antonio Carneiro tambem exhibirá muitas outras obras de arte sahidas de seu magnifico pincel, que tantas obras primas tem produzido. Além de télas de assumptos portuguezes, Antonio Carneiro mostrará na Galeria Jorge aspectos brasileiros, paisagens e retratos. Em summa, vai ser uma grande exposição essa da Galeria Jorge, um esplendido acontecimento artistico." Bellas-Artes. Exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1929, ed. 193, p.10.

[388] "Após quinze annos de ausencia, o grande pintor portuguez Antonio Carneiro está de novo no Rio. Vamos ter o imenso prazer de rever, assim, a gloria do eminente artista na contemplação de cerca de cem trabalhos seus que, a começar de amanhã, estão expostos na Galeria Jorge. Acompanhado do nosso prezado collega do Annuario do Brasil, o Dr. Alvaro Pinto, o illustre pintor, em pessoa, teve a gentileza de nos vir participar e convidar para o acto inaugural de sua mostra de arte. Recebido, em audiencia especial, pelo Sr. Presidente da Republica, Antonio Carneiro teve de S. Ex. a promessa de que comparecerá á exposição, sagrando-a desse modo, officialmente, como um grande acontecimento artistico da capital." Artes e Artistas. Inaugura-se amanhã, na Galeria Jorge, a Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1929, ed. 16373, p.4.

Orgão, *O Pulpito*, *Nave Lateral esqueda*, *A Bahia (vista de Santa Teresa)* e o *Leme*[389]. Ainda mais, a mesma nota destacou duas obras de António Carneiro: *São Francisco de Assis* e *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco*[390]. Além disso, o *Jornal do Commercio* publicou uma nota extensa do escritor luso-brasileiro João Luso, que fez uma análise crítica sobre a coleção das obras expostas na Galeria Jorge, por meio também de uma visão poética, que ao final da nota António Carneiro foi coroado como um grande artista que conseguiu juntar duas individualidades, poeta e

[389] Sobre o artista António Carneiro e a avaliação das suas obras expostas no certame: "(…) eminente pintor que tanto se aproxima da natureza por uma extrema simplicidade, como é possuidor de uma technica perfeita e de conhecimentos profundo de desenho, tudo de flagrante vibração. E´ um artista que tem, no seu pincel, uma verdadeira *baguette* de fada, capaz de transformar em realidade, todos os sonhos do seu temperamento de poeta. Nelle se evidencia a vivacidade das concepções como se registra a maneira magica de graduar as tintas de um modo que satisfaz á critica mais exigente. Na plenitude do seu talento o Professor Carneiro tem na originalidade dos seus trabalhos, a severidade e a grandiosidade da sua arte honesta e são estas as qualidades que mais resaltam na maioria das telas que hontem offereceu ao nosso publico, num conjunto esplendido. São estas qualidades que mais avultam no magnifico trabalho "O Grande Orgão", (n.2, no seu catalogo). E´uma tela indiscriptivel na magestade de sua apresentação. Só um artista completo será capaz de traduzir, num quadro a magestade daquelle instrumento, na sua maxima expressão, com um fundo tão cheio de mysterio. Quando de verdade, naquelle fundo que elle compõe expressamente para fazer resaltar a figura do antigo instrumento da igreja de S. Bento, do Porto. Compondo o quadro nos detalhes indispensaveis á vida do ambiente, lá está o relevo das colunmas do interior do templo, em que a paleta do artista lhe dá o colorido, todo seu, a offerecer-nos, aos olhos, o espetaculo da realidade. "Grande de Orgão" é um quadro que basta para fazer o nome de um artista. Depois deste vem "A porta do Côro" em que o artista reproduz a joia de belleza architectonica que é o interior da igreja de São Bento; vem ainda "O Pulpito" (n.7), da igreja de São Francisco, onde se repete o milagre da luz, na magia de sua distribuição tranquila, a animar os detalhes. E vem a "Nave Lateral esquerda" (n. 9), confirmando a technica do artista. Outros tantos quadros a oleo são tantas affirmações das qualidades do artista, cuja figura, dentro de uma modestia carinhosa e meiga, não sente, certamente, a aureola em que o envolvem quantos lhe contemplam a obra e o olham com respeito e admiração silenciosa, depois do extase que lhes provocam os seus quadros. As aquarelas do Professor Carneiro transportam-n´o para um outro terreno da sua arte. Mas ainda ahi elle é um illuminador de espaços e é modelar na verdade e na vida que transmitte aos seus trabalhos. Aspectos do Rio de Janeiro tentaram-n´o tambem e nos quadros que aqui compoz estas qualidades se affirmam como na tela n. 48 - "A Bahia (vista de Santa Teresa)", o "Leme" (n. 59). Nestes quadros o artista sente a nossa natureza, inunda-a de luz e tradul-a na transparencia do ar, nas areias das praias, na indomita revolta das aguas. Numa exposição em que figuram 80 telas, é de ver a difficuldade de referencias especiaes a tanto trabalho. Será preciso ver tudo porque tudo apresenta o cunho do genio artistico do Sr. Carneiro." Notas de Arte. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19-20 de ago. 1929, ed. 198, p.6.

[390] A mesma nota anterior finalizou com a menção dessas duas obras, a saber: "(…) Mas, antes de terminar, não se póde deixar de registrar a emoção que, entre os desenhos, causa o "São Francisco de Assis", em que ha o mais sensivel movimento da figura do santo, em que se nota como que uma vida transmittida ao observador pela attitude da figura, pelo pannejamento do seu habito e pela expressão magnifica da cabeça do santo. E, para ponto final, o "Camões lendo os Luziadas aos frades de São Domingos". E´ um quadro de grandes proporções, servindo para dar a idéa dos recursos da technica do artista a vencer as difficuldades inherentes á natureza da composição. A luz que o Sr. Antonio Carneiro faz jorrar pela esquerda, as 22 figuras em que o desenho tem o maior rigor, as attitudes dos frades em tão grande numero sem monotonia das expressões, são maravilhas da concepção grandiosa de tratar o assumpto, da originalidade do pintor que teve, de certo, na tarde de hontem, perante assistencia numerosa e selecta, um dos melhores ditos da sua vida de artista." Notas de Arte. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19-20 de ago. 1929, ed. 198, p.6.

pintor, em uma só obra - *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco* -(fig.45).[391]

[391] De forma poética, o escritor luso-brasileiro Armando Erse de Figueiredo, que foi também um dos membros estrangeiros da Academia Brasileira de Letras, mais conhecido como João Luso, em homenagem ao local aonde nasceu, Lousã, Portugal, publicou uma nota a respeito da exposição de António Carneiro. A matéria ressaltou a personalidade artística do pintor e a forma como ele transmitiu em suas telas o olhar do que viu e sentiu, sendo analisado algumas obras que estiveram presentes no certame, além de ter informado o sucesso da frequência de público e sua reação frente às obras. Posto isto: "Antonio Carneiro é o mais poeta de todos os pintores. As suas obras falam directamente ao coração. Todas ellas accusam a commoção, o enlevo, a phase sentimental em que foram concebidas e executadas. A primeira impressão que se tem, ao olhal-as, impressão que logo se arraiga, se robustece, para dominar e ficar, é a duma pura intimidade. O artista observou tudo aquillo nos lugares por onde nós andamos, a horas em que qualquer outro lá poderia estar… Mas tudo para elle tem especial significação e tudo elle traduz em fórmas originaes. (…) Desde que o aspecto, magnifico ou humilde, o attrahia, passa o artista a contemplal-o principalmente dentro de si proprio. O seu trabalho é sempre um recolhimento. Ha em toda a sua obra uma expecie de extase. E assim, para compreendermos e verdadeiramente vermos os quadros de Antonio Carneiro, precisamos de ficar sozinhos diante delles, como o pintor-poeta ficou diante da grande e da belleza que lhos inspiraram. (…) O exito deveras excepcional que, no primeiro dia, levou todo o Rio intellectual e artista á Galeria Jorge, não diminuiu nas tardes seguintes e nem tão cedo se deverá attenuar. O triumpho converteu-se em romaria. O artista, se chegasse a sahir um momento do seu refugio espiritual, teria razão para se sentir orgulhoso… (…) Ha visitantes que admiram em voz; outros que examinam, esmiuçam, separam pormenores e particularidades, (…); outros ainda que fazem perguntas ostentosas ou proclamam com arrogancia e desafio às suas preferencias, ou se alongam em recordações pessoaes daquelles sitios e daquelles objectos, ou divagam, se afastam e se perdem, e inesgotavelmente papagueiam doutras coisas… (…). Os proprios quadros da exposição offerecem a quem nelles bem attente o exemplo magnifico do silencio. Antonio Carneiro passou dias de peregrina emoção criadora na vastidão destas naves tranquillas, na nostalgia destes claustros desertos, detido á porta destes coros que se immundam, se impregnam de penumbra, interrogando o ambiente destas capelas apagadas, invocando o mysterio destes mudos altares…Levou nas cathedraes, nas sés e nos mosteiros uma vida accendradamente religiosa. A sua maneira de pintar corresponde a uma forma de rezar. Assim elle cultua, em telas successivas, a idéa divina a que, sendo monge ou abade, dedicaria a maior parte do seu tempo e o melhor da sua alma, em orações sobre orações. Não ha devoção superior á que se revela na factura destes interiores de templo, que diriamos estudados e executados de joelhos. As lages frias, desgastadas pelas anciedades e o arrependimento de muitas gerações; as paredes que ouviram e guardam a pureza e a tristeza das preces; os pulpitos donde, através dos seculos, cahiram as verdades immortaes; os confessionarios, que são abysmos onde os erros e as miserias sinceramente confessados se afundam e desaparecem; os lustres refulgentes e sagrados como constelações - tudo o artista trata como a uncção dum sacerdote que celebra um rito. O seu pincel trabalha lentamente, levemente, levado por esse mixto de jubilo e de temor com que se deve tocar nos objectos sagrados. O *Grande Orgam* adquire, na pureza das grandes linhas e na magnificiencia dos tons amortecidos a expressão dum monumento erguido sobre a ternura das multidões. Dentro delles, devem morar, e realmente moram as vozes dos que ali foram supplicar ou agradecer, entoar queixumes ou louvores - vozes agora convertidas numa alma unica, cheia de harmonia. Outros symbolos augustos se nos deparam na *Sachristia*, onde os officiantes meditam e se preparam, como na ante-camara de Deus; no *Coro*, com as suas paredes retalhadas em pinturas biblicas; na *Cancella de talha*, por onde o formão e agoiva andaram compondo uma expecie de renda, tão airosa e tão doce como a da toalha dos altares; dos *claustros* banhados de sol ou recebendo a luz ainda vaga dos dias que nascem ou já mortiça das tardes que declinam… E é por toda a parte o mesmo sentimento contemplativo, e o mesmo envolvente mysticismo. Antonio Carneiro pinta-se a si mesmo e continamente se revela, seja qual fôr o genero ou o assumpto dos seus quadros. Dentro das duas telas da *casa do poeta Teixeira Paschoaes*, instantaneamente se advinha o que elle pensou e sentiu, naquella sala de jantar antiga, com a pesada, sollene mesa, em torno da qual as famillas se succederam persignando-se e concentrando-se um momento em Deus, antes de saborear o caldo e o pão da sua misericordia, e houve um regozijo, uma festa na alma do pintor, ao dar com aquella porta rasgada para o sol, vibrando e exultando sob a benção espadanante do sol! O mesmo factor de intimidade se nota na composição e ajustamento das figuras na eloquencia differente e tão accentuada cada retrato. Veja-se physionomia de Guerra Junqueiro e recorde se as outras imagens photographia ou pintura, do criador dos tercettos de Nun´Alvares, da *Patria*, e das orações que,

392

[392] á maneira de cantigas, resoam nas paginas dos *Simples*. Este aqui é o Junqueiro com quem o pintor se deu e se familiarisou, ou antes, é esta a sua maneira de exaltar e venerar Guerra Junqueiro. O poeta surge do fundo negro da tela - negro como a noite de dor e de miseria em que o seu genio se annunciou - com a fronte larga e ardente, como a estalar, força pela vastidão e o tumulto das suas concepções; o olhar em febre que, depois de haver sorpreendido os mysterios da Vida, se baixa e se recolhe, para dar logar á meditação; a barba robusta e humilde, de propheta ou de mendigo, em que ainda o nariz resalta, agudo, impetuoso, farejador de destinos, e todo e resto da physionomia se afaga e se perde… E´a figura que Antonio Carneiro se habituou a cultuar, vendo nella a alma do poeta, soberba e sofredora, gloriosa e ansiosa, illuminada de gloria, levada através das suas epopéas e dos seus idyllios, numa rajada de duvidas sem fim… O "crayon" de *S. Francisco de Assis* deve ser futuramente um grande quadro e uma das obras de Antonio Carneiro mais caracteristicas, mais significativas. Esse desenho tem o valor de fixar um momento incomparavel na vida do monje sublime, o instante mesmo, quem sabe? - em que elle se alçou da condição humana, transformando-se em santo. E ´quando o Religioso de Assis faz a total renuncia á vida terrena e parte, de fronte erguida como a escutar a voz do Ceo que o envia, espalmadas as mãos onde se abrem as chagas sacrosantas, os braços abertos para abranger a vida do Universo - já illuminado, já milagroso, por entre o esvoaçar dos passaros seus irmãos, como elle exaltados no louvor de Deus, como elle livres, e inspirados, e pobrezinhos… Toda a figura se embelleza e se engrandece, no seu arroubo… O *poverello* vao partir. E o mundo o espera para se envolver e se revestir da poesia da sua alma! Antonio Carneiro é sempre o mesmo artista, nas concepções profundas como nos singelos devaneios. Na sua fantasia mesma, domina o toque, o sopro da intimidade. Os seus retratos a sanguina, leves e na apparencia tão faceis, na verdade pensam, sentem, vivem no sentido intimo do verbo. As suas aguarelas, em que parece ter o pincel perpassado, como a asa duma borboleta, ligeirissimo e quanto mais examinadas mais claramente accentuam outros tantos estados da alma. Assim ellas nos consolam e alegram, ou nos levam á meditação, ou nos fazem suspirar de saudade… E tudo isto, paisagens, interiores, retratos, nos vae preparando a sensibilidade, e nos vae impondo uma especie de solidariedade emotiva para chegarmos á grande tela *Camões lendo os "Lusiadas" aos frades de São Domingos*. Deante de tal scena, não ha, supponho eu, espectador que se não transporte mentalmente para dentro della. Ser um daquelles religiosos para acolher a dadiva das estrophes resoantes como o bronze, nos ouvidos, nos nervos, em plena alma…Como que o auditorio se desvanece, se anulla ante a immensidade de tal revelação. São pessoas que chegam a confundir-se numa só attenção e num preito unico ao cantor excelso, Camões que alteia o corpo esgalgado e nervoso, ergue bem a cabeça predestinada, segura com a mão esquerda, á altura do coração, as folhas sagradas da epopéa, e com a direita lançada num gesto poderoso abre aos seus versos o caminho da posterioridade. Por trás do poeta, e para além das arcadas do convento, esplende e triumpha o sol. E´já a gloria que o envolve e o elege para todo o sempre. E ainda nesse quadro, apesar das exigencias de technica que a magnitude e a complexidade do assumpto comportavam, Antonio Carneiro soube affirmar com igual nobresa as duas individualidades: a do poeta e a do pintor." As duas notas foram retiradas *Jornal do Commercio*. Folhetim do "Jornal do Commercio". Dominicais. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de ago. 1929, ed. 203, p.2.



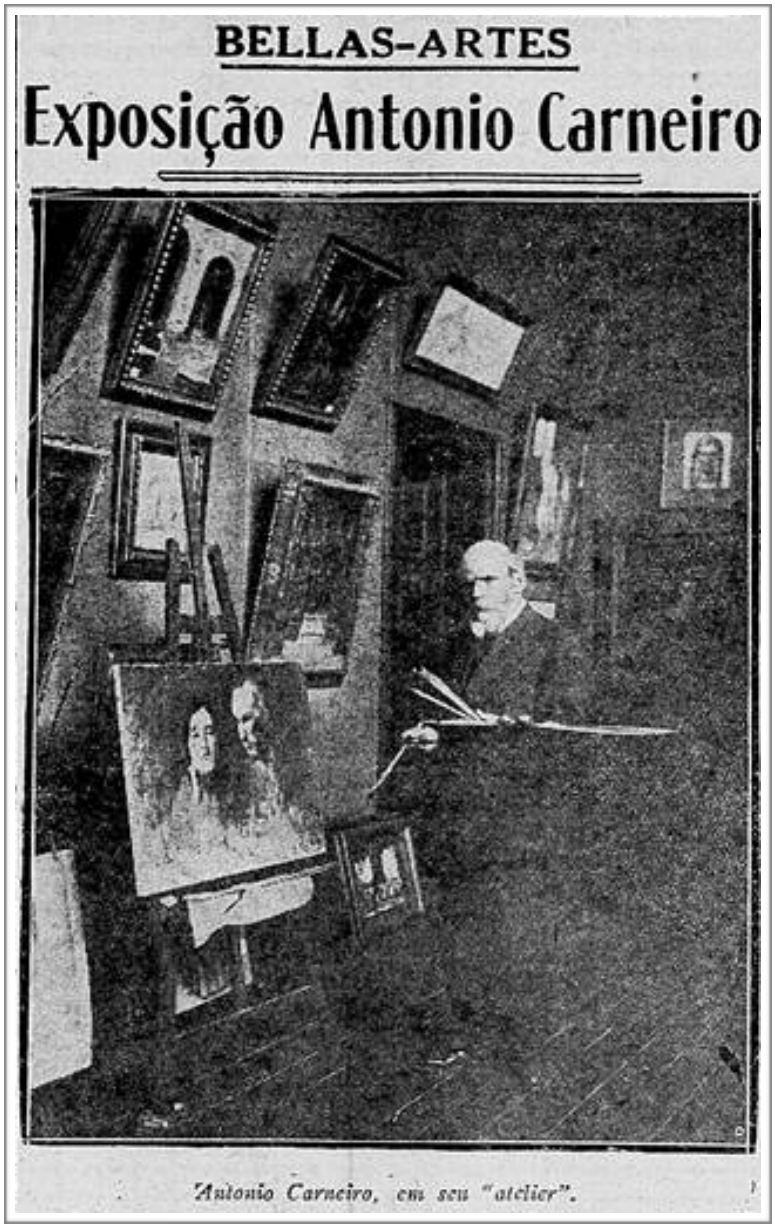
Figura 45 - *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco* de António Carneiro. Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Camões_Lendo_«Os_Lus%C3%ADadas»_aos_Frades_de_São_Domingos_(António_Carneiro)>.

Por fim, quase um mês depois da abertura da exposição, o periódico *O Jornal* em uma nota divulgou o balanço positivo sobre a repercussão da exposição, tendo constatado o elevado número de peças adquiridas e afirmado também ser António Carneiro um grande artista da figura e dos

interiores. No final da nota, há a menção do destino de duas obras do artista português: *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco* e *O retrato de Guerra Junqueiro*.[393]

Por fim, a *Gazeta de Notícias* de forma ilustrativa publicou uma fotografia do artista António Carneiro em seu *atelier* (fig.46).

[393] Nesse sentido: "O exito da exposição de trabalhos do pintor Antonio Carneiro foi dos mais brilhantes. O grande artista da figura e dos interiores maravilhosos, deve estar com a alma confortada pela justiça com que a critica e o publico o acolherem. Muitas télas já foram adquiridas e outras o serão ainda, pois a exposição prosegue franqueada na "Galeria Jorge", á rua do Rosario, proximo á Avenida Rio Branco. A´ grata nova de que um grupo de amigos do Gabinete Portuguez de Leitura promovia a incorporação da téla "Camões lendo os Luziadas aos frades de S. Domingos", ao patrimonio artistico dessa instituição, podemos accrescentar outra informação não menos agradavel. O retrato de Guerra Junqueiro, que faz parte da exposição Antonio Carneiro, talvez seja adquirido pela Academia Brasileira. E´ uma feliz inspiração. Esse retrato é, positivamente, uma joia de fino lavor. Antonio Carneiro é, por excellencia, o artista do retrato, o formidavel prescrutador de almas, exteriorizando-as em paginas de belleza e de psychologia. O retrato de Guerra Junqueiro, unico para o qual o genial poeta posou, constitue um dos trabalhos mais fortes do artista que ora nos visita." Exposição Antonio Carneiro na "Galeria Jorge". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1929, ed. 3316, p.5.
Convém ressaltar que a versão original da obra *Camões lendo "Os Lusíadas" aos Frades de São Domingos* está localizada na Casa-Oficina António Carneiro, sendo que uma das versões criadas pelo artista encontra-se na Pinacoteca do Estado de São Paulo. CARNEIRO, Antônio. *Camões lendo Os Lusíadas aos frades de São Domingos*. Casa-Oficina António Carneiro. Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/cultura/museus-e-arquivos/casa-oficina-antonio-carneiro>. Acesso em 29 de ago. 2018; CARNEIRO, Antônio. *Camões lendo Os Lusíadas aos frades de São Domingos*. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/> Acesso em 29 de ago. 2018.
Enquanto a obra *O retrato de Guerra Junqueiro* encontra-se no Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto. CARNEIRO, António. *O retrato de Guerra Junqueiro*. Museu Nacional de Soares dos Reis. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20antónio%20carneiro:%20prémios/homenagens/obras/exposições> Acesso em 29 de ago. 2018.


BELLAS-ARTES

Exposição Antonio Carneiro

Antonio Carneiro, em seu "atelier".

Figura 46 - António Carneiro em seu *atelier*. Fonte: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1929, ed.193, p.10.

2.1.23. Exposição Rodolpho Pinto do Couto e Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto de 1929 na Galeria Jorge do Rio de Janeiro

Discípulo do escultor Teixeira Lopes, o artista luso Rodolpho Pinto do Couto viveu por muitos anos no Brasil[394], e juntamente com sua esposa Nicolina realizaram diversas exposições

---

394 Rodolpho Pinto do Couto nasceu no Porto em 1888 e frequentou desde jovem o atelier de Teixeira Lopes localizado em Vila Nova de Gaia. Anos mais tarde cursou a Escola de Belas Artes do Porto, local aonde teve ensino de Desenho Histórico (1898-1904) e Escultura (1901-1906). Em seguida com apoio financeiro de visconde de S. João da Pesqueira, Dr. Leopoldo Mourão e, mais tarde, D. Manuel II, o artista portuense seguiu destino a Paris e frequentou centros de estudos artísticos dos atelieres de Antonin Mercié (1845-1916) e Paul Richet (1849-1933), como também participou de conferências no Museu do Louvre e cursos de arte na Sorbonne, além do *Salon* entre os anos de 1910 e 1911, momento em que conheceu a escultora brasileira Nicolina Vaz de Assis. Ambos se casaram e Rodolpho Pinto estabelece, no primeiro momento, residência no Brasil. Rodolpho Pinto do Couto: Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em:<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rodolfo%20pinto%20do%20couto>. Acesso em 01 de set. 2018.
Para Adalberto Pinto de Mattos, "Rodolpho Pinto do Couto é, sem o menor favor, um dos grandes artistas escultores do Portugal contemporâneo. Veio para o Rio de Janeiro há um bom par de anos, aqui ficando e constituindo família, pois contraiu matrimônio com a distinta escultora patrícia D. Nicolina Vaz Pinto do Couto. Dentre os artistas portugueses residentes no Rio de Janeiro, é, fora de qualquer dúvida, o mais forte e o mais operoso." JUSTO, Fernanda; SILVA, Cynthia Dias da; VALLE, Arthur (org.). "Artistas portugueses no Rio de Janeiro", de Adalberto Mattos. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/apb_am/apb_am_05.htm>. Acesso em 01 de set. 2018.
Há de se convir que além de Teixeira Lopes ser o autor dos portões de bronze da frontaria da Igreja da Candelária no Rio de Janeiro, conforme supracitado, em 1931 Rodolpho Pinto do Couto também deixou a sua marca na igreja, sendo autor dos púlpitos de bronze em estilo *art nouveau*. Não somente essa obra o artista deixou no Brasil, mas também, segundo consta na sua biografia publicada na Universidade do Porto: o monumento a Eça de Queiroz (1923) no Rio de Janeiro; o monumento funerário do senador Pinheiro Machado (1923), no cemitério da Santa Casa de Porto Alegre, e o grupo escultórico no Cemitério da Consolação (S. Paulo). Além do mais foi sócio de vários aparelhos institucionais portugueses no Brasil, a saber: "(…) No Rio de Janeiro, foi sócio honorário da Real e Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência, do Clube Ginástico Português, do Liceu Literário Português, da Obra de Assistência aos Portugueses Desamparados, do Real Gabinete Português de Leitura. Foi, ainda, benemérito da Biblioteca Central de Educação. Colaborou no projeto de organização de um museu histórico da cidade e foi redator da Revista mensal ilustrada *Artes Sacras*. Em S. Paulo, foi membro da Sociedade de Cultura Artística, do Clube Português e da Associação Paulista de Boas Estradas; sócio honorário da Associação Portuguesa de Socorros Mútuos Sacadura Cabral/Gago-Coutinho e do Clube Republicano Português. Contribuiu para a reformulação dos estatutos da Associação dos Artistas, Jornalistas e Homens de Letras. Foi convidado a participar no projeto de criação de uma escola paulista de artes e foi secretário-geral da Grande Comissão Permanente de Homenagens Póstumas à Memória de Carlos Campos." Rodolpho Pinto do Couto: Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em:<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rodolfo%20pinto%20do%20couto>. Acesso em 01 de set. 2018.
Pode-se afirmar que, possivelmente, Rodolpho Pinto do Couto é um dos artistas portugueses mais abrasileirados que possa ter passado pelo país, não pelo estilo artístico propriamente dito, mas sim pelo contributo que deixou no Brasil, conforme aludido acima. Com o fim da estadia no Brasil, em 1936, o artista portuense levou o país consigo para Portugal, haja vista ter sido secretário-geral do Grupo de Estudos Brasileiros no Porto e subdelegado no norte de Portugal da maior organização jornalística do Brasil – "Diários Associados". Rodolpho Pinto do Couto: Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em:<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rodolfo%20pinto%20do%20couto>. Acesso em 01 de set. 2018.

pelas cidades brasileiras durante a sua carreira artística, como a de 1918 em Porto Alegre[395] e a de

[395] Há duas pequenas notas publicadas em jornais cariocas sobre esse certame, a saber: "O esculptor portuguez Sr. Rodolpho Pinto do Couto, residente ha annos no Rio, e sua esposa, a esculptora brasileira D. Nicolina Vaz Pinto do Couto, acham-se actualmente no Rio Grande do Sul, expondo em Porto Alegre grande numero de seus optimos trabalhos. Temos sob nossos olhos o catalogo desse certamen, amplamente illustrada contendo tambem alguns dados biographicos dos expositores. São, afinal, bastante nossos conhecidos e apreciados os esculptores, que ora se fazem apreciar na capital sul-rio-grandense, para aqui nos detenhamos em outras referencias." Exposição Pinto do Couto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 de mar. 1918, ed. 2259, p.5.
A outra nota mencionou algumas obras que foram exibidas, a saber: "Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul tem alcançado um ruidoso successo a exposição do conhecido esculptor Rodolpho Pinto do Couto. E´um justo successo. O artista do "Juventude", é portuguez, e foi discipulo do grande esculptor luso Teixeira Lopes. Vivendo ha annos no Brazil, Pinto do Couto, portador de muito talento, trabalhador, têm-se revelado um artista magnifico, já expondo com successo no nosso "Salão", onde ainda no anno passado teve medalha de prata, já executando varios monumentos e outras obras apreciaveis, dahi o conceito que gosa no nosso meio artistico. Em Porto Alegre, Pinto do Couto expõe a "maquette" definitiva do monumento funerario de Pinheiro Machado, "Cabeça de expressão", "dr. Julio de Castilhos", "Tolstoi", "Velho Mestiço", "Cabeça de Velha", "Benjamin Flores", "Ernesto Senna", "Cabeça de Velha", "Crucifixo", "Barão Homem de Mello", "Velho varredor", "maquette" do monumento a ser erguido a Eça de Queiroz no Rio e outros. O exito do "certamen" de Pinto do Couto é assim muito justo e já esperado. Com o esculptor do "Cabeça de Creança", expõe tambem sua esposa a distincta esculptora d. Nicolina Vaz Pinto do Couto. Entre outros mostra d. Nicolina: "A primeira carta", "Adormecida", "Menino Jesus", "Christo", "Ao abandono", "Pedra d´Encanto" e "Lucy". Vida Artista. Exposição Pinto do Couto em Porto Alegre. *Lanterna: Diario Vespertino*, Rio de Janeiro, 01 de abr. 1918, ed. 396, p.2.

1929 em São Paulo[396], fora a participação em certames coletivos, como nas Exposições Gerais de Belas Artes do Rio de Janeiro, cujos prémios de medalha de prata ganhou nos anos de 1913 e 1918,

[396] Segundo o jornalista e diretor de redação do Jornal do Commercio do Estado de São Paulo, Alfredo Mário Guastini, que conheceu de perto o escultor Pinto do Couto, publicou uma nota na qual teceu alguns cometários sobre a evolução da qualidade artística de Pinto do Couto até realizar, pela primeira vez, em São Paulo, na Esplanada Hotel, a sua exposição individual, a saber: " (…) Das manifestações da sua arte logrará apenas ter visto algumas photografias de bustos e duas ou tres cabeças que não me permitiam formar juizo exacto do seu valor. Devo mesmo dizer que nenhuma confiança depositava na capacidade criadora e na capacidade artistica do distinto cavalheiro. (…) Certa vez, ha já uns dez annos, se a memoria não me falha, fui procurado, á noite, na minha sala de trabalho, pelo Sr. Rodolpho Pinto do Couto, então de passagem por S. Paulo, onde viera a serviço. Mostrou-me, nessa occasião photographias do monumento a Pinheiro Machado, mandado executar pelo Governo do Rio Grande do Sul. Achei o trabalho optimo, embora me parecesse algo carregado. Manifestei essa minha opinião ao artista que desenvolveu larga argumentação para demonstrar a improcedencia das minhas despretenciosas observações. (…) Conversámos. Mas, essa palestra tomou o caracter de minuciosa investigação. Desandei a formular perguntas sobre perguntas. Desejei conhecer os methodos de trabalho do artista, a sua escola, os seus mestres. Teixeira Lopes disse-me elle. A declinação do nome do eminente estatutario portuguez fez com que o olhasse com maior interesse e com maior interesse acompanhasse as peripecias da sua vida artistica. Ao cabo de meia hora, a antipathia cedera lugar á sympathia, mas, ainda assim, mantinha duvidas acerca do seu valor. Depois, mais tarde, Pinto do Couto fixou residencia em São Paulo, onde sua Senhora, a conhecida esculptora Nicolina, antiga pensionista de São Paulo na Europa, installou magnifico atelier, que nunca visitei e que conheço através da palavra de amigos. (…) De uma feita, porém, não me recordo se numa das dependencias do Lyceu de Artes e Officios ou onde, encontrei Pinto do Couto a trabalhar num busto: o do grande cirurgião Arnaldo Vieira de Carvalho. Magnifico, esplendido, fidelissimo, sem que a fidelidade compromettesse a obra de arte. Era muito pouco, porém. Um unico trabalho pôde, não ha duvida, sagrar definitivamente um artista, mas quando esse trabalho é obra criadora. O retrato será um attestado de capacidade, mas nunca a prova real do valor de um plasmador. Precisava mais. E até que esse mais não viesse, mestre Pinto do Couto não passaria de apreciavel retratista… E o mais veio. Veio confundindo-me. Ao cabo de longos mezes de trabalho silencioso e exhaustivo, Pinto do Couto, pela primeira vez em São Paulo, realisou sua exposição, num dos magnificos salões do Esplanada Hotel. Não é, em rigor, uma exposição: é um museu. Mais de duzentos marmores e bronzes ali estão a provocar a admiração de uma multidão elegante e entendida. Nesses duzentos e tantos trabalhos, Pinto do Couto revela-se artista forte e vigoroso. As suas cabeças, os seus grupos, põem a gente em contacto com um esculptor de marca, com um estatuario que brilharia nos mais austeros salões de arte do velho mundo, onde os mestres se contam ás duzias. As suas figuram vivem e palpitam, faltando-lhes apenas a palavra. E não sei se Pinto do Couto, no socego do seu atelier, já não terá imitado Michelangiolo, pedindo ao seu mamore que falasse. Na exposição de Pinto do Couto e de Nicolina, pois esta tambem concorreu com as suas obras na mostra do valoroso companheiro, não se póde descer ao detalhe. Se uma cabeça é menos fiel, outra, gritando com a força dos seus musculos e fitando-nos com a agrudeza do seu olhar, estabelece, logo, o equilibrio. Eu não saberia o que escolher e para sair do embaraço ficaria com tudo, com o proprio esculptor que hoje, depois de grande e memoravel prova, acceito, sem restrições (…). Ignoro se o magnifico artista tenciona exhibir seus trabalhos no Rio. Se o fizer, estou certo, provocará o mesmo enthusiasmo que provocou em São Paulo, terra onde os aplausos não são nada faceis." A obra de um esculptor. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 de out. 1929, ed. 257, p.3.
Sobre essa exposição do casal em São Paulo, não há tanta divulgação na imprensa como apontou Dra. Ana Paula Nascimento: "A exposição de esculturas do casal Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto e Rodolpho Pinto do Couto parece que não despertou grande interesse por parte da crítica e do público, pois poucas são as informações encontradas nos periódicos paulistanos do período a respeito da mostra e não há nenhuma menção às vendas – tão comum nos jornais daquela época." NASCIMENTO, Ana Paula. *A Discreta Presença dos Artistas Portugueses na Cidade de São Paulo (1900-1930)*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, p.32.

sendo atribuída a medalha de ouro ao escultor em 1922, na Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil[397].

Nesse sentido e de acordo com a exposição em análise, Pinto do Couto e sua esposa Nicolina expuseram a coleção de suas obras, com mais de 100 trabalhos de bronze e mármore na Galeria Jorge do Rio de Janeiro, inaugurada no dia 20 de dezembro de 1929[398] e encerrada no dia 25 de janeiro de 1930[399], tendo inclusive sido convidado o presidente da República, Washington Luis[400]. É oportuno frisar que alguns trabalhos não foram tão bem avaliados pelo crítico de arte

---

397 Rodolpho Pinto do Couto: Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em:<https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rodolfo%20pinto%20do%20couto>. Acesso em 01 de set. 2018.

398 "Será, hoje, inaugurada, ás 2 horas da tarde, nos salões da "Galeria Jorge", a exposição dos trabalhos dos esculptores Nicolina e Rodolpho Pinto do Couto. Este artista, veiu pessoalmente á esta redacção trazer-nos um convite." Exposição Pinto do Couto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1929, ed. 10730, p.4.
E também há uma pequena nota sobre a abertura da exposição publicada no *Jornal do Brasil*: "Nicolina e Rodolpho pinto do Couto, os dous laureados esculptores que o Rio admira, vão fazer inaugurar amanhã mais uma exposição de trabalhos seus. A exposição vae ser feita nos salões da Galeria Jorge, á rua do Rosario, e sua abertura está marcada para as 14 horas." A Exposição de Nicolina e Rodolpho Pinto do Couto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1929, ed. 304, p.8.

399 "Está prestes á encerrar-se a grande exposição de arte do casal Pinto do Couto. A Galeria Jorge onde se encontram os bellos marmores e bronzes tem sido muito visitada. Os trabalhos do illustre esculptor Pinto do Couto e de sua esposa, são verdadeiras obras de arte. São 105 trabalhos que se acham expostos na Galeria Jorge á rua do Rosario proximo á Avenida." Exposição de Arte. Os ultimos dias da exhibição dos trabalhos do casal Pinto do Couto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 de jan. 1930, ed. 3430, p.3.
"Encerra-se amanhã, sabbado, a exposição de conjunto do Sr. e da Sra. Pinto do Couto, na Galeria Jorge, e a que já nos temos aqui referido." Bellas Artes. Exposição de Esculptura. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de jan. 1930, ed. 16532, p.5.

400 "A exposição Nicolina-Rodolpho Pinto do Couto, permanecerá aberta ainda por mais alguns dias. E´que os dois illustres artistas não querem privar nosso publico da contemplação de seus magnificos bronzes e marmores, que fazem da Galeria Jorge um refugio da belleza. O Dr. Washington Luis, presidente da Republica, deverá visitar tambem a linda exposição, acquiescendo ao convite que fizeram a S. Ex. os grandes esculptores." Bellas Artes. Exposição Pinto do Couto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jan. 1930, ed. 15, p.2.

brasileiro Adalberto Pinto de Mattos como *Pinheiro Machado* (fig.47), *Germano Haslocher, Ruy Barbosa* e *Barão Homem de Mello*[401].



Figura 47 - Busto *Pinheiro Machado* e *Wenceslão Braz* de Pinto do Couto. Fonte: Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro 16 de set. 1922, ed. 1044, p.27.

---

401 "(…) E´ o que se está verificando desde os ultimos dias do anno passado com a exposição de Pinto do Couto e Nicolina, onde apparecem, numa floração perfeita e luminosa de fórmas, e com toda a exaltação espiritual da vida das verdadeiras obras de arte, mais de cem trabalhos de bronze e marmore, attestando pelo seu conjunto o valor singular daquelle casal de artistas, cujo talento parece se fundir como bronze coado por um só molde, tão harmoniosa e equilibrada no vigor de suas expressões a producção de Pinto do Couto e Nicolina." Na Galeria Jorge - Exposição de Nicolina e Pinto do Couto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 05 de jan. 1930, ed. 3416, p.3.
Mais especificadamente quanto às obras de Pinto do Couto, o crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos publicou a seguinte passagem: "(…) Rodolpho Pinto do Couto é, sem favor, o artista portuguez mais forte, que presentemente pratica a esculptura no Rio de Janeiro. A sua obra é emotiva e cheia de imprevistos agradaveis. Rodolpho Pinto do Couto é um artista operoso. A sua producção é grande, notando-se, entre os seus trabalhos, alguns de inestimavel valor. Para as exposições do Rio de Janeiro enviou as obras seguintes: "Estudo para a mascara de Tolstoi", "Cabeça de creança", "Cabeça de negro", "Retrato do jornalista A. de S.", "Retrato de mulher", "Retrato do pintor Souza Pinto", "Busto de Ernesto Senna", "Cabeça de estudo", "Rio Branco", "Cabeça de velho", "Barão Homem de Mello", "Busto do Dr. Epitacio Pessoa", "Ruy Barbosa", "Dr. Wenceslão Braz", "F. A. M. Esberard", "Dr. H. Vieira de Carvalho", "J. Daudt", "Pinheiro Machado" (busto), monumentos de Germano Hasslocher e Pinheiro Machado. Em toda a producção enumerada, bem poucos são os trabalhos passiveis de censura. Entre esses acham-se os bustos de "Ruy Barbosa", que está na Biblioteca Nacional, e "Pinheiro Machado". No primeiro, o observador tem a impressão de estar deante de uma caricatura, não obstante a bella technica existente. No busto de "Pinheiro Machado" não ha vida, a expressão é parada, recebe-se a impressão de que o artista calcou a mascara do retrato em uma mascara mortuaria. Outro detalhe que autorisa a supposição é o defeito existente em uma das faces; ella é flacida, os musculos são relaxados, o que faz com que haje aquelle desequilibrio de linhas, flagrante aos olhos experimentados de qualquer observador. No "Barão Homem de Mello", o esculptor descuidou-se das mãos, que são mal tratadas e duras. A melhor obra do artista é, sem duvida, a cabeça do pintor Souza Pinto, onde ha grande emoção e muita semelhança, mas semelhança psychologica; no lado que o artista resolveu, - o trabalho propositadamente não foi terminado - percebe-se a alma do pintor através da caracteristica rudeza physica do retratado. O tumulto de "Germano Haslocher" é também uma obra infeliz, onde os detalhes peccam e o conjuncto desagrada. O monumento a "Pinheiro Machado" é um trabalho solido, onde ha qualidades serias, perfeitamente resolvidas, que dão ao artista o merecido renome." Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p-26 e 27.

Porém, anos mais tarde, Adalberto Pinto de Mattos retratou-se em uma nota publicada em maio de 1925 na *Ilustração Brasileira*[402], na qual mudou radicalmente a sua avaliação divulgada antes no *O Malho* a respeito da obra do busto *Ruy Barbosa* (fig.48), ao ter mencionado que "(…) o observador tem a impressão de estar deante de uma caricatura, não obstante a bella technica existente"[403].

[402] "Confessamos lealmente sermos devedores de uma satisfação ao ilustre artista, autor do busto de Ruy Barbosa. Em 1922, fazendo rápido estudo sobre os artistas portugueses que nos tem visitado, ao tratar do escultor Pinto do Couto, tivemos, ao analisar o busto do grande brasileiro, uma frase que melindrou o artista: "o observador tem a impressão de estar diante de uma caricatura, não obstante uma bela técnica existente," foram as palavras. Confessamos a nossa injustiça. Nogueira da Silva escreveu a propósito, dizendo que o nosso juízo visava demolir a obra do artista: "Sei que já se tentou demolir a obra extraordinária do grande artista. E falou-se em caricatura… Não tomaria aqui o reparo se não o tivesse lido em um artista distinto, forrado de um critico consciencioso e justo. Adalberto Mattos escreveu: - "o observador tem a impressão de estar diante de uma caricatura, não obstante a bela técnica existente". É deveras lamentável que o crítico e o artista tivesse visto a técnica e não a houvesse compreendido. E mais lamentável, porque sei quanto Adalberto Mattos abominava esses bustos lambidos e frios, verdadeiros bonecos de bronze, que certos artistas costumam impingir como obra de arte. Não, Adalberto Mattos não tem razão. O busto de Ruy Barbosa, para o qual Pinto do Couto obteve do mestre inigualável as sessões indispensáveis, é uma obra imperecível, em que viverá eternamente o espírito enorme e invulgar do eminente nume tutelar das nossas liberdades pátrias. Esse mármore, que está na Galeria Jorge, é uma obra imortal. Se Pinto do Couto já não tivesse se imposto como um artista notável, bastaria essa peça para imortalizá-lo".Ao escrevermos sobre a obra de Pinto do Couto, devemos dizer que não nos passou pela mente a ideia de demolir coisa alguma, apenas representava a nossa maneira de sentir. Repetidamente fomos à Biblioteca Nacional estudar o busto em bronze em questão, recebendo sempre a mesma impressão. Mais tarde tivemos a felicidade de ver o mesmo busto já em mármore na Galeria Jorge: foi nessa ocasião que verificamos a nossa injustiça. Qual o fenômeno que ocasionou a nossa impressão? Difícil será explicá-lo. Talvez o mármore, pela sua transparência, tenha quebrado a rudeza que antes tantas vezes tínhamos sentido no bronze fortemente patinado. Tem razão Nogueira da Silva: o mármore representando o grande tribuno é realmente uma obra bela. Bem diz o velho rifão: Na escultura o barro é a vida e o mármore a ressurreição! Erramos.É com a maior satisfação que modificamos a nossa apreciação sobre o busto de Ruy Barbosa. Rodolpho Pinto do Couto merece a justiça que lhe fazemos porque é realmente um grande escultor, uma glória do Portugal contemporâneo; fazendo essa retificação nos sentimos bem. E assim, desejamos sinceramente que os ilustres crítico e artista não nos queiram mal." JUSTO, Fernanda; SILVA, Cynthia Dias da; VALLE, Arthur (org.). "Artistas portugueses no Rio de Janeiro", de Adalberto Mattos. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/apb_am/apb_am_05.htm>. Acesso em 01 de set. 2018.

[403] Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p-26 e 27.



Figura 48 - Busto *Ruy Barbosa* e o artista Pinto do Couto. Fonte: <http://bdlb.bn.br/acervo/handle/123456789/274831>.

2.2. A forma na divulgação das produções artísticas portuguesas pela imprensa carioca

Levando-se em consideração o levantamento das exposições supracitadas e tendo em vista o teor das notas de imprensa publicadas, faz-se necessário realizar algumas observações. De fato, em um balanço geral, percebe-se que, na sua grande maioria, há muito mais notas de elogios sobre as exposições de arte portuguesa realizadas no Rio de Janeiro e menos notas com opiniões não tão positivas. Nesse sentido, é importante destacar que existiram críticos de arte brasileiro como Adalberto Pinto de Mattos, como também alguns articulistas de senso crítico, que fizeram diversas avaliações acerca dos artistas portugueses que estiveram no Rio de Janeiro, sendo incluído não

somente a análise do perfil do artista, como também a avaliação da qualidade dos trabalhos expostos.

Além disso, há de se convir que existiram mais notas publicadas para algumas exposições em detrimento de outras, como foi o caso da exposição de Carlos Reis e João Reis de 1919. Por outro lado, a imprensa carioca, por vezes, utilizou notas publicadas por periódicos lisboetas, como no caso da exposição de José Campas de 1914.

É notório constatar que a imprensa carioca, por muitas vezes, no momento que publicava alguma informação sobre as exposições, além da análise crítica supramencionada, apontava também alguns aspectos sobre a trajetória artística dos artistas portugueses, sendo alguns a terem mais informações que em relação aos outros. Portanto, de acordo com essas publicações e sob o olhar da imprensa carioca, cumpre perceber qual foi o grau de importância que cada exposição teve dentro do cenário artístico da intelectualidade carioca.

3 INTERCÂMBIO ARTÍSTICO ENTRE BRASIL E PORTUGAL NOS PRIMEIROS REGIMES REPUBLICANOS: CIRCULAÇÕES DE ARTE BRASILEIRA EM LISBOA RECEPCIONADAS POR MEIO DA IMPRENSA LISBOETA

3.1. A arte brasileira em Portugal nos Primeiros Regimes Republicanos vista através da imprensa lisboeta

Torna-se necessário esclarecer que a escolha das duas revistas *Brasil-Portugal* e *Ilustração Portuguesa* para a análise da arte brasileira em Portugal se deve sobretudo por serem consideradas as que possuem maior publicação no âmbito dessa temática, haja vista a linha editorial adotada por ambas, o que não implicou necessariamente avarias no decorrer da construção da narrativa proposta na presente pesquisa.

Nesse sentido, foi realizada a consulta dessas duas revistas na Hemeroteca Digital de Lisboa que apresentaram algumas publicações acerca das manifestações artísticas do Brasil em Portugal. Assim sendo, será observado no decorrer do presente capítulo as diferentes formas de expressão da arte brasileira em Portugal, sobretudo em Lisboa, e como elas fomentaram o diálogo artístico luso-brasileiro na Primeira República.

3.1.1. Notas sobre o artista brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Mello de 1899 pela Revista Brasil-Portugal

Primeiramente, antes de adentrar sobre a nota publicada pela *Revista Brasil-Portugal*, vale assinalar um breve histórico sobre a carreira artística de Pedro Américo. Nascido em 23 de abril de 1843, no Município de Areia, Estado da Paraíba, Nordeste brasileiro, Pedro Américo demonstrou desde muito cedo os seus dotes artísticos e aos 9 anos de idade já realizava desenhos científicos sobre a natureza nordestina, no caso a flora, para o naturalista francês Louis Jacques Brunet. Considerado, portanto, menino prodígio, Pedro Américo ingressou aos 11 anos no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e aos 13 anos tornou-se aluno da Académia Imperial de Belas Artes[404]. Segundo o pesquisador Vladimir Machado, é nesse momento que a arte brasileira alimentava-se de novas

[404] "(…) Pedro Américo, matriculou-se somente no curso de desenho Industrial onde nos concursos anuais da Academia, ganhou várias medalhas em desenho, geometria e modelo-vivo. Em 1859, antes de terminar o curso, conseguiu uma pequena quantia de 400 francos da verba particular do Imperador para custear bolsas na Europa." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

concepções artísticas pautadas pela Reforma Pedreira de 1855, posterior a Missão Francesa de 1816[405].

Após ter conseguido um financiamento particular do Imperador D. Pedro II para estudar na Europa, Pedro Américo viajou para Paris e participou de uma intensa discussão em torno da fotografia, sendo adepto a considerá-la como uma obra de arte. Posteriormente, viajou para a Bélgica aonde utilizava-se a fotografia como modelo na pintura histórica[406]. Em seguida, em 1863, visitou também o "Salão dos Recusados" em Paris e retornou para o Brasil, aonde expôs em 1865 o quadro *A Carioca* na Exposição Geral da Académia Imperial[407]. É importante ressaltar que Pedro Américou tornou-se professor na Académia Imperial, na cadeira de Desenho Industrial, após ter sido aprovado em concurso público. Novamente, o artista brasileiro retornou à Europa para defender o seu doutoramento na Bélgica e, antes de regressar ao Brasil em 1869, Pedro Américo se casa com Carlota de Araújo Porto Alegre, em Portugal, filha de Manuel de Araújo Porto Alegre, na ocasião cônsul brasileiro em Lisboa. Quando retornou ao Brasil, Pedro Américo passou a utilizar a

---

405 Sobre essa temática: "(…) Em 1854, aos treze anos, entrava para a Academia Imperial de Belas Artes, em um momento de grandes mudanças. A Reforma Pedreira de 1855, conduzida por Araújo Porto-Alegre na Academia Imperial, consistia em uma reatualização radical dos objetivos da Missão Francesa de 1816: as belas artes aplicadas aos ofícios." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.
Sobre a Reforma Pedreira de 1855, a Dra. Letícia Coelho Squeff afirmou que Manuel Araújo Porto Alegre foi responsável pela implementação da reforma na Académia Imperial de Belas Artes, a saber: "Manuel Araújo Porto Alegre (1808-1879) teve atuação fundamental nas instituições culturais do Segundo Reinado, tendo sido pintor, crítico de arte, jornalista e poeta, entre outras atividades. Como diretor da Academia Imperial de Belas Artes, o pintor promoveu a maior reforma que a instituição sofreu durante o Império. Parte da chamada Reforma Pedreira (1854-1847), as introduzidas por Porto Alegre buscavam adaptar a instituição aos progressos técnicos de meados do século XIX, e fazer da corte imperial, o Rio de Janeiro, uma cidade sintonizada com a "civilização". É com este objetivo que o pintor faz da técnica um dos temas centrais de sua administração, (…) para a constituição de um novo espaço social para o artista do Império." SQUEFF, Letícia Coelho. *A reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista*. Cadernos Cedes, ano XX, nº 51, novembro/2000, p. 103. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a08v2051.pdf>. Acesso em 12 de ago. 2018.

406 "Em 1859, antes de terminar o curso, conseguiu uma pequena quantia de 400 francos da verba particular do Imperador para custear bolsas na Europa. O adolescente Pedro Américo chegava à Paris em meio ao amplo debate cultural da época, com a célebre crítica do poeta Baudelaire ao *Salon* de 1859, sobre se a fotografia devia ser considerada obra de arte ou não. Pedro Américo era a favor da fotografia e da arte aplicada à industria, e por extensão, radicalmente contrário aos métodos das academias neoclássicas. Ele não fez os concursos máximos dos acadêmicos para viajar à Roma e considerava os premiados do *Salon*, um "pálido reflexo" da civilização. Em 1862 viajou à Bélgica, onde a pintura de história havia se modernizado com o uso de fotografias como modelo." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

407 Sobre esse quadro, vale citar a seguinte passagem: "(…) Pedro Américo pintou um sensual nú segundo as novas tendências artísticas vistas em Paris, cujo título era *A Carioca*. Para pintar o rosto, usou como modelo uma fotografia da esposa de um funcionário do consulado brasileiro, em Paris. Ao retornar ao Brasil em 1864, o artista ofereceu a obra ao imperador, que a recusou por considera-la "licenciosa". A pintura causou escândalo e uma grande polêmica artística, quando exposta na Exposição Geral da Academia Imperial em 1865." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

técnica da fotografia nas duas obras referentes à Guerra do Paraguai (1864-1870): Batalha de Campo Grande e Batalha do Avahí[408]. Em 1888, o artista brasileiro produziu uma das suas principais obras *O Grito do Ipiranga*, cujo quadro representa o momento da independência do Brasil[409]. Logo depois, Pedro Américo produziu mais duas pinturas históricas, Tiradentes esquartejado de 1893 e Pax et Concórdia de 1902[410].

Além disso, Pedro Américo foi eleito deputado pelo Estado da Paraíba e participou da primeira Constituinte de 1890 referente à Primeira Constituição Republicana de 1891, cuja atuação era pautada na valorização do espaço cultural, por meio da criação de museus, galerias e teatros nacionais[411]. No final de sua vida, Pedro Américo viveu em Florença até o ano de 1905, quando a

---

408 A saber: "Pedro Américo fez o Concurso público e passou a lecionar na Academia Imperial, no Curso de Desenho Industrial e não no Curso de Pintura de História. Em 1866 o pintor viajou à Europa e em 1868 defendia tese na Universidade Livre do Partido Liberal, na Bélgica. Em 1869 com o título de doutor em Ciências, retornou ao Brasil e em 1870, inaugurou as 'conferências públicas' a partir das aulas de História da Arte e Estética professada na Academia pela primeira vez no Brasil e iniciava a sua primeira pintura de história. Modernizou a Pintura de História brasileira, usando amplamente a fotografia como modelo nos retratos, uniformes e animais tanto na *Batalha de Campo Grande* (1870-71) quanto na *Batalha do Avahí* (1875-76) sobre a guerra do Paraguai, sempre com debates calorosos na imprensa." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

409 Segundo Vladimir Machado, há de se acrescentar que Pedro Américo se envolvou em outros projetos, a saber: "Famoso desde os 20 anos, Pedro Américo iniciou uma série de projetos, que incluía desde um jornal satírico 'A Comédia Social', ilustrado por ele e colaboradores, romances de costumes, retratos, até as pinturas de história dos grandes temas da época: a abolição da escravatura, os episódios da guerra do Paraguai e a memória da independência com *O Brado do Ypiranga* (1888)." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 13 de ago. 2018.

410 "Em 1885, recebeu o título máximo de Grande Dignatário do Império o que, por ser um liberal, não o impediu, na República, de pintar imagens emblemáticas da nova ordem: *Pax et Concórdia* e *Tiradentes esquartejado*." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

411 De acordo com as palavras de Vladimir Machado: "(…) Pedro Américo foi eleito deputado pela Paraíba atuando na primeira Constituinte. Defendia com brilhantismo as artes, o teatro nacional, a criação de um Museu Nacional de Belas Artes, separado da Escola Nacional de Belas Artes, criado em 1937, com a maior parte do acervo de arte da Escola. Foi dele a ardorosa defesa da idéia (desde a Conjuração Mineira de 1789) de mudar a capital do Rio de Janeiro para o centro do país, só realizada em 1960 com a inauguração de Brasília, pelo Presidente mineiro Juscelino Kubitschek." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

sua doença foi agravada até ter deixado quase cego[412]. Hoje, a casa aonde nasceu em Areia é a Casa Museu Pedro Américo, em sua homenagem. É oportuno ratificar que Pedro Américo deixou um grande legado na historiografia da arte brasileira e é considerado um dos maiores pintores brasileiros do seu tempo, representante da pintura histórica brasileira.

Desta feita, no ano de 1899, a *Revista Brasil-Portugal* publicou uma nota a respeito do artista brasileiro Pedro Américo, tendo afirmado que o pintor é um dos responsáveis pelo prestígio da arte brasileira, juntamente com o compositor brasileiro António Carlos Gomes[413]. Por conta da notoriedade artística de Pedro Américo, a Revista relatou homenageá-lo com a publicação de uma de suas obras nas edições seguintes do periódico, do mesmo modo que fez com o artista português António Teixeira Lopes[414], como ocorreu na edição 84, de 16 de julho de 1902, com o quadro *Fim do Século* (fig. 49).

---

412 Antes da sua morte, Pedro Américo vendeu alguns quadros e investiou no mercado de ações, mas por infortúnio decorrente da variação brusca na bolsa de valores aliado ao contexto financeiro da época, o artista perdeu quase a quantia toda da venda. Nesse sentido, segundo alega Vladimir Machado: "As pinturas vendidas, lhe renderam boas economias que foram aplicadas em ações das 'sólidas e confiáveis empresas promovidas pelo novo regime republicano. Entre 1890 e 1892, houve a escandalosa fraude especulativa no mercado de ações, chamado 'encilhamento', o maior desastre financeiro jamais visto, uma espécie de versão brasileira antecipada do 'crack' da Bolsa de Valores de N.York, em 1929. Arruinado da noite para o dia, o artista se encontrava pobre. Residindo em Florença, cansado e amargurado, Pedro Américo agonizava com os tormentos que sofria desde os 16 anos com a doença do beribéri (ausência de vitamina B no organismo), e terminava a vida de maneira trágica para um pintor: estava quase cego. O artista viria a falecer aos 62 anos de idade, em 7 de outubro de 1905. Seu corpo foi transportado ao Brasil e homenageado no Rio de Janeiro e na Paraíba por autoridades, artistas e um grande público emocionado. Está enterrado em Areia, sua bela terra natal, na Serra da Borborema, onde hoje existe um pequeno monumento em sua homenagem." MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

413 Nesse sentido: "Honra hoje as paginas do *Brasil-Portugal* o nome de Pedro Americo, o grande pintor *doublé* de um escriptor de raça, nome que constitui a mais radiante gloria artistica do Brasil. Pedro Americo com as suas telas immortaes e Carlos Gomes com as notas inspiradas do *Guarany* foram os brasileiros que n´este seculo levaram a mais longes terras a arte do Brasil e de maior gloria encheram o nome do seu paiz." Pedro Americo. *Revista Brasil-Portugal,* Lisboa, 16 de dez. 1899, n. 22, p.2.

414 Como forma de divulgar o seu trabalho, a nota informou o seguinte trecho: "E aproveitamos o ensejo para a todos informarmos de que, em um dos numeros seguintes da Revista, algumas paginas serão consagradas a Pedro Americo. O que fizemos com o grande esculptor portuguez Teixeira Lopes é justo que o façamos com o grande pintor brasileiro. A sua obra monumental será em grande parte reproduzida n´estas paginas pela photogravuras, de fórma a tornar mais admirado e querido dos que o não conheçam bem o genio de Pedro Americo." Pedro Americo. *Revista Brasil-Portugal,* Lisboa, 16 de dez. 1899, n. 22, p.2.



Figura 49 - *Fim do Século* de Pedro Américo. Fonte: *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de jul. 1902, n. 84, p.564.

Em seguida, a nota informou que, a pedido da Revista, o artista Pedro Américo enviasse da Itália uma prosa intitulada *O Natal no Brasil* a ser publicada no periódico, na qual foi prontamente atendido pelo pintor, que também é romancista e poeta. Posteriormente, a nota ressaltou o agradecimento da *Revista Brasil-Portugal* pelo envio da prosa em nome dos leitores portugueses e brasileiros.

3.1.2. Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello: vencedor do concurso de pintura da associação do 4º Centenário do Brasil de 1900 no Rio de Janeiro pela Revista Brasil-Portugal

No tocante ao artista Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello, é oportuno ressaltar alguns alguns aspectos da sua trajetória artística, antes de retratar sobre a nota publicada na *Revista Brasil-Portugal*. Desse modo, Aurélio de Figueiredo é irmão mais novo de Pedro Américo e nasceu em 1865 no mesmo município, Areia, no Estado da Paraíba. Ainda novo, Aurélio de Figueiredo seguiu os conselhos de Pedro Américo e Jules Le Chevrel e mudou-se para o Rio de Janeiro, aonde ingressou na Académia Imperial de Belas Artes. Da mesma forma que Pedro Américo, Aurélio de

Figueiredo contribuiu com caricaturas para jornal satírico *A Comédia Social*, em 1871, bem como na *Semana Ilustrada*, de 1873 a 1875, com séries temáticas, como *Os Ministérios de Todos os Dias na Côrte* de 1874[415].

Ademais, Aurélio de Figueiredo aproveitou a oportunidade e viajou para Florença aonde residia o seu irmão Pedro Américo, e morou por 2 anos entre 1876 a 1878, tendo contato direto com artistas da pintura histórica, de gênero e retratista, como Antonio Ciseri, Nicolò Barabino e Stefano Ussi. Depois de ter trabalhado no ateliê de Pedro Américo, Aurélio de Figueiredo retornou para o Brasil e novamente colaborou para outro periódico, no caso da cidade de Recife, *Diabo Coxo* entre os anos de 1878 e 1879. Como pintor, desenhista, caricaturista, escultor e ensaísta, Aurélio de Figueiredo participou de várias Exposições Gerais de Belas Artes durante os anos de 1871 a 1916, como também realizou uma exposição individual de 1912 no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Vale ressaltar que existiram do mesmo modo exposições póstumas sobre o artista entre os anos de 1940 a 2010, tendo sido realizada uma exposição individual no Museu Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro no ano de 1956[416].

A título de conhecimento, deve-se salientar que entre as diversas obras do artista algumas são notoriamente conhecidas, quais sejam: *O Copo D´ água* e *Francesca da Rimini* de 1893, ambas localizadas no Museu Nacional de Belas Artes; *O Último Baile da Ilha Fiscal* de 1905 localizado no acervo do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro; e *Retrato de D. Pedro II* de 1883 localizado no Museu Imperial, em Petrópolis[417].

Posto isto, na edição nº.35 publicada pela *Revista Brasil-Portugal*, há uma página com fotografias dedicada ao ganhador do Concurso de pintura no Rio de Janeiro realizado pela associação do 4º Centenário do Brasil (fig.50). Irmão de Pedro Américo, Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello conquistou o prémio de dez contos de réis com a obra *Cabral avista o Brasil*, também conhecida como *Descobrimento do Brasil*[418].

---

415 AURÉLIO de Figueiredo (Areia PB 1854 - Rio de Janeiro RJ 1916). In: Escritório de Arte. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/aurelio-de-figueiredo> Acesso em 13 de ago. 2018.

416 AURÉLIO de Figueiredo (Areia PB 1854 - Rio de Janeiro RJ 1916). In: Escritório de Arte. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/aurelio-de-figueiredo> Acesso em 13 de ago. 2018.

417 FRANCISCO Aurélio de Figueiredo e Melo (1856: Areia, PB – 1916: Rio de Janeiro, RJ). In: Brasil Artes Enciclopédias. Disponível em:<http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/figueredo_melo.htm>. Acesso em 13 de ago. 2018.

418 4º Centenario do Brasil. *Revista Brasil-Portugal,* Lisboa, 01 de jul. 1900, ed. 35, p.169.

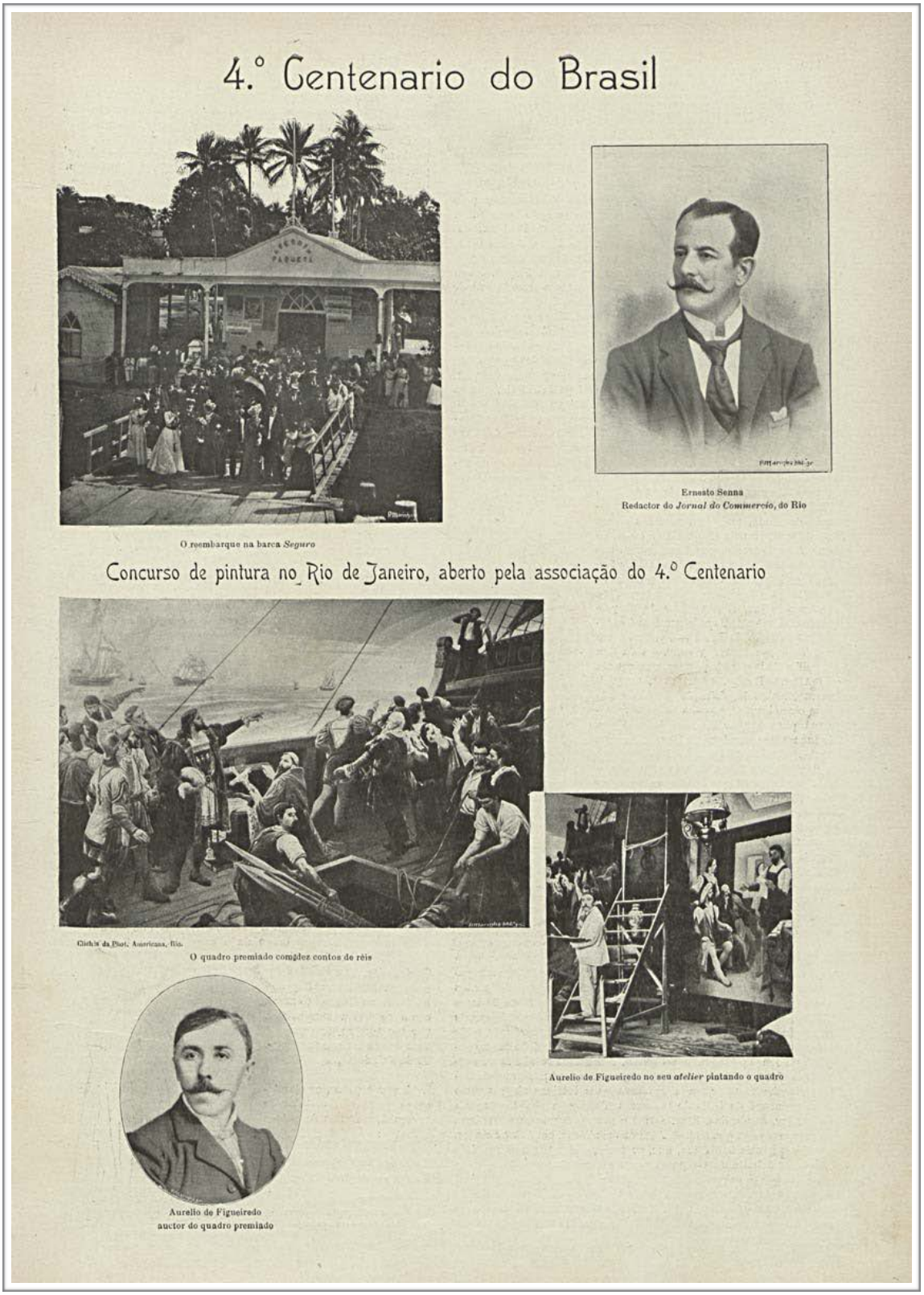


Figura 50 - *Cabral avista o Brasil* de Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello; Atelier e Retrato do artista. Fonte: *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 01 de jul. 1900, ed. 35, p.169.

3.1.3. Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto: busto do Sr. Camelo Lampreia de 1900 pela Revista Brasil-Portugal

A escultora brasileira Nicolina de Assis Pinto do Couto é considerada uma das primeiras escultoras do Brasil, tendo iniciado os estudos artísticos em São Paulo pelo Pensionato Artístico do Estado de São Paulo. Em 1887, Nicolina ganhou uma bolsa de estudos para estudar na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, local aonde se dedicou inteiramente na escultura, tendo sido inclusive aluna do professor e escultor Rodolpho Bernardelli. Nicolina também foi responsável por esculpir bustos de alguns presidentes brasileiros que hoje se encontram no Museu da República do Rio de Janeiro.

A artista brasileira participou do Salão Nacional de Belas Artes em 1901 e conquistou a menção honrosa de primeiro grau em 1902. Posteriormente, em 1904, Nicolina ganhou uma bolsa para estudar na Académie Julian, considerada na ocasião uma das mais importantes escolas privadas de arte da Europa, local aonde pode aprimorar as sua técnicas artísticas, uma vez também que teve contato direto com modelo-vivo. Cumpre salientar que, ao contrário da Académie Julian, a escultora brasileira no Rio de Janeiro não teve direito ao acesso à classe de modelos vivos, haja vista que a Escola de Belas Artes, sucessora da Académia Imperial de Belas Artes, criada em 1826, não permitia que mulheres tivessem acesso a todas as classes, o que corroborou, de certa forma, na distinção da formação artística entre os homens.

Depois de sua estadia em Paris, Nicolina obteve diversos prémios e notoriedade no meio artístico, tendo sido premiada em 1906 e 1907 com menção honrosa e medalha de prata, respectivamente, e no ano de 1908 com medalha de ouro. Depois do falecimento de seu marido, Benigno de Assis, Nicolina conheceu o escultor português Rodolpho Pinto do Couto em Paris, na ocasião dos seus estudos, e posteriormente se casaram em 1911. Nicolina foi autora de diversos bustos de autoridades públicas, além de ter esculpido em praças e jardins públicos, como exemplo a obra *A Serpente*, localizada na Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Depois desse breve histórico artístico, cumpre ressaltar que Nicolina foi escolhida para esculpir o busto do comendador *Sr. Camelo Lampreia* (fig.51), figura importante no fortalecimento da relação luso-brasileira, como forma de homenageá-lo. Nesse sentido, a *Revista Brasil-Portugal* destacou uma nota sobre essa obra e publicou a fotografia do busto. No mais, cabe salientar que há na nota uma passagem que destacou sobre a postura do artista brasileiro Francisco Aurélio de

Figueiredo e Mello de ter oferecido a quantia que ganhou no prémio do concurso de pintura no 4º Centenário do Brasil, conforme supracitado, ao conselheiro Camelo Lampreia que recebeu a oferta e presenteou essa quantia para o Rei de Portugal, D. Carlos I[419].


O busto do sr. Camêlo Lampreia

Figura 51 - Busto *Camelo Lampreia* de Nicolina de Assis Pinto do Couto. Fonte: *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de jul. 1900, n. 36, p.184.

[419] "As mais enthusiasticas e as mais sinceras homenagens foram prestadas ao antigo encarregado dos negocios de Portugal no Rio de Janeiro, o sr. commendador Camêlo Lampreia, quando o illustre diplomata deixou agora o Brasil. E todas essas manifestações de apreço pelo homem foram justissimas para com o diplomata que com tanta habilidade e felicidade soube manter sempre bem estreitas, durante a sua permanencia no Rio, as relações mais ainda do que as dos dois governos, as dos dois povos irmãos e amigos. O Brasil-Portugal expresamente dedicado a servir os dois paizes não podia deixar de registrar nas suas paginas essas homenagens. No numero ultimo demos já o quadro do distincto pintor brasileiro Aurelio de Figueiredo que foi premiado com dez contos no concurso de pintura. D´esse quadro offereceu o seu auctor o extracto ao sr. Lampreia, o qual agradecendo a valiosa offerta pedia licença para fazer d´elle presente a El Rei de Portugal, o que cumpriu. Hoje, damos em gravura o busto em bronze com que grande numero de brasileiros presenteou o nosso antigo representante. E´ uma obra artistica de grande valor, executada a primor por uma esculptora brasileira distinctissima, a sra. D. Nicolina de Assis. A entrega do busto foi uma cerimonia commoventissima que provou bem a estima que elle soube grangear no Rio de Janeiro, festa solemne a que assistiram brasileiros e portuguezes n´uma cordealidade tocante, trocando-se entre o sr. general Dionysio Cerqueira e o sr. Camêlo Lampreia discursos de saudação e agradecimento, que os leitores encontrarão nas nossas paginas supplementares." *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de jul. 1900, n. 36, p. 184.

3.1.4. Notas sobre Helios Seelinger de 1904 pela Revista Ilustração Portuguesa

Por ter conquistado o Prémio Viagem à Europa pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, em razão da notoriedade artística conquistada na Exposição Anual da Escola, Helios Seelinger aproveitou a oportunidade e foi também estudar na Escola de Belas Artes em Lisboa, no início do século XX[420]. Nesse sentido, devido a sua passagem em terras lusitanas cumpre destacar que, em 25 de abril de 1904, a *Revista Ilustração Portuguesa* publicou uma breve trajetória artística sobre o brasileiro Helios Seelinger (fig.52).

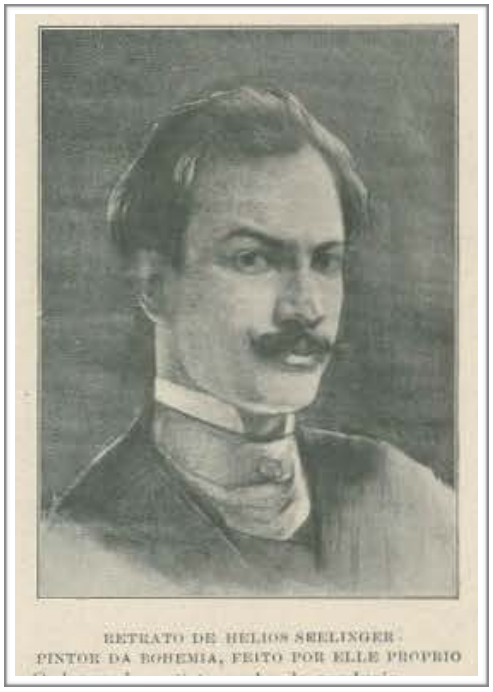


Figura 52 - Autorretrato de Helios Seelinger. Fonte: *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

Dito isso, é importante ressaltar que em decorrência desse êxito escolar, Helios Seelinger após ter concluído o seu curso em Lisboa seguiu viagem para a Alemanha com a sua própria

[420] Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

expensa[421], no caso Munique[422], tendo em vista os conselhos dos seus mestres que o considerava um artista de talento fora do comum e que, por conta da descendência alemã, facilitou a sua entrada no país, onde cursou os principais centros de ensino artístico, como a Académia de Belas Artes de Munique, tendo, portanto, convivido diariamente com a arte alemã[423] e absorvido toda a atmosfera artística do simbolismo[424], estilo artístico que predominava na época. Depois de sete anos na Alemanha, Helios Seelinger retornou para Lisboa e permaneceu por mais dois anos e, segundo a matéria, constatou-se claramente a presença forte da influência alemã na sua veia artística[425]. Além

---

421 Ao contrário do que a nota revelou, Dr. Arthur Valle salientou que Helios Seelinger foi estudar na Alemanha no final do século XX, em 1896, sob o auxílio de sua tia Elisa." VALLE, Arthur. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p.4. Disponível em: <http:// www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 17 de jul. 2018.

422 Segundo Dr. Arthur Valle, Helios Seelinger teve contato com um dos principais professores da Académia de Munique, o pintor, artista gráfico e escultor Franz von Stuck, sendo um dos fundadores da *Sezession* de Munique, em 1892, associação de artistas visuais. Em relação à cidade de Munique, o autor informou que os ateliês frequentados por artistas brasileiros eram normalmente a escola de esloveno Anton Ažbè, e a *Akademie der Bildenden Künste* (Académia de Belas Artes) de Munique, aonde inclusive utilizavam-se métodos pedagógicos de ensino artístico semelhantes ao da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro. VALLE, Arthur. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p.4. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 17 de jul. 2018.

423 Na Alemanha, Helios Seelinger "(…) se impressionou com as lendas phantasticas e mythologicas, fortaleceu-se n´um desenho vigoroso, uma anatomia vibrante, e no seu amor de estheta uma paixão violenta pelo nu bello e puro, o symbolismo por vezes forte demais, agitando-se em contorsões violentas, em coloridos fortes." E por conta desse contato com a arte alemã, a notícia destacou que Helios Seelinger desenvolveu uma "natureza assãs vibratil, caracter violento, indomavel, toda a sua forma de pintar resente-se d´uma vitalidade exuberante na forma, n´um desenho vigoroso. Traço firme, n´uma alacridade sã, na cor forte e vivida como nos Faunos - alegres." E mais, a nota acrescentou uma crítica ao mencionar que "Por vezes o seu colorido perde esta alacridade e transforma-se em tetrica e dolorosa como no *Veneno*, *Sangue*, *Remorso*, mas sempre com a mesma pujança. A anatomia dos seus nús é firme, a forma é quente, a musculatura perfeita, os nervos, agitando-se, teem vida e movimento." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

424 O pesquisador Dr. Arthur Valle acrescentou que, em seus trabalhos, o artista Helios Seelinger assimilou as tendências simbolistas do seu mestre Franz von Stuck da Académia de Munique, cuja voga pelo misticismo de peso alegórico é perceptível, muito por conta da infuência do idealismo alemão que ressalta o lado poético da arte. Com relação a essa característica artística, o pesquisador ainda ressaltou que no Brasil o artista explorou os ares mitológicos no campo do misticismo das lendas populares do seu país, ou seja: "Logo ele fez figurar em seu trabalho toda uma iconografia brasileira que se afinizava com o espírito panteísta que tinha desenvolvido. Surgiram então os seus quadros abordando as lendas indígenas brasileiras, certas manifestações culturais populares brasileiras, como o carnaval e a "macumba"... temas que ele explorou até o final da vida, quase com exclusividade entre nossos artistas." VALLE, Arthur. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p.6. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 18 de jul. 2018.

425 A saber: "Apezar dos dois annos que passou entre nós de regresso da Allemanha, a influencia da impressão que de lá trouxe ainda o domina, não deixando desenvolver-se livremente a sua personalidade em toda a exuberancia vital dos seus 27 annos, nem firmar-se n´uma feitura toda sua, onde vibre unicamente a sua alma excelsa de artista." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

disso, a nota da Revista analisou a personalidade firme e arrojada[426] de Helios Seelinger que é refletida no seu estilo artístico, haja vista o traçado e o contorno de suas obras[427].

Posteriormente, a nota informou a passagem de Helios Seelinger pelas escolas alemã e francesa, nas quais contribuíram para o aperfeiçoamento do seu talento artístico. Com essa formação híbrida[428], o artista brasileiro retornou para o Brasil com uma bagagem considerada de um grande artista[429]. Em seguida, o articulista anónimo da Revista ressaltou e mostrou algumas figuras

---

426 "A personalidade d´esse artista, que já começa a dar um impulso novo á arte, destaca-se como uma luz d ´arte de arrogante brilho na galeria dos pintores brazileiros. A sua pintura tem alguma cousa das linhas breves da moderna arte á mistura com fasciculos nervosos que affirmam o seu temperamento. A extrema impressionabilidade dos seus nervos marca-se e define-se n´esses quadros que receberam o premio na exposição." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.
E mais, os quadros mencionados nessa passagem levam a crer que sejam *Boemia* e *Remorso,* premiados na Exposição Anual de Belas Artes do Rio de Janeiro de 1903, conforme aludiu Dr. Arthur Valle que destacou a presença da influência alemã em seu trabalho *Boemia*, a saber: "Em 1903, Seelinger voltaria a se apresentar na Exposição Geral, dessa vez com dois trabalhos, *Remorso* e *Boemia*. Este último apresenta, grosso modo, características semelhantes à aquelas que discuti com relação às suas académias do período de Munique, e mostra uma reunião noturna, presidida pela figura alegórica da própria *Boemia*, na qual figuram alguns dos mais destacados artistas e intelectuais cariocas do início do século passado: Luiz Edmundo, Gonzaga Duque, João do Rio, Lucílio de Albuquerque, entre outros. Com *Boemia*, Seelinger ganhou o importante Prêmio de Viagem à Europa, o mais cobiçado do certame." VALLE, Arthur. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p.6. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 17 de jul. 2018.

427 "D´uma actividade extraordinaria, nervoso, irrequieto, trabalha, desenha, amontoa esboços, agita-se em movimentos febris; esbate uma fórma n´um gesto seguro e firme do pollegar. Seu espirito é fertil em concepções arrojadas, em grandes assumptos de composição complicada: o seu actual anhélo é o *Ná* e a *Decoração*." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

428 Sobre essa temática, Dr. Arthur Valle ressaltou que Helios Seelinger teve uma trajetória de ensino artístico em dois centros de arte, Munique e Paris, diferentemente da formação dos artistas brasileiros dentro do contexto da Primeira República do Brasil. E ainda mais, o pesquisador reforçou que o contato com a arte alemã no final do século XIX foi decisivo na construção do seu estilo artístico. VALLE, Arthur. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p. 1 e 2. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 18 de jul. 2018.

429 Com o propósito de aperfeiçoar o talento artístico e pautado no pensamento cultural do início do século XX, percebe-se que o discípulo da arte para tornar-se um grande artista precisa necessariamente passar uma temporada de estudos na Europa, considerada o centro do mundo das artes. Nesse sentido, a matéria aludiu sobre esse contexto, porém utilizou um jargão não mais apropriado nos dias de hoje, uma vez que a formação artística nacional é tão somente primordial quanto à internacional no crescimento profissional de um artista, a saber: "(…) o desejo firme de trabalhar e estudar que o leva á capital do mundo civilisado, as idéas que o agitam n´uma febre do novo, o seu trabalho será diverso do que tem feito até agora. A escola alemã unida á escola franceza, a graça e a elegancia burilando a fórma, a grande originalidade do seu talento, é de esperar que da união d´esses diversos elementos, Helios Seelinger volte um grande artista, com uma feição toda sua, d´um sabor artistico incomparavel, extraordinariamente original e bello, em que se firme a sua individualidade, por ora não francamente definida." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

do trabalho *tarot*, baralho de cartomancia, composto de 74 cartas, obra esta que implica uma carga simbólica acentua, decorrente da influência alemã[430](fig. 53).

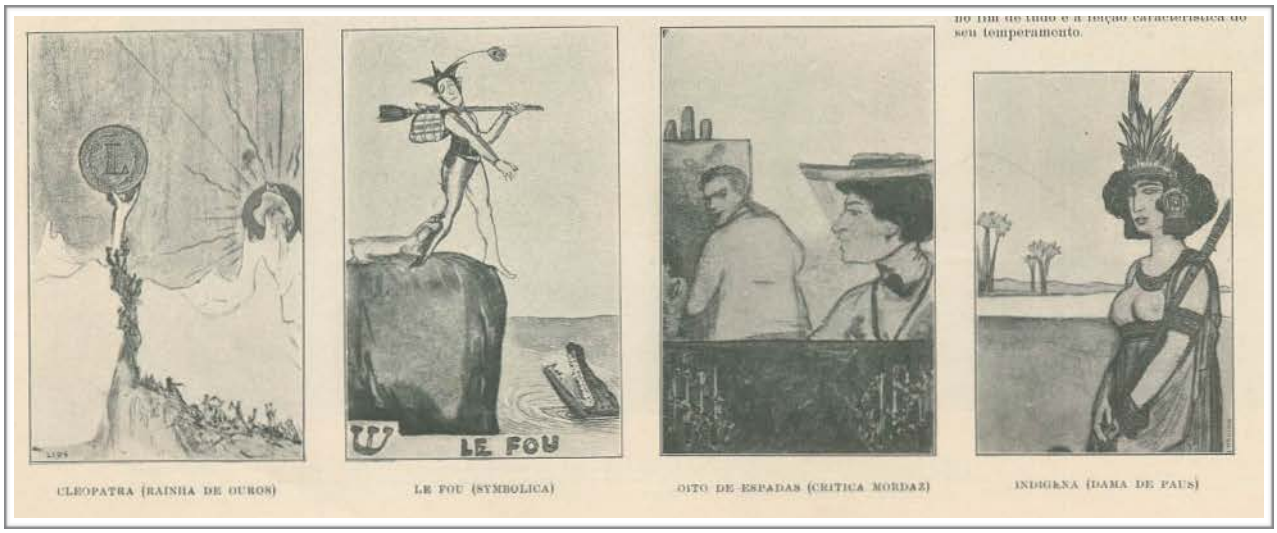


Figura 53 - *Cleopatra (rainha de ouros)*, *Le Fou (simbolica)*, *Oito de Espada (Critica Mordaz)* e *Indigena (Dama de Paus)*. Fonte: *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

Por fim, a matéria reforçou novamente a grandiosidade do talento de Helios Seelinger ao ter afirmado que a conjugação da sua personalidade com a formação artística híbrida o tornou um artista de renome no Brasil[431].

3.1.5. Associação Comercial do Rio de Janeiro: escudo de prata de 1908 a ser oferecido ao Rei D. Carlos I pela Revista Brasil-Portugal

Como forma de por fim ao esfriamento das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, haja vista o desfecho da Revolta da Armada entre as duas nações irmãs, bem como homenagear o

[430] "N´aquella figura extranha da *Força*, como no delicado contorno da *Cleopatra*, como no *Louco* que tem muito de terrivel e de saltitante, o artista revela-se. Aquella mulher de *Critica mordaz*, aquelle mesmo retrato do pintor teem linhas admiravelmente traçadas, chapadas magnificas. Ha um resurgimento ao processo de fazer e que é uma escola imaginada nas lendas germanicas das balladas, dos gnomos, da mythologia especial d´essa raça teutonica de que o artista é descendente." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

[431] "De resto o Brasil hoje vae a resplandecer com a sua arte, vae tendo glorias na pintura como na esculptura para juntar aos homens de lettras, que teem dado brado no mundo, cujos nomes teem atravessado os mares, chegando até nós com as suas obras poéticas repassadas de sentimento, com os seus livros cheios de força e de fé, com as suas peças sentidas e humanas. Este artista é o primeiro d´uma enorme geração que ha-de illustrar o Brazil, irmão de Portugal pelas tradições e pelos caracteres. A personalidade d´esse artista, que já começa a dar um impulso novo á arte, destaca-se como uma luz d´arte de arrogante brilho na galeria dos pintores brazileiros. A sua pintura tem alguma cousa das linhas breves da moderna arte á mistura com fasciculos nervosos que affirmam o seu temperamento." Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.

Rei D. Carlos I, convidado ilustre da Exposição Nacional de 1908, a Associação Comercial do Rio de Janeiro providenciou uma peça de ourives a ser oferecida ao então rei de Portugal[432]. Entretanto, por conta do regicídio, não foi possível entregar em mãos ao Rei D. Carlos I, sendo que a nota não informou o desfecho do destino da peça, uma vez que focou somente em descrever os detalhes do escudo de prata, com uma foto publicada na *Revista Brasil-Portugal* (fig.54)[433].

[432] Na nota não há a informação acerca de quem produziu a peça, uma vez que apenas informou o local aonde foi produzida, no Rio de Janeiro, a saber: "A nossa gravura representa um bello trabalho executado na capital do Brasil para ser offerecido ao fallecido monarcha portuguez por occasião da sua visita ao Rio de Janeiro. E´ um trabalho magnifico quanto ao pensamento que o dictou e também, segundo se afirma, quanto à sua execução." *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de out. 1908, ed. 234, p.274.

[433] A saber: "E´ um escudo de prata de cerca de 67 centimetros de alto por 55 de largo, contendo figuras e paineis em baixo relevo e tendo no centro, em um cartucho, as palavras: <<Memoria a el-rei D. Carlos, rei de Portugal. O Commercio Internacional do Rio de Janeiro, por iniciativa da Associação Commercial.>> Na parte superior d´este escudo acha-se um medalhão encimado pela corôa real portugueza, contendo o retrato em busto do fallecido monarcha dentro de uma moldura formada por folhas de carvalho. A´ esquerda d´esse medalhão, um anjo de joelhos, tem a mão direita sobre os olhos e na esquerda uma corôa; do lado direito, palmas presas por uma fita, onde se lê o distico: <<El-rei D. Carlos I.>> Abaixo d´esse medalhão, um pequeno cartucho com as palavras do telegrama que D. Carlos I enviou á Associação Commercial pouco antes da sua morte. De cada lado d´esse cartucho ha um medalhão, contendo, o da esquerda uma visita da Bahia de Guanabara com o Pão de Assucar ao fundo, e o da direita a visita de Lisboa com a silhueta da torre de Belem. Abaixo d´esses medalhões, duas figuras de maiores proporções, representando a da esquerda o commercio nacional na figura de Mercurio, offertando uma corôa, e tendo junto de si uma palmeira, uma bandeira e productos symbolicos do Brasil; a figura da direita, um velho guerreiro revestido de armadura, com um elmo emplumado na mão direita e a esquerda apoiada em uma longa espada, junto a um globo, e tendo por traz uma carvalheira, representada o velho Portugal das conquistas. Debaixo de cada uma d´essas figuras o respectivo escudo nacional. Entre os dois escudos, outro medalhão com um leão symbolisando a monarhia portugueza dominando a sublevação anarchica. Entre esse medalhão e o cartucho com a dedicatoria, o edificio da Associação Commercial." *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de out. 1908, ed. 234, p.274.



Figura 54 - Escudo de prata da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Fonte: *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de out. 1908, ed. 234, p.274.

Por outro lado, a título de conhecimento, Portugal ofereceu ao presidente da República na ocasião do Centenário da Abertura dos Portos e da Exposição Nacional de 1908 uma peça de ourivesaria, que também foi exposta nessa exposição, chamada *Taça Brasil* da Casa Leitão & Irmão[434], instituição que na época ganhou prémios de 1ª classe na Exposição de ourivesaria do Porto

[434] No artigo intitulado *A "Taça Brasil" da Casa Leitão & Irmão "Joalheiros da Corôa"*, Dra. Maria João Neto mencionou a história dessa peça de ourives dentro do contexto da diplomacia luso-brasileira. Nesse sentido, cabe destacar alguns trechos importantes que, possivelmente, podem apontar que o trabalho de ourivesaria da *Associação Comercial do Rio de Janeiro* foi entregue ao filho do rei D. Carlos I, D. Manoel II, na ocasião da entrega da *Taça Brasil* ao presidente da República, Afonso Pena. Como bem ensina Dra. Maria João Neto: "A ourivesaria portuguesa conheceu, nos finais do século XIX, uma importante restauração formal e técnica protagonizada por um conjunto de artífices/artistas, que souberam acompanhar essa renovação com o estabelecimento de modernas casas comerciais dotadas de charme e elegância. A Leitão & Irmão foi uma dessas casas que do Porto passou, também, a Lisboa e viu a sua reputação confirmada com o título de "Joalheiros da Coroa". A Taça Brasil é uma das magníficas peças que saiu das suas oficinas, por encomenda do rei D. Carlos. Planeava o monarca oferecê-la, em mão, ao presidente do Brasil, por ocasião da sua visita ao país irmão, em 1908. Era grande a importância diplomática da iniciativa, para ambos os países, mas tudo abruptamente gorado com o regicídio. Apesar do acontecido, a taça, com um expressivo programa neomanuelino, é terminada e entre ao seu destinatário, por ordem de D. Manuel II, encontrando-se hoje no Museu da República, no Rio de Janeiro." NETO, Maria João. *A "Taça Brasil" da Casa Leitão & Irmão "Joalheiros da Corôa"*. Revista Artis, N. 01 de 2013, p.127.

e Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Hoje, a *Taça Brasil* (fig.55) encontra-se no Museu da República, localizado no Rio de Janeiro.



Figura 55 - *Taça Brasil* da Casa Leitão & Irmão. Fonte: Catalogo Official da Secção Portugueza na Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1908.

3.1.6. Notas sobre Rodolpho Amoedo de 1909 pela Revista Ilustração Portuguesa

Nascido em Salvador, na Bahia, em 1857, Rodolpho Amoedo e sua família foram morar na cidade do Rio de Janeiro quando ainda era criança. Em 1873, o artista brasileiro ingressou no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, onde foi aluno de Joaquim Inácio da Costa Miranda Júnior, um dos primeiros alunos de Jean-Baptiste Debret e Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny, articuladores da Missão Artística Francesa de 1817; e também do professor Antônio Sousa Lobo, assim como foi amigo de classe do artista brasileiro Victor Meirelles. No ano seguinte, Rodolpho Amoedo iniciou seus estudos na Académia Imperial de Belas Artes como bolsista e, posteriormente, em 1878, conseguiu conquistar o Prémio de Viagem à Europa.

Sob o título *Um grande pintor brasileiro, Rodolpho Amoêdo*, a matéria publicada pela *Revista Ilustração Portuguesa* tratou sobre a passagem do pintor brasileiro em Paris, na ocasião que ganhou o Prémio de Viagem à Europa pela Académia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1878, além do articulista anónimo ter analisado alguns quadros do pintor, bem como ter traçado o perfil artístico de Rodolpho Amoedo. Entretanto, antes de adentrar ao conteúdo da matéria, faz-se necessário ressaltar que existe uma nota publicada, anos antes no Rio de Janeiro, por Luiz Gonzaga Duque Estrada, crítico de arte brasileiro, na *Revista Kosmos* no ano de 1905[435], que apresentou o teor da *Revista Ilustração Portuguesa*, porém acrescido de mais informações acerca do artista Rodolpho Amoedo.

Nesse sentido, a nota publicada na *Revista Ilustração Portuguesa* elucidou que Rodolpho Amoedo quando chegou na França estudou em dois ateliês, atelier Cabanel[436] e atelier de Puvis de Chavannes[437], ambos, segundo consta na nota, com ensino artístico dialmetramente opostos, não

---

[435] Rodolpho Amoêdo. O mestre, deveriamos accrescentar. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, ed. 01 de 1905, pgs 7-13.

[436] "Em 1879, quando o então alumno Rodolpho Amoêdo partia para a França, por conquista porfiada do premio *viagem á Europa*, da Imperial Academia de Bellas Artes, ainda o *atelier Cabanel* mantinha o prestigio da sua celebridade, apezar da nova corrente esthética que, proclamada por Eugenio Veron, levava d'escantilhão ao dogmaticos processos do academismo, que o Sr. David Sutter condensára num formidavel volume premiado pelo Instituto da França. O velho Alexandre Cabanel, por esse tempo, erro dos mais conspicuos depositarios das tradições da arte sob Napoleão III, o que equivale por dizer que guardava os moldes artisticos de Ingres, os preconceitos pseudo-classicos da Villa Medicis e, por sobrecarga, os arrebiques da casquilharia jovial do segundo imperio. Em verdade, ninguem melhor que os Srs. Cabanel e Bouguereau representavam o alambicado exterior e a essencia feminil d'essa arte, que parece um producto dynamisado das estouvices do can-can, do romantismo galante duma literatura modelada pelo capricho duma condessa hespanhola transformada em imperatriz franceza, melhor dizendo – parisiense, e fanfarronadas de casernas com coplas d´opera buffa. E n´esse *atelier* foi que Rodolpho Amoêdo cultivou o seu desenho, que ainda hoje possue o quer que seja da flexibilidade donairosa, da distincção gracil, da volupia discreta d´essa época mórbida, mas deliciosa." Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, p.641.

[437] "(…) Dali seguiu o professor Amoêdo para o *atelier* do Puvis de Chavannes, o grande mestre da pintura mural, que no dizer de Etienne Bricon, mettia de *l´air un peu divin dans l´air qui nous ettouffe*, e ahi, na pratica da simplificação dos *motivos*, sob a serena influencia da espiritualidade em que se ennobrece a obra pensada e social de Chavannes, o pensionista brazileiro completou a sua educação artistica." Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, pgs 641-642.

obstante, afirmou que foram fundamentais na formação artística de Rodolpho Amoedo[438]. Desse modo, antes de retornar para o Rio de Janeiro, Rodolpho Amoedo produziu quadros considerados de ponta dentro da sua carreira artística, como *Sacrifício de Abel*-1878; *O Ultimo Tamoyo*-1883[439]; *Marabá*-1882[440](fig.56); *Partida de Jacob*-1884 e *Narração de Filectas*-1887[441], sendo todos pertencentes ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Por fim, Rodolpho

---

[438] "D´esses dois mestres, oppostos por suas esthéticas, mas egualmente notáveis pelo saber, resultaram para o Sr. Amoêdo as componentes do seu estylo, recommendavel por um equilibrio de sobriedade e brilho, que só elle possue em tão justas proporções. (…) A evolução do seu espirito, porém, conduziu-o a uma arte finamente *expressora* e menos materialista, em que exsudava a dominante de suas predilecções consubstanciadas num requinte mundano de existencia ou seja, para mais dizer – um certo epicurismo elegante, apprehendido na convivencia selecta de um meio culto, da *supper-ten,* fortemente abalado por crises sentimentaes, de fundo atavico. Elle já nol-a tinha demonstrado com a *Pensativa*, uma meia figura de menina pobre, impressionantemente dolorida no seu abandono; e veio accentual-a numa obra bellissima que, por si só, vale todo o trabalho de um artista." Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, ps.642-643.

[439] Há de se ter em conta que essa obra foi produzida dentro do contexto de afirmação da nacionalidade brasileira e ela é considerada uma das mais emblemáticas dentro do contexto do indianismo nas artes plásticas brasileiras, uma vez que simboliza a luta dos índios contra a dominação portuguesa. Nesse sentido, a nota informou que essa obra foi inspirada segundo a conjuntura artística francesa vivida por Rodolpho Amoedo, qual seja: "Ao tempo que o professor Amoêdo concluía os seus estudos em Paris, a tendência natural da espiritualidade latina, começada por uma lenta campanha que teve o seu precursor em Stendhal, firmára-se no dominio das artes plasticas. Rodolpho Amoêdo não podia escapar a essa corrente vigorosa e transformadora, que a seducção das novidades fazia mais intensa por seu fundamento scientifico. *S´il est indispensable d´exercer son oeil et sa main, il l´est non moins de cultivar son esprit* - escrevia Pierre Petroz um dos menos conhecidos porem dos mais profundos historiographos da arte contemporanea. *O Ultimo Tamoyo* veio nessa época, pertence-lhe como producto." Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, p.642.

[440] A nota informou que essa obra é "(…) imbuido no indianismo ainda vasquejante da literatura patria, que foi uma reacção contra a influencia espiritual da ex-metropole, pôz na téla a *Marabá*, que Gonçalves Dias, linda e romaticamente, eternisou no fulgor rythimico de seus versos."
Mesmo tendo produzido uma obra de pintura indianista com cunho nacional, verifica-se no texto da matéria que a formação académica francesa de Rodolpho Amoedo pulsou mais forte no seu pincel, a saber: "(…) Mas, o indianismo, foi vencido pela força assimiladora dum meio superior. O seu tributo nativista tinha sido largamente pago e o moço artista voltou-se para a nú da cultura européa, como documento incontesto de estudos. Datam d´essa epoca, com insignificante differença de tempo, o magnifico tronco de mulher que se conserva na Pinacothéca da actual Escola de Bellas Artes, creio que na mesma sala onde refulge esse maravilhoso nú do *Modelo em repouso,* que confunde, num só e inestimavel valor, a perturbadora verdade de um desnudamento romano e a importancia duma *academia* perfeitissima." Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, pgs.642-643.

[441] Sobre essas duas obras, a matéria analisou de forma iconológica, de acordo com as seguintes palavras: "E' a *Partida de Jacob*, d´uma tocante simplicidade que nos penetra a alma e nos relembra aquella dulcissima passagem biblica de eleito do Senhor. Essa pagina biblica foi para Amoêdo a suggestionadora da *Narração de Philéctas*, onde está toda a força creadora do artista e todo o seu saber de pintor. Ali tem elle o trabalho reconstructor da edade, a interpretativa da alma de Longus, a fixação de seus typos. E em cada parte dessa obra o seu talento inflammou bellezas, que se não esquecem. Daphnis e Chloé ouvem-n'o, ella delgada como um junquilho, toda aromatisada de innocencia, de pelle feita das rosas e de cabellos mais loiros que a luz d'oiro d´esse claro dia - ainda não entendendo bem a linguagem do rude e bom velho, que os annos curvaram e as canceiras lanharam de rugas como as rugas dos lenhos adustos. Amoêdo compoz o grupo dos adolescentes com uma belleza emocionante. A posição escolhida para os dois amantes inconscientes dá-lhes a graça ingenua que Longus suggere, e constitue pela combinação de suas linhas um molde classico, perfeitamente adaptavel ao assumpto. Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, p.643.

Amoedo, após concluir a sua temporada em Paris, retornou para o Rio de Janeiro em 1887, tendo sido no ano seguinte professor da Académia Imperial de Belas Artes.



Figura 56 - *Marabá* de Rodolpho Amoedo. Fonte: *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, pgs.642.

3.1.7. Fundição Indígena do Rio de Janeiro: bustos em bronze de 1910 pela Revista Brasil-Portugal

Inicialmente, a utilização de ferro fundido começou no Brasil na época colonial com a chegada dos portugueses, com as primeiras instalações de casas de fundição de ferro no Vale das Furnas, interior de São Paulo. Posteriormente, por meio da descoberta de metais preciosos em Minas Gerais, no final do século XVII, ocorreu uma grande atividade das casas de fundições, em virtude do interesse económico em abastecer o mercado com utensílios, armas e moedas, sendo essa última produzida através da Casa da Moeda. Com relação ao processo de monetarização no Brasil, cumpre ressaltar que a primeira Casa da Moeda foi instalada na Bahia em 1694, tendo sido transferida para Pernambuco, que permaneceu por apenas doze meses, ano de 1703, e fixou de vez no Rio de Janeiro, a capital do Brasil até o final da primeira metade do século XX.

Desse modo, há de se mencionar que existiram três Casas da Moeda no Brasil, sendo distribuídas em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro, todas supervisionadas pela Casa da Moeda de Lisboa. Desta feita, pode-se verificar que nesse periodo histórico do Brasil, a fundição do metal era vista apenas com finalidade económica e, posteriormente com a chegada da Missão Artística

Francesa em 1816 no Rio de Janeiro[442], esse cenário foi alterado, tendo em vista o gosto estético dos admiradores de arte, no caso a burguesia em ascensão, que adquiriam obras em metal de acordo com a tendência internacional do mercado das artes. A título de conhecimento, tem-se nota que a maioria dos trabalhos de escultura era realizada no exterior, antes de culminar esse período áureo da fundição artística no Brasil[443].

E é dentro dessa tónica que a *Fundição Indígena* surgiu no Rio de Janeiro[444], cujo propósito era estabelecer, além de peças de maquinários, artigos de decoração com o cunho nacional da marca

---

[442] Sobre essa temática, pode-se constatar o desenvolvimento da fase artística da fundição de metal no Brasil, com o seguinte trecho: "No entanto, a fundição artística no Brasil permaneceria comprometida como durante os primeiros séculos, e ganharia impulso somente após a chegada da Missão Artística Francesa em 1816, quando, com o abrandamento das proibições, por aqui aportaram novos conhecimentos sobre modelagem e fundição, trazidos pelos professores europeus especializados como o escultor Auguste Marie Taunay (1768-1824), o gravador e medalhista Charles-Simon Pradier (1783-1847) e os irmãos Marc Ferrez (1788-1850) e Zépherin Ferrez (1797-1851), estes últimos chegados um ano depois. Dai nasceria a Academia Imperial de Belas Artes (posteriormente Escola Nacional), tornando-se o principal centro de formação artística do país, e o aprimoramento ali propiciado ao ensino de escultura e estatuária ajudaria a fomentar uma nova demanda, à medida que o país se envolvia com o processo de afirmação do imaginário nacional no pós Independência." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 18.

[443] Desse modo, convém acrescentar que antes desse crescimento da fundição artística no Brasil vários "(…) monumentos públicos de grande porte, como a estátua equestre de Pedro I, feita por Louis Rochet, a estátua do General Osório, e o *Monumento ao Descobrimento do Brasil*, ambas de autoria do então "escultor oficial" Rodolpho Bernardelli, tiveram que ser executados em Paris." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, pgs. 18 e 20.

[444] Dentro desse mesmo tema, cabe destacar como surgiu a *Fundição Indígena* no contexto da fundição artística no Brasil, conforme se observa na seguinte passagem, qual seja: "Rio de Janeiro e São Paulo se equivalem no processo de consolidação da fundição artística no Brasil no começo do século XX devido, sobretudo, à desmedida concentração do poder econômico e político que outras capitais não tiveram. Se, por um lado, a cidade carioca possuía instituições e estabelecimentos comerciais tradicionais, e vivia o auge da reurbanização promovida pelo Prefeito Pereira Passos, por outro, a figura de Ramos de Azevedo à frente do Liceu de Artes e Ofícios, em São Paulo, ajudaria os paulistas a queimar etapas. Nesse período, em meio ao glamour da "Era Passos", surgiram no Rio de Janeiro algumas metalúrgicas especializadas no processo artístico, a exemplo da *Fundição Indígena* e da *Fundição Cavina*, responsáveis pela maior parte das fundições da época." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 20.

registada pelo uso da palavra *Indígena*[445]. Nesse sentido, a *Fundição Indígena* funcionou durante 117 anos, entre o fim do século XIX e início do XX, tendo participado importantes escultores considerados na época, como Rômulo Cavina e seus filhos, que imigraram para o Rio de Janeiro no final do século XIX.[446] Por fim e diante deste contexto, verificou-se que a *Fundição Indígena* foi um dos importantes centros de fundição dentro do cenário artístico brasileiro, em especial por estar ligada diretamente aos artistas oriundos da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro[447], tendo como o grande articulador desse estilo artístico o diretor, professor e escultor Rodolpho Bernadelli[448].

Posto isto, a *Revista Brasil-Portugal* publicou fotografias dos últimos bustos em bronze de personalidades importantes no cenário brasileiro, produzidos pelas oficinas da *Fundição Indígena* do Rio de Janeiro, em 1910. As personalidades públicas homenageadas foram D. João VI, Efígie da

---

445 Nesse sentido, a breve história da *Fundição Indígena* é constituída dentro do "(…) processo de consolidação industrial e comercial da fundição artística no Brasil, destacando-se por ser a mais antiga e tradicional do país, produzindo peças, ferramentas, máquinas e artigos decorativos por mais de um século. Herdeira da tradição metalúrgica que durante o Segundo Império se expandiu vertiginosamente, destinando-se basicamente à variada produção de peças para carruagens, máquinas a vapor, barcos e equipamentos agrícolas, assumiu de fato o nome de *Fundição Indígena* por volta de 1902, fruto da reorganização dos negócios e da entrada de novos sócios. Antes disso, disputou o mercado com inúmeras outras casas comerciais do ramo que atendiam a enorme demanda de um país em franco crescimento. O diferencial da *Indígena*, cujo nome já diz muito, foi ser a pioneira em tentar "nacionalizar" seus produtos, gerando oportunidades para que alguns escultores fundissem pequenas peças em bronze, encomendadas pela sociedade carioca na *Belle Époque*." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 22.

446 Antes de criar a *Fundição Cavina*, cumpre mencionar que a família artística *Cavina* trabalhou por um tempo na *Fundição Indígena*, a saber: "A obra escultórica de Umberto Cavina está ligada à história da Fundição Cavina e, por esta, à fundação artística no Brasil. Seu pai, Rômulo Cavina, italiano de Florença, havia imigrado com a família em fins do século XIX e junto com os filhos prestou serviços durante anos na tradicional Fundição Indígena. Com larga experiência profissional e tendo Umberto se tornado escultor - inclusive com obras no catálogo comercial da Indígena - em 1915 a família funda sua própria empresa, especializada em fundição de obras de artes e monumentos, e que se tornaria referência em fundição no Brasil nas duas décadas seguintes." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 138.

447 A saber: "É à luz dessa situação que convém relembrar a história da fundição artística no Brasil, que poderia ser divida em duas grandes etapas. A primeira, relacionada à chegada da Missão Francesa, no século XIX, envolve toda a produção de obras ligadas à Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, de cunho imperial ou republicano e que, apesar de não ter investido a contento na formação técnica, fomenta uma "cultura do monumento" e, com ela uma demanda colecionista absorvida pelas fundições comerciais. A segunda etapa, a partir da criação em São paulo, no início do século XX, da escola de fundição do Liceu de Artes e Ofícios (…)" Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 67.

448 "O panorama artístico que se estendeu até princípios do século XX veria crescer cada vez mais a produção de cunho nacionalista, porém, com autores invariavelmente à margem da temática e do tratamento acadêmicos oficiais, tangendo por vezes um modernismo moderado. É no bojo do crescimento econômico da época, e focada no excedente artístico que atendia a uma burguesia em ascensão, que algumas fundições resolvem prestar serviços a poucos e bravos escultores, situados à margem do monopólio oficial estabelecido por Bernardelli." Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013, p. 23.

República Brasileira, Marechal Deodoro da Fonseca, Dr. Francisco Pereira Passos, Dr. Oswaldo Cruz, Carlos Gomes, ex-prefeito municipal Dr. Aguiar, ator brasileiro João Caetano, Dr. Franklin Sampaio, Arthur Azevedo, Dr. Niemayer[449](fig.57).

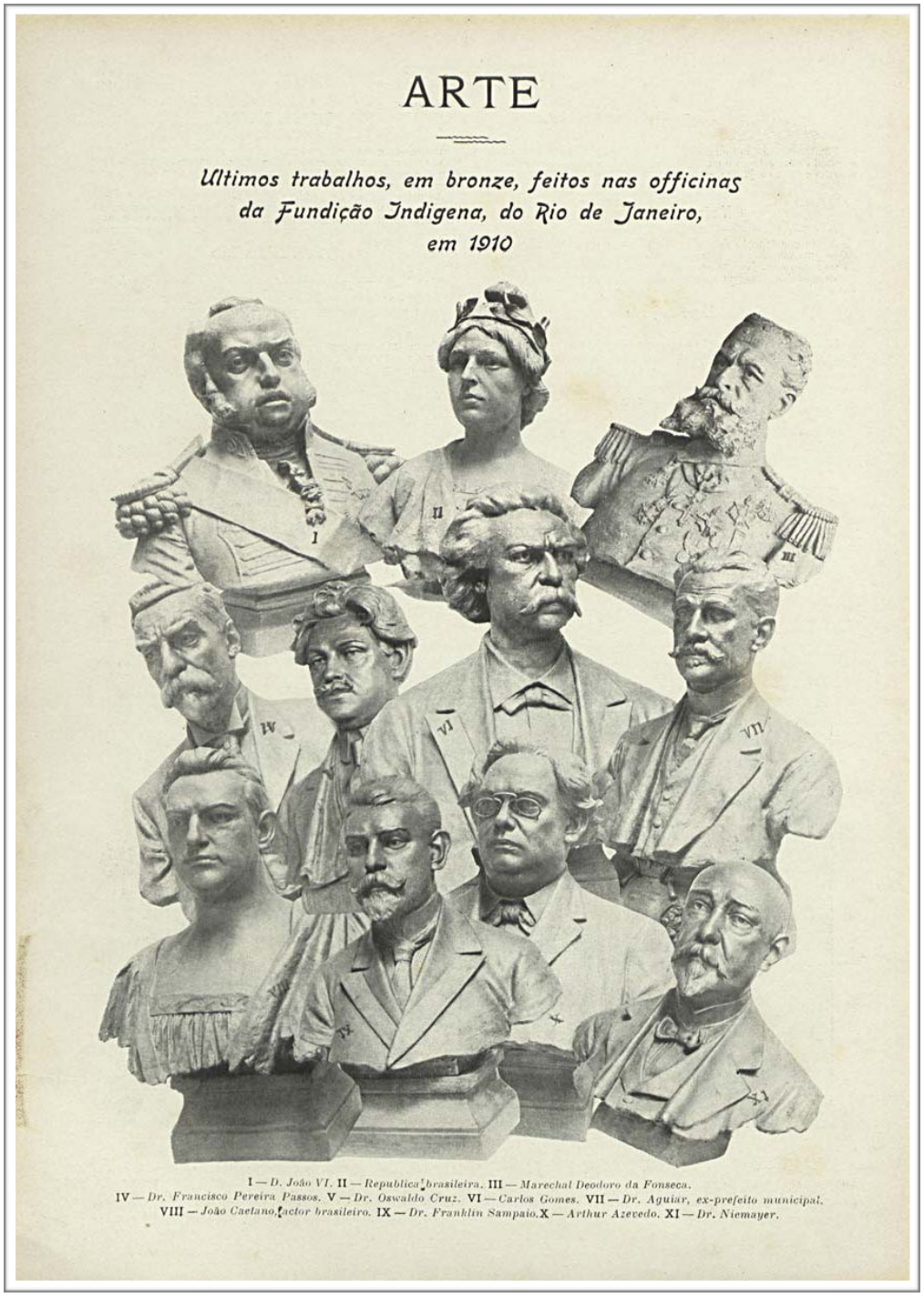


Figura 57- Bustos em bronze de 1910 pela Fundição Indígena do Rio de Janeiro. Fonte: *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 01 de maio 1910, ed. 271, p.110.

[449] Arte. Ultimos trabalhos, em bronze, feitos nas officinas da Fundição Indigena, do Rio de Janeiro, em 1910. *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 01 de maio 1910, ed. 271, p.110.

3.1.8. Notas sobre Theodoro José da Silva Braga de 1911 e 1913 pela Revista Ilustração Portuguesa

Nos anos de 1911 e 1913, o articulista português da *Revista Ilustração Portuguesa* José Simões Coelho[450] discorreu sobre o artista brasileiro Theodoro José da Silva Braga[451], no qual realizou uma breve síntese de sua trajetória como artista e também analisou algumas obras que eram destaques na sua produção artística.

Nesse sentido, José Simões Coelho iniciou o seu artigo de 1911, *Um grande pintor brazileiro*, com uma comparação sobre o condicionamento do clima e a inteligência humana ao ter afirmado que existe uma diferença de mentalidade entre os habitantes da região do Sul e da região do Norte do Brasil, tendo admitido que os maiores pensadores brasileiros nasceram na parte Norte,

---

450 Na *Revista Ilustração Portuguesa*, há uma pequena nota a destacar sobre o articulista José Simões Coelho e a sua importância no fortalecimento da relação luso-brasileira, qual seja: "José Simões Coelho. - De regresso de uma larga viagem de propaganda pela America do Sul, como representante do <<Seculo>> e da <<Ilustração Portuguesa>>, encontra-se em Lisboa o nosso amigo e distinto colaborador sr. José Simões Coelho. De uma grande atividade e fino espirito de observação, fez ele um inquerito minucioso sobre a evolução das relações luso-brazileiras, o que muito contribuiu para o bom desempenho da sua missão e representa belos elementos sobre que se podem até basear quaesquer medidas de caracter oficial, cada vez mais necessarias para o estreitamento entre dois povos, laços que infelizmente se tem vindo afrouxando devido a multiplas circumstancias. Para se avaliar bem dos progressos do Brazil, da vastidão e riqueza do seu solo, de todos os largos recursos que lhe reservam o futuro de uma das primeiras nações do mundo, é preciso percorrel-o em viagem demorada de estudo inteligente como a de Simões Coelho, que trouxe tão belas impressões d´aquele hospitaleiro paiz, com convicções arreigada de que devemos fazer todos os esforçoes para robustecermos as nossas velhas relações de amizade e de comercio com ele. O nosso distinto colaborador volta dentro em poucos mezes ao Brasil para consolidar a sua missão jornalistica." Figuras e Factos. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 18 de jan. 1915, ed. 465, p.71.

451 Sobre a trajetória artística de Theodoro Braga: "(…) Theodoro José da Silva Braga, paraense de Belém, nascido em junho de 1872. Formado em Direito, em 1893, pela Faculdade de Direito do Recife, Braga adotou, todavia, a produção artística e, posteriormente, a carreira docente como atividades profissionais principais. Tendo, também, se bacharelado pela Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, no Rio de Janeiro, por volta de 1898, Braga dedicou grande parte de sua vida ao estudo, como historiador e geógrafo que ainda foi, aos temas regionais brasileiros, indo da temática bandeirante ao marajoara, mas com especial ênfase nesta última. Sua passagem, como aluno, pela ENBA, neste sentido, é especialmente importante, pois foi ali que tomou contato com pintores como Belmiro de Almeida, Zeferino da Costa e Bérard e que amealhou o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, em 1899, que o levou a Paris, onde desenvolveu estudos na *Academia Julian*, sob tutela de Jean Paul Laurens. De regresso ao Brasil, em 1905, Braga pode desenvolver pintura alusiva à fundação de Belém, fortalecendo seus vínculos com a pintura histórica (…). No Rio de Janeiro, Braga gravitou em torno dos docentes e dos formados da ENBA até que, em 1921, migrou para São Paulo para desenvolver atividade docente na Escola de Engenharia Mackenzie, lugar em que ministrou a disciplina de Desenho Técnico, dentre outras, e na Escola de Belas Artes de São Paulo, que chegou a dirigir. Mesmo tendo se radicado na capital paulista, manteve vínculos de pesquisa com o seu estado natal, assim como com a produção da ENBA, participando de salões na década de 1920." PASCOAL, Paola. *Theodoro Braga e Maria Hirsch: relações artísticas, pessoais e políticas na campanha neomarajoara no Brasil*. XXXIX Simpósio de História Nacional. Contra os preconceitos: história e democracia. Ano 2017, pgs. 5-6.

a incluir Theodoro Braga[452]. Ainda assim, relatou também que o artista brasileiro formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife, por imposição paterna, porém, anos mais tarde, Theodoro Braga soube utilizar em seus trabalhos o ensinamento adquirido, segundo declarou José Simões Coelho[453]. Posteriormente, após concluir o curso de Direito em Recife, Theodoro Braga transferiu-se para o Rio de Janeiro e iniciou os estudos artísticos na Escola de Belas Artes. Em 1899, por meio do seu mérito, o pintor paraense conseguiu o tão sonhado prémio entre os alunos para estudar na Europa, Prémio Viagem à Europa, e permaneceu por cinco anos em Paris, local aonde conheceu a sua esposa a Sra. Maria Hirsh, artista alemã. Lá estudou na Académia Julian e teve contato direto com o artista Jean-Paul Laurens, que influenciou diretamente

[452] "Quem estude o Brazil, atravez da sua ethnica anthropologica, observará a differença que existe entre a mentalidade do habitante do Sul e a do habitante do norte. O brazileiro do sul, terá uma intelligencia mais natural. As suas diversissimas aptidões, humanamente adaptadas aos conhecimentos do dia a dia dar-lhe-hão maior altivez, ao passo que o norteano é sóbrio em suas concepções e, por isso mesmo, faz obra que perdura. Os maiores pensadores e artistas brazileiros, são oriundos das terras desmedidas que de Pernambuco vão até Pará. Silvio Romero, José Verissimo, Coelho Netto, Gonçalves Dias e José de Alencar, nasceram norteanos. A zona tórrida do Equador (…) dá, aos naturaes, uma imaginação ardente, viva, sempre propensa a idealisar sobrenaturalismos poetisados, sentimentalisando-os a ponto de cada um d´elles ser artista, pintor, poeta, inventor ou philosopho. Os climas quentes, teem a soberana propriedade de aquebrantarem o organismo, fazendo ebulir constantemente no cerebro a dynamisação intellectiva. Sob o peso de todo este determinismo mesologico, nasceu um grande pintor paraense: dr. Theodoro Braga." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, p.299.

[453] A saber: "Foi-lhe benefica a influencia que d´ella recebeu. Deu-lhe a consciencia philosophica e sociologica, filtrada pelo grande espirito de Tobias Barreto, o impulsionador da faculdade. O ambiente salutar, proporcionou a Theodoro os conhecimentos psycologicos que mais tarde applicaria aos seus trabalhos picturaes." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, p.299.

Theodoro Braga pelo gosto da pintura histórica e literária. Depois do fim da temporada européia, ambos retornaram para o Brasil[454].

É notório perceber na matéria publicada em 1911, na qual José Simões Coelho avaliou não somente o *atelier* do casal de artistas no Pará, que inclui algumas obras que fazem parte do

[454] "Matriculou-se, então na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Por concurso, foi premiado com uma viagem de estudo de cinco annos, pela Europa. Viu-a com <<olhos de vêr>>. Sedento de saber, enclausurou-se nos templos onde a piedade esthetica dos eleitos canonisou os mestres. Enamorou-se de todas as escolas e <<maneiras de ser>>, até se apaixonar por aquella que mais se casava com o seu philosophar. Ante-sonhava vêr na tela a victoria do homem fecundante. Desejaria *crear* a reconstituição do <<bem-estar>> humano com a magia da sua paleta incolor, fazer obra que ficasse. Obra que não fôsse *moda*. Obra qual fugisse, intrigado, o pó dos tempos. Assim mereceria a pena ser pintor! E conseguiu a realisação do seu ideal, ligando-se a uma senhora alemã, D. Maria Hirsch, que em Paris estudava com fervor religioso a evolução das artes aplicadas, e expunha já no <<Salon>> em guisa de louvores e premios que alvejavam. Depois veiu para o seu paiz." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, pgs.299-300.
E também em outro artigo de José Simão Coelho de 1913, no qual destacou os principais representantes do cenário intelectual brasileiro, que passaram uma temporada na Europa, assim como o pintor Theodoro Braga. Portanto, vale transcrever a seguinte passagem, qual seja: "Ao Brazil não se póde negar exuberancia em qualquer das parcelas da sua vida social. Assim é que, atualmente, tem no seu ativo todas as forças dinasticas que são os valores sociaes em que assentam as nacionalidades modernas. Possue oradores e políticos como Ruy Barbosa, o Ciclópe brazileiro, Pinheiro Machado, Barbosa Lima, Dantas Barreto, Enéas Martins, Lauro Sodré, etc; poetas e prosadores como Olavo Bilac, Alberto d´ Oliveira, Coelho Neto, Hermes Fontes, João Ribeiro, Carlos Laét, José Verissimo; diplomatas e historiadores como Oliveira Lima, Assis Brasil, Homem de Melo, Domicio da Gama, Magalhães Azeredo e Graça Aranha; jurisconsultos e economistas como Lafayette Pereira, Vicente Ferrer, Pedro Lessa, Manuel Murtinho, Francisco Salles; sociologos e pensadores como Silvio Romero, Artur Orlando, Soriano de Albuquerque, Pontes de Miranda, Pedro Queiroz, Fábio Luz; jornalistas como Alcindo Guanabra, Pinto da Rocha, Paulo Barreto; críticos D´arte como Alfredo de Souza, o grande crítico paraense, portuguez de nascimento, Araujo Jorge, Oscar Guanabarino; artistas como Antonio Parreiras, Elpidio Pereira, Abel do Nascimento, Batista da Costa e tantos outros nomes que á força de talento atravessaram o oceano e se tornaram conhecidos dos centros europeus onde a arte pontifica. D ´entre esta pleiade de artistas, que hão alcançado a glória á custa dos seus proprios meritos impõe-se, um, nortista, de uma espiritualidade toda internacionalisada no convivio com os elementos extranhos ao seu sempre belo paiz. Refiro-me ao pintor paraense Dr. Teodoro Braga, que não é apenas um admiravel artista da palêta, mas, tambem, um professor ilustre e literato insigne. Formado em ciencias sociaes e juridicas pela faculdade do Recife, o dr. Teodoro Braga nasceu artista. Concluindo o seu curso foi de delongada até á Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, onde, por fim, obteve o primeiro premio de viagem de estudo á Europa. Frequentando os melhores *ateliers* adquiriu essa visão estetica que é propria de eleitos, e, enriquecido com novas noções sobre a sua arte, voltou ao seu paiz vencedor em toda a linha a despeito dos mal humorados sedentos do seu talento indiscutivel." Pará Artistico. O <<home>> de um grande estéta. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 07 de jul. 1913, ed. 385, pgs.19-20.

ambiente, como também descreveu a casa aonde eles moraram[455]. Há também essa mesma observação na matéria publicada em 1913, cujo articulista além de descrever o espaço da produção

[455] Assim: "(…) De uma grande inventiva, bastante desenvolvida com methodo e presciencia, fez um mobiliario para uma sala de artista. E´ composto de oito peças e executado em madeira do Pará, conhecida sob o nome de *Freijó*. A côr da madeira, de um tom agradavel de amarello escuro, venoso, casa-se perfeitamente ás applicações adoptadas para essa ornamentação. O encosto, o assento e os braços são cobertos de uma pelle de boi, e n´ella executados desenhos por madame Theodoro Braga, representando folhagem de mangueira, a arvore que arborisa as avenidas paraenses, *en cuir repoussé et patiné*, presos por pregos em seu estylo adequado. A parte posterior dos encostos é pyrogravada com o mesmo motivo de decoração, e após, ligeiramente coloridos á aguada para não só não empastar, como tambem não tirar o caracter da madeira. Todo este mobiliario, estylo seculo XIV, se desmonta facilmente. Sobre as columnas, dois vasos com flôres, cobertos com um *cachepot*, em couro trabalhado. Este precioso e original mobiliario fez parte de uma exposição de arte e foi adquirido sr. Senador Antonio Lemos, intendente de Belem. Theodoro Braga, como bom psicologo não desconhece quanto o ambiente familia favorece a esthesia. Como Zola, rodeiou-se de todos os confortos indispensaveis, para assim poder realisar os seus sonhos. A sala de refeição, pela sua elegancia, attesta os cuidados d´aquelle casal de entes privilegiados. Andam por ali mãos de fada. Uns pequeninos nadas, que passam despercebidos a profanos, mas que são o encanto e deleite de espiritos refinados. E, assim, por toda a vivenda respira-se um bem-estar de clausura desejada. A sala de estudo e bibliotheca, é uma deliciosa thebaida, onde os esposos-artistas se concentram e sonham idealisações. Elle, busca inéditos que lhe inspirem poemas emmoldurados; ella, folheia um trabalho original do marido: *A planta applicada á ornamentação*. E´ valiosissimo este trabalho, onde conseguiu com as plantas nacionaes e conhecidas, tirar motivos diversos para enriquecer toda e qualquer industria com desenhos e fórmas novas. Torna-se, não só um bello compendio de botanica, como tambem um excellente repositorio de suggestão esthetica. Nas portas dos fortissimos armarios, estão habilmente collocados uns antigos vidros (fundo de garrafa) de janella de uma velha egreja alemã. O movel que guarda os livros é tambem original, sendo fabricado sob os cuidados do pintor. O *atelier* está scientificamente disposto. Na parede do fundo, tres cartões de *vitraux* para as tres janellas da cathedral do Pará, representando, o do centro, o estabulo onde está a Santa Familia, o da direita os Reis Magos, e o da esquerda, a adoração dos pastores. Esses cartões são reduzidos a 1/4 do tamanho natural. No primeiro plano, á esquerda, a grande tela com o retrato do exmo. sr. Senador Antonio Lemos; ao lado um desenho esboçado: Causa Victrix. E´ de uma alta concepção philosophica este futuro quadro, e algo atrevido para ser exposto em meios onde o conservantismo haja creado raizes. A figura do centro representa a mulher fecundante e fecundada. Da matriz progenitora, sae um clarão de luz. E´chamma. E´ sol. E´ vida. Tão grande é o seu poder intensivo, que se ajoelham, reverentes as duas forças humanisadas: a força physica e a força intellectual. E´ ella a unica causa vencedora. Sem ella a Natureza parecia como viuva que se não resigna. A´direita do pintor, tambem esboçada, uma tela enorme estuda uma das mais bellas lendas do grandioso valle Amazonico. A lenda do Muiraquitan. (…) Esta interessante e erudita tela, depois de concluida, será enviada ao <<Salon>>. O *atelier* da illustre esposa do artista, prende e captiva porque é a idiosincracia da maga artifice. Desde o perfume, sobriamente discreto, até a disposição do mais humilde cinzel, tudo se harmonisa e contribue para que os trabalhos da sua especialidade deem fama e renome ás mãos que os executam. No momento em que foi photographada estava insuflando vida ao *cuir repoussé et martelé*." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, pgs. 302-303.

artística do casal, também mencionou a metodologia adotada pelo professor Theodoro Braga[456], que foi do mesmo modo historiador, geógrafo e escritor, sendo considerado na intelectualidade brasileira, portanto, um artista multifacetado[457].

---

[456] "Não ha espirito culto vindo ao Pará que não deseje vêr o *home* do grande esteta. Sae encantado com a disposição ritmica de todos os elementos que contribuem para a confeição da obra d´arte. A esposa do doutor é artista tambem. Alemã de nascimento foi condiscipula de seu marido no mesmo *atelier* em Paris. D´ai a colaboração permanente para a realisação do ideal estetico que insulta a vida n´aquele casal feliz. Desde a moradia, modernissima, ao menor recanto do edificio, adrêde feito para o *Studio*, segundo plano do distinto engenheiro paraense dr. Francisco Bolonha, respira-se arte apenas. Não cabe n´aquela tebaida a mais pequena mesquinhez humana, nem jamais penetrou outro anceio que não fosse o de aperfeiçoar o quadro entre mãos para a perdurabilidade de um nome imperecivel. A orientação pedagogica do pintor é requintadamente moderna. Possuidor de uma vontade de ferro tem reformado no Pará os processos arcaicos das artes de desenho. Em todas as manifestações do seu maliavel saber comprova os seus elevados conhecimentos psicologicos." Pará Artistico. O <<home>> de um grande estéta. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 07 de jul. 1913, ed. 385, p.20.
Nesse último ponto, segundo os dizeres de José Simões Coelho, Theodoro Braga também é avaliado em 1911, a saber: "De pulmões cheios do sadio ar da Europa, com o cerebro replecto de idéas novas sobre arte, (…) Theodoro Braga, iniciou na sua terra natal a propaganda racional do ensino do desenho. (…) o jovem professor, confiante no seu proprio esforço, de olhar fito na sua companheira, émula e inspiradora, continuou o trilho encetado com maior estimulo. Escreveu artigos pedagogicos com a picareta do Bom-Senso. Os seus adversarios, impotentes, jogavam as ultimas atravez do muro do conservantismo. Venceu, afinal o professor humanisado por sua educação experimental. Hoje, é acatada a sua opinião com respeito persuasivo." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, p.300.

[457] Nessa temática, de acordo com os dizeres de José Simão Coelho: " (…) O que mais surprehende o visitante á vida do casal, é a distribuição das horas nos seus labores. Chega-lhes o dia para tudo! E´ a perseverança do methodo. Desconhecem esse phenomeno phisiologico chamado: fadiga. E a um artista d´estes - que é um dos maiores espiritos assimiladores e assimilaveis que conheço - pois é escriptor, pintor, bacharel, marceneiro, ethnologo e professor, ainda o govenro brazileiro não deu plenos poderes para fundar e dirigir uma escola de ensino profissional!" Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, p.304. Como também na nota publicada de 1913, a saber: "(…) Em todas as manifestações do seu maliavel saber comprova os seus elevados conhecimentos psicologicos, dando a alguns quadros uma feição de desmedido interesse filosofico. O seu belo quadro *A Causa Victrix* é modelar pela profundeza do conceito. Se outros artistas não tivesse o norte do Brazil, bastaria o nome do dr. Theodoro Braga para tornar admirado de todos os verdadeiros cultores de uma arte eminentemente social." Pará Artistico. O <<home>> de um grande estéta. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 07 de jul. 1913, ed. 385, p.21.

No tocante às obras do pintor paraense, há uma pintura histórica de destaque na nota publicada em 1911: *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belém do Pará*[458] (fig.58). Ademais, claramente verificam-se nas obras de Theodoro Braga um apelo ao valor nacional artístico, sobretudo o valor regional, no caso nortista, sendo considerado na época um dos responsáveis pelo fomento do nacionalismo na arte brasileira[459].

---

[458] Interessante passagem se faz presente na análise do pintor Theodoro Braga sobre o seu próprio quadro *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem do Pará*, uma pintura histórica, que está inserida dentro da avaliação das obras da primeira nota de José Simões Coelho, qual seja: "(…) seu monumental quadro: *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem do Pará*. Foi encommendado pelo digno intendente de Belem, o senador sr. Antonio Lemos, o mais alto dignatario da provincia do Pará. Está exposto no Palacio da Intendencia Municipal. A idéa geradora d´esta obra, que mede 5m x 2m,50, foi inspirada por estudos que o artista fez sobre a conquista dos portuguezes que desde o Maranhão iam impondo a sua soberania. Apenas chegados á bahia do Guajará, os naturaes da ilha, chamados Tupinambás, receberam-os com grande desconfiança. O pintor descreve, em um opusculo interessantissimo, a gestação da sua obra prima: <<Dez horas do dia. Sobre uma unica paizagem que poderemos chamar panoramica, desenrolam-se separadas por uma *baguette de madeira*, duas scenas do grande facto historico. A direita do espectador vê-se a chegada das tres embarcações (caravella, patacho e lanchão) que trazem a expedição civilisadora. Ainda não ancoradas, ellas deixam-se ir ao sabor da corrente, sempre em observações, com lhes fôra recommendado. Em terra, os Tupinambás olhando com odio a chegada dos seus mortaes inimigos; não é com curiosidade nem com admiração o que elles vêem, pois conhecem bem os portuguezes, nas luctas, vindos desde o sul do Brazil e atravez do Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão e, finalmente, do Pará. O igarapé, onde está o seu posto, é o que mais tarde foi chamado o Vêr-o-Peso. Bordam o littoral lamacento d´essa zona quantidades de mangues, aturiás, etc., emquanto que para o interior começam-se a distinguir arvores collossaes das enormes mattas paraenses. Para o igapare chegam ainda outros indios retardatarios de suas tabas situadas no interior emquanto que á margem do rio elles teem estabelecido aqui e ali as suas atalaias de defezas, pontos de espreita. A´ esquerda do espectadores e o trabalho dos portuguezes senhores e conquistadores, como sempre foram em todas as emprezas, já em estado de adeantamento. Uma vez escolhido o logar quasi isolado e de boa altura defensavel, deram mãos á obra. A pequenina egreja consagrada a Nossa Senhora de Belem, de taipa, coberta de palhas ainda não ressequidas e já prompta, como promptas já estão algumas palhoças e casebres, habitação de novos colonos. O forte, com a sua frente de cestões entre os quaes peças de artilharia já estão assentadas, começa a terminar-se; um muro com a sua guarita é construido e o resto avança rapido. Ha o vae-vem dos trabalhadores portuguezes e indigenas. No primeiro plano, sob espessa sombra de grandes arvores, Castello Branco, cercado do seu estado maior, commandantes de embarcações, pensa já em preparar a viagem de Pedro Teixeira ao Maranhão, a fim de levar a nova da fundação da cidade de Belem. Da vegetação que orna a paizagem, notam-se o assahyseiro, a seringueira, a embaúba, sipós que enrolam-se á arvore collossal que representa a magestade grandiosa das nossas florestas tropicaes, palmas, e, á beira de agua, o mureré e o topico anniugal da terra belenense. Ao fundo, no horisonte, destaca-se a longa fita arroxeada da verdejante ilha das Onças. O céu tranquillo e bello ajuda o grande emprehendimento da fundação da gloriosa cidade equatorial emquanto que para o lado da embocadura do rio uma nuvem plumbea lembra-nos as fortes bategas da agua bemfazeja e quasi diaria. Sobre o horisonte pesadas nuvens branco azuladas permanecem tranquillas n´essa hora do dia. O rio barrendo do Pará deixa quando em vez, por um arrepio da briza, reproduzir a côr cerulea do ceu.>> Theodoro Braga é um litterato que justifica e defende a sua inspirada obra de pintor. Não é, como a maioria dos artistas de pincel e escôpo, que pedem a outrem lhes litteratisem as concepções estheticas." Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, pg.300-301.

[459] Sobre essa temática: "Theodoro Braga se enquadra no debate acerca da questão nacional, como uma vertente ufanista, vigente no início do século XX. (…) Braga acreditava que a renovação da arte brasileira deveria ter como referência a sua própria origem; portanto, seria necessário o constante "resgate" das culturas indígenas amazônicas, fato que permitiria segundo ele fortalecer a nossa individualidade, fazendo-nos reconhecer nossos regionalismos e, principalmente, identificando-nos como "*povo soberano*" (…) com inspiração em elementos nacionais visando enraizar uma "herança" na essência das criações artísticas brasileiras através de uma memória nacional capaz de afastar qualquer estrangeirismo, causando, assim, uma identificação nacional." PASCOAL, Paola. *Theodoro Braga e Maria Hirsch: relações artísticas, pessoais e políticas na campanha neomarajoara no Brasil*. XXXIX Simpósio de História Nacional. Contra os preconceitos: história e democracia. Ano 2017, p. 6.

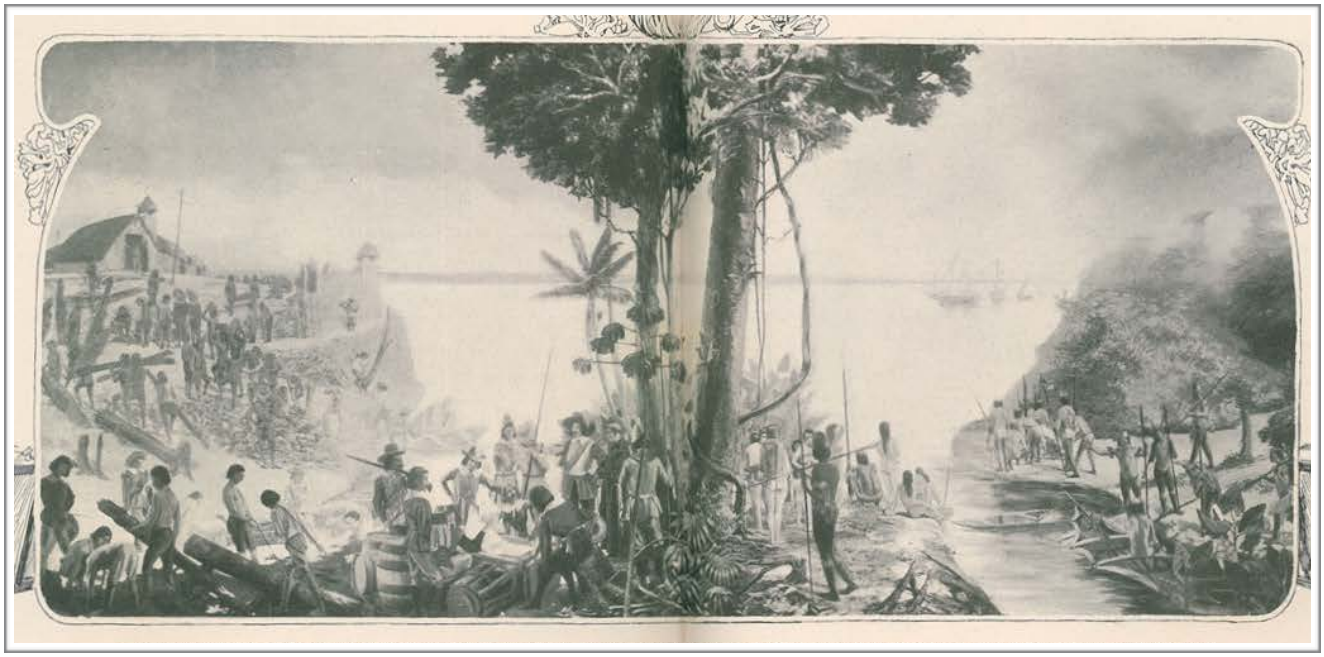


Figura 58 - *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem do Pará* de Theodoro Braga. Fonte: *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, p.304.

3.1.9. Exposição Virgílio Maurício da Rocha de 1911 na sede da Sociedade Perseverança e Auxílio em Maceió pela Revista Ilustração Portuguesa

Há uma página dedicada exclusivamente ao artista brasileiro Virgílio Maurício na *Revista Ilustração Portuguesa* de 1912, composta por fotografias que fazem referência à exposição realizada em Maceió, no Brasil[460](fig. 59).

[460] No total são 7 fotografias descritas da seguinte forma: " 1- Ruy Barbosa; 2- Cabeça de Velho; 3- Retrato; 4-Virgilio Mauricio, o quarto a contar da direita, ao lado do coronel sr. Clodoalto da Fonseca, governador do estado das Alagoas, no dia da inauguração solene da exposição em Maceió: Da esquerda do leitor: Conego José Mauricio, secretario do bispado e coronel Antonio Mauricio, deputado estadoal, irmão e pae do artista. 5- Retrato do sr. Enoch Mauricio; 6- Dorso de mulher; 7- Mulher franceza." Exposição Virgilio Mauricio, em Maceió. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 30 de set. 1912, ed. 345, p.448. Vale destacar que a fotografia n. 5 é um retrato de um dos irmãos de Virgílio Maurício.

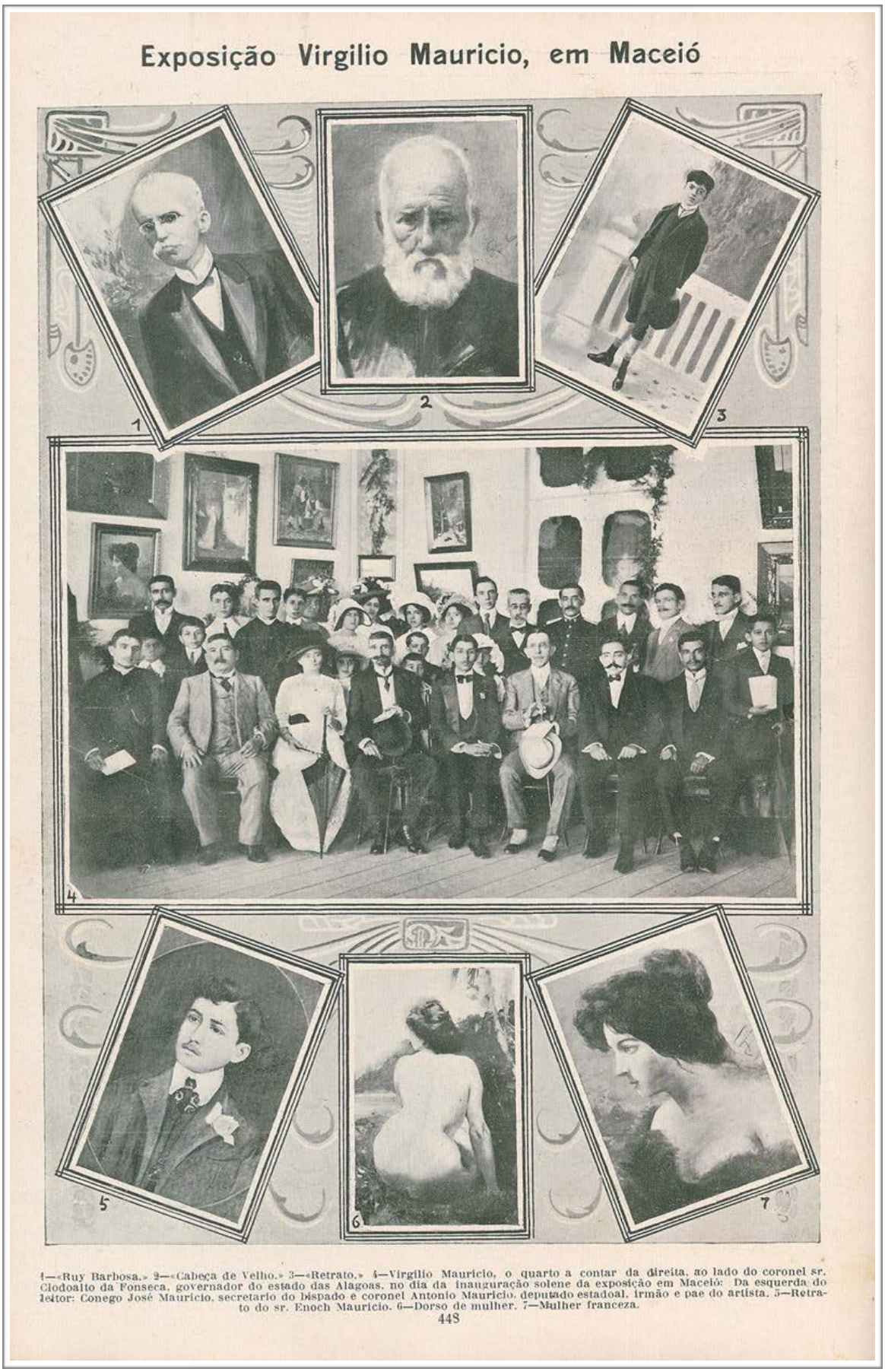


Figura 59 - Nota sobre a Exposição Virgílio Maurício em Maceió. Fonte: *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 30 de set. 1912, ed. 345, p.448.

Nesse sentido e tendo em vista a escassez de informações sobre o artista e a exposição, convém no presente estudo considerar outras fontes de pesquisa para acrescentar mais dados sobre esse certame.

Desta feita, cabe ressaltar que no periódico alagoano *Gutenberg* há uma notícia na página principal do jornal que destacou a exposição de Virgílio Maurício, na qual mencionou sobre o dia do *vernissage* da exposição, 23 de março de 1911, realizado na sede da Sociedade Perseverança e Auxílio com a presença da imprensa local[461]. Cumpre salientar que na nota há menção de algumas obras do artista, em especial a *Cabeça de Velho*, como também em outros periódicos da imprensa carioca, que exaltaram tal obra, além dos elogios acerca do talento artístico de Virgilio Mauricio[462].

---

461 A saber: "(…) realisou-se, ante-hontem, na sede da Sociedade Perseverança e Auxilio, a vernissage da exposição do talentoso artista conterraneo Virgilio Mauricio, compareceu a esta festa artistica os srs.: drs. Eusebio de Andrade, Guede Lins, pelo <<Jornal de Alagoas>>, Augusto Andrade, Gilberto Andrade, Alipio Goulart, Luiz Monteiro; Carlos Rubens, pelo <<Correio da Noite>>, alem de outras pessoas gradas." A Exposição de Virgilio Mauricio. A vernissage - a sua abertura. *Gutenberg*, Maceió, 25 de mar. 1911, ed. 64, p.1.

462 "Do grande número de quadros, artisticamente dispostos, a par de primorosa decoração em folhas naturaes, impuzeram-se-nos, aos olhos e ao espirito, num verdadeiro deslumbramento: a *Immaculada Conceição*, quadro para decoração, requintadamente artistico, destinado á Capella episcopal. Neste trabalho, sobre um extraordinario effeito de luz, resalta, flagrantemente, o jogo das cores complementares. Em seguida, a *Cabeça de velho*, já conhecida do nosso publico e de quasi todo o paiz. Sobre ella referiu-se, com maiores elogios, a imprensa fluminense, e damos aqui estas apreciações de diversos jornaes: do Paiz: A *Cabeça de velho* é um estudo tão extraordinario que não encontramos termos para classifical-a. A Noticia: Para não darmos um alto brusco de factura, queremos mencionar o quadro de Virgilio Mauricio, *Cabeça de velho*, positivamente um dos melhores quadros do actual <<Salon>>. Muito teriamos que transcrever respectivamente aos meritos do jovem artista, cujo nome se impôz á admiração dos mestres, como Lefrebre, Jean de Cool, Adolphe La Lyre e outros que representam o pensamento artistico da veneranda França no <<Salon de Beaux Arts>>. Mas, alem destes, outros, como em sua totalidade, fazem jus á menção: como modelo da escola impressionista, a *Cabeça de portuguez*; como escola franceza, o quadro *Mulher nua*, onde se revela a delicadeza do pincel e onde se sente o valor nos traços do desenho. Outro quadro que nos impressionou vivamente, como modelo de arte nacional, que ora floresce, e pela sua originalidade, é a *Cabeça de negro*, de cujo estudo anatomico, na generalidade dos traços bem esthetico pode aferir o senso esthetico do autor e afinal, como composição, dulcissimamente evocadora a *Anunciação*, já classificada, pelo jury da Escola Nacional de Bellas Artes, com menção honrosa. Neste trabalho é flagrante o poder de descrição do artista pela naturalidade impeccavel do conjuncto. A elle se referiu o <<Jornal do Brasil>> nessas expressões: <<Virigilo Mauricio apresenta um quadro intitulado a Annunciação, que é um mimo e cuja execução lembra a delicadeza do artista que se especialisa na pintura. Suave e inspiradora, imprimindo, em traços largos os effeitos mais delicados. A suavidade da feitura a casar-se com a segurança do colorido e com a vida a palpitar nas telas, eis o que são os quadro de Virgilio Mauricio. Citamos ainda, como genero de figura, os seguintes: *Mulher franceza*, *Distração*, *cabeça de creança*, o *Sintinella*, *Lavando a boneca*, e finalmente, *Depois da caça*. Outra faceta do talento de Virgilio Mauricio é a pintura de paysagens, ora creadas por sua fertil imaginação, ora copiadas á nossa natureza, no que ella, sempre opulenta, caprichosa e selvagem, nos admira em todas as manifestações de seus esplendores. Execução, technica, intensidade de transmissão, todas as exigencias da arte, afinal, em todos os trabalhos deste genero, revela esse moço que, na capital Federal, onde tem realisado, com a conquista de premios de valor, diversas exposições, foi reputado o maior artista da nova geração. A Virgilio Mauricio, legitima esperança da gloria nacional, o nosso abraço com a profusão do muito enthusiasmo e admiração. >> A exposição inaugurar-se-á, hoje, à 1 hora da tarde, devendo ser aberta pelo exmo. sr. dr. Euclides Malta. Virgilio Mauricio consagra a sua deslumbrante festa aos seus paes e irmãos, ao seu mestre, dr. Rosalvo Ribeiro, aos seus amigos e ao Estado." A Exposição de Virgilio Mauricio. A vernissage - a sua abertura. *Gutenberg*, Maceió, 25 de mar. 1911, ed. 64, p.1.

Posto isto, no tocante à vida de Virgílio Maurício cabe mencionar que, segundo a pesquisadora Dra. Gabriela Oliveira, o artista brasileiro nasceu em Lagoa da Canoa, no Estado de Alagoas, em 1892, sendo filho do coronel António Maurício da Rocha, deputado estadual em Alagoas na época, e de Maria José de Mello Rocha; irmão de Joaquim, Oscar, Lucila, Cantanila, Carlos, Miguel Maurício da Rocha, esse último foi um dos fundadores da Universidade Federal de Minas Gerais e renomado matemático, e irmão também de José Maurício da Rocha, que foi nomeado o primeiro bispo da cidade de Bragança Paulista em 1927 e Enoch[463]. Esse último irmão foi retratado por Virgílio Maurício, obra que foi exibida nesse certame, ora destacado.

Sobre a trajetória artística de Virgílio Maurício, é notório mencionar que foi aluno do Liceu de Artes e Ofícios de Alagoas e teve como mestre o pintor e professor Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro (1865-1915), cujo histórico escolar foi pautado pela Académia Imperial de Belas Artes e a *Academie Julian* de Paris, tendo sido aluno de classe de León Bonnat, Jules Lefebvre e Édouard Detaille. Sem ter passado pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, trajeto artístico comum no Brasil, Virgílio Maurício participou de algumas exposições que foram realizadas em diversos estados brasileiros, antes de ter ingressado em Paris no ano de 1912. Assim sendo, com apenas 19 anos, Virgílio Maurício expôs dois quadros, *Cabeça de Velho* e *Anunciação* no Salão de 1910 da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, especificadamente a 17ª Exposição Geral de Belas Artes, ambos sendo também expostos na Exposição de Maceió de 1911. Nesse sentido, além da presente exposição, no ano de 1911, Virgílio Maurício realizou certames em São Paulo, Minas Gerais e Pará.

Além de ter sido pintor, Virgílio Maurício também foi escritor, crítico de arte, jornalista e médico. Como médico, o artista ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no início de 1910, tendo concluído apenas em 1924, depois que retornou de Paris. A medicina teve um destaque importante na produção de suas obras, uma vez que o artista se especializou em obras de nus, em especial do corpo feminino, cuja anatomia humana se fez presente em suas telas. Há de se mencionar que existem duas obras de nus femininos musealizadas na Pinacoteca do Estado de São Paulo: *Aprés le rêve* de 1912 e *L´heure du goûter* de 1914.

Por diversas vezes, Virgílio Maurício sofreu acusações sobre a originalidade de seus trabalhos, sendo por muitas vezes colocado na condição de artista falsário - um plagiador de obras -,

---

463 OLIVEIRA, Gabriela Rodrigues Pessoa de. *Entre pinturas e escritos: aspectos da trajetória de Virgílio Maurício (1892- 1937) em uma narrativa particular*. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). São Paulo: USP, 2016.

a exemplo da obra *Mulher nua*, exposto nessa mesma exposição, ora estudada, bem como *Après le rêve*, obra acima destacada e premiada no *Salon* de 1913 em Paris, fora outras obras que colocaram em cheque a sua autoria pelos críticos de arte da época, bem como os próprios artistas brasileiros. Como bem apontou a Dra. Ana Paula Nascimento, vale ressaltar que existiu um episódio na historiografia da arte brasileira, no qual Virgílio Maurício foi desafiado pelo artista brasileiro Guttman Bicho a pintar em público e o mesmo recusou a realizar tal pedido[464].

Por fim, e é por um desses motivos que, quando se analisa a historiografia da arte brasileira na passagem do século XIX para o XX, Virgílio Maurício é considerado um dos artistas que compõe o panorama dos "artistas esquecidos".

3.1.10. Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa: participação de Mário Navarro da Costa em 1916/1917 e Adolpho de Mello e Alvim Menge em 1917

Nos anos de 1916 e 1917, mais especificadamente sobre a 13ª e 14ª Exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, há a presença de dois artistas brasileiros: Mário Navarro da Costa[465] e Adolpho de Mello e Alvim Menge[466], ambos com premiações, como constam nos catálogos das exposições. Desse modo, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a carreira artística de cada um.

---

464 NASCIMENTO, Ana Paula. *A contribuição editorial de Virgílio Maurício no jornal Gazeta de Notícias em 1923*. Anais do XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte /Organização: Ana Maria Tavares Cavalcanti, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta - Campinas: Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, 2014 [2013]. p. 277.

465 Em 1916, na 13ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, Navarro da Costa é citado na seção de pintura a oleo com apresentação de algumas obras, a saber: "COSTA (Navarro da) - Artista brasileiro. Discipulo de R. Amoedo, Pratella, etc. Menção honrosa e medalhas de bronze e prata no Rio de Janeiro. 59 - *Manhã de Junho* e *Barcos* - 250$00; 60 - *Porto de Pozzuoli, à tarde* (Italia) - 350$00; 61 - *Porto de Napoles* - 50$00." Catálogo da 13ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, ano de 1916, p-23.
No ano de 1917, novamente Navarro da Costa participou da Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, na 14ª edição, e foi informado que o artista ganhou na edição anterior uma premiação, a saber: "NAVARRO DA COSTA (Mario) - Artista brazileiro, discipulo de R. Amoedo e Pratella. Menção honrosa e medalha de bronze e prata no Rio de Janeiro, e medalha de 1ª classe na S.N.B.A. 211- *Os barcos ao sol* - 250$00; 212- *Maré baixa* (Cruz Quebrada) - 150$00; 213- *Manhã brumosa* - 150$00; 214- *Ponte do Arsenal* - 130$00; 215- *Contra sol* - 120$00; 216- *Um grupo de corgueiros* - 100$00; 217- *Barcos* (Cascaes) - Pertence á Exma. Sra. D. A. S. P.; 218- *Praia da Draga* - 80$00." Catálogo da 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, ano de 1917, p-23.

466 Em 1917, Adolpho de Mello e Alvim Menge participou da 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, na seção pintura a óleo com as seguintes obras: "MENGE (Adolpho de Alvim). Artista brazileiro, discipulo de Barbasan Lagueruela. Menção honrosa, medalhas de prata e ouro no Rio de Janeiro. 190- *Hydromancia*; 191- *Sulfatador*; 192- *Serra d´Arga*; 193- P*aisagem*; 194- *Paisagem*; 195- *Impressões portuguezas*; 196- *Impressões portuguezas*." Catálogo da 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, ano de 1917, p-33.

Nascido no Rio de Janeiro, em 1883, Mário Navarro da Costa teve lições de arte com José Maria de Medeiros e Rodolpho Amoedo, assim como Virgílio Maurício, Navarro da Costa não foi aluno da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, o que não o impediu de expor, e inclusive conquistar premiações, no Salão Nacional de Belas Artes[467]. Posteriormente, em 1910 e nos anos seguintes, Navarro da Costa realizou algumas exposições individuais, como na Galeria de Arte da Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro e também em 1914 no Teatro Caetano localizado no Rio de Janeiro. Nos anos de 1912 e 1913, o artista brasileiro, que também é considerado um pintor de marinhas, colaborou nos salões organizados pela Sociedade Juventas, antecessor da Sociedade Brasileira de Belas Artes. No ano de 1914, cumpre salientar que Navarro da Costa viajou para Nápoles, na Itália, no cargo de diplomata e aproveitou a oportunidade para frequentar as aulas na Accademia di Belle Arti, bem como nos ateliês Attilio Pratella[468] e Ulrico Pistilli.

Em função da eclosão da Primeira Guerra Mundial, Navarro da Costa foi transferido para o consulado brasileiro de Lisboa, no qual aproveitou essa oportunidade para entrar em contato com o cenário artístico-cultural da cidade, tendo convivido com alguns artistas portugueses, como Columbano, Carlos Reis e José Malhoa, o que permitiu, de certa forma, a participação por duas vezes na Exposição Anual da Sociedade de Belas Artes, conforme acima retratado.

Desta feita, Mário Navarro da Costa não somente se restringiu a cidade de Lisboa, mas também obteve contato com a cidade do Porto, haja vista ter realizado uma exposição individual na Galeria da Misericórdia, em 1917, com apresentação de 50 quadros a óleos e alguns pastéis com

---

467 "(…) Estreia como pintor em 1905, expondo no Salão Nacional de Belas-Artes - SNBA três telas que passam despercebidas da crítica, o que já não ocorre no Salão de 1907, quando recebe menção honrosa. Participa diversas vezes do Salão nas duas primeiras décadas do século XX, é premiado em 1912, 1913 e 1920." MÁRIO Navarro da Costa (Rio de Janeiro RJ 1883 - Florença, Itália 1931). In: Escritório de Arte. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/mario-navarro-da-costa>. Acesso em 13 de ago. 2018.

468 Segundo a pesquisadora Dra. Camila Dazzi, Narravo da Costa absorveu a influência italiana no seu estilo artístico, a saber: "(…) Mario Navarro da Costa, um pintor que apesar de sua relativa independência não deixou de estabelecer relações com a ENBA, absorveu em Nápoles a influência de Attilio Pratella, a qual faria exacerbar sua predileção pelo uso de saturações cromáticas intensas e pela explicitação da fatura pictórica." DAZZI, Camila. *Pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes na Itália (1890-1900) - Questionando o "afrancesamento" da cultura brasileira no início da República*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 3, nov. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/pensionista_1890.htm>. Acesso em 13 de ago. 2018.

temas portugueses[469]. Possivelmente, foi nessa exposição que o Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea -, por meio do governo português adquiriu a obra *A vela vermelha*[470] (fig. 60) e que hoje encontra-se na Embaixada de Portugal em Viena, desde 1996.

[469] Sobre essa exposição, a Revista mensal *A Águia*, na qual contou com a presença de António Carneiro na direção artística, publicou uma pequena nota sobre a relação entre as duas nações irmãs, por intermédio do artista Navarro da Costa, a saber: "E a propósito e estreitamento de relações entre Portugal e Brasil vem o falar do habilidoso pintor Sr. Navarro da Costa, quási desconhecido na sua Pátria, e que em Portugal, mercê dos seus auto-elogios, tem conseguido uma verdadeira fortuna… E devemos falar, porque o pintor veiu expôr ao Pôrto com grande pompa e porque, dizendo-se enviado do governo do seu país para ligar portugueses e brasileiros, mais não tem feito que vender os seus quadros, aliás brilhantes, não dando a entender, nem por sombras, que o Brasil tenha produzido até hoje artista superior a êle, ou sequer igual. Nas devidas proporções, equivalem-se as duas embaixadas…" Navarro da Costa. A ÁGUIA, Porto, Julho a Dezembro de 1917 (vol. XII - 2ª série), ed. 12, pgs. 223-224.

[470] No inventário n.301 do património móvel do Museu do Chiado, há uma ficha destinada à obra de Navarro da Costa, *A vela vermelha* de 1917, e que apresenta a seguinte descrição: "Marinha. Numa doca de Lisboa, avistando-se chaminés de fábricas no fundo e edifícios de duas águas com grandes janelões, à direita, dispõem-se vários barcos com as velas enroladas junto ao mastro, destacando-se uma vermelha viva, no centro da composição. A materialidade pictórica desta pintura foge já um pouco ao convencionalismo naturalista que então dominava as exposições da SNBA em Lisboa." Como consta na ficha da obra e sendo no mesmo ano da exposição de Mário Navarro no Porto, em 1917, a obra foi adquirida pelo governo português e remetida ao Museu pelo Conselho de Arte e Arqueologia, por meio do Legado Valmor no valor de 400$00. Sobre a exposição de Mário Navarro no Porto há poucas notas publicadas, especificadamente nos jornais cariocas, a saber:
No *Jornal do Brasil*: "A Municipalidade e varias familias portuguezas e brasileiras, adquiriram quasi todos os quadro que o pintor brasileito Navarro Costa expoz nesta cidade. A Junta Patriotica do Norte offereceu-lhe um banquete." O Pintor Navarro Costa no Porto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de junh. 1917, ed. 177, p.3.
Em *O Imparcial, O Paiz* e *A Rua*, com a mesma nota publicada: "Porto, 24 - Encerrou-se a exposição do pintor brasileiro Navarro da Costa, que obteve grande sucesso, merecendo os melhores elogios da nossa imprensa." Portugal. A exposição Navarro da Costa. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1917, ed. 1786, p.2; A exposição Navarro da Costa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1917, ed. 12100, p.7; e O nosso patricio Navarro da Costa no Porto. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1917, ed. 322, p.4.



Figura 60 - *A vela vermelha* de Mário Navarro da Costa. Fonte: Museu do Chiado.

Em seguida, o artista brasileiro foi morar em Paris e permaneceu por um ano, tendo convivido direto com o impressionismo e fauvismo. Posteriormente, de Paris vai para Munique aonde foi nomeado novamente cônsul brasileiro, tendo tido contato, portanto, com a arte alemã.

Há também conhecimento acerca da contribuição de Navarro da Costa nas Revistas de cunho artístico, como *Altantida*[471] entre os anos de 1915 a 1920 e *Alma Nova*[472] nos anos de 1915 a 1918. Em meados de 1920, Navarro da Costa retornou para o Rio de Janeiro e fundou a Associação de Artistas Brasileiros e, dessa forma, tornou-se o primeiro presidente desta instituição artística[473],

---

[471] É importante ressaltar que *Atlantida* foi uma Revista cujo conteúdo foi pautado sobre os meios artísticos, literários e sociais para Portugal e Brasil, publicado nos dois país entre os anos de 1915 a 1920. Ainda sobre o meio artístico, Navarro da Costa contribuiu na Revista *Atlantida* com demais artistas portugueses, a saber: "No que respeita às artes plásticas refira-se que a *Atlantida* reproduz nas suas páginas quadros e desenhos de Alberto de Sousa, Almada Negreiros, António Carneiro, António Soares, Castelão, Columbano Bordalo Pinheiro, João Barreira, João Vaz, José Malhoa, José Pacheco, Navarro da Costa, Raul Lino, Saavedra Machado, Soares dos Reis e Veloso Salgado." CORREIRA, Rita. *Atlantida, mensário artístico, literário e social para Portugal e Brazil*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Atlantida.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2018.
Segundo a pesquisadora Dra. Fernanda Suely Müller, Navarro da Costa também teve o seu contributo no fortalecimento da relação luso-brasileira, a saber: "(…) Pintor de renome no cenário cultural da época e também diplomata, Mário Navarro da Costa desenvolveu um trabalho significativo com João de Barros no sentido de melhorar as relações artísticas entre brasileiros e portugueses. Nesse sentido, obtiveram como uma de suas "vitórias" a equiparação dos direitos e garantias dos artistas brasileiros e lusitanos por parte da Direção Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 1917. Posteriormente, em uma atitude de reciprocidade, a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro instaura medida semelhante no Brasil, sendo tal atitude muito divulgada e festejada pelos diretores da Revista que tiveram claramente grande relevância nesse processo (a repercussão de tais acontecimentos foi publicada nas edições 26, de 15 de dezembro de 1917 e 28, de 15 de fevereiro de 1918, como já mencionado)." MÜLLER, Fernanda Suely. *(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através de periódicos portugueses (1899-1922)*. Tese (Doutoramento em Letras - Literatura Portuguesa). São Paulo: USP, 2011.

[472] A partir de Dezembro de 1916, Navarro da Costa "(…) partilhou com Saavedra Machado a direcção artística da *Alma Nova*. Esta visibilidade que os autores brasileiros vão assumindo ao longo da II Série anunciava a aposta no intercâmbio luso-brasileiro que será um dos motes inspiradores da série seguinte, a terceira." CORREIRA, Rita. *Alma Nova. Revista Ilustrada (II Série)*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AlmaNovaIIserie.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2018.

[473] "Entidade de caráter cultural criada no Rio de Janeiro, em 1929, por artistas plásticos, arquitetos, escritores, dramaturgos, atores, músicos e outros intelectuais, que defendiam a renovação do ambiente artístico e cultural da então capital do país; opondo-se, em especial, ao conservadorismo da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). A origem da Associação remonta à atuação de um grupo de artistas que, insatisfeitos com a eliminação de mais de 200 obras pelo júri da Exposição Geral de Belas Artes do ano de 1929, decidiu organizar uma mostra alternativa com os trabalhos recusados, a que deram o nome de Salão dos Artistas Brasileiros. Realizada no Salão Nobre da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e contando com a participação de mais de 120 artistas, que expuseram cerca de 300 obras, a mostra obteve grande repercussão na imprensa. Pelos motivos que a geraram, foi chamada também de Salão dos Recusados, numa referência ao *Salon des Refusés*, organizado na capital francesa, em 1863, como alternativa ao conservadorismo do Salão de Paris, e do qual participaram então jovens artistas de tendência renovadora, como Manet e Cézanne, sendo tido como um marco na história da pintura moderna. A Associação dos Artistas Brasileiros foi fundada logo após o encerramento do Salão. Seu primeiro presidente foi Mário Navarro da Costa (1883-1931), pintor de marinhas que, apesar de nunca ter estudado na ENBA, participou de diversas edições do Salão Nacional de Belas Artes, sendo premiado em 1907, 1912, 1913 e 1920. Diplomata de carreira, Navarro da Costa havia trabalhado em Nápoles, Lisboa, Paris e Munique, entre 1914 e meados da década de 1920, quando pôde realizar estudos de pintura e desenvolver carreira artística, tendo tido contato com artistas impressionistas e com as vanguardas que então agitavam o cenário cultural europeu, ainda que a elas nunca tivesse aderido. Pouco tempo permaneceria, porém, na presidência da AAB, tendo falecido em 1931, na Itália." COUTO, André Luiz Faria. *Associação dos Artistas Brasileiros (AAB)*. Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao_dos_artistas_brasileiros.php>. Acesso em 14 de ago. 2018.

como também aproveitou a viagem e realizou uma exposição individual com as telas que pintou na Europa[474]. Em 1931, Navarro da Costa faleceu na Itália.

No ano de 1880, Adolpho de Mello e Alvim Menge nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro. Foi desenhista, pintor, escritor e também diplomata em Roma, aonde residiu por dois anos, entre 1917 e 1919. Em Roma, cursou aula de pintura com Max Kuchel e Barbasan Lagueruela e também foi aluno na Escola Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro. Como escritor, Adolpho de Mello e Alvim Menge publicou alguns livros como *Fragmentos Históricos* (1936) e *Terras Longíquas* e *Fatos Remotos* (1940), tendo sido também cronista no *Jornal do Comércio* entre os anos de 1940 a 1951. Ademais, Alvim Menge participou ativamente nas Exposições Gerais da Escola Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro entre os anos de 1900 a 1944, inclusive em Lisboa, com destaque nas seguintes premiações: menção honrosa de 1º lugar na 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de 1907 e medalha de prata na 15ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de 1908, ambas no Rio de Janeiro, além de ter participado da Mostra Comemorativa do Centenário da Independência em 1922 na Escola Nacional de Belas-Artes no Rio de Janeiro; e no caso de Lisboa a 2ª medalha na 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa de 1917. Entre os anos de 1956 a 1958, Alvim Menge trabalhou como consultor e tesoureito na Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, localizada na região do centro do Rio de Janeiro. Em 1962, Alvim Menge faleceu na cidade carioca.

3.1.11. Exposição Cristina Capper Alves de Sousa e Dulce Capper Alves de Sousa de 1923 no Palácio das Belas Artes em Lisboa pela Revista Ilustração Portuguesa

No tocante à notícia publicada sobre a exposição das artistas brasileiras Cristina e Dulce Capper, mãe e filha respectivamente, há paralelamente a divulgação de mais duas exposições, no caso portuguesas, dos artistas Carlos Porfírio e Tomaz Costa (fig.61).

474 NAVARRO da Costa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21341/navarro-da-costa>. Acesso em 14 de ago. 2018.



Figura 61 - Fotografia das artistas; *Depois da oração* de Cristina Capper de Sousa; *Natureza morta* de Dulce Capper de Sousa (ao lado da obra *Depois da oração*); *Cigarra* de Cristina Capper de Sousa; e fotografia da Exposição (ao lado direito, de cima para baixo). Fonte: *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 10 de fev. 1923, ed. 886, pg. 171.

Nesse sentido, percebe-se que na nota divulgada acima há predominância de fotografias das obras expostas, tendo pouca informação sobre a exposição. Por conta dessa escassez, a *Revista Ilustração Portuguesa* mencionou que a inauguração foi realizada no Palácio das Belas Artes, que contou com obras de cunho nacional[475].

Sobre as artistas brasileiras, pouco se tem conhecimento acerca da carreira artística de cada uma. Provavelmente, pode-se levantar a hipótese de como foram artistas mulheres e, por conta da

[475] A saber: "Mais tres exposições de pintura foram inauguradas na ultima quinzena: de Carlos Porfirio, no Salão Ilustração; de D. Cristina Capper Alves de Souza e sua filha D. Dulce, no Palacio das Belas Artes, e de Tomaz Costa, no Salão Bobone. Sem pretensões a critica, registraremos apenas o exito obtido por qualquer delas, (…). Quanto ás sras. D. Cristina e D. Dulce Capper Alves de Sousa ainda não haviam exposto em Lisboa, tendo-o já feito, porém, com assinalado exito, no Rio de Janeiro. Nos seus estudos, de uma grande delicadeza e delicioso colorido, preponderam os motivos brasileiros. Pode, sem sombra de favor, afirmar-se que, se no seu paiz triunfaram, as duas ilustres artistas não menos triunfo acabam de obter em Portugal." Três exposições de pintura. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 10 de fev. 1923, ed. 886, pgs. 170-171.

condição do género feminino, tiveram dificuldades tanto no acesso do cenário artístico na época quanto na divulgação dos seus trabalhos. Assim sendo, Cristina Capper Alves de Sousa é uma artista brasileira nascida no Pará[476], no ano de 1880, e participou da Exposição Geral de Belas Artes na Escola Nacional de Belas-Artes de 1922, no Rio de Janeiro[477]. Ademais, no artigo da pesquisadora Dra. Ana Paula Cavalcanti Simioni há uma passagem sobre as artistas brasileiras que estudaram na Académie Julien e possivelmente seria Cristina Capper, cuja passagem pela instituição ocorreu no ano de 1896[478]. No tocante à artista Dulce Capper Alves de Sousa, cumpre destacar que a pintora viveu entre os anos de 1903 a 1977 e dedicou-se a técnica do pastel e ao retrato. Ademais, tem-se nota que a artista ganhou o prémio de menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa no ano de 1927[479].

3.1.12. Exposição Galdino Guttmann Bicho de 1923 no Salão Bobone pela Revista Ilustração Portuguesa

Antes de discorrer sobre o certame, cabe apontar uma breve trajetória do artista brasileiro Galdino Guttman Bicho. Nascido em Petrópolis, município do Rio de Janeiro, em 1888, Guttman

---

476 Em um resumo sobre a vida artística de Theodoro Braga, há uma passagem acerca da artista Cristina Capper, qual seja: "Em Belém, cria dois ateliês entre 1906 e 1920, incorporando a arte brasílica dos índios da Amazônia, especialmente da tradição marajoara, construindo uma forte relação com a cidade e com novos artistas como Cristina Capper, Manoel Pastana e Manoel Santiago." FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *De Paris ao Marajó: sobre os ateliês de Theodoro Braga*. Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/coloquio/coloquio_2015/resumos/amf.htm>. Acesso em 14 de ago. 2018.

477 EXPOSIÇÃO Geral de Belas Artes (29.: 1922: Rio de Janeiro, RJ). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento80321/exposicao-geral-de-belas-artes-29-1922-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em 14 de Ago. 2018.

478 A saber: "Algumas brasileiras também buscaram na Académie Julian a formação que lhes faltava em sua terra natal. Os dados sobre as mulheres são lacunares, pois cobrem apenas o intervalo de 1880 a 1905, e, mais grave ainda, se encontram em mãos de um proprietário particular. Ainda assim, o caderno referente as Élèves dames groupées par nations et par Villes, menciona as seguintes brasileiras: Mme. Barbosa (em 1889), Mme. Castillos (em 1889), *Mme. Capper (em 1896)*, Mme. De Mesquita (1890), Hermina Palla (1893), Mme. De Sistello (em 1892 e novamente em 1900), Mme Silva (em 1900), srta. Mariette Rezende (em 1900), a srta. Negrão (em 1902), a srta. Herré (em 1902), srta. Valim (1904). Além destas, o documento menciona artistas mais conhecidas como as escultoras Julieta de França, que aportou no ano em que recebeu a bolsa conferida pela ENBA (1901) e Nicolina Vaz, que se inscreveu na escola em 1904; bem como a pintora paulista srta. Nicota Bayeux (1903) e a caricaturista Nair de Teffé, também conhecida como Rian (em 1905). SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Académie Julian e a formação de artistas brasileiros*. Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo II/Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010, p.8.

479 No catálogo da 24ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, na seção Desenho, Pastel e Gravura, a artista Dulce Capper Aldes de Sousa apresentou as seguintes obras: "Nº 270 - *Retrato*; Nº 271 - *Hesitação*; e Nº 272 - *Escrava*. Catálogo Oficial da 24ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, ano de 1927, p.29.
CRISTINA Capper Alves de Sousa; DULCE Capper Alves de Sousa. In: Tableu. Disponível em: <https://www.tableau.com.br/anterior/dezembro16/catalog.php>. Acesso em 14 de ago. 2018.

Bicho era filho de pai português e mãe com descendência alemã, passou a sua infância em Penedo e Aracaju, cidades localizadas no Nordeste brasileiro. Anos mais tarde, Guttman Bicho regressou ao Rio de Janeiro e fixou residência, local aonde iniciou as primeiras lições artística, especificadamente no Liceu de Artes e Ofícios. Dito isso, Guttmann Bicho foi por muitos anos assistente do retratista August Petit, francês radicado no Brasil em 1860. Segundo apontou Dr. Arthur Valle, o artista brasileiro, em seguida, tornou-se aluno livre da Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, tendo frequentado aulas com os mestres João Zeferino da Costa, Eliseu d ´Angelo Visconti e Belmiro de Almeida, como também, segundo as palavras de Arthur Valle, era considerado na literatura artística da época um artista de espírito inquieto, polêmico, elemento ativo na vida artística carioca no princípio do século, sobretudo antes do predomínio das tendências modernas[480].

Assim como afirmou Dr. Arthur Valle, mesmo sendo considerado na historiografia de arte brasileira um artista que habita uma espécie de limbo, por ser pouco discutido nos círculos de arte brasileira[481], sabe-se que se trata de um artista que além de pintor, foi ceramista, professor, artista gráfico e arquiteto[482], como também expôs os seus trabalhos em algumas edições da Exposição

---

[480] VALLE, Arthur. *Guttmann Bicho*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_gb.htm>. Acesso em 10 de ago. 2018.

[481] Nessa perspectiva, nos dizeres do pesquisador Dr. Arthur Valle, cabe mencionar essa seguinte passagem: "De toda essa atividade, hoje pouco se fala. Na nossa historiografia de arte, Guttmann Bicho habita uma espécie de limbo, cujo o aspecto nebuloso as breves e repetitivas referências presentes nos dicionários de artistas plásticos brasileiros fazem pouco para aclarar. Nesse ostracismo, Bicho não está: junto com ele, se encontra toda uma geração de artistas que, oriundos da ENBA e começando a atuar igualmente na passagem para o século XX, foi praticamente esquecida, obliterada por uma imagem exclusivamente retrógrada e repressora da instituição oficial, forjada mormente pela retórica dos defensores do Modernismo, desejosos de se valorizar, por contraste, como renovadores e libertários. A unilateralidade de tal manobra ideológica já há algum tempo vem sendo relativizada, bem como o que há de insustentável na crença em uma ruptura radical nas artes visuais brasileiras, cujo "divisor de água" seria a Semana de Arte Moderna de 1922. Hoje, parece óbvio que a produção dos artistas ligados a ENBA nas primeiras décadas do século XX possuía grande diversidade e vitalidade e, ao mesmo tempo que manteve os laços com a produção oitocentista, apontou decididamente para concepções renovadoras do fazer pictórico. No momento, porém, ainda escasseiam os estudos aprofundados sobre tal produção, que permanece sendo de difícil acesso para os eventuais interessados." VALLE, Arthur. *O Ciclo de Pinturas de Guttmann Bicho no CAPS Ernesto Nazareth - Ilha do Governador/RJ*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_gb_caps.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

[482] Sobre os talentos artísticos de Guttman Bicho, cabe novamente mencionar uma passagem em que Dr. Arthur Valle descreveu sobre o artista, a saber: "Retratista muito admirado, foi também autor de naturezas-mortas e numerosas pinturas de paisagem; nestas últimas, utilizou frequentemente a técnica divisionista, procedimento pela qual é hoje em dia mais lembrado. Espírito polimorfo, Gutmman Bicho projetou ainda prédios, hospitais e barcos, e foi praticante assíduo da arte da cerâmica, que lecionou em um curso por ele mesmo criado em 1947 na Escola Técnica Nacional do Rio de Janeiro e que foi um importante foco de ensino dessa técnica, então ainda pouco difundida no meio artístico brasileiro." VALLE, Arthur. *Guttmann Bicho*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_gb.htm>. Acesso em 10 de ago. 2018.

Geral de Belas Artes no início do século XX, tendo conquistado prémios relevantes[483] e, por vezes, configurou como júri.[484]


UM PINTOR BRASILEIRO DE INDISCUTIVEL VALOR

Com grande e escolhida assistencia realisou-se, no dia 1 do corrente, no Salão Bobone, a inauguração da exposição de quadros do pintor brasileiro sr. Guttman Bicho. Mais de 70 telas figuram nessa exposição, por todos os títulos interessante e abonatoria dos creditos de que vinha precedido o ilustre artista, primeiro premio de viagem do seu país e tão apreciado nele, como em França, onde, durante muitos anos, tem exercido a sua arte e exercitado o seu talento. Na nossa gravura figuram, além do pintor, algumas das pessoas que assistiram á inauguração da exposição, a saber (da esquerda para a direita): srs. Luiz Neves da Rocha, Germano Neves e o artista, sr. Guttmann Bicho, a sr.ª Embaixatriz do Brasil, o sr. dr. Cardoso d'Oliveira, Embaixador, e sua filha e os srs. vice-consul, dr. Henrique Holanda, Rego Barros e dr. O. Pires do Rio (Cliché Salgado.)

Figura 62 - Dia da inauguração da Exposição Galdino Guttman Bicho. Fonte: *Revista Ilustração Portuguesa,* Lisboa, 12 de maio 1923, ed. 899, p.588.

---

483 A saber: "Nas Exposições Gerais, Bicho obteve menção honrosa (1906), pequena medalha de prata (1912) e o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro (1921, com o quadro *Peanneu decorativo*). Na Europa, fixou-se em Paris, mas também passou um temporada em Lisboa, onde realizou uma exposição particular que obteve boa repercussão. De volta ao Brasil em 1924, conheceu um período de relativa consagração, conquistando na Exposição Geral de 1925 a medalha de ouro. Continuaria participando do certame - então com o nome de Salão Nacional de Belas Artes - até 1954, quando recebeu o Prêmio de Viagem pelo Brasil, embarcando para o Maranhão, estado que lhe forneceria o tema para suas derradeiras paisagens." VALLE, Arthur. *Guttmann Bicho*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_gb.htm>. Acesso em 10 de ago. 2018. Vale informar que o quadro *Peanneu decorativa* hoje encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.

484 Com a consagração do Prémio de Viagem ao Estrangeiro em 1921, Guttmann Bicho "(…) figurou com frequência como membro do júri da Exposição Geral e teve também uma importante atuação como professor, além de expor em diversas capitais brasileiras. VALLE, Arthur. *O Ciclo de Pinturas de Guttmann Bicho no CAPS Ernesto Nazareth - Ilha do Governador/RJ*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_gb_caps.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

Posto isto, no que se refere à exposição de Galdino Guttman Bicho, a *Revista Ilustração Portuguesa* publicou uma fotografia que, no dia da inauguração, reuniu não somente o artista mas também algumas figuras de destaque, com uma sucinta nota sobre o certame (fig.62)[485].

3.1.13. Exposição Dulce Capper Alves de Sousa de 1926 no Salão Bobone pela Revista Ilustração Portuguesa

No ano de 1926, a *Revista Ilustração Portuguesa* publicou uma fotografia da artista brasileira Dulce Capper Alves de Sousa, na qual embaixo há uma pequena nota sobre a exposição[486] (fig.63).


M.elle Dulce Capper Alves de Sousa, joven pintora brasileira, que expôs no Salão Bobone uma interessante galeria de quadros a pastel.

Figura 63 - Fotografia de Dulce Capper Alves de Sousa. Fonte: *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 16 de mar. 1926, ed. 6, p.10.

---

485 "Com grande e escolhida assistencia realisou-se, no dia 1 do corrente, no Salão Bobone, a inauguração da exposição de quadros do pintor brasileiro sr. Guttman Bicho. Mais de 70 telas figuram nessa exposição, por todos os titulos interessante e abonatoria dos creditos de que vinha procedido o ilustre artista, primeiro premio de viagem do seu pais e tão apreciado nele, como em França, onde, durante muitos anos, tem exercido a sua arte e exercitado o seu talento. Na nossa gravura figuram, além do pintor, algumas das pessoas que assistiram á inauguração da exposição, a saber (da esquerda para a direita): srs. Luiz Neves da Rocha, Germano Neves e o artista, sr. Guttman Bicho, a sra. Embaixatriz do Brasil, o sr. dr. Cardoso d´ Oliveira, Embaixador e sua filha e os srs. vice-consul, dr. Henrique Holanda, Rego Barros e dr. O. Pires do Rio." Um pintor brasileiro de indiscutivel valor. *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 12 de maio 1923, ed. 899, p. 588.

486 "Mme. Dulce Capper Alves de Sousa, joven pintora brasileira, que expôs no Salão Bobone uma interessante galeria de quadros a pastel." *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 16 de mar. 1926, ed. 6, p.10.

Com o intuito de acrescentar mais informações acerca dessa exposição, convém destacar duas notas publicadas pela imprensa carioca, nas quais uma se intitula fidedigna de uma publicação referente a um jornal português e a outra oferece a opinião de um crítico de arte, supostamente português também.[487]

Nesse sentido, pode-se apurar que a exposição da artista Dulce Capper realizada no Salão Bobone foi bem repecionada pela imprensa local e pelo público português, além das duas notícias terem destacadas algumas obras de pastel da pintora brasileira.

3.2. O olhar da imprensa lisboeta sobre as produções artísticas brasileiras

É notório perceber que há uma diferença considerável entre a divulgação das produções artísticas pela imprensa carioca e lisboeta. Importante se faz ressaltar que a publicação da arte brasileira em Portugal ocorreu de forma sucinta, sem muita informação acerca das manifestações artísticas e da própria carreira do artista brasileiro ou brasileira, a depender do caso. Por muitas vezes apenas há publicação de fotografias, como no caso da exposição individual de Dulce Capper. Nesse sentido, por conta da falta de conteúdo sobre a vida e obra dos artistas brasileiros, foi necessário recorrer a periódicos brasileiros.

---

487 "De um jornal de Lisboa transcreveremos a notícia abaixo, a respeito de uma pintora brasileira que vem honrando o nome da patria, naquella terra de artistas. "Dulce Capper de Souza, figura elegante de mulher e de artista, que ainda no anno passado com sua mãe, fez uma exposição dos seus trabalhos no Salão Bobone, em Lisboa, voltou agora a expôr sósinha. Perdeu evidentemente uma companheira illustre na exposição; todavia, essa falta é a nossos olhos coberta pelo passo gigantesco que Dulce Alves de Souza deu de ha um anno para cá. E´ um passo de mestre; grande, calculado, mas pouco receioso, porque nos apresentou trabalhos em que, além duma imaginação rica e ardente, ha uma fixação rapida e febril, todavia firme e opulenta de recursos concepcionaes. Tem processos nobres, chegando por vezes a marcar uma personalidade. Dulce de Souza realiza com facilidade. E´ sentimentalista. "Crepusculos nos pinheiraes", "Agonia da Tarde" são de um colorido rico e insinuante. Sente como mulher, vê como artista. "O retrato do meu visinho", uma figura de garoto que ella embalou carinhosamente com a elegancia do seu pincel e a generosidade dos seus pensamentos. "O riso", "O abandono", "O sol poente", "A saudade", "Decepção" e "Angustia", revelam bem o seu forte temperamento de artista fiel a um aristocratico espirito a que a sua paleta não póde fugir." *Revista Para Todos*, Rio de Janeiro, 05 de jun. 1926, ed. 390, pgs. 37-38.
"A distincta pintora patricia d. Dulce Capper Alves de Souza, que realizou, em Março proximo passado, uma exposição em Lisboa, alcançou grande exito, conquistando do publico e da critica portuguezes os mais lisongeiros encomics. Um critico de arte disse, depois de visitar a referida exposição, entre outras cousas, o seguinte: "Dulce Souza, que expõe na Bobone, possue um authetico temperamento de pintura. Tem desenho, tem imaginação e tem o sentido da côr. Deve ser estimulada e auxiliada. Sente-se, na sua obra, uma ansia nobre de originalidade, o desejo de crear uma individualidade que já se vae definindo. Sahe-se da Bobone com uma impressão agradavel, com uma impressão de mocidade, de frescura e de bom gosto. De anno para anno, Dulce Souza conquista terreno. Esperamos vêl-a, muito em breve na primeira fila das nossas pintoras". E assim termina a sua apreciação: "Quem não confiar nos olhos do critico vá ver pelos seus proprios olhos. Madame Capper de Souza expõe um belo quadro intitulado *Horas Mortas*. Não perderá o seu tempo quem passar pela Bobone". A opinião desse critico está acorde com a daquelles que visitaram a exposição da distincta pintora patricia, actualmente residindo na capital portugueza, onde já impôz a sua personalidade artistica e onde é, socialmente, muito estimada." Artes Plasticas. A exposição de uma pintora brasileira alcança grande exito em Lisboa. *Revista Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, Maio de 1926, ed. 99, p.61.

Posto isto, pode-se apurar que de certa forma a imprensa lisboeta não focava muito sobre as manifestações artísticas brasileiras, que mesmo sendo duas revistas de cunho artístico, uma em especial luso-brasileiro, o que certa forma denota pequeno grau de interesse por parte da imprensa lisboeta pela arte brasileira.

Também percebe-se que não somente são publicações referentes às exposições, mas também notas sobre os artistas brasileiros que, em sua maioria, apresentaram algum tipo de ligação com Portugal, seja por via de parentesco ou profissional, como no caso Mário Navarro da Costa que foi cônsul brasileiro em Lisboa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do debate proposto, percebe-se que, em maior e menor grau com relação à remessa de cada país e a receptividade do outro, mesmo a depender do contexto histórico, foi criado uma rede de circulação de bens artísticos entre Brasil e Portugal no decorrer dos primeiros regimes republicanos. Diante disso, é notório salientar que, como no caso do rompimento das relações diplomáticas entre os dois países, como no contexto da Revolta da Armada de 1894, tendo sido posteriormente no ano seguinte reatadas, o artista português Souza Pinto enviou a convite, no mesmo ano, obras para a primeira Exposição Geral organizada pela Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro.[488] Nesse sentido, como exemplo citado, pode-se corroborar que não obstante as situações de conflitos, houve a criação de intercâmbios artísticos entre Brasil e Portugal em fins do Oitocentos e inícios do Novecentos.

Ainda sim, anos mais tarde, José Julio de Souza Pinto foi recepcionado pela comunidade artística brasileira, além de outros artistas portugueses, por meio de uma exposição individual que realizou no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, no ano de 1912. No tocante ao artista Souza Pinto, cabe ainda frisar a sua grande amizade com o artista brasileiro Rodolpho Amoedo, que foi iniciada no ateliê parisiense de Alexandre Cabanel, e que o mesmo recebeu pessoalmente o artista lusitano no dia que foi realizado a sua exposição individual no Rio.

Sobre esse ponto, além da imprensa lisboeta ter publicado notas sobre Rodolpho Amoedo, é importante ressaltar que diversos artistas portugueses tiveram contactos com artistas brasileiros nesses centros de estudos artísticos na Europa, o que fez com que não somente a língua em comum os unissem, mas também a intensa troca de diálogos sobre a Arte e a participação conjunta desses artistas no *Salon*. Além do mais, houve também a participação dos artistas portugueses nas

---

[488] E é diante desse cenário que o pesquisador Dr. Arthur Valle ressaltou que: "Não deixa de causar alguma surpresa o convite feito a Souza Pinto e a vitoriosa recepção de seus quadros se recordarmos que, justamente em 1894, o governo então presidente Floriano Peixoto rompeu relações diplomáticas com Portugal em função da intervenção de um comandante de navio português na chamada Revolta da Armada, no Rio de Janeiro. Embora tais relações tenham sido reatadas logo no ano seguinte, no governo de Prudente de Moraes, a ruptura diplomática de 1894 é um índice de até que ponto o distanciamento entre os dois países podia chegar, no contexto da "americanização" da nova forma de governo republicano adotada no Brasil. Podemos supor que um repúdio a Souza Pinto não teria razão de ser, nos termos do antilusitanismo jacobino que grassava em inícios da República, pois a recepção de suas obras no Rio nunca se pautou por qualquer "portuguesismo"." VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il, pgs. 47-48.

Exposições Gerais de Belas-Artes no Rio de Janeiro[489] e de forma bem modesta de artistas brasileiros nas Exposições da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Assim sendo, pode-se admitir que houve a formação de novos laços de amizade entre eles, que perduraram além-mar e que puderam ser constatados nas relações luso-brasileiras estabelecidas nos primeiros anos da República[490]. Diante disso, há um outro ponto relevante que incentivou as relações artísticas luso-brasileiras no mercado tropical, qual seja, a presença de artistas portugueses frente às linhas editorias de periódicos brasileiros, como exemplo o artista Rafael Bordalo Pinheiro, que contribuiu por muitos anos nos jornais cariocas[491].

Diante do exposto, cumpre salientar que a aproximação entre os países irmãos, após a ruptura diplomática no ano de 1894, ocorreu também por meio de vínculos artísticos, como foi o caso da designação como represente de Portugal no Brasil o poeta Tomás Ribeiro e, posteriormente, António Enes. Em contrapartida, pelo lado brasileiro, publicista e também político Joaquim Francisco de Assis Brasil foi indicado a representar o seu país em Portugal.

---

[489] "As Exposições Gerais da Escola Nacional de Belas Artes eram outro habitual meio de introdução das obras portuguesas no mercado brasileiro, possibilitando o diálogo direto entre as realidades artísticas dos dois lados do Atlântico. Responsáveis por rechear a Pinacoteca nacional com muitos exemplares lusos, os salões anuais cariocas receberiam em: 1893 (José Malhôa); 1894 (Rodrigo Soares e Souza Pinto, sendo este premiado com a maior honraria do ano, a Segunda Medalha de Ouro, por *Rendez-vous*); 1895 (Jose Malhôa e Marques Guimarães); 1897 (Souza Pinto); 1898 (Souza Pinto); 1901 (Marques Guimaraes); 1902 (Souza Pinto); 1903 (Carlos Reis e Marques Guimaraes); 1906 (José Malhôa, Teixeira Bastos, Falcão Trigoso, Columbano Bordallo Pinheiro e Germano Neves); 1907 (Malhôa); 1908 (Marques Guimaraes); 1912 (José Malhôa); 1919 (Carlos Reis, na ocasião agraciado com a Grande Medalha de Ouro)." ARAÚJO, Raquel Aguilar de. *A comunidade artística luso-brasileira em fins do século XIX: trânsitos e diálogos*. Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX - As Academias de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: Ensino, Artistas, Mecenas e Coleções. Edição Caleidoscópio, Novembro de 2016, pgs.190-191.

[490] Sobre essa tónica, cumpre ressaltar a visão da pesquisadora Dra. Raquel Aguilar, a saber: "Em fins do século XIX, a Itália e a França eram os principais destinos escolhidos por pensionistas financiados pelos governos de seus países ou por generosos mecenas. Nos estúdios e nas academias franco-italianas aqueles jovens estudantes de arte podiam trocar conhecimentos e impressões. No caso dos artistas vindos do Brasil e de Portugal, a paridade linguística teria levado a uma identificação ainda mais intimista. No ateliê parisiense de Alexandre Cabanel, o mais procurado e cursado pelos alunos estrangeiros, a convivência entre personalidades luso-brasileiras foi intensa. Lá estudariam, entre 1873 e 1879, Silva Porto e Marques de Oliveira, ao lado de Almeida Júnior e Rodolpho Amoedo. Estes dois últimos, por sua vez, dividiram a sala de aula com Souza Pinto e Henrique Pousão, chegados à França em 1880. A participação destes pintores no *Salon* anualmente organizado pela Socidades dos Artistas Franceses também acabaria por coincidir. Foi o que ocorreu, por exemplo, em 1893 (quando Souza Pinto e Velloso Salgado expuseram junto do brasileiro Oscar Pereira da Silva) ou, já na passagem do século, em 1909 (cujo catálogo registrou os nomes lusitanos de José Malhoa e Souza Pinto e do ainda estudante brasileiro, Mario Barbosa)." Ibid., p.186.

[491] Nessa mesma temática, a Dra. Raquel Aguilar acrescentou que: "(…) Fosse por meio de correspondências, das colaborações em periódicos afins ou através de encontros posteriores, os artistas luso-brasileiros conservariam o contato frequente e a constante troca de informações. As dezenas de exposições de pintores portugueses que tiveram lugar na jovem República brasileira, proclamada em 1889, é um evidente exemplo de como estas amizades renderam bons frutos. O potencial nicho mercadológico do Brasil foi logo descoberto pelos mais observadores, que buscariam naquela sociedade, ávida por reconhecimento cultural, a complementação de suas finanças." Ibid., p.187.

Posto isto e como forma de compreender melhor as nuances do panorama artístico luso-brasileiro, se faz necessário tecer algumas considerações sobre a formação dos intercâmbios artísticos entre as duas nações irmãs, durante os primeiros regimes republicanos.

Desta feita, é necessário ressaltar que no decorrer da presente pesquisa foram apontados alguns articuladores fundamentais que estabeleceram o elo artístico entre os dois países, não somente agentes públicos e privados, como também artistas portugueses renomados que abriram portas para os demais artistas, como no caso das primeiras exposições que se têm notícias. Assim sendo, Rafael Bordalo Pinheiro de 1899, bem como a exposição individual de 1905 de António Teixeira Lopes, organizado pelo Sr. Bernardino Lobo, e a 1906 de José Malhoa. Essa última foi, tendo em vista o teor das notas publicadas, a exposição mais elogiada no meio artístico e na imprensa local, mesmo que tenha tido conhecimento de duas críticas, conforme citadas, mas que não retiraram a boa impressão com que a intelectualidade carioca recepcionou José Malhoa. Além do mais e tendo sido a exposição mais calorosa entre os demais artistas portugueses, segundo constam nas notas de imprensa carioca, José Malhoa, o artista português que pintou com a alma portuguesa, foi quem mais participou de eventos sociais direcionados exclusivamente a ele, durante o período que esteve no Rio de Janeiro.

Posto isto, com relação aos representantes da arte portuguesa no Rio de Janeiro durante o jovem regime republicano, o primeiro, pode-se assim considerar, foi Guilherme da Rosa em 1902, na Exposição de Arte Portuguesa de 1902 realizada no Liceu de Arte e Ofícios do Rio de Janeiro. Além de ter sido nomeado representante dos artistas lusitanos pela Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e ter obtido êxito no certame, tanto na imprensa carioca quanto na imprensa lisboeta, Guilherme da Rosa anunciou a intenção de criar dois salões anuais em Portugal e no Brasil; o de Lisboa sobre Arte Brasileira; e do Rio de Janeiro sobre Arte Portuguesa, com propósito de fortalecer o projeto de políticas expositivas entre Brasil e Portugal. Porém, como se observou ao longo da pesquisa, percebe-se que de fato não ocorreu conforme prometido.

Perante esse ponto de intersecção entre Portugal e Brasil, a Exposição de Arte Portuguesa de 1902 retratou o início do intercâmbio artístico entre as duas nações e que, como posteriormente se observou, favoreceu a criação de um campo propício para as interações artísticas entre os países irmãos, sendo constado com mais intensidade a presença da arte portuguesa no Rio de Janeiro em comparação com a arte brasileira em Portugal. Nesse ponto, há de se levar em consideração que ainda eram pulsantes os resquícios da colonização durante esse período da história luso-brasileira.

Desta feita, sob o cunho simbólico da solidariedade, reciprocidade e fraternidade entre as duas nações, a Exposição de Arte Portuguesa de 1902 configurou o momento inicial da construção do intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal, no início do século XX.

Ademais, tendo em vista esse precedente histórico, anos mais tarde, em 1920, foi realizada no salão da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, a Exposição de Arte Portuguesa organizada pelo Sr. João de Figueiredo Ursprung, que também configurou, conforme destacou a imprensa local, um fomentador do intercâmbio artístico luso-brasileiro. Do mesmo modo, a Exposição de Carlos Reis e João Reis de 1919 no Gabinete Português de Leitura foi afirmada pela imprensa carioca, por ter sido um evento que contribuiu para que demais artistas lusitanos tivessem acesso ao cenário da intelectualidade artística carioca[492]. Ademais, convém ressaltar que esse certame teve uma grande repercussão na imprensa, haja vista as inúmeras notas de elogios calorosos que foram dedicadas aos artistas sobre a qualidade das obras expostas, em especial de Carlos Reis.

Da mesma maneira, há também a presença de algumas figuras importantes na construção da rede de intercâmbios artísticos entre os dois países, como Julio Dantas e João de Barros, cujo primeiro criou no ano de 1918 um projeto de lei de incentivo fiscal para todas as obras de arte brasileira que fossem expostas em território português, porém ao que tudo indicou durante a pesquisa, não foi adiante efetivado. Sobre essa tónica, tem-se conhecimento que, por algumas vezes, existiram projetos de lei que foram baseados na isenção de tributos fiscais, no momento da entrada de obras de arte no território destinatário, todavia permaneceram apenas no campo da tramitação.

Ademais, deve-se levar em conta a importância dos aparelhos institucionais que promoveram a circulação de bens artísticos entre as duas nações. No caso brasileiro, tiveram atuação empoderada o Gabinete Português de Leitura, a Escola Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, Galeria Jorge, Edifício do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria e a Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, sendo o primeiro apontado com o maior número de exposições portuguesas. Além do mais, cabe apontar que algumas figuras públicas do meio artístico, como o Sr. Celestino de Motta Mesquita, proprietário da Ourivesaria Aliança do Porto no ano de 1925, era sócio da Câmara Portuguesa de Comércio e

[492] Sobre essa temática, cumpre ressaltar que Dra. Raquel Aguilar de Araújo também informou que: "(…) Apresentado pela imprensa carioca como o *"iniciador do intercâmbio artístico luso-brasileiro"*, já que viajara também incumbido da difícil missão de estreitar os laços entre Brasil e Portugal, ele seria alvo de várias homenagens." ARAÚJO, Raquel Aguilar de. *A comunidade artística luso-brasileira em fins do século XIX: trânsitos e diálogos*. Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX - As Academias de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: Ensino, Artistas, Mecenas e Coleções. Edição Caleidoscópio, Novembro de 2016, p.190.

Indústria do Rio de Janeiro, o que contribuiu na sinergia entre os dois países. Posto isto, é também relevante considerar que a forte presença da comunidade portuguesa no Rio de Janeiro fez com que essas instituições lusitanas fossem operantes na aproximação entre os dois lados do Atlântico.

Desta feita, fica claro verificar que esses aparelhos institucionais lusitanos foram fundamentais para o fomento do intercâmbio artístico entre Brasil e Portugal, juntamente com outros atores envolvidos, como a intelectualidade carioca, a grande comunidade portuguesa que residia no Rio, a imprensa local e as autoridades públicas, que apresentaram interesses não somente artísticos, como também económicos e comerciais.

A respeito da autoridade pública, é oportuno considerar que alguns embaixadores nomeados eram ligados diretamente ao contexto da Arte, como poetas e artistas, tendo favorecido o fortalecimento das relações luso-brasileiras, uma vez que fazem parte também do circuito de interações culturais, com importante papel representativo de aproximação entre as nações irmãs. Ademais, ao longo da presente pesquisa, foi constatado que houve além dos embaixadores, a participação de presidentes da República, ministros e demais dirigentes nas cerimónias de abertura das exposições, o que permite corroborar que nesses certames artístico há a representação simbólica de formação de alianças, que ultrapassou inclusive o nível artístico. Convém frisar que nesses momentos de cordialidade, há o oferecimento de alguma obra de arte ou mesmo alguma festividade que estimularam a reciprocidade entre os dois países irmãos, como também foi verificado a ocorrência de episódios de homenagem direcionados aos artistas ou personalidades públicas, tudo em prol da consolidação das relações artísticas luso-brasileiras. A exemplo disso, foi notório constatar que os alunos da Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro entregaram flores ou palheta de bronze como forma de honrar os artistas lusitanos, respectivamente os artistas Souza Pinto e Carlos Reis.

Por outro lado, no caso da receptividade da arte brasileira em Portugal, baseado na presente pesquisa, não há informação acerca da existência de algum aparato institucional atuante que sustentasse a presença e o fortalecimento da arte brasileira em solo português. De fato, nesse sentido, percebe-se que a balança luso-brasileira não foi equilibrada.

No tocante à forma como a imprensa local registou as manifestações artísticas, percebe-se uma presença acentuada de publicações da arte portuguesa no Rio de Janeiro, sendo que a maioria das notas publicadas apresentou um bom sentido crítico na avaliação da qualidade das obras

expostas, bem como descreveu o perfil do artista juntamente com a trajetória profissional, além de notas de odes. Por outro lado, não ocorreu da mesma forma quanto à publicação das manifestações artísticas brasileiras em Portugal, visto que as exposições de arte brasileira, em número reduzido comparado sentido Portugal-Brasil, foram noticiadas de forma muito sucinta e tímida, por vezes apenas publicação de fotografias do artista ou do dia da inauguração do certame. Por conta disso, a presente pesquisa utilizou de forma acessória notas de imprensa de periódicos nacionais e de outras fontes de pesquisa que foram utilizadas para fornecer a biografia dos artistas brasileiros, o que não foi necessário em algumas publicações que eram destinadas à vida e à obra do artista, como no caso de Helios Seelinger, Theodoro Braga e Rodolpho Amoedo.

Diante do exposto, no caso da arte brasileira em Portugal, convém destacar que, além da notoriedade do talento artístico, a maioria dos artistas que estava presente nas publicações teve algum tipo de ligação com Portugal, como no caso de Mário Navarro da Costa que foi cônsul do Brasil em Lisboa, assim como Pedro Américo que casou com Carlota de Araújo Porto Alegre em Portugal, filha de Manuel de Araújo Porto Alegre, escritor brasileiro e cônsul do Brasil em Lisboa e o artista brasileiro Guttmann Bicho que foi filho de pai português. Além do mais, a manifestação artística brasileira em Portugal foi baseada em grandes artistas da época, que foram destaques no Brasil com premiações de viagem à Europa, tendo estudado em grandes centros de ensino artísticos, no caso a França, em sua maioria, como também há o conhecimento de um artista específico que estudou em Lisboa, Helios Seelinger.

No tocante ao estilo artístico da arte portuguesa no Rio de Janeiro, é oportuno afirmar que houve o predomínio da pintura, escultura e ourivesaria. Com relação aos dois primeiros, tem-se nota o domínio do Naturalismo e contato também do Realismo, como no caso das esculturas de António Teixeira Lopes. Ademais, se faz necessário apontar que a Arte Nova esteve presente na Exposição de Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro de 1899, cujo ponto alto foi a peça *Jarra Beethoven* em estilo *neorocaille*. No que concerce à ourivesaria, é importante ressaltar a presença do estilo manuelino do período de D. João V e neomanuelino, como também a Arte Nova, em virtude da época do ressurgimento da ourivesaria portuguesa.

Com relação ao estilo artístico da arte brasileira em Portugal, percebe-se que a adoção foi de forma semelhante à portuguesa, muito por conta dos reflexos dos trânsitos artísticos entre as nações irmãs, sendo constatado uma tendência naturalista na pintura, com presença de pintura histórica como também de cunho nacionalista. Diante do exposto, vale lembrar que no período dos primeiros

regimes republicanos, Portugal e Brasil tiveram pintores marinhistas de destaque, como João Vaz e Mário Navarro da Costa. Esse último, o governo português na altura adquiriu a obra *A vela vermelha*, que mesmo tendo sido considerado um pouco distante do naturalismo clássico, o artista brasileiro também produziu obras naturalistas que fazem composição semelhante ao estilo de João Vaz. Por último, o Brasil também seguiu a tendência do *art nouveau*, como é verificado nas obras da escultura Nicolina Vaz de Assis Pinto do Couto[493].

À guisa de conclusão, há de se convir que durante os primeiros regimes republicanos, período de fragilidade política, económica e social, e de afirmação da identidade nacional brasileira, pode-se depreender que, de acordo com que foi investigado na presente pesquisa, houve a construção do intercâmbio artístico luso-brasileiro. Porém, de forma mais acentuada da arte portuguesa na capital do Brasil, haja vista a diferença de notas publicadas entre os dois países, bem como foi constatado a ocorrência de mais de uma exposição portuguesa ao mesmo tempo, como a de Correira Dias e José Campas no ano de 1914. E ainda durante os primeiros regimes republicanos, há conhecimento, por meio do crítico de arte brasileiro Adalberto Pinto de Mattos, sobre a realização de outras exposições de artistas portugueses no Rio de Janeiro, como de Tomás Leal da Câmara, Fausto Gonçalves, Roberto Santos, Américo Tavares e Julião Machado[494].

Desta feita, como bem pontuou o artista português Roque Gameiro em 1920, no momento que realizou a exposição individual junto com a sua filha Helena Gameiro, no Gabinete Português de Leitura, os artistas brasileiros não eram conhecidos em Portugal, sendo perceptível que o projeto de políticas expositivas entre as duas nações, conforme foi referendado na proposta inicial do intercâmbio artístico luso-brasileiro no início do período novencentista, ocorreu em níveis

---

493 Como bem pontuou a Dra. Raquel Araújo: "Este progressivo e ininterrupto trânsito de influências que se estabeleceu entre os contextos artísticos dos dois lados do oceano, visivelmente mais forte no sentido Portugal-Brasil, faria com que a linguagem naturalista adotada pelos pintores brasileiros fatalmente passasse *"pelo conhecimento das obras dos portugueses ativos em Paris e também em Roma, frequentemente associados aos colegas espanhóis."* Ademais, a mútua observação possibilitada pela busca do potencial mercado consumidor brasileiro, os eventuais diálogos supostamente travados durante as exposições, a compra de exemplares lusitanos pela Pinacoteca da ENBA ou por particulares e as habituais trocas de correspondências podem ter influenciado na escolha de arranjos e na longa duração que o naturalismo alcançou em ambas as realidades. Partindo destas premissas, seria possível apontar analogias composicionais entre as sestas de Antonio Parreiras e José Malhôa; *O fado*, deste último, e *O violeiro*, de Almeida Júnior; o *Amuado*, de Souza Pinto, e o *Recado Difícil* ou o *Puxão de orelha*, de Almeida; o lanterneiro de Antonio Ramalho e o consertador de porcelanas de Oscar Pereira da Silva; ou, ainda, entre os mendingos pintados por Malhôa, Ramalho e Ameida Júnior." ARAÚJO, Raquel Aguilar de. *A comunidade artística luso-brasileira em fins do século XIX: trânsitos e diálogos*. Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX - As Academias de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: Ensino, Artistas, Mecenas e Coleções. Edição Caleidoscópio, Novembro de 2016, pgs.193-194.

494 Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.26; Bellas Artes - Julio Dantas e os Artistas Brasileiros. *O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de jul. 1923, ed. 1086, p.53.

desproporcionais. Porém, diante dessa conjuntura, o Brasil ratificou como sendo um país promissor para o mercado da arte portuguesa, posto que não somente recebeu exposições individuais de artistas portugueses, como também recepcionou Portugal em duas grandes exposições internacionais realizadas no Rio de Janeiro, a de 1908 e de 1922. Nesse sentido, foi constatado que na primeira exposição apenas Portugal foi o único país estrangeiro que participou e na exposição de 1922 foi verificado uma grande repercussão sobre a atuação de Portugal pela imprensa local e pela intelectualidade artística carioca, tendo também contado com a ajuda financeira brasileira. Assim sendo, mesmo que a balança não tenda sido equilibrada para ambos os lados, há de se convir que o mercado tropical era bem receptivo ao mercado da arte lusitana.[495]

Por fim, se faz necessário ressaltar que os primeiros regimes republicanos representaram uma época particularmente rica em manifestações culturais e artísticas no eixo luso-brasileiro, cuja percepção relevante é considerar que houve mais portugalidade no Brasil e menos brasilidade em Portugal. Logo, pode-se levar em consideração que uma das razões do intercâmbio artístico entre os dois países irmãos não ter sido equânime, consiste supostamente acerca do reflexo da herança colonial lusitana e da recente memória imperial portuguesa no Brasil.

---

[495] Ainda sobre o mercado tropical, Dra. Raquel Araújo acrescentou a questão do leilão, a saber: "Assim, a aproximação artística luso-brasileira era estimulada com maior afluência dos portugueses aos trópicos. Fosse por meio de certames presenciais ou pelo envio remoto de obras, eles se tornavam cada vez mais conhecidos e colecionados no Brasil. A série de leilões de luxuosos palacetes e estimadas galerias artísticas, que teve lugar na passagem para o século XX, comprovaria a boa recepção da arte lusitana pelos amadores cariocas. Sem querer esgotar o longo rol de eventos, pode-se citar aqui a venda do espólio do coronel João Alves Mendes da Silva em 1899 (que listava os nomes de Silva Porto, Malhôa, Souza Pinto e Simplício de Sá) e a execução da massa falida dos srs. *Quartim*, *Silveira & C* em 1902 (que disponibilizou exemplares de Annunciação, Souza Pinto e José de Brito)." ARAÚJO, Raquel Aguilar de. *A comunidade artística luso-brasileira em fins do século XIX: trânsitos e diálogos*. Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX - As Academias de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: Ensino, Artistas, Mecenas e Coleções. Edição Caleidoscópio, Novembro de 2016, pgs.192-193.

ANEXO

1 - Inventário do património móvel da obra *A vela vermelha* de Mário Costa Navarro de 1917 do Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporánea

INSTITUTO DOS MUSEUS E DA CONSERVAÇÃO

Património Móvel



Inv. : 301

Denominação: A vela vermelha Instituição / Proprietário: Museu do Chiado - Museu

Nacional de Arte Contemporânea Super-Categoria: Arte Categoria: Pintura Não publicado na internet

Descrição

Marinha. Numa doca de Lisboa, avistando-se chaminés de fábricas no fundo e edifícios de duas águas com grandes janelões, à direita, dispõem-se vários

barcos com as velas enroladas junto ao mastro, destacando-se uma vermelha viva, no centro da composição. A materialidade pictórica desta pintura foge já um pouco ao convencionalismo naturalista que então dominava as exposições da SNBA em Lisboa.

Autoria

Nome Oficio Tipo

Costa, Navarro da OFICIO AUTOR Autor (Brasil, 1883 - idem, 1931)

Produção

Matriz 3.0 - Inventário, gestão e divulgação de património cultural 1

Património Móvel

Datação

Ano(s) 1917 dC

Justificação da data

1917; canto inferior esquerdo

Informação técnica

Matéria Óleo
Suporte Tela
Técnica Pintura a óleo

Dimensões

Altura 71 cm Largura 100 cm

Conservação

Estado de Conservação

Estado Especificações Data

Bom Moldura de madeira dourada muito suja e 1999-2-17 danificada

Matriz 3.0 - Inventário, gestão e divulgação de património cultural 2

Património Móvel

Origem/Historial

Historial

Adquirida e remetida ao Museu pelo Conselho de Arte e Arqueologia em 1917. Informação sobre conservação-restauro:

- A obra foi intervencionada em 1996 no Laboratório José de Figueiredo (processo rest.no22/96). Tratamento efectuado: "colocação de bandas nas margens; substituição da grade original por outra nova em casquinha (previamente desinfestada); limpeza de negros de fumo com solventes fracos."

Incorporação

Data de incorporação 1917
Modo de incorporação Compra
Moeda 400$00
Especificações Adquirido pelo Legado Valmor

Localização

Tipo Localização Data

Depósito Embaixada de Portugal, Viena 1996-6-11

Exposições

Título Local Início Encerramento N.o Catálogo

Artistas estrangeiros Lisboa: MNAC 1948-6-11 s/ no

Matriz 3.0 - Inventário, gestão e divulgação de património cultural 3

Património Móvel

Observações

Na tabela, em baixo: Navarro da Costa (Brazileiro) A Vela Vermelha. No verso, etiqueta triangular muito rasgada.

INFORMAÇÃO MULTIMÉDIA sem ficheiros associados:

Número de inventário:
Autor: Estúdio Novais, 1974 Localização: Museu do Chiado
Tipo de registo: Imagem
Tipo de imagem: Transparência a p/b

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

A Águia:

Navarro da Costa. *A ÁGUIA*, Porto, Julho a Dezembro de 1917 (vol. XII - 2ª série), ed. 12, pgs. 223-224.

Almanak Laemmert:
Ourivesaria Alliança do Porto. *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro, ano 1925, ed. A81 (8), p.786.

America Brasileira:
A Arte Portugueza no Brasil. *America Brasileira*, Rio de Janeiro, Fev. 1923, ed. 14, p.17.

Annuario Fluminense:
Exposição de Arte Portugueza. *Annuario Fluminense: Almanach Historico da Cidade do Rio de Janeiro para 1901*, Rio de Janeiro, ed. 3, 1903.

A Epoca:
Exposição João Vaz. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 28 de ago. 1913, ed. 394, p.4.
Novas telas de Carlos Reis e João Reis. *A Epoca*, Rio de Janeiro, 8 de out. 1919, ed. 2639, p.4.

A Imprensa:
Exposição Souza Pinto. *A Imprensa*, 13 de set. 1912, ed. 1716, p.2.
Exposição Souza Pinto - A inauguração. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed.1717, p.2.
Exposição Souza Pinto. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 1718, p.1.
Souza Pinto em São Paulo. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 de dez. 1912, ed. 1807, p.2.

A Noite:
Os successos artisticos. A exposição de pintura de Souza Pinto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1912, ed. 364, p.1.
Inaugura-se a exposição Souza Pinto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 365, p.3.
Nota. *A Noite*, Rio de Janeiro, 07 de out. 1912, ed. 384, p.2.
Bellas-Artes. Exposição João Vaz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de ago. 1913, ed. 659, p.4.
Bellas-Artes. Exposição João Vaz. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1913, ed. 674, p.4.
"vernissage" da exposição Correia Dias. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 de maio de 1914, ed. 854, p.3.
A exposição José Campas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 871, p.2.
Exposição Pinto do Couto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 31 de mar. 1918, ed. 2259, p.5.
O aguarellista Roque Gameiro vem ao Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de jun. 1920, ed. 3067, p.1.
O intercambio artistico luso-brasileiro - Roque Gameiro e Helena Gameiro visitam o Rio. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 de jul. 1920, ed. 3094, p.1.
Roque Gameiro no Rio - Esse grande aguarellista fala-nos da sua próxima exposição e da de sua filha a illustre artista Helena Gameiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01 de ago. 1920, ed. 3104, p.1.
A Exposição Gameiro - Uma grande exhibição de arte. *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 de ago. 1920, ed. 3122, p.2.
Roque Gameiro e sua filha Helena expuzeram, hoje, as suas aquarellas, especialmente para a imprensa. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de ago. 1920, ed. 3124, p.1.

Homenagem aos aguarellistas Gameiro, um festival no Orfeon Club Portuguez. *A Noite*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1920, ed. 3145, p.5.
Exposição do pintor açoreano Domingos Rebello. *A Noite*, Rio de Janeiro, 12 de set. 1920, ed. 3146, p.5.
Exposição do pintor açoreano Domingos Rebello, no Gabinete Portuguez de Leitura. *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1920, ed. 3149, p.2.
Exposição Abilio Guimarães. *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 de set. 1922, ed. 3863, p.4.
A exposição Abilio Guimarães será inaugurada no dia 8. *A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de set. 1922, ed. 3864, p.6.
Inaugurou-se, hoje, uma exposição de retratos a bico de penna. *A Noite*, Rio de Janeiro, 08 de set. 1922, ed. 3868, p.12.
Exposição Abilio Guimarães. *A Noite*, Rio de Janeiro, 09 de nov. 1922, ed. 3930, p.4.
Exposição de pratarias da ourivesaria Alliança do Porto. *A Noite*, Rio de Janeiro, 22 de mar. 1924, ed. 4424, p.7.
Exposição de pratarias artisticas. A Ourivesaria Alliança do Porto vae inaugurar no domingo um bellissimo mostruario dos seus trabalhos famosos. *A Noite*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1925, ed. 5008, p.2.
Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis. *A Noite*, Rio de Janeiro, 05 de out. 1925, ed. 4983, p.10.
Exposição Carlos Reis. *A Noite*, Rio de Janeiro, 07 de out. 1925, ed. 4985, p.10.
A exposição do artista portuguez, Sr. José de Almeida e Silva. A *Noite*, Rio de Janeiro, 13 de out. 1925, ed. 4991, p.10.
Exposição de Pratarias Artisticas Portuguezas. *A Noite*, Rio de Janeiro, 21 de dez. 1925, ed. 5060, p. 2.

A Notícia:
Nota. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 27-28 de jul. 1899, ed. 176, p.3.
Exposição Malhôa. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 5 de jul. 1906, ed. 153, pgs.1 e 2.
Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 16 jul., 1902, ed. 166, p.2.
Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18-19 jul. 1902, ed. 168, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 24-25 jul. 1902, ed. 173, p. 2.
Os artistas portuguezes. A abertura da Exposição José Campas. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 12-13 de maio de 1914, ed. 111, p.3.

A Razão:
Exposição Carlos Reis. *A Razão*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 901, p.7.

A Rua:
O nosso patricio Navarro da Costa no Porto. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1917, ed. 322, p.4.
Ecos de arte. Inaugurou-se hoje a exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 12 de jun. 1919, ed. 158, p.2.
Ecos de arte. Exposição Carlos Reis - João Reis. *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de jun. 1919, ed. 170, p. 4.

Beira-Mar:
Exposição José de Almeida e Silva. *Beira-Mar*, Rio de Janeiro, 04 de out. 1925, ed. 69, p.2.

Careta:
A exposição Souza Pinto. *Careta*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1912, ed. 225, p.17.

Cidade do Rio:
Bordallo Pinheiro. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1899, ed. 177, p.1.

Correio da Manhã:
Dois Retratos, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1902, ed. 438, p.3.
Exposição Mattoso da Fonseca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 de jun. 1912, ed. 3992, p.4.
Manifestações. Exposição Souza Pinto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1912, ed. 5010, p.5.
São Paulo. A exposição Souza Pinto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 5092, p.4.
Nota. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1920, ed. 7787, p.1.
Exposição Abilio Guimarães. *Correio de Manhã*. Rio de Janeiro, 12 de set. 1922, ed. 8591, p.4.
Exposição de pratarias da ourivesaria Alliança do Porto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 de mar. 1924, ed. 9153, p.3.
Exposição de Pratas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1925, ed. 9456, p.5.
Exposição Pinto do Couto. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1929, ed. 10730, p.4.

Correio da Noite:
Nota. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 09 de maio de 1914, ed. 108, p.3.

Don Quixote: Jornal Illustre de Angelo Agostini:
Bordallo Pinheiro. *Don Quixote: Jornal Illustre de Angelo Agostini*, Rio de Janeiro, Anno V, 1899, ed. 92, p.2.

Gazeta de Notícias:
Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, p.1.
Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1902, ed. 222, p.4.
Arte Portugueza. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1902, ed. 427, p.4.
Notícias de Portugal. Exposição de Arte Portugueza no Rio de Janeiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1902, ed. 354, p.2.
Exposição Teixeira Lopes. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de set. 1905, ed. 266, p.1.
Diversas notas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de set. 1905, ed. 270, p.2.
José Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1906, ed. 162, p.1.
Exposição Malhôa. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 de jul. 1906, ed. 185, p.1.
Notas e Notícias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 08 de jul. 1906, ed. 189, p.5.
Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1912, ed. 178, p.3.
Gazeta das Artes. Exposição Mattoso da Fonseca. *Gazeta de Notícias*, 24 de jul. 1912, ed. 206, p.3.
Exposição Souza Pinto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de ago. 1912, ed. 229, p.5.
O Caricaturista Correia Dias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, ed. 131, p.4.
Arte Portugueza. A exposição José Campas é inaugurada com a assistencia do Sr. presidente da Republica. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1914, ed. 131, p.4.
Vida Artistica. Chegou hontem ao Rio o pintor portuguez Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 de junh. 1914, ed. 173, p.1.
Abre-se na proxima semana a exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 de jul. 1914, ed. 194, p.2.

Vida Artistica. Exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24 de jul. 1914, ed. 204, p.1.
A arte portugueza no Brasil. A chegada do Pintor Carlos Reis. A exposição dos seus trabalhos e as impressões de chegada. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 de maio de 1919, ed. 120, p.3.
Arte Portugueza. Exposição Carlos Reis no Gabinete Portuguez de Leitura. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 158, p.2.
Exposição Carlos Reis. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 06 de jul. 1919, ed. 184, p.3.
Vida Artistica. O pintor Domingos Rebello. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04 de set. 1920, ed. 244, p.2.
Vida Artistica. A exposição Abilio Guimarães. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de set. 1922, ed. 207, p.4.
Exposição Abilio Guimarães. Abriu-se hontem no Trianon a galeria de retratos á penna. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1922, ed. 222, p.4.
Nota. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10 de abr. 1923, na edição 84, p.6.
Exposição de Prataria. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 de mar. 1924, ed. 66, p.5.
Literatura e Arte. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11 de out. 1925, ed. 241, p.10.
Bellas-Artes. Exposição Antonio Carneiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1929, ed. 193, p.10.
Bellas Artes. Exposição Pinto do Couto. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jan. 1930, ed. 15, p.2.

Gazeta de Petrópolis:
Exposição de Arte Portuguesa. *Gazeta de Petrópolis*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, ed. 84, p. 2.

Gutenberg:
A Exposição de Virgilio Mauricio. A vernissage - a sua abertura. *Gutenberg*, Maceió, 25 de mar. 1911, ed. 64, p.1.

Jornal das Moças:
Exposição de originaes retratos. *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, 07 de set. 1922, ed.377, p.11.

Jornal do Brasil:
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1902, ed. 198, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1902, ed. 199, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 jul. 1902, ed. 200, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jul. 1902, ed. 202, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1902, ed. 208, p.3.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1902, ed. 218, p.1.
Exposição de Arte Portugueza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 07 ago. 1902, ed. 219, p.1.
Noticiário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 jun. 1903, ed. 168, p.1.
Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 259, p.8.
Bellas-Artes. Exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 de set. 1912, ed. 262, p.5.
Bellas-Artes. Exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de set. 1912, ed. 266, p.5.
São Paulo. A exposição Souza Pinto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 9, p.12.
Uma exposição. Está a chegar ao Rio o caricaturista portuguez Sr. Correia Dias. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de abr. 1914, ed. 105, p.8.
Aquem e Além-Mar. Correia Dias. A exposição dos seus trabalhos no Rio. A sua arte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914. ed. 130, p.9.

Arte Portugueza, Exposição José Campas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 143, p.7.
O Pintor Navarro Costa no Porto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 de junh. 1917, ed. 177, p.3.
O comissario de Portugal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de set. 1922, ed. 227, p.7.
O caso da exposição - O Sr. Lisboa Lima protesta junto a´ Camara dos Deputados. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1922, ed. 303, p.7.
Portugal na Exposição do Centenário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de nov. 1923, ed. 285, p. 8.
Portugal na Exposição do Centenario do Brasil. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 de dez. 1923, ed. 291, p.9.
Portugal na Exposição do Centenario. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 de mar. 1924, ed. 63, p.8.
Camara Portugueza de Commercio e Industria do Rio de Janeiro. *O Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de mar. 1924, ed. 65, p.12.
Bellas Artes. Exposição de Pratas Portuguezas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 de nov. 1925, ed. 274, p.6.
Bellas-Artes. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1929, ed. 199, p.8.
A Exposição de Nicolina e Rodolpho Pinto do Couto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 de dez. 1929, ed. 304, p.8.

Jornal do Commercio:
Nota. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de dez. 1889, ed. 363, p.4.
Bemdito Paiz. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 de out. 1912, ed. 282, p.3.
Notas de Arte. A exposição do pintor Souza e Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 257, p.6.
Notas de Arte. Exposição do pintor Souza Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 257, p.7.
São Paulo. A exposição Souza Pinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1913, ed. 9, p.2.
Notas de Arte. A exposição do Sr. João Vaz. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1913, ed. 228, p.5.
Nota. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de abr. 1915, ed. 107, p.3.
Carlos Reis, o filho e a sua arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de jun. 1919, ed. 164, p. 3.
Exposição Carlos Reis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1919, ed. 167, p.6.
A poesia e a arte de Carlos Reis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de jun. 1919, ed. 179, p. 3.
Intercambio artistico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de jul. 1919, ed. 181, p.5.
Carlos Reis e o filho na Galeria Jorge. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de nov. 1919, ed. 314, p.29.
Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de jan. 1923, ed. 3, p.2.
O Centenario - Pavilhão de Honra de Portugal - Exposição de Ourivesaria Portugueza - O Altar da Patria - O Prato Camoneo - A caravella portugueza - As outras peças expostas. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 06 de jan. 1923, ed. 5, p.2.
O Centenário - Pavilhão de Honra de Portugal - Inauguração da Exposição de Ourivesaria. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 07 de jan. 1923, ed. 6, p.2

Notas de Arte. Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 04 de mar. 1923, ed. 60, p.6.
Varias Noticias. *O Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 10 de abr. 1923, ed. 97, p.4.
O Centenario - O Pavilhão das Industrias Portuguezas - A secção de ourivesaria - Os monstruarios de ceramica. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro. 12 de jun. 1923, ed. 160, p.2.
Notas de Arte. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1929, ed. 196, p.6.
Notas de Arte. Exposição Antonio Carneiro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 19-20 de ago. 1929, ed. 198, p.6.
Folhetim do "Jornal do Commercio". Dominicais. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de ago. 1929, ed. 203, p.2.
A obra de um esculptor. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 27 de out. 1929, ed. 257, p.3.

Lanterna: Diario Vespertino:
Vida Artista. Exposição Pinto do Couto em Porto Alegre. *Lanterna: Diario Vespertino*, Rio de Janeiro, 01 de abr. 1918, ed. 396, p.2.

Maça:
Acontecimentos da Semana. *Maça*, Rio de Janeiro, 17 de out. 1925, ed. 193, p.21.

O Brasil:
Exposição de Pintura. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 22 de out. 1925, ed. 1261, p.8.
Exposição de pratas artisticas. *O Brasil*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 1270, p.8.

O Gato:
Exposição Mattoso da Fonseca. *O Gato*, Rio de Janeiro, 29 de jun. 1912, ed. 40, p.13.

O Imparcial:
Arte. Exposição João Vaz. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 14 de ago. 1913, ed. 253, p.4.
A exposição de caricaturas de Correia Dias. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1914, ed. 495, p.5.
Inaugura-se hoje a exposição Antonio Carneiro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 de jul. 1914, ed. 564, p.2.
Portugal. A exposição Navarro da Costa. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1917, ed. 1786, p. 2.
Exposições. *O Imparcial*, 7 de jul. 1919, ed. B01268, p.6.
Exposição Carlos Reis. *O Imparcial*, 9 de jul. 1919, ed. B01270, p.3.
Um grande pintor portuguez que nos visita, Roque Gameiro e a historia da colonisação portugueza no Brasil. As proximas exposições do artista e de sua filha. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 2 de ago. 1920, ed. 1564, p.1.
Notas de Arte. Inaugurou-se, hontem, a exposição Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 24 de ago. 1920, ed. 1585, p.1.
Exposição de Domingos Rebello. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1920, ed. 1609, p.5.
Notas Sociaes. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 26 de set. 1920, ed. 1618, p.10.
Sociedade Brazileira de Bellas Artes. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 28 de out. 1920, ed. 5887, p.2.

Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 31 de ago. 1922, ed. 1378, p.5.
Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 06 de set. 1922, ed. 1384, p.5.
Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1394, p.5.
Exposição Abilio Guimarães. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 21 de set. 1922, ed. 1399, p.5.

O Jornal:
Exposição Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 29 de jul. 1920, ed. 407, p.3.
Uma grande exposição de arte portugueza. A missão do sr. Figueiredo Ursprung, o intercambio artistico luso-brasileiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de ago. 1920, ed. 426, p.3.
Bellas-Artes, Exposição dos Aguarellistas Portuguezes Roque Gameiro e Helena Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro. 22 de ago. 1920, ed. 431, p.3.
A Exposição dos Aguarellas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 de ago. 1920, ed. 432, p.3.
As Aquarellas dos Artistas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 25 de ago 1920, ed. 434, p.3.
As Aguarelas de Roque Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1920, ed. 453, p.1.
Exposição Domingos Rebello. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1920, ed. 456, p.3.
Exposição Domingos Rebello. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1920, ed. 457, p.3.
Bellas-Artes, A Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 de out. 1920, ed. 484, p.3.
Bellas-Artes. Um busto de Ruy Barbosa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 de out. 1920, ed. 485, p.3.
Um offerta a´ Beneficencia Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1920, ed. 489, p.3.
Os Aguarelistas Gameiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de out. 1920, ed. 489, p.3.
Offerta a´ Sociedade Brasileira de Bellas Artes. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 de out. 1920, ed. 498, p.3.
O encerramento da Exposição de Arte Portugueza, Grande exposição de Arte Portuguesa. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 5 de nov. 1920, ed. 506, p.3.
A Grande Exposição de Arte Portugueza - uma palestra com o sr. Figueiredo Ursprung. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 de nov. 1920, ed. 520, p.3.
Ainda a Grande Exposição de Arte Portugueza. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1920, ed. 521, p.3.
A Arte no Anno de 1920, As exposições que se realizaram no RJ. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27 de nov. 1920, ed. 558, p.3.
A Arte em Portugal. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de jan. 1921, ed. 574, p.3.
Exposição Carlos Reis e João Reis. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 de out. 1922, ed. 1156, p.2.
Historia da Colonização Portugueza no Brasil. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24 de nov. 1923, ed. 1498, p.3.

Exposição de Pratarias. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 16 de mar. 1924, ed. 1596, p.2.
Pratas Artisticas. Uma exposição da Ourivesaria Alliança do Porto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 2108, p.2.
Exposição Antonio Carneiro na "Galeria Jorge". *O Jornal*, Rio de Janeiro, 11 de set. 1929, ed. 3316, p.5.
Na Galeria Jorge - Exposição de Nicolina e Pinto do Couto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 05 de jan. 1930, ed. 3416, p.3.
Exposição de Arte. Os ultimos dias da exhibição dos trabalhos do casal Pinto do Couto. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22 de jan. 1930, ed. 3430, p.3.

O Malho:
Arte Portugueza. Exposição Carlos e João Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 05 de jul. 1919, ed. 877, pgs. 30-31.
Uma exposição original. *O Malho*, Rio de Janeiro, 02 de set. 1922, ed. 1042, p.23.
Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.22.
Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.23.
Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.24.
Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.25 e 26.
Artistas Portuguezes no Rio de Janeiro. *O Malho*, Rio de Janeiro, 16 de set. 1922, ed. 1044, p.27 e 28.
Exposição Carlos Reis. *O Malho*, Rio de Janeiro, 04 de nov. 1922, ed. 1051, p.44.
Bellas Artes - Julio Dantas e os Artistas Brasileiros. *O Malho*, Rio de Janeiro, 07 de jul. 1923, ed. 1086, p.53.

O Paiz:
Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 8 de ago. 1899, ed. 5420, p.3.
Arte Portuguesa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 jul. 1902, p.1.
Nota de elogio artístico do pintor Rei D. Carlos I. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de ago. 1908, ed. 8729, p.2.
Trecho de Ramalho Ortigão em *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de ago. 1908, ed. 8729, p.2.
Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de out. 1908, ed. 8779, p.10.
Viajantes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de jul. 1912, ed. 10152, p.3.
Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de set. 1912, ed. 10205, p.7.
Artes e Artistas. Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de set. 1912, ed. 10206, p.6.
Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 de set. 1912, ed. 10211, p.4.
Nota. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 08 de out. 1912, ed. 10229, p.1.
Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1912, ed. 10252, p.4.
Exposição Correia Dias. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1914, ed. 10800, p.3.
José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1914, ed. 10800, p.3.
Artes e Artistas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 04 de maio de 1914, ed. 10801, p.3.
A exposição de Campas é um bello sucesso de arte. Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de maio 1914, ed. 10818, p.3.
Artes e Artistas, Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1914, ed. 10819, p. 4.
Exposição José Campas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 10820, p.4.
Artes e Artistas. *O Paiz*, 13 de maio 1914, ed. 10810, p. 3.
Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de jul. 1914, ed. 10879, p.3.

Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 23 de jul. 1914, ed. 10881, p.4.
Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de jul. 1914, ed. 10882, p.3.
Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de jul. 1914, ed. 10883, p.4.
Artes e Artistas. Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de jul. 1914, ed. 10889, p. 5.
Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de ago. 1914, ed. 10900, p.3.
Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 de ago. 1914, ed. 10909, p.3.
Exposição de Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21 de ago. 1914, ed. 10910, p.3.
Exposição de Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de ago. 1914, ed. 10911, p.4.
A Exposição Antonio Carneiro em Curitiba. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28-29 de out. 1914, ed. 266, p. 2.
A exposição Navarro da Costa. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 25 de nov. 1917, ed. 12100, p.7.
Exposição Carlos Reis e João Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 de jun. 1919, ed. 12661, p.7.
A Grande Arte. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de jun. 1919, ed. 12622, p.3.
A exposição de Carlos e João Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de jun. 1919, ed. 12664, p.8.
Uma grande exposição de arte portugueza no Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1920, ed. 1300, p.2.
O pintor Rebello vem ao Brasil. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 26 de jun. 1920, ed. 13043, p.2.
Bellas Artes, Arte Portugueza. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 15 de out. 1920, ed. 13144, p.5.
Portugal na Exposição de 1922. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16 de ago. 1921, ed. 13449, p.2.
Noticias de Portugal - Portugal na Exposição de 1922, no Rio. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de ago. 1921, ed. 13461, p.2.
Portugal na Exposição de 1922 no Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28 de set. 1921, ed. 13492, p.6.
Noticias - Portugal na Exposição do Centenario. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de fev. 1922, ed. 13641, p.8.
Exposição Abilio Guimarães. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 02 de set. 1922, ed. 13831, p.5.
Exposição Abilio Guimarães. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de set. 1922, ed. 13837-13838, p.7.
Exposição Souza Pinto. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 de set. 1922, ed. 10204, p.2.
Viajantes. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11 de nov. 1922, ed. 13901, p.5.
Artes e Artistas. A ourivesaria portugueza na Exposição do Rio de Janeiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 09 de jan. 1923, ed. 13960, p.2.
Um incomparável momento de orgulho para a raça - Portugal na Exposição do Centenário. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 de maio de 1923, ed. 14098, p.1.
Bellas Artes. Exposição Carlos Reis. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 de out. 1925, ed. 14965, p.5.
Bellas Artes. Exposição de Pratas Artisticas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 de out. 1925, ed. 14986, p.5.
Bellas Artes. Exposição de Arte Portugueza. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 9 e 10 de nov. 1925, ed. 14995-14996, p.4.
Bellas Artes. Exposição de Pratas Portuguezas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22 de nov. 1925, ed. 15008, p.5.
Bellas Artes. Exposição de Arte Portugueza. *O Paiz*, 09 de jan. 1926, ed. 15056, p.5.
Os pavilhões de portugal na Exposição do Centenario da Independencia; A sua desmontagem será feita em fevereiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 14 de out. 1927, ed. 15699, p.7.

Artes e Artistas. Inaugura-se amanhã, na Galeria Jorge, a Exposição Antonio Carneiro. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 18 de ago. 1929, ed. 16373, p.4.
Bellas Artes. Exposição de Esculptura. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 24 de jan. 1930, ed. 16532, p.5.

Revista Americana:
Bellas-Artes. Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, p.127.
Exposição Carlos Reis. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, jun. 1919, ed. 9, pgs.128-129.

Revista Brasil-Portugal:
Pedro Americo. *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 16 de dez. 1899, n. 22, p.2.
4º Centenario do Brasil. *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 01 de jul. 1900, ed. 35, p.169.
Revista Brasil-Portugal, Lisboa, 16 de jul. 1900, n. 36, p.184.
Revista Brasil-Portugal, Lisboa, 16 de out. 1908, ed. 234, p.274.
Arte. Ultimos trabalhos, em bronze, feitos nas officinas da Fundição Indigena, do Rio de Janeiro, em 1910. *Revista Brasil-Portugal*, Lisboa, 01 de maio 1910, ed. 271, p.110.

Revista Vida Doméstica:
Artes Plasticas. A exposição de uma pintora brasileira alcança grande exito em Lisboa. *Revista Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, Maio de 1926, ed. 99, p.61.

Revista Ilustração Portuguesa:
Artes e Artistas Brazileiros. Helios Seelinger. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 25 de abril de 1904, ed. 25, p.394.
Um grande pintor brasileiro. Rodolpho Amoêdo. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 22 de nov. 1909, ed. 196, pgs. 641 a 643.
Figuras e Factos. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 18 de jan. 1915, ed. 465, p.71.
Um grande pintor brazileiro. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 06 de mar. 1911, ed. 263, pgs. 299 a 304.
Pará Artistico. O <<home>> de um grande estéta. *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 07 de jul. 1913, ed. 385, pgs.19-21.
Exposição Virgilio Mauricio, em Maceió. *Revista Ilustração Portugueza*, Lisboa, 30 de set. 1912, ed. 345, p.448.
Três exposições de pintura. *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 10 de fev. 1923, ed. 886, pgs. 170-171.
Um pintor brasileiro de indiscutivel valor. *Revista Ilustração Portuguesa*, Lisboa, 12 de maio 1923, ed. 899, p.588.
Revista Ilustração Portuguesa, Lisboa, 16 de mar. 1926, ed. 6, p.10.

Revista Kosmos:
Rodolpho Amoêdo. O mestre, deveriamos accrescentar. *Revista Kosmos*. Rio de Janeiro, ed. 01 de 1905, pgs 7-13.
Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, p.24.
Exposição Teixeira Lopes. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Outubro de 1905, n.10, 2º ano, pgs.25 e 26.
Nota. *Revista Kosmos*, Rio de Janeiro, Junho de 1906, ed. 6, p.5.

Revista da Semana:
A Exposição de José Campas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 9 de maio de 1914, ed. 13, p.21.
A Exposição de José Campas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23 de maio de 1914, ed. 15, p.21.
Para comemorar o Centenário. *Revista da Semana,* Rio de Janeiro, 11 de nov. 1922, ed. 46, p.15.
Roque Gameiro no Pavilhão de Honra de Portugal. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27 de jan. 1923, ed. 05. pgs. 20-21.

Revista Para todos:
Revista Para Todos. Rio de Janeiro, 05 de jun. 1926, ed. 390, pgs. 37-38.

Tagarela:
Exposição de Arte Portugueza de 1902. *Tagarela*, Rio de Janeiro, 26 de jul. 1902, ed. 22, p.2.

Bibliografia Geral

ALVES, Francisco das Neves. *A ruptura Brasil-Portugal à época da Revolta da Armada*, Revista Eletrónica PUCRS, v. 24, n.2, 1998.

ALVIM Menge. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22278/alvim-menge>. Acesso em 13 de ago. 2018.

ARAÚJO, Raquel Aguilar de. *A comunidade artística luso-brasileira em fins do século XIX: trânsitos e diálogos*. Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX - As Academias de Belas-Artes do Rio de Janeiro, de Lisboa e do Porto, 1816-1836: Ensino, Artistas, Mecenas e Coleções. Edição Caleidoscópio, Novembro de 2016.

AURÉLIO de Figueiredo (Areia PB 1854 - Rio de Janeiro RJ 1916). In: Escritório de Arte. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/aurelio-de-figueiredo> Acesso em 13 de ago. 2018.

CARNEIRO, Antônio. *Camões lendo Os Lusíadas aos frades de São Domingos*. Casa-Oficina António Carneiro. Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/cultura/museus-e-arquivos/casa-oficina-antonio-carneiro>. Acesso em 29 de ago. 2018.

CARNEIRO, Antônio. *Camões lendo Os Lusíadas aos frades de São Domingos*. Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://pinacoteca.org.br/acervo/obras/> Acesso em 29 de ago. 2018.

CARNEIRO, Antônio. *Camões lendo os Lusíadas aos Frades de São Francisco*. - Fotografia da obra. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Camões_Lendo_«Os_Lus%C3%ADadas»_aos_Frades_de_São_Domingos_(António_Carneiro)>. Acesso em 01 de set. 2018

CARNEIRO, António. *O retrato de Guerra Junqueiro*. Museu Nacional de Soares dos Reis. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20antónio%20carneiro:%20prémios/homenagens/obras/exposições> Acesso em 29 de ago. 2018.

CARVALHO, Thiago e MARTINS, Fernando. *As Relações Luso-Brasileiras* in A Primeira República Portuguesa, Diplomacia, Guerra e Império. Coordenação: Filipe Ribeiro de Meneses e Pedro Aires Oliveira. Lisboa: 2011, Edições Tinta da China.

CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sônia Gomes (org.). *Novas perspectivas para o estudo da arte no Brasil de entresséculos (XIX/XX)*. 195 anos da Escola de Belas Artes. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes UFRJ, 2012.

CASTELO, Cláudia. *O nacionalismo imperial no pensamento republicano* in *A Primeira República e as Colónias Portuguesas*, EPAL, 2010.

CERVO, Amado Luiz; MAGALHÃES, José Calvet. *Depois das Caravelas - As relações entre Portugal e Brasil 1808-2000*. Edição do Instituto Camões. Lisboa: 2000.

COLEÇÕES do Museu de Grão Vasco: José de Almeida e Silva (1864 a 1954). In: GAMUS e Instituto PIAGET de Viseu. Viseu: 2011. Disponível em: <https://issuu.com/imc-ip/docs/catalogo_museu_grao_vasco>. Acesso em 26 de jul. 2018.

CORREIRA, Rita. *Alma Nova. Revista Ilustrada (II Série)*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/AlmaNovaIIserie.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2018.

CORREIRA, Rita. *Atlantida, mensário artístico, literário e social para Portugal e Brazil*. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/Atlantida.pdf>. Acesso em 14 de ago. 2018.

COUTO, André Luiz Faria. *Associação dos Artistas Brasileiros (AAB)*. Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/tablet/temas/associacao_dos_artistas_brasileiros.php>. Acesso em 14 de ago. 2018.

CRISTINA Capper Alves de Sousa; DULCE Capper Alves de Sousa. In: Tableu. Disponível em: <https://www.tableau.com.br/anterior/dezembro16/catalog.php>. Acesso em 14 de ago. 2018.

DAZZI, Camila. *Pensionistas da Escola Nacional de Belas Artes na Itália (1890-1900) - Questionando o "afrancesamento" da cultura brasileira no início da República*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 3, nov. 2006. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/pensionista_1890.htm>. Acesso em 13 de ago. 2018.

EXPOSIÇÃO Geral de Belas Artes (29.: 1922: Rio de Janeiro, RJ). In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento80321/exposicao-geral-de-belas-artes-29-1922-rio-de-janeiro-rj>. Acesso em 14 de Ago. 2018.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. *"Dar e receber: as visitas de chefes de Estado compreendidas como rituais de hospitalidade*. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. Anpuh-Rio, 28 de Julho a 1 de Agosto de 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *De Paris ao Marajó: sobre os ateliês de Theodoro Braga*. Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/coloquio/coloquio_2015/resumos/amf.htm>. Acesso em 14 de ago. 2018.

FRANCISCO Aurélio de Figueiredo e Melo (1856: Areia, PB – 1916: Rio de Janeiro, RJ). In: Brasil Artes Enciclopédias. Disponível em: <http://brasilartesenciclopedias.com.br/nacional/figueredo_melo.htm>. Acesso em 13 de ago. 2018.

FRANÇA, José-Augusto. *A arte em Portugal no século XIX, 2º vol.: terceira parte (1880-1910) e quarta parte (depois de 1910)*. Venda Nova: Bertrand. Lisboa: 1990, 3ª ed.

FRANÇA, José-Augusto. *A arte em Portugal no século XX: 1911-1961*. Livro Horizontes. Lisboa: 2009, 4ª ed.

GONÇALO, Carlos. *Carlos Reis*. Disponível em: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/156/artists>. Acesso em 10 de jun. 2018.

GONÇALVEZ, Eduardo Cândido Cordeiro. *Ressonâncias em Portugal da Implantação da República no Brasil (1889 - 1895)*. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GONZAGA Duque. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa639/gonzaga-duque. Acesso em 8 de jul. 2018.

GUIMARÃES, Catarina Castanho. *Domingos Rebelo: Homem da Europa ou da sua terra natal? Novembro de 1997*. Disponível em: <http://srec.azores.gov.pt/dre/sd/115123020401/esdr/escola/historia/vida.pdf>. Acesso em 24 de ago. 2018.

JUSTO, Fernanda; SILVA, Cynthia Dias da; VALLE, Arthur (org.). "Artistas portugueses no Rio de Janeiro", de Adalberto Mattos. 19&20, Rio de Janeiro, v. VI, n. 2, abr./jun. 2011. Disponível em:

<http://www.dezenovevinte.net/artigos_imprensa/apb_am/apb_am_05.htm>. Acesso em 01 de set. 2018.

MACHADO, Vladimir. *Pedro Américo*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_pa.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

MAGALHÃES, José Calvet de. *Relance Histórico das relações diplomáticas luso-brasileiras*. Quetzal Editores. Lisboa: 1997.

_____. *Brasil e Portugal*. *Breve História das Relações Diplomáticas entre Brasil e Portugal*. Editora Paz e Terra. São Paulo: 1999.

MALHEIRO, Carlos Dias. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*. Disponível em: <http://www.castroesilva.com/store/sku/1006JC335/historia-da-colonizacao-portuguesa-do-brasil>. Acesso em 21 de jun. 2018.

MANIFESTO Republicano de 1870. In: Os programas dos partidos e o 2º Império, de Américo Brasiliense, São Paulo, 1878, págs. 59-88. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf.> Acesso em 07 de maio 2018.

MÁRIO Navarro da Costa (Rio de Janeiro RJ 1883 - Florença, Itália 1931). In: Escritório de Arte. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/mario-navarro-da-costa>. Acesso em 13 de ago. 2018.

MARIZ, Vera. *José dos Santos Libório (1850-1923), um notável elo de ligação entre os mercados de arte português e brasileiro*. MODOS Revista de história da arte – volume 2| número 2| maio - agosto de 2018| ISSN: 2526 -2963.

MARIZE, Malta. *A incrível história da jarra Beethoven: percursos e sentidos de uma imagem-problema*. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

MÜLLER, Fernanda Suely. *(Re)vendo as páginas, (re)visando os laços e (des)atando os nós: as relações literárias e culturais luso-brasileiras através de periódicos portugueses (1899-1922)*. Tese (Doutoramento em Letras - Literatura Portuguesa). São Paulo: USP, 2011.

NASCIMENTO, Ana Paula. *A contribuição editorial de Virgílio Maurício no jornal Gazeta de Notícias em 1923*. Anais do XXXIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte/ Organização: Ana Maria Tavares Cavalcanti, Emerson Dionísio Gomes de Oliveira, Maria de Fátima Morethy Couto, Marize Malta - Campinas: Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA, 2014 [2013].

NASCIMENTO, Ana Paula. *A Discreta Presença dos Artistas Portugueses na Cidade de São Paulo (1900-1930)*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il.

NAVARRO da Costa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa21341/navarro-da-costa>. Acesso em 14 de ago. 2018.

NETO, Maria João. *A "Taça Brasil" da Casa Leitão & Irmão "Joalheiros da Corôa"*. Revista Artis, N. 01 de 2013.

OLIVEIRA, Gabriela Rodrigues Pessoa de. *Entre pinturas e escritos: aspectos da trajetória de Virgílio Maurício (1892- 1937) em uma narrativa particular*. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras). São Paulo: USP, 2016.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. Editora Brasiliense. São Paulo: 1990.

PASCOAL, Paola. *Theodoro Braga e Maria Hirsch: relações artísticas, pessoais e políticas na campanha neomarajoara no Brasil*. XXXIX Simpósio de História Nacional. Contra os preconceitos: história e democracia. Ano 2017.

PINTURA de José Almeida e Silva no Museu da Guarda. In: O Interior. Secção Cultura. Disponível em<http://www.ointerior.pt/noticia.asp?idedicao=620&idseccao=7683&id=32392&action=noticia>. Acesso em 26 de jul. 2018.

RAMOS, Rui. O Sistema Fontista, *in* António Reis (coord.), *Portugal Contemporâneo*, vol. VII. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *À Volta da Comunidade: formações luso-brasileiras em Colóquio.* In: Brasil e Portugal 500 anos de enlaces e desenlaces. Real Gabinete Português de Leitura. Ano 2000.

Rodolpho Pinto do Couto: Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Disponível em: <https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20rodolfo%20pinto%20do%20couto>. Acesso em 01 de set. 2018.

SALDANHA, António Nuno e Quadros Pereira Coelho. *José Vital Branco Malhoa (1855-1933): o pintor, o mestre e a obra*. Tese de Doutoramento em História da Arte. Faculdade de Ciências Humanas. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2006.

SERAPHIM, Mirian Nogueira; CRUZ, Andrea Garcia Dias da. "AMADOR, Bueno. BELAS ARTES. O SALÃO DE 1906. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 11 set. 1906, p.3." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em:<http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=AMADOR%2C_Bueno._BELAS_ARTES._O_SALÃO_DE_1906._Jornal_do_Brasil%2C_Rio_de_Janeiro%2C_11_set._1906%2c_P.3>. Acesso em 20 de jun. 2018.

SILVA, Maria do Carmo da. *Obras de Artistas Portugueses Oitocentistas no Acervo do Museu Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il.

SILVEIRA, Maria Aires. *João Vaz*. Disponível em: <http://www.museuartecontemporanea.gov.pt/pt/artistas/ver/43/artists>. Acesso em 23 de ago. 2018.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Académie Julian e a formação de artistas brasileiros*. Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo II/Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

SQUEFF, Letícia Coelho. *A reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista*. Cadernos Cedes, ano XX, nº 51, novembro/2000, p. 103. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a08v2051.pdf> Acesso em 12 de ago. 2018.

VALLE, Arthur. *Aspectos da Recepção da Arte Portuguesa de Fins de Oitocentos e Início de Novecentos no Rio de Janeiro Republicano*. Oitocentos - Tomo III: Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª Edição/Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores)– Rio de Janeiro: CEFET/RJ, 2014. Il.

_____. *A "Exposição de Arte Portuguesa" no Rio de Janeiro em 1902 e a sua recepção*. Revista de História e Estudos Culturais, vol. 12, Ano XII, n.1, Janeiro-Junho de 2015.

VALLE, Arthur e CRUZ, Andrea Garcia Dias da. "A EXPOSIÇÃO. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 2 set. 1906, p. 5." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=A_EXPOSIÇÃO._Correio_da_Manha%2C_Rio_de_Janeiro%2C_2_st._1906%2C_p._5>. Acesso em 20 de jun. 2018.

_____. "NOTAS DE ARTE. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 1 set. 1906, p. 3." 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/egba/index.php?title=NOTAS_DE_ARTE._Jornal_do_Commercio%2C_Rio_de_Janeiro%2C_1_set._1906%2C_p._3>. Acesso em 20 de jun. 2018.

VALLE, Arthur. *Guttmann Bicho*. 19&20, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_gb.htm>. Acesso em 10 de ago. 2018.

_____. *Helios Seelinger, um pintor "salteado"*. 19&20, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, mai. 2006, p.4. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/artistas/artistas_hs.htm>. Acesso em 17 de jul. 2018.

_____. *O acervo de pintura portuguesa da Escola Nacional de Belas Artes no contexto pedagógico pós "Reforma de 1890*". Disponível em: <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%2019%20-%20artigo%207.pdf> Acesso em 4 de set. 2018.

_____. *O Ciclo de Pinturas de Guttmann Bicho no CAPS Ernesto Nazareth - Ilha do Governador/RJ*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_gb_caps.htm>. Acesso em 12 de ago. 2018.

_____. *Os concursos para o Prêmio de Viagem em pintura da ENBA/RJ entre 1892 e 1930: visão geral*. Rio de Janeiro, 2018.

_____. *Os "Malhoas" da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro*. 2016.

Catálogos

Album Commemorativo da Exposição Nacional de 1908. Casa A. Moura, Rua da Quitanda, 114. Rio de Janeiro.

Secção Portuguesa de Bellas Artes: Exposição Nacional no Rio de Janeiro, anno de 1908 (texto José de Figueiredo).

Catalogo Official da Secção Portugueza na Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1908, organisado e elaborado por B. C. Cincinnato da Costa. Editora Lisboa, 1908.

Catálogo da 13ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, ano de 1916.

Catálogo da 14ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa, ano de 1917.

Catálogo Oficial da Seção Portuguesa de 1922.

Livro de Ouro Commemorativo do Centenário da Independência do Brasil e da Exposição Internacional do Rio de Janeiro: 7 de Setembro de 1822 a 7 de Setembro de 1922 - 7 de Setembro de 1923. Edição do Annuario do Brasil (Almanak Laemmert). Rio de Janeiro: 1923.

Catálogo Oficial da 24ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas-Artes, ano de 1927.

Catálogo Fundição Artística no Brasil - Arte, Educação e Tecnologia. SESI-SP Editora. Curadoria Gilberto Habib Oliveira. Centro Cultural FIESP, São Paulo, 18 dez 2012 a 10 de fev. 2013.